JANEIRO DE 1870.

Tem 31 dias.

Entra o Sol em AQUARIO a 20, ás 2 horas 9' 57" da manhã.

PHASES DA LUA.

Nova a 1, ás 9 horas 13' 4" da tarde.
Cresc. a 9, ás 5 horas 9' 51" da tarde.
Cheia a 17, ás 11 horas 52' 52" da manhã.
Ming. a 24, ás 7 horas 30' 34" da manhã.
Nova a 31, a 0 hora 48' 15" da tarde.

Apogêo a 9, ás 9 horas da manhã. Perigêo a 21, ás 11 horas da manhã.

A 1, ás 10 horas 5' 11" da tarde, chega a Lua ao Tropico do Sul.
A 9, ás 2 horas 34' 38" da manhã, » » ao Equador.
A 15, ás 11 horas 0' 5" da tarde, » » ao Tropico do Norte.
A 22, ás 5 horas 34' 13" da tarde, » » ao Equador.
A 29, ás 6 horas 6' 31" da manhã, » » ao Tropico do Sul.

abb. ✝ CIRCUMCISÃO DO SENHOR. S. Fulgencio B. (*Descobrimento do Rio de Janeiro por Martim Affonso, em* 1532.) (*Dias da Lua.*) 29,1
DOM. S. Isidoro, B. M. *Proc. da Immaculada Conceição á tarde pela sua Ven. Ord. Terc.* (*Não ha despacho até o dia* 31.) 0,5
egunda S. Antero, P. M.; S. Aprigio, Bispo de Beja, Port.; S. Genoveva, V. 1,5
erça S. Gregorio, B.; S. Tito, B. [illegible]

IMPRESSÕES DO TEMPO

Os Almanaques no Ceará (1870-1908)

[illegible] S. Julião, M. 6,5
gunda S. Paulo, 1º Eremita; S. Gonçalo de Amarante, Port., D. 7,5
erça S. Hygino, P. M.; S. Honorata, V. 8,5
arta S. Satyro, M.; S. Zotico e seus Comp., Mm. 9,5
inta S. Hilario, B. 10,5
xta S. Felix de Nole, M.; o B. Bernardino de Corleone, Capuch. 11,5
bb. S. Amaro, Ab. 12,5
OM. O SS. NOME DE JÉSUS. Os Santos Martyres de Marrocos, Ff. 13,5
gunda S. Antão, Ab. (*Luminarias, por tres noites, na cidade do Rio de Janeiro.*) 14,5
rça A Cadeira de S. Pedro em Roma; S. Prisca, V. M. 15,5
arta S. Canuto, Rei de Dinamarca, M. 16,5
inta (✝ *No Bispado do Rio de Janeiro.*) S. Sebastião, M., Padroeiro da cidade. 17,5
xta S. Ignez, V. M. 18,5
bb. S. Vicente e S. Anastacio, Mm. 19,5
OM. Os Desposorios de N. Senhora com S. José; S. Raymundo de [illegible] 20,5

DÉBORA DIAS MACAMBIRA

rça (✝ *No Bispado de S. Paulo.*) [illegible] 23,5
arta S. Polycarpo, B. M.; S. Paula, Viuva. 24,5
inta S. João Chrysostomo, Arc. de Constantinopla, Dr. da Igr. *Proc. de S. Sebastião, á tarde, da Cap. Imperial para a Sé Velha.* 25,5

"Lecturis salutem"
Ficha Catalográfica elaborada por
Telma Regina Abreu Camboim – Bibliotecária – CRB-3/593
tregina@ufc.br
Biblioteca de Ciências Humanas – UFC

M113i Macambira, Débora Dias.
Impressões do tempo.Os almanaques no Ceará(1870-1908) / por Débora Dias Macambira. – 2010.
236f. : il. ; 31 cm.
Cópia de computador (printout(s)).
Dissertação(Mestrado) – Universidade Federal do Ceará,Centro de Humanidades,Programa de Pós-Graduação em História,Fortaleza(CE), 06/09/2010.
Orientação: Profª. Drª. Kênia de Sousa Rios.
Inclui bibliografia.

1-ALMANAQUES BRASILEIROS – CEARÁ – 1870-1908.2-LIVROS E LEITURA – CEARÁ – 1870-1908.3-CEARÁ – USOS E COSTUMES – 1870-1908. I-Rios, Kênia de Sousa,orientador. II-Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em História. III-Título.

CDD(22ª ed.) 036.90209034

57/10

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

IMPRESSÕES DO TEMPO

Os Almanaques no Ceará (1870-1908)

Débora Dias Macambira

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do grau de Mestre em História Social à Comissão Julgadora da Universidade Federal do Ceará, sob orientação da Profª Drª Kênia Sousa Rios.

Fortaleza

Setembro de 2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

DÉBORA DIAS MACAMBIRA

Dissertação examinada, em 06 de setembro de 2010, em sua forma final, pela orientadora e membros da banca examinadora, composta pelos professores:

_____

Profª Drª Kênia de Sousa Rios – UFC

Orientadora

_____

Profª Drª Adelaide Maria Gonçalves Pereira – UFC

_____

Profª Drª Tânia Regina de Luca – UNESP

_____

Profº Drº Francisco Régis Lopes Ramos – UFC

Suplente

Fortaleza

Setembro de 2010

À Marina Dias, filha

Francisca Dias e Antônio Alves, avós.

EM AGRADECIMENTO

Tempo e espaço / Eu confundo / E a linha do mundo / É uma reta fechada
Périplo, ciclo, jornada / De luz consumida / E reencontrada
Não sei de quem visse o começo / E sequer reconheço / O que é meio e o que é fim

Paulo Vanzolini

Em agosto de 2007, estava descobrindo os Almanaques, e não estava sozinha. Nas conversas com pessoas queridas, trocas de mensagens com quem estava longe, dividia um novo texto ou até uma música que tivesse a ver com o tema, compartilhava dúvidas, o que fazer, por onde seguir, e assim a pesquisa foi se constituindo. Às vezes, uma frase perdida no meio de um livro presenteado oferecia um estalo de compreensão daquilo que queria tratar, ou mesmo apurava a sensibilidade para novos olhares. Como na prosa de Eduardo Galeano, ao afirmar: "*ninguém conseguirá matar aquele tempo, ninguém vai conseguir jamais: nem nós*". Mesmo se "*diz o almanaque que aquele tempo, aquele pequeno tempo, já não existe*".

Não chegaria aos Almanaques sem as indicações precisas, ensinamentos valiosos e a generosidade da professora Adelaide Gonçalves. Compartilhou mais que seu rico acervo, abriu sua casa, distribuiu conhecimento e amor pelos livros, pela História, pelo saber. Do início ao fim, por diferentes vias, esteve próxima, reforçando o valor do Almanaque aos estudos históricos, à História do Livro e da Leitura. As palavras são de gratidão e afeto.

O tempo foi de convivência prazerosa nos muitos aprendizados com minha orientadora, professora Kênia Rios, que conduziu o trabalho com renovado interesse a cada sessão, mostrando chaves de investigação, ensinando os caminhos da pesquisa em História, apontando possibilidades. E dividindo encantamentos.

Agradeço ao professor Régis Lopes pelas sugestões de abordagens no exame de qualificação e textos indicados. Assim como aos professores das disciplinas do Mestrado em História Social da UFC, que fomentaram a troca de ideias sobre a pesquisa, ampliaram a reflexão historiográfica: Eurípedes Funes, Frederico de Castro Neves, Ruth Needleman, João Ernani e Frank Ribard. E aos colegas do mestrado, especialmente, Jorge, Elza e Aline.

Nos muitos dias em busca das fontes, garimpando acervos, encontrando leituras, o empenho e a dedicação de alguns dos que trabalham nas instituições de pesquisa foram fundamentais. Agradeço à dona Madalena Figueiredo, da ACL, com os Almanaques do Ceará. À dona Flora, do IEB, em São Paulo, pelo auxílio e orientação. À Cristina Soares e Jorge Paixão da FBN, no Rio de Janeiro, por ajudarem no processo de aquisição das cópias dos documentos raros. Aos funcionários do Instituto do Ceará, Cíntia e Nonato.

Pelo envio de material, pela oportunidade da conversa, pela generosidade com os estranhos que batem à porta, agradeço ao senhor Jayme Perdelhas Carvalho, do Rio, e a senhora Antônia Maria Pereira, de Lisboa. Agradeço ao Nirez por ter disponibilizado seus muitos Almanaques à pesquisa. À Ana Cláudia Gomes por ter enviado estudos realizados em Minas sobre Almanaques.

Nesses anos, o semestre de estudos em Campinas foi intenso de aprendizados, dos mais diversos, junto aos livros, por intercâmbios intelectuais, na feitura das amizades. Reforçando os laços da História com a Literatura, a disciplina com o professor Francisco Foot Hardman foi um dos melhores capítulos. Agradeço a ele e aos colegas de turma. Dias também possíveis pelo acolhimento de João Zinclar e Laécio, e pela convivência com novos amigos, alguns para toda vida, como a Tina. Aprendi na prosa goiana da Suene e Tarsila; e na alegria do Nei, ao conversar sobre Filosofia e Leitura.

De Campinas a São Paulo, passando por Minas, agradeço a Rodrigo por ter ofertado sua morada, companhia e conhecimento nos estudos literários, por fazer a crítica apurada aos textos, por ter sido importante no percurso. Agradeço a Vanessa pelo apoio, risos e licores durante a estada paulistana, a Luciano Lima e Cida pelo carinho em receber; ao Madson pela visita, por dividir o encanto pelo Graciliano numa tarde de leitura de Almanaques.

Lembro e agradeço à minha tia Paula, que me abrigou com tanto carinho no Rio de Janeiro; ao suporte de Sued e Astrid, e dos amigos que ampliam minha família: Isabele, Lúcia, Ticiana, Grazielle, Mayra, Humberto, Moema, Viviane. O Norton que ajudou com as imagens. O mano Pedro por torcer e ser amigo. E o Daniel, pelo livro de além-mar, por tudo que sabemos.

Na revisão dos textos, pela companhia cotidiana e por muito mais que isso, a amiga Raquel reúne “mil agradecimentos”, fazendo-se a cada dia uma irmã, em

desmedida bondade. Reforço o agradecimento ao Madeira pelo auxílio em diversos momentos da pesquisa, por ser incondicional e permanente na minha vida.

Agradeço à Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap) por ter concedido a bolsa que tornou possível a realização do estudo. Ao Departamento de História da UFC e ao Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (Procad) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal em Nível Superior (Capes) por terem proporcionado o semestre de estudos na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Nesse longo inventário de agradecimentos e afetos, teço reconhecimento a Regina, minha mãe. Pelo apoio a esse e todos os outros projetos de vida. Por ser tão amiga da Marina, minha filha, e fazer as vezes de mãe dobrada, por ser avó e companheira. Por saber que posso contar sempre quando mais preciso. E agradeço a Marina, por estar junto, acumular paciência e cumplicidade, por dizer sobre tempo e esperança.

Agosto de 2010.

“Mas, pelos santos ou pelos pecadores, o almanaque foi sobretudo lido com avidez, e amor, depois da invenção da imprensa, quando ele deixou de ser o custoso e fidalgo manuscrito, em pergaminho, rebrilhante de iluminuras e iniciais floridas, e se popularizou, se tornou o folheto de papel pardo, de grossas letras negras, que todos os anos, aos primeiros frios, antes do Natal, entrava pelos castelos, rompia alegremente pelos casebres, ainda húmido do tempo e da tinta gorda, e à noite, ao serão, acabava de secar diante da lareira, contando as grandes coisas do Céu e da Terra”.

Eça de Queiroz

“...na Argentina, quando eu era criança, havia o que se chamava de Almanaque del Mensajero, que se vendia uma vez por ano, e que estava destinado sobretudo a gente do campo, porque continham calendários, receitas de cozinha, horóscopos, medicina de lugar, pequenos contos, poemas, assertivos, trava-línguas, labirintos, havia de tudo para as famílias. E é claro, para as famílias, ou analfabetas ou apenas alfabetizadas, esse Almanaque del Mensajero descobria todo ano, era útil, porque dava os elementos necessários, como curar uma enfermidade de uma vaca que adoentou, esse tipo de coisa. E ao mesmo tempo, tinha um conteúdo estético, inocente, mas muito belo, às vezes”.

Julio Cortázar

RESUMO

O estudo aborda o Almanaque, gênero editorial de ampla circulação durante o século XIX, com foco entre os anos de 1870 e 1908 no Ceará. Como fonte e objeto de pesquisa, o Almanaque conecta-se à história do livro e da leitura no Brasil, contribuindo para o conhecimento sobre a difusão do impresso, formação de círculos de leituras e redes de leitores, realizando ainda o estímulo à escrita por diferentes caminhos. Conjugando formato, conteúdo e linguagem de maior acesso, esses impressos contribuíram para formação e ampliação do público leitor, promovendo intercâmbios culturais nos diversos espaços das províncias, entre pontos do Brasil, com Portugal e outros países. Como espaço de experimentação editorial, os Almanaques incorporaram de forma gradual as mudanças promovidas pelas inovações técnicas, testaram novos conteúdos e formas de contar, mantendo-se sempre vinculados às necessidades sociais e culturais de marcação do tempo. O Almanaque é também visto prescrevendo leituras, promovendo o livro, articulando circuitos do impresso.

Palavras-chaves: Almanaques, História do Livro e da Leitura, Ceará

ABSTRACT

The study is about the Almanac, an editorial genre in wide circulation during the nineteenth century, focusing between the years 1870 and 1908 in Ceará. As a source and object of resource, the Almanac connects to the history of books and reading in Brazil, contributing to knowledge about the distribution of printed, forming circles of readings and networks of readers, making even the stimulus for writing for different paths. Combining format, content and language of greater access, these forms have contributed to the formation and expansion of the readership, promoting cultural exchanges in different areas of the provinces, between points in Brazil, Portugal and other countries. Like editorial spaces of experimentation, the Almanacs gradually incorporated the changes promoted by technical innovations, new content and tested ways of telling, keeping always linked to social and cultural needs of timekeeping. The Almanac is also seen reading, prescribing, promoting the book, linking the printed circuits.

Keywords: Almanacs, History of books and reading, Ceará.

LISTA DE SIGLAS

AEL – Arquivo Edgard Leuenroth

APEC – Arquivo Público do Estado do Ceará

ACL – Academia Cearense de Letras

BPGMP – Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel

FBN – Fundação Biblioteca Nacional

IEB – Instituto de Estudos Brasileiros

SUMÁRIO

AO LEITOR:
O ALMANAQUE NA MISSÃO DOS ENCONTROS 14

PRIMEIRO CAPÍTULO
O Calendário e a Cidade no Almanaque 26

1.1 – O Almanaque continua a olhar para o céu 26
As "ciências da adivinhação" e o Almanaque Moderno 33
O tempo do céu encontra com o tempo da terra 37
Quando o ano se torna data 45
A República manda comemorar 53
Tempo medido, classificado, contado 56

1.2 – A cidade por escrito: um inventário para o ano 61
Cidade escrita, cidade ordenada 65
Da Capital ao Interior 70

1.3 – Uma chuva de Almanaques no século do impresso 72
"Era moda trazer o Almanaque na algibeira" 84
Como se inventaram os Almanaques 85

SEGUNDO CAPÍTULO
Da tipografia à rua: entre typos e tipos 95

2.1 – Ao "povo menos lido" o alimento do espírito 95
A missão vária do Almanaque 100
Ampliando o mapa da leitura na província 107

2.2 – As edições de Almanaques do Ceará 115
Outros Almanaques, novos conteúdos 121

2.3 – O prelo e a rua 133
Uma “gazetita”, entre o sério e o jocoso 137
No prelo, os primeiros Almanaques do Ceará 141
João Câmara, um artífice de Almanaques 149
A rua dos Almanaques 152

TERCEIRO CAPÍTULO
Circuitos de leitura: a livraria, os livros, os leitores 157

3.1 – Rotas de livreiros e seus Almanaques 157
Parcerias de além-mar 164

3.2 – No Catálogo, uma estratégia do apelo à leitura 170
“Leitura para todos” 184

3.3 – Ler para escrever, escrever para ser lido 189
Caminhos do “leitor comum” na escrita do Almanaque 194
“Decifra-me ou te devoro”: a charada da leitura 202
Mulheres de Almanaques 209

CONSIDERAÇÕES FINAIS 215

FONTES E BIBLIOGRAFIA 219

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Almanaques produzidos no Ceará (1870-1962) 125
Quadro 2 – Localização das tipografias dos Almanaques do Ceará 153
Quadro 3 – Seções do Extrato do Catálogo da Livraria Araújo publicado no *Almanach dos Municípios para 1908* 172

ÍNDICE DE IMAGENS

Imagem 1 – *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará para 1873* 30
Imagem 2 – Folhinha de janeiro dos Calendários do *Almanach de Lembranças Brazileiras para o ano de 1868;* do *Almanak do Ceará para o ano de 1870; e Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1870* 38
Imagem 3 – Folhinha de janeiro do Calendário do *Almanak Laemmert para o ano de 1870; Almanak do Ceará para o ano de 1873* 39
Imagem 4 – *Página com os Dias Santos no Brasil: Almanak do Ceará para o ano de 1870 e Almanach de Lembranças Brasileiras de 1868* 42
Imagem 05 – *Folhinha de janeiro do Calendário do Almanach do Ceará para o ano de 1900* 43
Imagem 6 – Dias de grande e pequena gala do *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará para o ano de 1873* 50
Imagem 7 – *Relação da administração pública do Almanack da Cidade da Fortaleza para 1895* 68
Imagem 8 – *Relação de assinantes da Empreza Telephonica no Almanach do Ceará para o ano de 1896* 69
Imagem 9 – Espaços da cidade no *Almanach do Ceará para o ano de 1900* 69
Imagem 10 – *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1870* 92
Imagem 11 – *Almanach Brasileiro Ilustrado para o ano de 1881* 92
Imagem 12 – *Almanach do Ceará para o ano de 1897* 93

Imagem 13 – *Almanach do Ceará para o ano de 1897* 93
Imagem 14 – *Almanach do Ceará para o ano de 1899* 93
Imagem 15 – *Almanach da Empresa Literária d´A Reforma para o ano de 1901* 93
Imagem 16 – *Almanach Ilustrado do Brasil-Portugal para 1903* 94
Imagem 17 – *Almanach das Senhoras Portugal Brasil para 1903* 94
Imagem 18 – Quadro com fotos dos diretores do *Almanaque do Ceará* de 1895 a 1955. Página publicada no *Almanaque do Ceará de 1955* 123
Imagem 19 – Início do Extrato do Catálogo da Livraria Araújo no *Almanach dos Municípios do Estado do Ceará para 1908* 127
Imagem 20 – Capa ilustrada do livro *A História dos Girondinos*, de Lamartine 177
Imagem 21 – Capa do livro *Contos da Carochinha*, um dos títulos da *Biblioteca Infantil* do *Catálogo da Livraria*; página da seção *Instrução e Conhecimentos Úteis* do *Extrato do Catálogo* do *Almanach dos Municípios para 1908* 181
Imagem 22 – Anúncio de pílulas ferruginosas no *Almanach Popular Brasileiro para 1902* 212

AO LEITOR:

O ALMANAQUE NA MISSÃO DOS ENCONTROS

"Por que você não estuda Almanaques?". A pergunta amiga teria uma resposta simples se tratasse de algo com conceito bem definido, pelo menos, para mim, jornalista que pretendia ingressar na pesquisa histórica. Fosse um jornal, por exemplo, com suas seções, formas de escrita e mudanças incorporadas até os dias atuais, seria mais fácil responder. Não foi o caso. A palavra era conhecida, claro. Existem Almanaques pelas bancas de revistas, livrarias, aeroportos. E porque não conseguia dizer exatamente do que se tratava? Como estudar Almanaques?

Frente à estante de madeira, estava lá. Uma coleção longa, do fim do século XIX à década de 1960. Longevidade editorial que oferecia méritos em si, revelando à primeira vista possibilidades a partir das transformações materiais realizadas pelo impresso. Numa tarde silenciosa, fui folheando, um a um. Lendo para conhecer. Livros que ainda deixavam alguma dúvida se eram o que gostaria de aprender mais.

Logo no início, a cidade foi encantamento. O inventário urbano e anual dos espaços e personagens da administração, comércio, ofícios, tornou-se porta de entrada para o Almanaque do Ceará. Na leitura da coleção das edições, ano após ano, os nomes impressos se moviam, às vezes lentamente, ocupando a mesma função e local por uma década; outras, de forma brusca, saíam de vez do livro, ou trocavam de lugar. As ruas contavam das suas mudanças, do que permanecia; os ofícios que estreavam nas páginas, aqueles que sumiam, deixando o rastro impresso no ano anterior.

Até então, o Calendário, primeira seção do Almanaque, parecia parte extensa e curiosa. Algumas informações eram de incompreensível utilidade: Epacta, número áureo, letras dominicais... chamava mais atenção pelos muitos santos apertados na folhinha, os dias de festa, de bênçãos matrimoniais, as cronologias. A partir da edição de 1897, havia uma seção Literária, localizada depois do Calendário e das informações sobre a cidade. Entre os escritos dos letrados cearenses, como Juvenal Galeno, João Brígido, Antônio Sales, Rodolfo Teófilo, encontrava a transcrição de uma poesia de Guerra Junqueiro ou Castro Alves. Estavam misturados a textos de pessoas desconhecidas, ou vinham depois de uma charada,

um logogrifo ou enigma recreativo.

Foi quando o desejo de pesquisa despertou de vez. Ampliando para outros títulos de Almanaque, editados em diferentes cidades brasileiras e de Portugal, maravilhou a reunião de tanta gente, vinda de lugares os mais diversos, encontrando-se em uma mesma edição: o leitor do Maranhão próximo ao de Curitiba, a senhora do Porto seguida da outra do Rio de Janeiro, os de Pernambuco, do Pará, Mato Grosso, Paraná, Paraíba, Lisboa, Cabo Verde, Piauí, Moçambique, Amazonas, São Paulo, Sergipe... E o leitor do Ceará. Todos estavam juntos, colaborando para fazer um Almanaque com seus escritos, charadas, cartas aos organizadores da publicação. Constituíam matéria para o impresso.

Mas que publicação é essa, misto de livro e periódico? Feito para ser lido durante um ano, com a duração do Calendário, que se atualizava a cada edição, formando séries ao longo de décadas? Tão múltiplos, que reúnem dados estatísticos e poemas, a relação dos professores da Instrução Pública e, páginas depois, um concurso de charadas; extratos de autores canônicos, como Camões, Alexandre Herculano, ou Santo Agostinho, com a prosa escrita nas cidades pequenas, por gente anônima, alguns que só iriam ser vistos escrevendo em Almanaques.

Os desafios da pesquisa só continuavam. Se cada parte da mesma publicação revelava um universo de possibilidades, perdia em sentido quando isolada do todo, abstraídas as características do gênero, que é de muitas faces, mas com uma essência que se mantém dentro da diversidade. Assumindo como tarefa oferecer uma leitura útil e agradável, instruir, mas também distrair, o Almanaque se renovava para atender às necessidades sociais e culturais de marcação do tempo. Mantinha uma unidade, mesmo na profusão de conteúdos e formatos que sua natureza permitia abrigar.

Logo surge outra questão. O Almanaque do Ceará não estava isolado, mas era parte de uma tradição do gênero, que remontava a épocas anteriores. Em paralelo, conectava-se aos outros Almanaques do período, exercendo influências mútuas, uns se aproximando mais pelo formato, outros incorporando os mesmos conteúdos, todos constituindo identidades próprias, mas vinculadas aos significados que o gênero, e mais ainda, que o impresso, assumia para o século XIX.

Visto por outro ângulo, durante o século XIX, o mercado editorial brasileiro

experimentou uma “explosão de títulos de Almanaques”[1]. Em sintonia com o que ocorria em diversos países do mundo ocidental no mesmo período, incorporavam uma diversidade de novos assuntos articulados à matéria central, o registro, organização e marcação do tempo.

Foi no encontro de dois autores, também escritores de Almanaque, que a alma desse gênero foi se revelando de forma saborosa, densa, leve e complexa. Na poética do encontro do velho Tempo com a jovem Esperança, Machado de Assis revela significados que o Almanaque assumiu no século XIX. Como uma chuva de folhetos, no tempo que era do impresso, espalhando pelas cidades e campos, nas mãos dos negociantes, das senhoras, dos fâmulos, um livro. E o mais importante, era livro que todos liam e entendiam, sublinha Machado no *Almanach das Fluminenses para 1890*.

Firmando pontes pelo Atlântico, Eça de Queiroz aparece como um organizador de Almanaque, ele mesmo conquistado pelo gênero durante a feitura da encomenda que aceitou no ano de 1895. Na organização do *Almanach Enciclopédico*, como bom entendedor dos livros e dos homens, Eça escreveu a viagem do Almanaque pelos tempos, constituindo um gênero que, não apenas relata a história em suas páginas, mas possui sua história, faz a história. Percurso que o escritor caminha desde as origens, nas diferentes apresentações, usos, conteúdos, apropriações, adaptações do Almanaque ao longo dos séculos.

Mas o percurso de pesquisa não é uma linha reta. No contato com as fontes, na formação da bibliografia, o caminho é de ramificações. Às vezes aparecem atalhos, reforçando idéias, ampliando leituras, adensando o conhecimento sobre o tema; outras são estradas bifurcadas, que deixam dúvidas por onde seguir frente à riqueza de possibilidades. Era o Almanaque do século XIX o objeto, estava definido. O Almanaque do Ceará seria então ponto de partida para estudar as características do gênero, aquilo que era comum a outras publicações, perceber o que se constituía como próprio ao Ceará nessa tradição.

Tornava-se de importância, portanto, levantar a produção de Almanaques locais e, em paralelo, identificar que outros títulos circulavam no Ceará. Constatação

[1] Expressão utilizada por João Luiz Lisboa ao comentar, para a segunda metade do século XIX, o aumento em número e títulos de almanaques em Portugal, “correspondendo a um aumento significativo dos públicos que os procuram”. LISBOA, João Luís. Almanaques. In GALVÃO, Rosa Maria (coordenadora). *Os Sucessores de Zacuto: o almanaque na Biblioteca Nacional do século XV ao XXI.* Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002, p. XX.

que se formava na consulta aos jornais do período, encontrando os Almanaques nos anúncios publicados pelas livrarias e casas comerciais. Como um presente, recebia a indicação de um inventário de livros, fonte que ofereceu novo fôlego a essa dimensão. Dona Angélica Alexandrina, esposa de um livreiro português instalado em Fortaleza, morria no ano de 1870. Na partilha dos bens da família, milhares de impressos, centenas de títulos de livros, folhetos, cartilhas, tabuadas e Almanaques. Em nomes, valores e quantidade.

Bem perto da casa de dona Angélica, naquele mesmo ano, um tipógrafo maranhense imprimia a primeira publicação do gênero no Ceará. O *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará para o ano de 1870* era organizado por um "*Bacharel formado na Faculdade de Direito da cidade do Recife",* informação anunciada logo na capa. Filho de uma família tradicional, o bacharel apresentava seu empreendimento editorial como um indicativo do progresso tão almejado pela Província.

De objeto, o Almanaque é também fonte. A cada título pesquisado, no *Almanak do Rio Grande do Sul*, *Almanach das Senhoras Brasil-Portugal*, *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*, saltavam aos olhos nomes vindos de cidades cearenses, alguns conhecidos escritores locais, outros anônimos, todos se correspondendo com as publicações, firmando intercâmbios e formando vínculos entre leitores. A identificação dos colaboradores mostrava os caminhos por onde circulou o impresso: Sobral, Baturité, Canindé, Ipu, Coité, Lavras, Brejo Santo, Maranguape, Pentecostes, Crato, Camocim, Aracati. E, como era de se esperar, a Capital, Fortaleza.

Como uma caça ao tesouro, esses cearenses eram encontrados espalhados ao longo das edições, misturados entre os que enviavam poemas, textos em prosa, charadas, ofereciam livros para serem divulgados, ou reclamavam por não terem seus textos publicados no Almanaque para o ano anterior. Melhor ainda era encontrar o mesmo nome, como o Zoza de Coité, D. Isabel Omphale, de Sobral ou José Alves, do Crato, escrevendo para mais de uma publicação no mesmo ano, exercitando as diferentes escritas possíveis a um Almanaque; ou ver os letrados do Almanaque do Ceará enviando escritos para as publicações de outras cidades.

Por essa via, o estudo do Almanaque, gênero de ampla circulação do século XIX, conecta-se à história do livro e da leitura no Brasil, contribuindo para o

conhecimento sobre a difusão do impresso, a formação de circuitos de leituras e redes de leitores, revelando formas de estimulo à escrita, realizando a possibilidade de escrita, promovendo intercâmbios culturais nos diversos espaços das províncias, entre pontos do Brasil, com outros países.

O desejo está em entender "o livro como força histórica"[2], ensina o historiador Robert Darnton. Assim como é grande a contribuição dos seus estudos para a história do livro, instigando pesquisadores a compreender como as idéias foram transmitidas pela forma impressa e como a exposição à palavra impressa afetou o pensamento e a conduta da humanidade. Os livros surgem e se propagam entre a sociedade, pertencendo a circuitos de comunicação "que operam em padrões consistentes, por mais complexos que pareçam", demonstra Darnton.

Conjugando formato, conteúdo e linguagem de maior acesso, os Almanaques estavam pelas livrarias, nos balcões de farmácia, andando pelos comércios, repartições públicas, nas mãos das mulheres e dos homens, com leituras que *qualquer um podia ler*. Despertavam o interesse e formavam o hábito de se adquirir o Almanaque para o ano, desde os que freqüentavam as escolas, faculdades, gabinetes de leitura, aos que não tinham tanta familiaridade com o impresso, que podiam se localizar no escrito pelas folhas do Calendário. O Almanaque demonstra uma participação significativa na formação de um público leitor, instituindo práticas de leitura, na divulgação de idéias, pautando o tempo individual e coletivo.

Quando se pensa que a direção é uma, a fonte altera rumos na pesquisa, surpreendendo com novas perspectivas, abrindo outras questões, mostrando terrenos a serem conhecidos. Como as listas de livros divulgadas nos Almanaques de livraria. Em especial, o Extrato do Catálogo da livraria Araújo, de Fortaleza, no *Almanach dos Municípios do Estado do Ceará para 1908.* São 329 livros disponíveis para aquisição, indicados e comentados aos leitores do gênero. O Almanaque é visto prescrevendo leituras, promovendo o livro, articulando circuitos do impresso.

Na feitura da pesquisa, como objeto de estudo, o Almanaque extrapola novos limites e oferece conexões da História com a Literatura, Sociologia, Filosofia... Divisões, aliás, que são fundidas em um livro que traz em si uma profusão de conteúdos, desde os ensinamentos de um pensador Antigo a uma anedota; das

[2] DARNTON, Robert. A questão dos livros: passado, presente e futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.216.

tabelas de câmbio adotadas nos países aos horários e preços das passagens do trem de uma cidade; das ofertas de livros, indicações de revistas literárias ou jurídicas às pílulas ferruginosas contra anemia, ou um Licor de Tayuyá que combate sífilis e moléstias da pele. Tudo em um único volume impresso.

É justamente por querer falar sobre tudo e para todos que o Almanaque guarda suas tentações e armadilhas. A primeira, de levar o pesquisador a querer dar conta de tudo que há nele. Preocupação permanente: não fazer um almanaque sobre o Almanaque. Nas idas e vindas da pesquisa, o processo foi de definir abordagens, questões que teriam centralidade. Os Almanaques iam levantando assuntos, relacionando-se com diversos temas de estudo, o que levou a um grande número de notas de rodapé em todo corpo da pesquisa, ampliando as informações, indicando continuidades.

Definir a periodização do início do estudo era fácil por reunir uma série de circunstâncias que se completavam: 1870. Ano em que foi publicado o primeiro Almanaque no Ceará, embora já circulassem impressos do gênero desde antes. Também período de transformações na dinâmica urbana de Fortaleza, iniciando uma década que marcou o despontar dos movimentos intelectuais da Província. O marco periodizador da década de 1870 é referência na historiografia brasileira, vinculado às idéias de ruptura, transformação e modernidade que alteraram a paisagem intelectual, social e política do País[3].

Mais complexo foi definir os limites finais da pesquisa. O Almanaque do Ceará fundado por João Câmara em 1895 continuou até a década de 1960, com outros organizadores, somado aos muitos títulos que foram lançados ao longo do século XX. No entanto, já seguiam por novas discussões, revelando outros momentos da produção desses impressos. A pesquisa realiza-se nos Almanaques do oitocentos, que chegam aos primeiros anos do século XX com suas

[3] A década de 1870 é considerada marco periodizador da história brasileira pelo conjunto de mudanças socioeconômicas e políticas que alteram a feição do País, levando à abolição da escravatura e Proclamação da República. Tânia Regina de Luca, seguindo a historiografia brasileira, destaca que a geração de 1870 está particularmente associada às ideias de transformação, ruptura e modernidade. LUCA, Tânia Regina de. *A Revista do Brasil: Um Diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Fundação Editora Unesp, 1999, p. 19. Sobre o período, reproduz Sílvio Romero: "Um bando de idéias novas esvoaçou sobre nós de todos os pontos do horizonte... Positivismo, evolucionismo, darwinismo, crítica religiosa, naturalismo, cientificismo na prosa e no romance, folclore, novos processos de crítica e de história literária, transformação da intuição do direito e da política, tudo se agitou o brado de alarma partiu da escola do Recife". ROMERO, Sílvio. In BARRETO, Tobias. Vários escritos. Rio de Janeiro: Lammert, 1900. Apud LUCA, Tânia. Op.Cit., p.20.

características e questões. Como limites para o estudo, o último Almanaque organizado por João Câmara, em 1906, e a publicação lançada pela Livraria Araújo, o *Almanach dos Municípios do Estado do Ceará para 1908*, fechando uma série de publicações articuladas desde 1870.

Este trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro trata dos conteúdos que tiveram centralidade no conjunto de Almanaques editados no Ceará, de 1870 a 1908: o Calendário e a Cidade. No mergulho pelas folhas do Calendário, a seção se mostra campo vasto, a matéria que ganha força pela relação que mantém com aquilo que o Almanaque é em essência, desde as origens. Portanto, o primeiro tópico procura levantar o significado e as características do Calendário para o gênero Almanaque. Em paralelo, identificar a construção de diferentes tempos, conectados a diversas origens e finalidades, no corpo do Calendário de Almanaque.

O tempo é cronológico, mas também é o tempo para plantar e para colher. No Calendário, uma especificidade do Almanaque do Ceará: a importância assumida pela seca e pela chuva. A estatística do volume de água acumulado em cada período define os anos de bom “inverno” ou estiagem, demonstrando que o tempo é também contado, classificado, medido.

Os Almanaques do Ceará são, em maioria, parte de uma tipologia vista em diversos pontos do Brasil em paralelo ao desenvolvimento dos centros urbanos. A pesquisa adota a denominação *Almanaques de cidade*, por apresentarem informações sobre um local específico, vinculados às dinâmicas próprias do processo de urbanização. É por esse caminho que frequentemente os Almanaques são fontes para os pesquisadores, oferecendo dados sobre o comércio, apresentando endereços de instituições, ofícios existentes e personagens da administração pública de determinado ano.

Mas a cidade do Almanaque é uma tentativa de racionalizar a cidade por escrito, com suas hierarquias, estrutura ordenada. A cidade parece afirmar sua existência nas páginas do impresso. Na publicação, estão os espaços de letramento, a vida comercial, econômica, administrativa, demonstrando os referenciais de *civilização*: nas estradas de ferro, bibliotecas, escolas, clubes literários e artísticos. O Almanaque lista seus jornais, escritórios de advocacia, consultórios médicos. Destaca as alterações promovidas pela técnica, a iluminação artificial, o telefone. Pelos caminhos das ruas da cidade, praças, avenidas, mercados, reproduz a

prevalência da Capital sobre o Interior, do urbano, mesmo que em processo, sobre o rural.

Os Almanaques do Ceará corriam os espaços da cidade em um momento de ampliação da palavra impressa. Incorporavam os significados que o gênero editorial assumiu no período. E é por esse viés que são abordados no terceiro tópico do Primeiro Capítulo. Circulam em meio a diversos outros Almanaques, com distintos formatos, conteúdos e formas de aquisição. Concorriam com títulos que chegavam de outras partes do Brasil, de outros países, sempre vinculados às necessidades sociais e culturais de marcação do tempo.

O segundo Capítulo trata da materialidade do Almanaque desde sua produção nas tipografias. Como espaço de experimentação editorial e ampliação do público, os Almanaques foram testando novos conteúdos e formas de contar, incorporaram de forma gradual as mudanças promovidas pelas inovações técnicas, mesmo mantendo em estrutura e conteúdo elementos que remontam à tradição vinda de séculos anteriores.

No processo de confecção do impresso, os editores, tipógrafos, impressores liam e recebiam influências de outros periódicos, em uma construção de contornos coletivos, apesar da figura central do organizador. Por suas características, especialmente na capacidade em difundir conteúdos a uma diversidade maior de pessoas, essas publicações receberam a atenção dos jovens intelectuais, além de alguns letrados mais experientes, que organizaram seus próprios Almanaques.

O Almanaque vai se atribuindo múltiplos papéis, veiculando concepções e projetos de grupos sociais, instituindo sensibilidades e práticas de leitura, na afirmação de identidades. Os conteúdos adaptavam-se aos interesses dos editores, que estimulavam os círculos de letrados em torno dessas publicações. Os autores aprenderam a divulgar seus escritos, nem sempre inéditos, aos organizadores de Almanaques de diferentes cidades. Ao mesmo tempo em que o exemplar do Almanaque era enviado a outras províncias, estabelecendo conexões que iam além do seu local de produção.

Percorrendo a história dos Almanaques no Ceará, acompanham-se os diferentes momentos de produção desse gênero editorial. Como a forma material interfere na construção de sentidos na operação da leitura, as tipografias que confeccionaram Almanaques apresentam questões de pesquisa. São entendidas

como locais da produção, difusão e circulação de idéias, exercendo a função de casas editoras, distribuidoras, acumulando diferentes atribuições. Da mesma forma que os Almanaques faziam parte do roteiro tipográfico cearense, formando um circuito próprio de produção do gênero. As tipografias são vistas também como espaço da experiência dos trabalhadores do impresso na construção de uma identidade coletiva, percebendo-se como sujeitos no circuito de produção das ideias.

Mas nem todos os Almanaques cearenses foram impressos em tipografias locais. Um deles, o *Almanach dos Municípios do Estado do Ceará para 1908*, foi organizado por um livreiro de Fortaleza, mas enviado para impressão nas oficinas da Parceria Antônio Maria Pereira, em Lisboa. Por meio dele, a livraria divulga seus autores e livros disponíveis, alargando sua rede de contatos, que não se firmam somente em termos comerciais.

No Terceiro Capítulo são abordados a livraria, o catálogo de livros publicado no *Almanaque dos Municípios do Estado do Ceará para 1908* e os leitores, que assumem um papel ativo na realização desse gênero editorial. O interesse está em perceber os circuitos de leitura articulados em torno do Almanaque, estabelecendo vínculos com o mundo editorial português.

Na observação desse circuito de leitura, são muitos os cruzamentos em torno do Almanaque. Como visto com o próprio Eça de Queiroz, que escreveu um dos mais importantes textos sobre Almanaques enquanto atendia a encomenda feita por um livreiro português, António Maria Pereira, filho do fundador da casa livreira. A Parceria Antonio Maria Pereira é responsável pela edição e impressão de vários Almanaques que circularam no Brasil, alcançando grande sucesso também no Ceará, como o *Almanach das Senhoras* e parte da coleção do *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*. Mesma firma que imprimiu nos seus prelos o *Almanach dos Municípios do Estado do Ceará para 1908*, entre outras publicações de cearenses, revelando contatos estreitos e intercâmbios editoriais consolidados.

O segundo tópico do Capítulo trata do Extrato do Catálogo da livraria publicado no *Almanach dos Municípios*. A organização e classificação do acervo dizem sobre a formação do público leitor da Província e sobre os interesses de difusão do livro por meio do Almanaque. As seções do catálogo confirmam o interesse de chegar a públicos especializados, como médicos, bacharéis, intelectuais; mas especialmente atendia aos interessados em uma leitura diversa e

ampliada, oferecendo livros para a criança, a mulher, estudantes, professores e funcionários dos espaços de instrução; O Almanaque prescreve a leitura instrutiva e religiosa, mostrando sacerdotes, religiosas, jovens, senhoras como um público leitor da cidade.

Ao tratar dos leitores de Almanaque, percebe-se que os registros são fragmentados, vistos principalmente nos próprios impressos: na seção de correspondências, na identificação dos colaboradores que enviavam textos em prosa, anedotas, poemas, charadas. O aspecto central é identificar como o Almanaque promove a colaboração do "leitor comum" no universo impresso, indo além de uma elite de autores já consagrados.

Para muitos desses leitores, a participação no impresso teve como porta de entrada um conteúdo de bastante aceitação: o charadismo. Difícil para o leitor neófito no assunto conseguir responder rapidamente as charadas e enigmas nos Almanaques. Mais ainda em uma contemporaneidade que parece ter afastado esse conhecimento, isolando uma prática que não encontra espaço em um tempo acelerado. A busca pelas respostas facilmente é vista como desperdício de tempo, conhecimento inútil ou desnecessário, em oposição ao que os charadistas ainda hoje consideram: "charadismo é cultura"[4].

Mais do que uma diversão, o charadismo organiza-se em concursos, formando comunidades de leitores que enviam suas respostas para a edição do ano seguinte, aparecendo no impresso a partir da sua colocação no *ranking* de decifradores. Para responder as questões, os Almanaques indicam os livros que deveriam ser consultados, formando uma Biblioteca do Charadista. Dicionários da Língua Portuguesa, Dicionários de Sinônimos, Dicionários de Fábulas, Históricos, Biográficos, Geográficos, Mitológicos. Livros que seriam acessados a partir da leitura nos Almanaques.

Entre os leitores, as mulheres se fazem presente de forma acentuada no Almanaque do período. Elas participam dos concursos de charadas, são estimuladas a escrever textos em prosa e verso. A leitora identificada como Provinciana, em correspondência com o *Almanach de Lembranças Luso Brasileiro para 1871,* explica: "Sabem porque anualmente acolhemos com tanto prazer? É porque ele nos tem acolhido a nós!". Ela descreve o Almanaque como "um ponto de

[4] A frase está na capa da publicação "*Charadismo e cruzadismo* (Órgão oficial do Círculo Enigmista Carioca). Abril de 2010, nº 243 ano 62. Rio de Janeiro: s/e, 2010.

reunião", onde pode estar "em família", com a real possibilidade de realizar sua escrita.

O Almanaque chega às mulheres nos anúncios de produtos para o lar, cuidado com a higiene, saúde e beleza e, mais uma vez, na divulgação de outros impressos, quer fossem de instrução, romances, livros de receitas, respostas de um universo editorial que passava a dedicar atenção às leitoras.

De tão espalhados pelo País, a busca pelos Almanaques que circularam no Ceará exigia um trânsito também ampliado de pesquisa. Essas publicações promoveram viagens por acervos públicos e particulares, bibliotecas e arquivos localizados no Rio de Janeiro, São Paulo, Campinas e Fortaleza. Tornaram-se dias de descobertas por títulos editados no Maranhão, Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Lisboa, Porto, Piracicaba, Recife, Rio Claro, Pará, Rio Pardo... O critério era conhecer o acervo de Almanaques do local e pesquisar nos títulos conexões com as questões do trabalho.

Durante o percurso de estudo, o Almanaque promoveu encontros para além de suas páginas: com bibliotecas e salas de leitura, com diferentes paisagens, constituindo novas e velhas amizades em torno do tema. Um Almanaque levava a outros livros, cada acervo ampliava a dimensão da pesquisa, permitindo fazer novas conexões, tecer múltiplos contatos, às vezes pessoalmente, outras por telefone e até por e-mail. Foi uma grata surpresa conhecer, mesmo que por vias virtuais, a bisneta do fundador da Parceria António Maria Pereira, a senhora Antônia Maria Pereira. A partir da troca de correspondências eletrônicas, a livreira enviou de Lisboa a Fortaleza sua pesquisa sobre a Parceria, casa editora portuguesa que atravessou gerações.

Também pelos correios chegou a carta de *Vichnu,* pseudônimo do charadista Jayme Perdelhas Carvalho, Secretário Geral do Círculo Enigmístico Carioca. Em quatro páginas digitadas, enviadas junto com uma revista. Ele contribuiu no entendimento dessa prática, que chega de forma remanescente aos dias atuais[5]. A divisão do charadismo (cruzadistas, charadistas, enigmistas), as nomenclaturas, os

[5] Segundo Jayme, circulam atualmente as seguintes publicações de grupos: *O Charadista*: publicação editada pela Terúlia Edipica; *Charadismo e Cruzadismo*: editada pelo Circulo Enigmista Carioca; e *O Enigma*: editado pelo Circulo Enigmistico Paulistano; Além de iniciativas particulares: *Ecos de Braga*, boletim da cidade de Braga, Portugal, distribuída aos charadistas portugueses e brasileiros; *Para Todos*, boletim mensal, da cidade de Maceió (AL); boletim *Iniciação Charadística*, destinado a angariar novos charadistas; *Minas Universal* e *Charada mineira*, de Lagoa Formosa (MG).

tipos diferentes de charadas com a explicação de como responder, as revistas publicadas, a linguagem e algumas considerações adicionais foram sistematicamente apresentadas por seu Jayme, que aproveitou para contar por telefone muitas outras histórias que ficaram fora das páginas do trabalho.

Jorge Luís Borges ressalta que vê na leitura uma forma de felicidade. Ao afirmar o livro como extensão da memória e da imaginação, o escritor pergunta: Afinal, que diferença pode haver entre recordar sonhos e recordar o passado? Recordar é uma tarefa do livro. E assim é para o Almanaque.

PRIMEIRO CAPÍTULO
O CALENDÁRIO E A CIDADE NO ALMANAQUE

> *"O tempo, essa impressão misteriosa a que chamamos tempo, é para o homem como uma planície, sem forma, sem caminho, sem fim, sem luz, onde ele transita guiado pelo almanaque, que o segura pela mão, o vai puxando e a cada passo murmurando: " - Aqui, estás em Setembro!... Além finda a semana!... Em breve alcanças o 28... Hoje é sábado...".*
>
> *Eça de Queiroz (Almanaque Enciclopédico, 1895)*

1.1 – O ALMANAQUE CONTINUA A OLHAR PARA O CÉU

Fim de século, marcação impressa no Almanaque do Ceará. A passagem para o novecentos trouxe uma preocupação adicional com a contagem do tempo, vista em outras seções da publicação, mas principalmente, na primeira delas, o Calendário. Não se discutiu qual o primeiro ano do novo século, uma polêmica comum às rodas de conversa do período, que ganhava fôlego nos Institutos e Academias de Ciência, na imprensa, nas ruas[6]. Na edição de 1900, a resposta vinha da astronomia e não deixava dúvidas, expressa somente nas últimas páginas: "ficou definitivamente assentado que o 1º ano do século seria o de 1901"[7].

Se a questão ficou em segundo plano, importava mais a mudança do 18 para o número 19 na folhinha do Calendário. Esse sim um marco considerado pelo Almanaque, que garantiu mais espaço para a seção e ampliou as informações comuns ao gênero: as datas da criação do mundo segundo diferentes versões, a correspondência do ano de 1900 em outros sistemas de calendário, os principais feitos da humanidade até então.

Não se tratava de um rompimento com fórmulas anteriores, ao contrário. O Calendário do Almanaque chega ao novo século mantendo uma estrutura tradicional, conhecida e esperada pelos leitores. Comparando a edição de 1900 com o *Almanak do Ceará de 1870*, distantes trinta anos, pode-se dizer que foram guardadas semelhanças relevantes. Ambos trazem em sequência o Cômputo Eclesiástico, Festas móveis e

6 As querelas na imprensa sobre em que ano começa o século XX são abordadas em COSTA, Ângela Marques da; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *No tempo das certezas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p.45-49.

7 A resposta é atribuída ao "eminente astrônomo Camilo Flamarion", do observatório Juvisy, na França, que o Almanaque traz no texto "O século XX", um dos últimos escritos da seção Literária. *Almanach Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará para o ano de 1900*. Fortaleza: s/e, s/a, p.191. Acervo ACL.

Têmporas, marcações do tempo a partir do Sol, da Lua, das estações, com origens antigas e usos religiosos, litúrgicos.

Também continuam as determinações religiosas, como os jejuns e dias santos; há indicações administrativas no Calendário, os dias de funcionamento das repartições públicas, as datas para pagamentos de tributos, os feriados. As duas edições possuem Efemérides e uma Cronologia, indicando datas a serem lembradas e marcos a serem conhecidos.

No entanto, guardadas as semelhanças e mantidas as tradições, o tempo do Ceará não é o mesmo nesses Calendários de Almanaque. Para seguir nessa afirmação, duas perspectivas serão abordadas: 1) o significado e as características do Calendário para o gênero Almanaque; 2) a construção de diferentes tempos, conectados a diversas origens e finalidades, no Calendário do Almanaque, seção que, na superfície, pode parecer simples, objetiva e estática.

Vale ressaltar que o Almanaque é indissociável da noção de tempo: marcação do tempo, conhecimento sobre o tempo, organização do tempo. Dessa forma, a função do Calendário está firmada em suas origens. Desde os quadros cronológicos indicando o movimento dos astros, oferecidos por astrólogos aos soberanos no início de cada ano. Primeiro em côrtes orientais e depois, de forma aculturada pelo Ocidente nos fins da Idade Média[8].

Na cultura impressa do Ocidente, o Calendário anual está nas formas mais difundidas de Almanaques, tornando-se uma seção que oferece unidade ao gênero. No entanto, nem sempre foi um periódico. Em Portugal, o marco oficial dos Almanaques remonta ao período das navegações, em específico, ano de 1496, com a publicação do *Almanach Perpetuum* pelo médico e astrólogo judeu Abraaão Zacuto. Como o nome sugere, volta-se a um período mais longo que o ano, formando quadros e tabelas "onde se arrumam conhecimentos sobre o mundo"[9], principalmente com utilidade para a

8 Em estudo sobre o tema, Manuel Guerreiro e J. David Correa consideram o Almanaque como "designação de uma prática específica", importada para o Ocidente. Forma "aculturada do conjunto de dados com que, nalgumas cortes orientais, era hábito os astrólogos presentearem os soberanos no início de cada ano. A preocupação dominante seria o fornecimento de quadros cronológicos, com a indicação do movimento dos astros, sobretudo do Sol e da Lua". CORREIA, J.D.P e GUERREIRO, M.V. *Almanaques ou a sabedoria e as Tarefas do Tempo. Revista ICALP, Lisboa, vol. 6, agosto/dezembro de 1986, p.p.43-52, p.44. (Disponível em versão eletrônica no Instituto Camões:* http://cvc.instituto-camoes.pt/bdc/revistas/revistaicalp/almanaques.pdf *(Último acesso em 17/12/2009)*.

9 O *Almanach Perpetuum* (1496) é o primeiro registro seguro de impressão de Almanaque em Portugal. Trazia um calendário com os santos de cada dia, uma tábua das festas móveis e tábuas solares de utilidade para as navegações. LISBOA, João Luís. Almanaques. In GALVÃO, Rosa Maria (coordenadora). *Os Sucessores de Zacuto: o almanaque na Biblioteca Nacional do século XV ao XXI.*

navegação, como tábuas astronômicas, além dos dias santos e festas móveis.

Recuando ainda mais, o Almanaque pode ser pensado como parte de uma tradição que articula saberes em torno do Calendário. Antes do impresso, serviam como suporte a pedra e o barro[10]. Rudimentos de Almanaque podem estar "entre os lixos pré-históricos que a cada dia se desenterram" – sugere o escritor Eça de Queiroz – como um osso, "onde algum ousado artista que floresceu há duzentos mil anos, gravou uma imagem da Lua, ora redonda como escudo, ora arqueada como um batel"[11].

A questão central está no impulso à observação e registro do tempo. Inicialmente cíclico, com o crescer e minguar da lua, no alternar dos dias e das noites, das estações. Impulso visto no homem hirsuto, "ainda sem alfabeto, quase sem linguagem", que "observa espantado a viagem dos astros, e com uma lasca de pedra tenta fazer o seu Almanaque". Passados centenas de mil anos, "quando se abrem as portas já sólidas da História" com as primeiras civilizações, Eça de Queiroz surpreende Caldeus e Assírios, "nos altos terraços dos templos, observando os eclipses, dividindo pensativamente o ano e o mês, calculando os pesos e as medidas, regrando a colheita do bálsamo, regulando a data das feiras". Isto é, compilando saberes, "compondo Almanaques" [12].

A reflexão do escritor português em fins do século XIX, assentada em perspectiva evolucionista da História, encontra na tradição dos Almanaques as informações essenciais para que a civilização "possa continuar sua marcha de caravana para a sua ignorada Meca". São indicações genéricas sobre a cronologia, a religião, o estado, a lavoura, o direito, que garantem a permanência e evolução civilizatória, mesmo sem garantir "esplendor e requinte, mas com fartura e com ordem". Seguindo por esse caminho, antes mesmo de fixar em livros duráveis suas leis, seus ritos, seus anais, os homens se apressaram em arquivar essas "*verdades de almanaques*". Por isso, Eça defende: "O almanaque antecedeu o código, a cartilha e a história".

Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002, p.11. Sobre a biografia de Zacuto e as contribuições do Almanaque à navegação portuguesa, ver: *Almanach Perpetuum de Abraão Zacuto. Reprodução em fac-símile do exemplar da Biblioteca Nacional com introdução de Luíz de Albuquerque.* Lisboa: Imprensa Nacional, 1986.

10 Correia e Guerreiro consideram que "a divisão do ano em função dos fenômenos nele observáveis e respectivo registro, o que em suma constitui a parte nuclear do que chamamos almanaque, recua a épocas remotíssimas". Com isso, apontam diversos suportes usados para esse fim. "No túmulo de Ramsés IV, século XII antes da nossa era, está gravado um calendário cronológico. (...) Os Romanos utilizavam tabuinhas polidas com a inscrição dos fatos relativos às quatro estações. Nelas se indicavam as festas fixas e o curso das constelações". CORREIA, J.D.P e GUERREIRO, M.V. *Almanaques ou a sabedoria e as Tarefas do Tempo.* Op.Cit., p.43.

11 QUEIROZ, Eça. Almanaques. (Introdução ao 1º volume do Almanaque Enciclopédico, 1896). In _____ *Notas Contemporâneas*. Porto: Livraria Leilo & Irmão, editores, 1945, p.493.

12 Idem, Ibidem.

> É que o Almanaque contém essas verdades iniciais que a humanidade necessita saber e constantemente rememorar, para que a sua existência, entre uma natureza que não a favorece e a não ensina, se mantenha, se regularize, se perpetue. A essas verdades, chamam os franceses, finos classificadores, *verdades de almanaque*. São as altas verdades vitais[13].

Passando por mudanças ao longo da sua própria história, o Almanaque chega ao século XX mantendo uma primeira vocação: oferecer regularidade para a vida individual ou coletiva. Não poderia cumprir essa tarefa sem o Calendário. Se o tempo é impressão misteriosa para o homem, "uma planície, sem forma, sem caminho, sem fim, sem luz", é preciso ter um guia, que ofereça a noção do ano, do mês, do dia. Sumida essa noção, diz Eça, o homem "não poderia mais cumprir, com ordem proveitosa, os atos da sua vida urbana, rural, religiosa, política, social". Na galhofa do provérbio antigo, iria "semear seu trigo em julho e celebrar sua Páscoa em novembro" e "o que era uma sociedade seria apenas uma horda"[14].

Também como parte dessa tradição, exemplos de Calendários usados para codificar padrões de conduta. *Ofícios e Dias* é o nome do longo poema de Hesíodo, 800 anos antes de Cristo, a partir do calendário oral. Considerado como um "mandato moral, para seguir as antigas regras do tempo e do dever"[15], o poema foi escrito quando os jovens estavam abandonando as fazendas e a disciplina da terra para seguir no comércio, na guerra e na política. A primeira parte do poema é endereçada ao irmão mais novo de Hesíodo, Perses, aparentemente um dos jovens desinteressados pela vida tradicional.

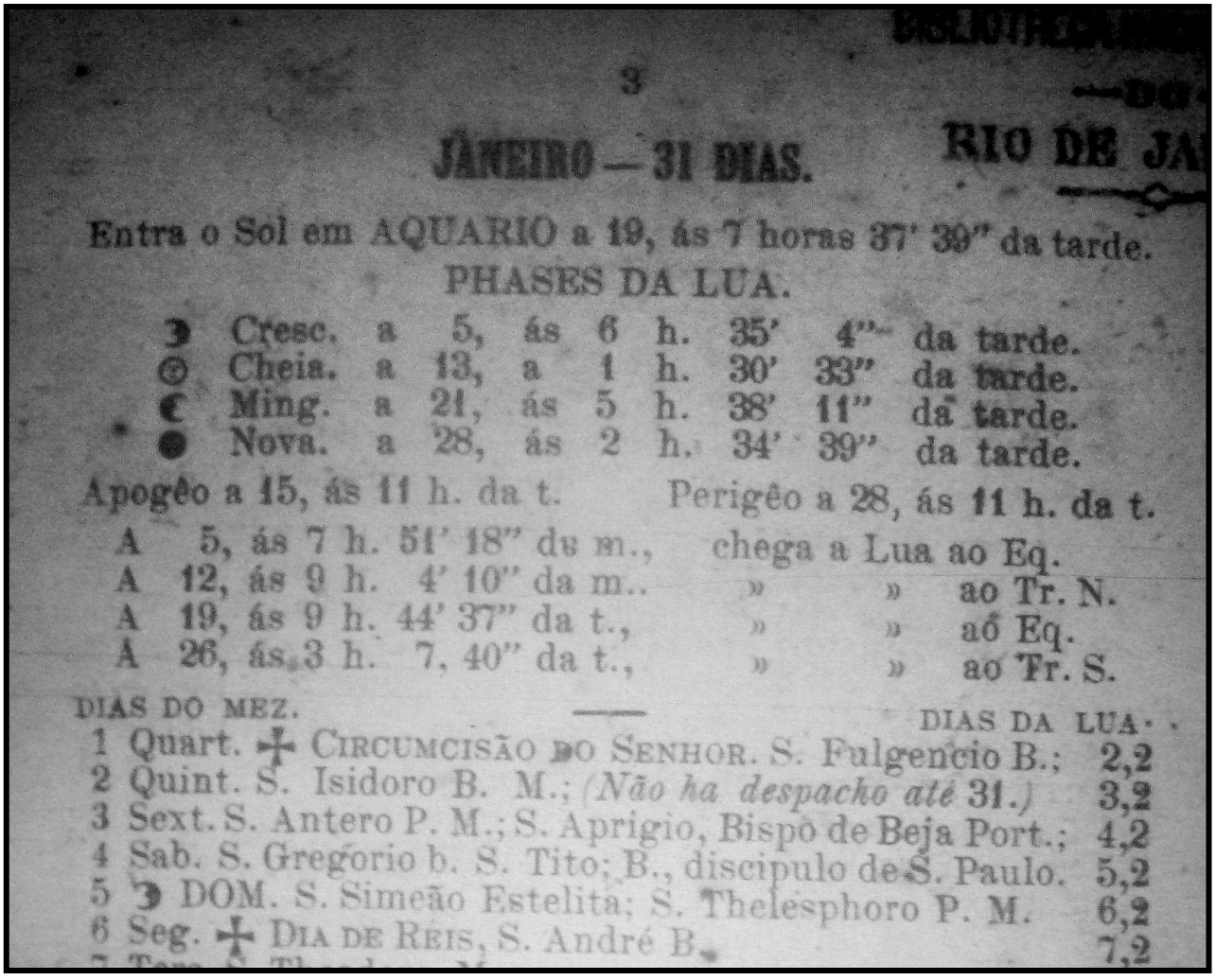
> Lembre de todas as advertências que lhe fiz, quando o ano terminar
> e os dias novamente se tornarem iguais às noites, quando mais uma
> vez a Terra, mãe de todos nós, der frutos em toda a sua variedade[16].

No poema, o tempo é "uma força mística e o calendário como um ciclo de dias, de

13 Idem, p. 492.
14 Idem, p.494.
15 DUNCAN, David Ewing. *Calendário. A epopéia da humanidade para determinar um ano verdadeiro e exato.* São Paulo, Ediouro, s/a, p.36-37. Diz o autor que o poema foi escrito no momento em que a Grécia estava se tornando uma potência Marítima no Mediterrâneo oriental e muitos jovens estavam abandonando as fazendas e a disciplina da terra para seguir o comércio, a guerra e a política. O poema é traduzido no Brasil com o título "Os trabalhos e os dias". Cf. HESÍODO. *Os trabalhos e os dias* (Primeira Parte). 3ª edição. São Paulo: Iluminuras, 1990.
16 Idem, Ibdem.

sorte e azar, de profecias e cerimônias sagradas"[17]. Os versos dizem dos dias sagrados, dias sem sorte; o melhor período para castrar búfalos e carneiros, para o nascimento de meninas. Na essência e finalidade, estão aproximações com o Almanaque, "livro disciplinar que coloca os marcos, traça as linhas, dentro das quais circulam com precisão, nossa vida social", retomando Eça[18].

Um olhar atento às Folhinhas do Calendário demonstra essa dimensão disciplinar e complexa do Almanaque. Como em outras edições, o *Almanak do Ceará para 1873* oferece ao leitor a ideia de contagem oficial do tempo, sob diferentes referenciais.



3

JANEIRO — 31 DIAS. RIO DE JA

Entra o Sol em AQUARIO a 19, ás 7 horas 37' 39" da tarde.

PHASES DA LUA.

☽	Cresc.	a	5,	ás	6 h.	35'	4" da tarde.
○	Cheia.	a	13,	a	1 h.	30'	33" da tarde.
☾	Ming.	a	21,	ás	5 h.	38'	11" da tarde.
●	Nova.	a	28,	ás	2 h.	34'	39" da tarde.

Apogêo a 15, ás 11 h. da t. Perigêo a 28, ás 11 h. da t.

A	5, ás 7 h. 51' 18" da m.,	chega a Lua	ao Eq.
A	12, ás 9 h. 4' 10" da m..	»	» ao Tr. N.
A	19, ás 9 h. 44' 37" da t.,	»	» ao Eq.
A	26, ás 3 h. 7, 40" da t.,	»	» ao Tr. S.

DIAS DO MEZ.		DIAS DA LUA.
1	Quart. ✝ CIRCUMCISÃO DO SENHOR. S. Fulgencio B.;	2,2
2	Quint. S. Isidoro B. M.; *(Não ha despacho até* 31.)	3,2
3	Sext. S. Antero P. M.; S. Aprigio, Bispo de Beja Port.;	4,2
4	Sab. S. Gregorio b. S. Tito; B., discipulo de S. Paulo.	5,2
5	☽ DOM. S. Simeão Estelita; S. Thelesphoro P. M.	6,2
6	Seg. ✝ DIA DE REIS, S. André B.	7,2

Imagem 01 - Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará para 1873. Acervo Obras Raras da FBN (RJ).

17 Idem, Ibdem.
18 QUEIROZ, Eça. Almanaques. Op.Cit., p. 493.

Junto aos dias do mês e à correspondência na semana, estão informações apuradas e diversas: cálculos astrológicos com a precisão dos segundos, as fases da lua, os signos do zodíaco, os dias santificados que devem ser guardados, ou aqueles que são apenas lembrados. Misturadas a isso, indicações da vida civil, como os dias de funcionamento da administração pública.

Isso porque o tempo nos Almanaques do Ceará, como é da natureza dos Calendários, é "totalmente social, mas submetido aos ritmos do universo", explica Jacques Le Goff[19]. Simultaneamente coletivo e individual, sujeito aos astros, ou melhor, às observações astronômicas, ao conhecimento produzido para essa medição, às ciências, técnicas e crenças que se definiram ao longo dos anos, construindo a história do Calendário objeto. Enquanto organizador do quadro temporal, diretor da vida pública e cotidiana, o Calendário é também, e sobretudo, um objeto social, assim reforça o autor.

Mas o tempo oficial não está isento de conflitos. A própria adoção do Calendário Gregoriano[20], que leva o nome do papa Católico, em preferência às outras construções de marcação do tempo adotadas na história, demonstra as disputas de poder em torno do Calendário, entendido como uma elaboração, não como evidência[21]. Le Goff lembra que diversos sistemas de Calendário foram, e ainda são, adotados nas diferentes sociedades, mesmo que a vida internacional dê a ilusão de uma relativa unidade do Calendário.

Como suporte para esse sistema, há o objeto. Para Le Goff, o Almanaque e o Calendário são objetos por meio dos quais os homens compreenderam e compreendem os sistemas de calendário da sociedade humana, cuja elaboração é presidida por complexos fatores. Entre esses, a dependência da natureza (como visto no movimento do sol, definindo dias e noites), o papel do poder dominante (a exemplo do controle exercido por reis, papas, imperadores), o peso da história, a força do enraizamento econômico-social, e o prevalecer ocasional do fenômeno agrícola[22].

---

19 LE GOFF, Jacques. Calendário. In *Enciclopédia Einaudi*. Volume 1. Memória-História. Portugal: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984, pp. 260-292, p.260. O autor observa que "o calendário depende do tempo cósmico, regulador da duração que se impõe a todas as sociedades humanas; mas estas captam-no, medem-no e transformam-no em calendário segundo as suas estruturas sociais e políticas, os seus sistemas econômicos e culturais, os seus instrumentos científicos e tecnológicos", p.266-267.

20 Durante toda a Idade Média, discutiu-se uma reforma do calendário juliano (instituído por Júlio César em 45 a.c, em substituição ao calendário Romano), que acumulava um atraso em relação ao ano solar real. O papa Gregório XIII concluiu-a em 1582, suprimindo dez dias do calendário. Idem, p. 270.

21 Radich também reforça que "o Calendário não parece, com efeito, ser uma evidência, mas o resultado de uma elaboração. Foi pensado". *RADICH, Maria Carlos. Almanaque, tempos e saberes.* Coimbra: Centelha, s/a, p.45.

22 O autor aponta que a complexidade dos problemas do calendário deriva em primeiro lugar das dificuldades com que se deparam todas as sociedades no controle do tempo natural, além da importância dos elementos religiosos, culturais e políticos. Os movimentos dos astros não são

Por essa relação tão estreita, o Almanaque chega a ser confundido como sinônimo de Calendário[23]. Ou melhor, a designação Almanaque se impõe a equivalentes, que sobreviveram isoladamente: calendário, folhinha, lunário, prognóstico, sarrabal, camião, diário[24]. Nomes que assumem funções próprias, embora seus leitores e finalidades se cruzem.

Como uma seção do Almanaque, o Calendário agrega diferentes informações para além da Folhinha dos dias da semana e os meses do ano. Mesmo ressalvando que há variações de conteúdo, pode-se pensar em uma estrutura comum aos Calendários dos Almanaques do Ceará do início da década de 1870 aos do início do século XX[25], observando aquilo que se manteve entre as edições.

Depois das páginas de apresentação, com as palavras do organizador, os Almanaques trazem a sequência: Computo Eclesiástico, Festas Móveis e Têmporas, também chamada Introdução ao Calendário[26]. Para um leitor dos dias atuais, esses dados podem parecer tão enigmáticos, quanto distantes do uso diário. Mas continuam até as edições da década de 1960, mesmo em menor espaço e não mais no início do Almanaque[27].

Somente na edição especial do *Almanach do Ceará para 1922*, comemorativa ao Centenário da Independência do Brasil, aparece pela primeira vez uma explicação do que sejam esses elementos: “Computo Eclesiástico é o conjunto das regras e dos cálculos

---

completamente regulares, e as sociedades humanas só gradualmente chegaram ao conhecimento exato dessas medidas. Mesmo com os avanços nos cálculos, ainda hoje, há três milésimos de dias em excesso no Calendário. Com isso, nos próximos três mil anos, um dia terá que ser suprimido do atual Calendário. LE GOFF, Jacques. Calendário. Op. Cit., p.271.

23 João Luís Lisboa identifica alguns termos que foram vistos como sinônimos da palavra almanaque. Diz o autor: “Calendário”, “diário”, “borda de água”, “repertório”, “prognóstico”, “lunário”, “sarrabal”, “efemérides”, “agenda”, “folhinha”, “guia”, “tesouro”, “perfeito lavrador”, e até “tratado” e “dissertação”, muitos foram os nomes que identificaram, ao longo dos tempos, uma brochura a que, frequentemente, se chama apenas “almanaque”. LISBOA, João Luís. Almanaques. Op.Cit., p.11.

24 CORREIA, J.D.P e GUERREIRO, M.V. *Almanaques ou a sabedoria...* Op.Cit., p.03.

25 Foram analisadas as edições do Almanak do Ceará de 1870 e 1873, organizadas por Joaquim Mendes da Cruz Guimarães; e edições do Almanach do Ceará de 1895 a 1905, organizadas por João Câmara.

26 O termo é usado na edição do Almanak do Ceará para 1873, que segue a mesma estrutura e ordem dos conteúdos do Almanak Laemmert. C.f. Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro para o ano de 1870. Rio de Janeiro: E & H. Laemmert, 1870.

27 O Computo eclesiástico, Festas Móveis e Temporas deixam de iniciar o Almanaque na edição de 1908, organizada por Sophocles Torres Camara, quando passam a ser antecedidos das Informações Estatísticas. Em 1922, todo o Calendário está na segunda metade da publicação; Em 1930, é encontrado após textos literários e ilustrações; para novamente o Calendário vir depois das Estatísticas e Administração do Estado (1932). Mesmo que não seja o objetivo da pesquisa, é interessante observar que o Calendário volta a ser a primeira seção do Almanaque do Ceará quando organizado por Silveira Marinho (1933-1940), depois por Raimundo Girão e Martins Filho (1941-1947), chegando à organização de A. Batista Fontenele e Leopoldo C. Fontenele, no ano de 1948, continuando nas edições seguintes da década de 1950. No entanto, em 1962, o Calendário perde novamente espaço, antecedido pela administração do Estado e resultado das eleições. O espaço foi reduzido, a Folhinha do Calendário já não ocupa uma página inteira, disputando espaço com as cronologias e efemérides.

que servem para determinar as épocas das festas móveis do calendário religioso e civil"[28]. Até então, nas edições anteriores, há somente o resultado dos cálculos[29], conhecimento que remonta aos primeiros séculos do cristianismo[30]. A ausência mostra que, por muito tempo, foi mais importante dizer do que explicar, já que eram informações aguardadas todos os anos, quer pelos iniciados nas ciências do Calendário, quer pelos que acompanhavam por hábito.

Nas páginas seguintes ao Computo, o Almanaque continua a olhar para o céu. Observa o movimento do Sol e da Lua no tópico Eclipses. A cada ano, atualiza as informações, quer em parágrafos resumidos, como no *Almanach do Ceará de 1900*[31], ou em tabelas detalhadas, a exemplo do *Almanak do Ceará para 1873*. Mesmo com todos os eclipses sendo invisíveis para o Brasil naquele ano, a publicação traz uma página inteira mostrando hora, minuto e os segundos das fases de desaparecimento dos astros[32].

As "ciências da adivinhação" e o Almanaque Moderno

Em alguns Almanaques, essa ligação com os astros celestes segue pelos conhecimentos da astrologia ou predição do tempo. Não é o caso dos Almanaques do Ceará estudados, nem de outras publicações do período com viés católico ou que simplesmente buscaram se distanciar das "ciências da adivinhação". O tema é abordado com humor e crítica no artigo "*O Juizo do Ano*", escrito pelo jornalista e diplomata português Alfredo Mesquita, no *Almanach Illustrado do Brasil – Portugal para o ano de 1903*, editado em Lisboa. Ele critica matéria comum a Almanaques do período, que passam a ser dominados por bruxas, médiuns e quiromantes:

---

28 *Almanach Estatístico, Administrativo, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará para o ano de 1922*. Fortaleza: Typ. Gadelha, 1922. O diretor era Sophocles Torres Câmara. Acervo ACL.

29 O Computo Eclesiástico é formado pelo Aureo numero, Epacta, Ciclo solar, Letra Dominical, Letra do Martyrolog, Indicação Romana, Período Juliano. Conjunto de cálculos que reúnem conhecimento acumulado em centenas de séculos, com caráter científico, mas raízes profundas no sagrado. Essas marcações levam a determinação das festas móveis: Septuagésima, Cinzas, Páscoa, Ladainhas, Ascensão, Espírito Santo, Santíssima Trindade, Corpo de Deus, SS Coração de Jesus, 1ª dominga do Advento. Também levam às Têmporas, períodos para realização do jejum religioso, divididas em Primeiras, Segundas, Terceiras e Quartas.

30 O domingo de Páscoa, dia da ressurreição de Cristo, adquiriu função essencial no Calendário Romano. Para a definição da datada Páscoa em cada ano, surge uma nova ciência, o Computo eclesiástico. O Concílio de Nicéia, em 325, faz do domingo um dia feriado e fixa a Páscoa no primeiro domingo sucessivo ao primeiro plenilunio da primavera. LE GOFF, Jacques. Calendário. Op.Cit., p.262.

31 No *Almanach do Ceará para 1900*, o tópico Eclipses traz informações objetivas e resumidas: "Neste ano de 1900 haverá dois eclipses do sol e um da lua. Do sol, um total a 27 e 28 de Maio; outro anular a 21 de Novembro, ambos invisíveis para o Brasil". *Almanach Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará para 1900*, Op.Cit., p.II.

32 *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará para o ano de 1873*. Fortaleza: Editor João Baptista Pereira, 1873, p.02. Acervo FBN (RJ).

> Ora, desde que o Almanach dos nossos dias começou a pleitear as primazias com a Folhinha dos nossos bisavós, entrou nos usos, e constituiu costume, esta balda de pedir ao Almanach o prognóstico do ano. E o Almanach entrou assim numa concorrência desleal com as bruxas, com os chiromantes e os com mediums. (...)[33].

Ao invocar a Folhinha dos bisavós, Alfredo Mesquita faz referência aos usos da astrologia na história do Calendário de Almanaque, uma ligação vista desde as origens do gênero. Praticada por sábios e monarcas, a astrologia era aceita como "ciência certa e útil", mas não deveria, no entanto, "invadir os terrenos da religião oficial"[34]. Almanaques com tópicos de astrologia são vistos com enorme sucesso entre os leitores de diversos tempos[35]. A aceitação é tanta que chega aos dias atuais, a exemplo de *O Verdadeiro Almanaque Borda d´Água*[36], de Lisboa, ou do brasileiro *Almanaque do Pensamento*[37], ambos ainda em circulação.

A crítica à predição do tempo, no texto de Alfredo Mesquita do *Almanach Illustrado do Brasil – Portugal* para o ano de 1903, revela um aumento do interesse por esse tipo de conteúdo no início do século XX, acompanhando a tendência de especialização dos Almanaques. Na velocidade dos novos tempos, a vida exige que se saiba um pouco de tudo, "até aquilo que não sabe", isto é, o futuro. Com ironia e humor, Alfredo Mesquita diz que o tema de bruxas e médiuns foi bem assimilado pelos Almanaques, que acompanham a imaginação "audaciosa dos homens".

> Mas, na avidez insaciável de tudo saber e de tudo conhecer, o Homem, avido e insaciável, quis que o Almanach lhe dissesse mais, lhe fizesse saber mais. O Homem quiz chegar a saber, por meio do Almanach, *aquilo*

33 *Almanach Illustrado do Brasil – Portugal para o ano de 1903.* Lisboa: Typ. Da Companhia Nacional Editora, s/a. p.p.05-09, p.07. Acervo IEB.

34 CORREIA, J.D.P e GUERREIRO, M.V. Almanaques ou a sabedoria e as Tarefas do Tempo. Op.Cit. p.49.

35 Como demonstra FERREIRA, Juliana Mesquita Hidalgo. Propaganda e crítica social nas cronologias dos almanaques astrológicos durante a Guerra Civil inglesa no século XVII. In Revista Brasileira de História – História de Gênero. São Paulo: Anpuh, vol.27, nº54, jul.-dez., 2007, pp.197-218.

36 Editado desde 1929 pela Editorial Minerva, de Lisboa, O Verdadeiro Almanaque Borda D´Água chega ao ano de 2009 mantendo a mesma diagramação e formato de folheto, em que o próprio leitor faz o corte das dobras das páginas. Apresenta-se como "reportório útil a toda gente". Contém dados astronômicos, religiosos, a Folhinha do calendário, o Juizo do Ano e a Astrologia, além de outras "indicações úteis". C.f *O Verdadeiro Almanaque Borda D´Água para 2000*. Lisboa: Editorial Minerva, s/a.

37 O Almanaque do pensamento chega ao ano de 2010 a sua 98ª edição ininterrupta, se apresentando como "o mais completo guia astrológico". *Almanaque do Pensamento 2010*. São Paulo: Pensamento Editora, 2010.

> *que não sabe!*
> E o Almanach, espicaçado nos seus brios, não querendo ficar aquem da imaginação audaciosa do Homem, que tanto quis, deitou-se a adivinhar. E à frente das suas páginas, com o seu oculo de astrologo, a sua vassoura de bruxa, a sua phantasia de chiromante, e a sua intrujice de médium, começou a ler nos astros, a adivinhar nas cartas, a vaticinar nas palmas das mãos, a interrogar os mortos - e fez o Juizo do Anno[38].

O autor faz referência ao que considera prática "charlatanesca" em alguns dos Almanaques em circulação. Publicações que incorporam a lógica e os sinais da aceleração do tempo. "E houve pressa, muita pressa, uma grande pressa. Pressa de viver, pressa de gosar, pressa de saber", diz. A pressa leva à urgência e a vida se torna luta. Aqueles que mais sabem, mais depressa vencem. O progresso, tão festejado na virada do século XIX para o XX, aparece aqui com suas consequências:

> A essa pressa, a esta ancia, a esta vertigem, chamaram os inglezes – a luta pela vida, *The struggle for life*. E é bem assim. A vida tornou-se uma lucta.
> O progresso incessante das Sciencias estimula e avigora esta lucta, que se tornou renhida. Quem mais sabe, mais depressa vence. A ignorancia deixou de ser atrevida. Hoje em dia, até para ser ignorante, é preciso sabêl-o ser. D´aquelle que sabe sêl-o é que toda a gente diz: que é gajo muito sabido...
> Por isso, é preciso saber. Saber muito. Saber tudo. Saber mais ainda![39]

Para Alfredo Mesquita, frente a essa necessidade urgente de conhecimento rápido, se inventou o Almanaque moderno. A publicação traduz e busca atender a uma ânsia por conhecimento, ao longo das seções, incluindo também o Calendário. A Folhinha antiga, lembrada pelo autor, como modesta e sem pretensões, correspondia às necessidades de um tempo mais lento, com pouco saber exigido. "Mas os tempos mudam, e tudo muda com os tempos". Ao chegar ao século XX, o Calendário está com uma quantidade e diversidade maior de conteúdos. O tempo aparece múltiplo, exposto com humor pelo autor no exagero de seis Calendários:

38 *Almanach Illustrado do Brasil – Portugal para o ano de 1903.* Op.Cit., p.09.
39 Idem, p.08.

> A velha Folhinha era uma modesta amiga sem pretensões, serviçal e fiel, que a toda a gente apontava, a troco d´uma pobre moeda, os dias dos meses, os nomes dos santos, as festas e os feriados, as luas e os jejuns. Era uma coisa que limitadamente correspondia às necessidades do tempo, que não eram muitas. Bom tempo esse em que cada qual se contentava com saber em que dia do ano cairia a Paschoa, ou a quantos de Maio seria o Corpo de Deus!
>
> Mas os tempos mudam, e tudo muda com os tempos. (...)
>
> Em matéria de Calendário, o Almanach moderno sorri, desdenhoso não, mas complacente, da Folhinha antiga, que se contentava em dar-nos o nosso calendário. O Almanach moderno, que se presa, dá-nos, pelo menos, seis calendários: o calendário gregoriano, o calendário cophta, o calendário mulsumano, o calendário chinez, o calendário perpétuo. É uma maravilha![40]

O texto abre o *Almanach Illustrado do Brasil – Portugal para o ano de 1903* e, com humor, faz uma crítica precisa aos concorrentes, diferenciando a própria publicação de outras que circulavam no período. Usa do humor para falar do gênero Almanaque, que foi agregando mais informações ao longo do tempo, segundo apreciação do autor. Assim também faz o *Almanach Brasileiro Ilustrado para 1881*, editado no Rio de Janeiro. No texto "Almanach em Miniatura" transforma em paródia as marcações do tempo esperadas a cada edição. As seções do Calendário recebem definições originais, com forte viés satírico.

Nesse Almanach, editado no Rio de Janeiro, as Letras dominicais se transformam nas publicações que circulam aos domingos; o Número áureo é o que obtiver 100 contos de réis no resultado da loteria e os Eclipses são os depósitos públicos e particulares que aparecem e desaparecem, aludindo aos pouco confiáveis políticos e suas práticas de corrupção. Já o Juízo do ano...

> *Juizo do ano* – quando ele terminar, nós o julgaremos, porque já ninguém se fia em programas antecipados.
>
> *Lettras dominicaes* – As dos periódicos domingueiros.
>
> *Aureo numero* – Numero aureo ou de ouro é o que obtiver os 100 contos

40 Idem, Ibidem.

da ultima loteria do ano.

Festas moveis – A ascensão e a desaparição das nossas maiores sumidades politicas.

Eclipses – Eclipses totais e parciais de tantos e mais quantos dos depositos publicos e particulares.

Cousas capazes de fazer um inglez perder o serio: *As cocegas*.

Artigo festivo – O Domingo.

Artigos de todos os generos – O, a, o.

Annuncios chronicos – Aluga-se e vende-se[41];

O ano, unidade fundamental do Calendário, tornou-se a medida da vida humana[42]. É também medida referencial do Almanaque, onde aparece desde os títulos, por mais que se diferenciem nos temas: *Almanach Brazileiro Ilustrado para o ano de 1881*; *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará para o ano de 1870*; *Almanach Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará para o ano de 1900*. A constituição e divisão do ano aparecem de forma evidente nas Folhinhas do Calendário, outra seção comum a todos os Almanaques estudados.

O tempo do céu encontra com o tempo da terra

O tempo é dividido em talhões impressos: cada mês com uma página. Tempo que se torna tanto visível, quanto palpável. Nas Folhinhas do Calendário, os santos, as festas, as estações, os dias de trabalho e descanso passam e retornam, a cada ano, em um tempo cíclico, que se repete, a cada edição de Almanaque.

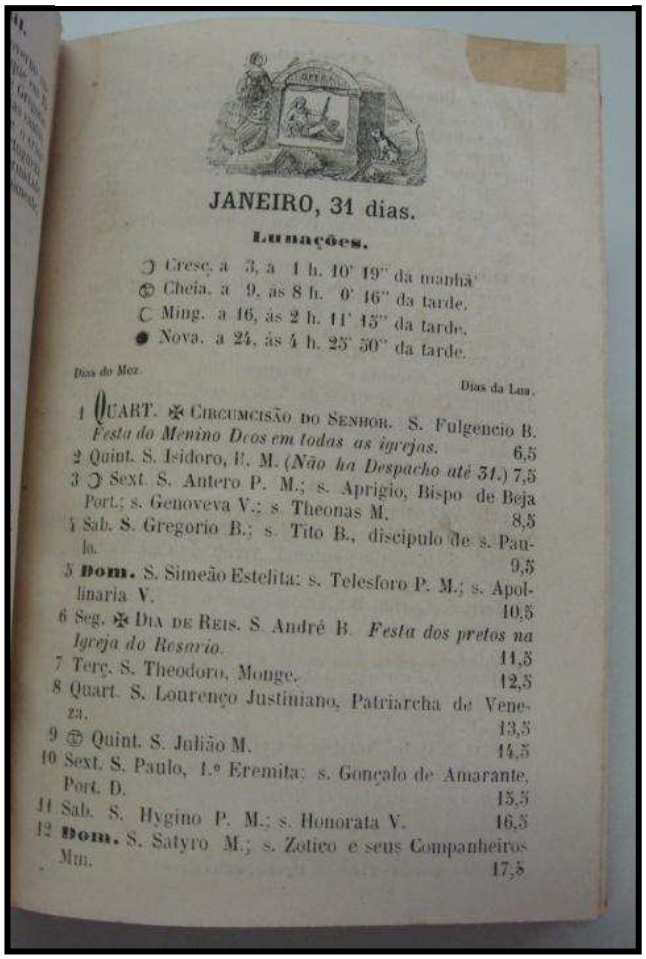
Nota-se que um modelo padrão de Folhinha é utilizado em diversos Almanaques editados na década de 1870[43], com algumas adaptações na diagramação e no conteúdo, como a inclusão de informações locais. No alto da Folhinha do *Almanak do Ceará para 1870*, uma ilustração é seguida do nome e número de dias no mês, lunações, correspondência dos dias na semana, indicações religiosas e, em menor número, civis.

41 *Almanach Brazileiro Ilustrado para 1881*. Typ. do Brasil Catholico, 1880, p.151.

42 LE GOFF, Jacques. Calendário. Op.Cit., p.276. Do ponto de vista do Calendário, o ano é, sobretudo, a sucessão das estações, e logo do trabalho e das festas. Nas sociedades modernas, a importância do ano pode ser vista em diversos exemplos. Os demógrafos calculam em anos a esperança de vida; o dia do aniversário natalício tornou-se uma ocorrência significativa na vida individual e familiar.

43 Analisando os títulos que tiveram circulação no Ceará no período em torno do ano de 1870, observa-se um modelo padrão de Folhinha do Calendário. Além das edições de 1870 e 1873 do *Almanak do Ceará*, fazem parte dessa afirmação o *Almanaque de Lembranças Brazileiras para 1868*, editado em São Luiz do Maranhão, o *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para 1870*, editado em Lisboa, o *Almanaque Laemmert para 1870* e o *Almanach Brasileiro Ilustrado para 1881*, ambos editados no Rio de Janeiro.

Almanach de Lembranças Brazileiras para o ano de 1868. Acervo IEB (SP).



JANEIRO, 31 dias.

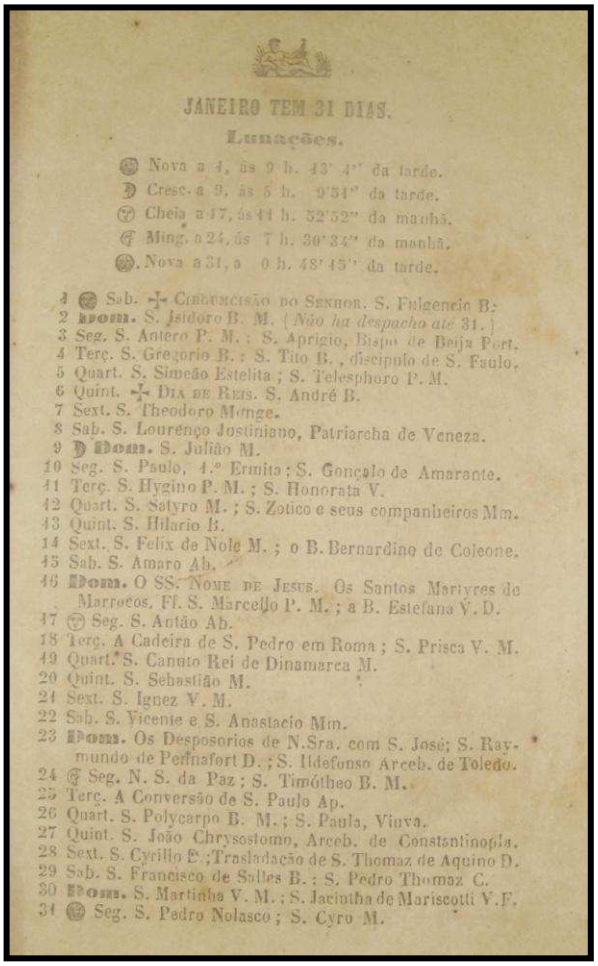
Lunações.

☽ Cresc. a 3, às 1 h. 10' 19" da manhã
☉ Cheia. a 9, às 8 h. 0' 16" da tarde.
☾ Ming. a 16, às 2 h. 11' 15" da tarde.
● Nova. a 24, às 4 h. 25' 50" da tarde.

Dias do Mez. | Dias da Lua.

1 QUART. ✠ CIRCUMCISÃO DO SENHOR. S. Fulgencio B. *Festa do Menino Deos em todas as igrejas.* 6,5
2 Quint. S. Isidoro, B. M. (*Não ha Despacho até 31.*) 7,5
3 ☽ Sext. S. Antero P. M.; s. Aprigio, Bispo de Beja Port.; s. Genoveva V.; s. Theonas M. 8,5
4 Sab. S. Gregorio B.; s. Tito B., discipulo de s. Paulo. 9,5
5 **Dom.** S. Simeão Estelita; s. Telesforo P. M.; s. Apollinaria V. 10,5
6 Seg. ✠ DIA DE REIS. S. André B. *Festa dos pretos na Igreja do Rosario.* 11,5
7 Terç. S. Theodoro, Monge. 12,5
8 Quart. S. Lourenço Justiniano, Patriarcha de Veneza. 13,5
9 ☉ Quint. S. Julião M. 14,5
10 Sext. S. Paulo, 1.º Eremita; s. Gonçalo de Amarante, Port. D. 15,5
11 Sab. S. Hygino P. M.; s. Honorata V. 16,5
12 **Dom.** S. Satyro M.; s. Zotico e seus Companheiros Mm. 17,5

Almanak do Ceará para o ano de 1870. Acervo Instituto do Ceará (CE).



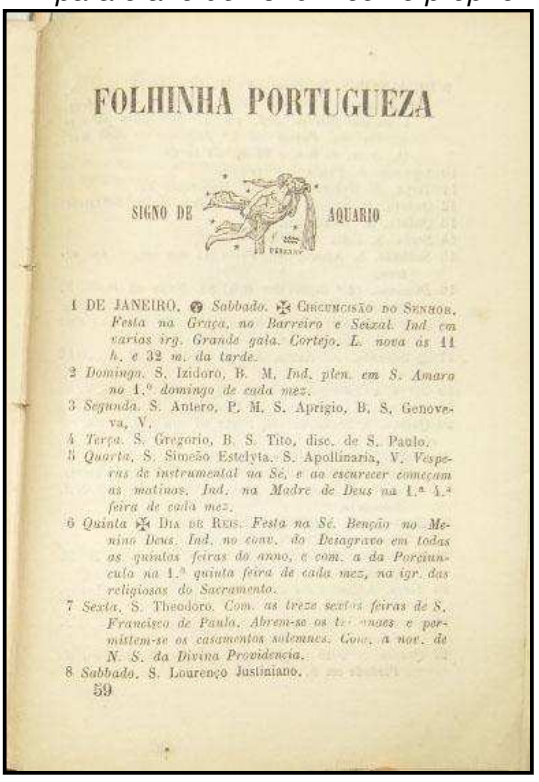
JANEIRO TEM 31 DIAS.

Lunações.

Nova a 4, às 9 h. 43' 4" da tarde.
Cresc. a 9, às 5 h. 9'54" da tarde.
Cheia a 17, às 11 h. 52'52" da manhã.
Ming. a 24, às 7 h. 30'34" da manhã.
Nova a 31, a 0 h. 48'45" da tarde.

1 Sab. ✠ CIRCUMCISÃO DO SENHOR. S. Fulgencio B.
2 **Dom.** S. Isidoro B. M. (*Não ha despacho até 31.*)
3 Seg. S. Antero P. M.; S. Aprigio, Bispo de Beja Port.
4 Terç. S. Gregorio B.; S. Tito B., discipulo de S. Paulo.
5 Quart. S. Simeão Estelita; S. Telesphoro P. M.
6 Quint. ✠ DIA DE REIS. S. André B.
7 Sext. S. Theodoro Monge.
8 Sab. S. Lourenço Justiniano, Patriarcha de Veneza.
9 **Dom.** S. Julião M.
10 Seg. S. Paulo, 1.º Ermita; S. Gonçalo de Amarante.
11 Terç. S. Hygino P. M.; S. Honorata V.
12 Quart. S. Satyro M.; S. Zotico e seus companheiros Mm.
13 Quint. S. Hilario B.
14 Sext. S. Felix de Nole M.; o B. Bernardino de Coleone.
15 Sab. S. Amaro Ab.
16 **Dom.** O SS. NOME DE JESUS. Os Santos Martyres de Marrocos. Ff. S. Marcello P. M.; a B. Estefana V. D.
17 Seg. S. Antão Ab.
18 Terç. A Cadeira de S. Pedro em Roma; S. Prisca V. M.
19 Quart. S. Canuto Rei de Dinamarca M.
20 Quint. S. Sebastião M.
21 Sext. S. Ignez V. M.
22 Sab. S. Vicente e S. Anastacio Mm.
23 **Dom.** Os Desposorios de N.Sra. com S. José; S. Raymundo de Perafort D.; S. Ildefonso Arceb. de Toledo.
24 Seg. N. S. da Paz; S. Timótheo B. M.
25 Terç. A Conversão de S. Paulo Ap.
26 Quart. S. Polycarpo B. M.; S. Paula, Viuva.
27 Quint. S. João Chrysostomo, Arceb. de Constantinopla.
28 Sext. S. Cyrillo E.; Trasladação de S. Thomaz de Aquino D.
29 Sab. S. Francisco de Salles B.; S. Pedro Thomaz C.
30 **Dom.** S. Martinha V. M.; S. Jacintha de Mariscotti V. F.
31 Seg. S. Pedro Nolasco; S. Cyro M.

Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1870. Acervo próprio.



FOLHINHA PORTUGUEZA

SIGNO DE AQUARIO

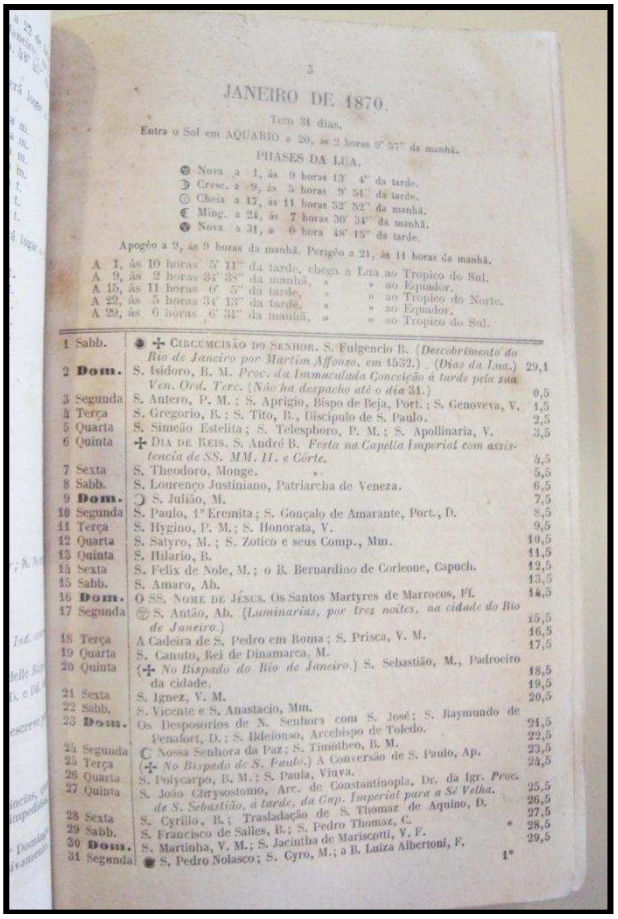
1 DE JANEIRO, ☾ *Sabbado.* ✠ CIRCUNCISÃO DO SENHOR. *Festa na Graça, no Barreiro e Seixal. Ind. em varias irg. Grande gala. Cortejo. L. nova ás 11 h. e 32 m. da tarde.*
2 *Domingo.* S. Izidoro, B. M. *Ind. plen. em S. Amaro no 1.º domingo de cada mez.*
3 *Segunda.* S. Antero, P. M. S. Aprigio, B. S. Genoveva, V.
4 *Terça.* S. Gregorio, B. S. Tito, disc. de S. Paulo.
5 *Quarta.* S. Simeão Estelyta. S. Apollinaria, V. *Vesperas de instrumental na Sé, e ao escurecer começam as matinas. Ind. na Madre de Deus na 1.ª 4.ª feira de cada mez.*
6 *Quinta* ✠ DIA DE REIS. *Festa na Sé. Benção no Menino Deus. Ind. no conv. do Desagravo em todas as quintas feiras do anno, e com. a da Porciuncula na 1.ª quinta feira de cada mez, na igr. das religiosas do Sacramento.*
7 *Sexta.* S. Theodoro. *Com. as treze sextas feiras de S. Francisco de Paulo. Abrem-se os tri- nanos e permittem-se os casamentos solemnes. Com. a nov. de N. S. da Divina Providencia.*
8 *Sabbado.* S. Lourenço Justiniano.

59

Imagem 02 – Folhinhas de janeiro do Calendário do *Almanach de Lembranças Brazileiras para o ano de 1868; Almanak do Ceará para o ano de 1870; Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1870.*

Almanak Laemmert para o ano de 1870.

Acervo BPGMP (CE).



3

JANEIRO DE 1870.

Tem 31 dias.

Entra o Sol em AQUARIO a 20, ás 2 horas 5' 57" da manhã.

PHASES DA LUA.

Nova a 1, ás 9 horas 13' 4" da tarde.
Cresc. a 9, ás 5 horas 9' 54" da tarde.
Cheia a 17, ás 11 horas 52' 52" da manhã.
Ming. a 24, ás 7 horas 30' 34" da manhã.
Nova a 31, a 6 hora 48' 15" da tarde.

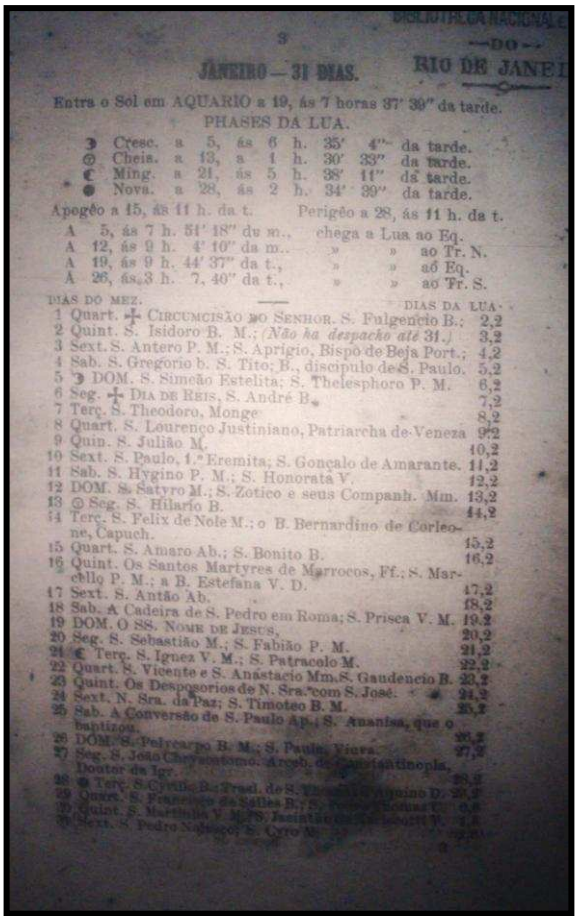
Apogêo a 9, ás 9 horas da manhã. Perigêo a 21, ás 11 horas da manhã.

A 1, ás 10 horas 5' 11" da tarde, chega a Lua ao Tropico do Sul.
A 9, ás 2 horas 34' 38" da manhã, » » ao Equador.
A 15, ás 11 horas 0' 5" da tarde, » » ao Tropico do Norte.
A 22, ás 5 horas 34' 13" da tarde, » » ao Equador.
A 29, ás 6 horas 6' 31" da manhã, » » ao Tropico do Sul.

1 Sabb.	✢ CIRCUMCISÃO DO SENHOR. S. Fulgencio B. (*Descobrimento do Rio de Janeiro por Martim Affonso, em 1532.*) (*Dias da Lua.*)	29,1
2 **Dom.**	S. Isidoro, B. M. *Proc. da Immaculada Conceição á tarde pela sua Ven. Ord. Terc.* (*Não ha despacho até o dia 31.*)	0,5
3 Segunda	S. Antero, P. M.; S. Aprigio, Bispo de Beja, Port.; S. Genoveva, V.	1,5
4 Terça	S. Gregorio, B.; S. Tito, B., Discipulo de S. Paulo.	2,5
5 Quarta	S. Simeão Estelita; S. Telesphoro, P. M.; S. Apollinaria, V.	3,5
6 Quinta	✢ DIA DE REIS. S. André B. *Festa na Capella Imperial com assistencia de SS. MM. II. e Côrte.*	4,5
7 Sexta	S. Theodoro, Monge.	5,5
8 Sabb.	S. Lourenço Justiniano, Patriarcha de Veneza.	6,5
9 **Dom.**	☽ S. Julião, M.	7,5
10 Segunda	S. Paulo, 1º Eremita; S. Gonçalo de Amarante, Port., D.	8,5
11 Terça	S. Hygino, P. M.; S. Honorata, V.	9,5
12 Quarta	S. Satyro, M.; S. Zotico e seus Comp., Mm.	10,5
13 Quinta	S. Hilario, B.	11,5
14 Sexta	S. Felix de Nole, M.; o B. Bernardino de Corleone, Capuch.	12,5
15 Sabb.	S. Amaro, Ab.	13,5
16 **Dom.**	O SS. NOME DE JÉSUS. Os Santos Martyres de Marrocos, Ff.	14,5
17 Segunda	◎ S. Antão, Ab. (*Luminarias, por tres noites, na cidade do Rio de Janeiro.*)	15,5
18 Terça	A Cadeira de S. Pedro em Roma; S. Prisca, V. M.	16,5
19 Quarta	S. Canuto, Rei de Dinamarca, M.	17,5
20 Quinta	(✢ *No Bispado do Rio de Janeiro.*) S. Sebastião, M., Padroeiro da cidade.	18,5
21 Sexta	S. Ignez, V. M.	19,5
22 Sabb.	S. Vicente e S. Anastacio, Mm.	20,5
23 **Dom.**	Os Desposorios de N. Senhora com S. José; S. Raymundo de Penafort, D.; S. Ildefonso, Arcebispo de Toledo.	21,5
24 Segunda	☾ Nossa Senhora da Paz; S. Timotheo, B. M.	22,5
25 Terça	(✢ *No Bispado de S. Paulo.*) A Conversão de S. Paulo, Ap.	23,5
26 Quarta	S. Polycarpo, B. M.; S. Paula, Viuva.	24,5
27 Quinta	S. João Chrysostomo, Arc. de Constantinopla, Dr. da Igr. *Proc. de S. Sebastião, á tarde, da Cap. Imperial para a Sé Velha.*	25,5
28 Sexta	S. Cyrillo, B.; Trasladação de S. Thomaz de Aquino, D.	26,5
29 Sabb.	S. Francisco de Salles, B.; S. Pedro Thomaz, C.	27,5
30 **Dom.**	S. Martinha, V. M.; S. Jacintha de Mariscotti, V. F.	28,5
31 Segunda	● S. Pedro Nolasco; S. Cyro, M.; a B. Luiza Albertoni, F.	29,5
		1°

Almanak do Ceará para o ano de 1873.

Acervo Obras Raras FBN (RJ).



3

JANEIRO — 31 DIAS.

—DO—

RIO DE JANEI

Entra o Sol em AQUARIO a 19, ás 7 horas 37' 39" da tarde.

PHASES DA LUA.

☽ Cresc. a 5, ás 6 h. 35' 4"- da tarde.
◎ Cheia a 13, a 1 h. 30' 33" da tarde.
☾ Ming. a 21, ás 5 h. 38' 11" da tarde.
● Nova. a 28, ás 2 h. 34' 39" da tarde.

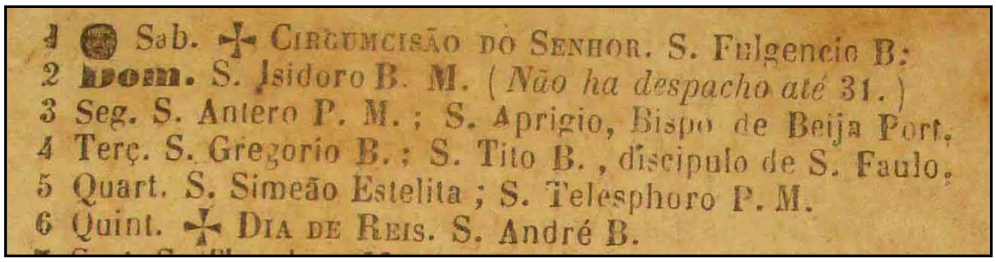
Apogêo a 15, ás 11 h. da t. Perigêo a 28, ás 11 h. da t.

A 5, ás 7 h. 51' 18" da m., chega a Lua ao Eq.
A 12, ás 9 h. 4' 10" da m.. » » ao Tr. N.
A 19, ás 9 h. 44' 37" da t., » » ao Eq.
A 26, ás 3 h. 7, 40" da t., » » ao Tr. S.

DIAS DO MEZ.	DIAS DA LUA.
1 Quart. ✢ CIRCUMCISÃO DO SENHOR. S. Fulgencio B.;	2,2
2 Quint. S. Isidoro B. M.; (*Não ha despacho até 31.*)	3,2
3 Sext. S. Antero P. M.; S. Aprigio, Bispo de Beja Port.;	4,2
4 Sab. S. Gregorio b. S. Tito; B., discipulo de S. Paulo.	5,2
5 ☽ DOM. S. Simeão Estelita; S. Thelesphoro P. M.	6,2
6 Seg. ✢ DIA DE REIS, S. André B.	7,2
7 Terç. S. Theodoro, Monge.	8,2
8 Quart. S. Lourenço Justiniano, Patriarcha de Veneza	9,2
9 Quin. S. Julião M.	10,2
10 Sext. S. Paulo, 1.° Eremita; S. Gonçalo de Amarante.	11,2
11 Sab. S. Hygino P. M.; S. Honorata V.	12,2
12 DOM. S. Satyro M.; S. Zotico e seus Companh. Mm.	13,2
13 ◎ Seg. S. Hilario B.	14,2
14 Terç. S. Felix de Nole M.; o B. Bernardino de Corleone, Capuch.	15,2
15 Quart. S. Amaro Ab.; S. Bonito B.	16,2
16 Quint. Os Santos Martyres de Marrocos, Ff.; S. Marcello P. M.; a B. Estefana V. D.	17,2
17 Sext. S. Antão Ab.	18,2
18 Sab. A Cadeira de S. Pedro em Roma; S. Prisca V. M.	19,2
19 DOM. O SS. NOME DE JESUS,	20,2
20 Seg. S. Sebastião M.; S. Fabião P. M.	21,2
21 ☾ Terç. S. Ignez V. M.; S. Patracolo M.	22,2
22 Quart. S. Vicente e S. Anastacio Mm. S. Gaudencio B.	23,2
23 Quint. Os Desposorios de N. Sra. com S. José.	24,2
24 Sext. N. Sra. da Paz; S. Timoteo B. M.	25,2
25 Sab. A Conversão de S. Paulo Ap.; S. Ananisa, que o baptizou.	26,2
26 DOM. S. Policarpo B. M.; S. Paula Viuva.	27,2
27 Seg. S. João Chrysostomo, Arceb. de Constantinopla, Doutor da Igr.	
28 ● Terç. S. Cyrillo B. Trasl. de S. Thomaz de Aquino D.	28,2
29 Quart. S. Francisco de Salles B.;	29,2
30 Quint. S. Martinha V. M.; S. Jacintha de Mariscotti V. F.	0,2
31 Sext. S. Pedro Nolasco; S. Cyro M.	1,2

Imagem 03 – Folhinhas de janeiro do Calendário do *Almanak Laemmert para o ano de 1870 e Almanak do Ceará para o ano de 1873.*

Ao longo da página, estão os santos a serem festejados, organizados em uma "hierarquia celeste" explicada por meio de códigos familiares aos leitores: beatos (B), santos de guarda (+); mártir (M), santos das ordens franciscanas (F e Ff), do Carmo (C), de São Domingos (D e Dd), Santo Agostinho (A e Aa). Mas os santos se misturam com a vida civil. No *Almanak do Ceará para 1870*, em alguns dias da Folhinha, há indicações sobre a administração pública, diferenciada com a marca tipográfica do itálico. Como no dia dois de janeiro, domingo. Após Santo Isidoro, beato (B) e mártir (M), a informação: *Não há despacho até 31*.


1 Sab. ✝ Circumcisão do Senhor. S. Fulgencio B:
2 Dom. S. Isidoro B. M. (*Não ha despacho até 31.*)
3 Seg. S. Antero P. M.; S. Aprigio, Bispo de Beija Port.
4 Terç. S. Gregorio B.; S. Tito B., discipulo de S. Paulo.
5 Quart. S. Simeão Estelita; S. Telesphoro P. M.
6 Quint. ✝ Dia de Reis. S. André B.

A tentativa de harmonizar o ano da Terra não se fez ausente de disputas nas Folhinhas, já que a Igreja estabeleceu para cada dia do ano, um santo. Mas os dias são limitados a 365, "enquanto no céu vivem milhares de santos, decerto"[44]. E se há mais santos do que dias, é preciso escolher: uns são evidenciados, outros não serão lembrados. Às vezes, dois ou três tiveram que ser "empurrados" pela Igreja, "com reverência, mas com força, para dentro do mesmo dia". A lógica dos homens comuns serve também aos santificados: os que estão no Calendário (ou no Almanaque, para os homens) formam uma aristocracia celeste. "Outros milhares constituem a divina plebe, que está no Céu sem estar no Calendário, que nós ignoramos, mas, que Deus conhece, e a quem talvez redobradamente ama pela sua obscuridade tocante", sugere Eça de Queiroz[45].

Para não restar dúvidas, o *Almanak do Ceará para 1870* oferece aos leitores um conteúdo suplementar à Folhinha, contendo a instrução que ordena os Dias Santos no Brasil, a partir das orientações da Igreja Católica. Ainda no começo do ano de 1852, o Governo Imperial solicitou à Santa Sé uma Breve, instrução do pontífice, "semelhante ao que em 14 de junho de 1844 concedeu o Santíssimo Padre Gregório XVI ao Reino de

44 QUEIROZ, Eça. Almanaques. Op.Cit., p.496.
45 Idem, Ibidem.

Portugal, dispensando alguns dias santos, que ainda eram de guarda no Império"[46].

Nota-se que nas publicações para o ano de 1870 se fazia necessário divulgar, e assim unificar, os dias santos no Brasil. O mesmo texto da publicação cearense é visto no *Almanach de Lembranças Brasileiras para 1868*, editado no Maranhão. Provavelmente, por essas informações ainda despertarem dúvidas e confusões, ou ainda outros santos de tradição local serem preferidos aos da lista da Igreja para o Brasil. Não era para menos a atenção no tema. Os dias santificados influenciavam (como ainda hoje influenciam mesmo que em menor proporção) as atividades administrativas, mercantis e industriais. Indicam o calendário de rituais a serem realizados durante o ano, que deveria ser, oficialmente, o mesmo em todo País.

Na mesma página do *Almanak do Ceará para 1870* com a ordenação dos Dias Santos no Brasil, estão os Dias de audiência e seções dos tribunais e juízes superiores. Separados em tópicos, os santos ganham precedência aos juízes. O tópico dos feriados religiosos ocupa mais de dois terços da página, oferecendo indícios do que é mais importante saber, por ter mais influência nos dias do ano, segundo o Almanaque.

A mesma diagramação e conteúdo são encontrados no *Almanach de Lembranças Brasileiras para 1868*, editado no Maranhão, confirmando que havia um interesse em difundir a norma e assim instaurar uma oficialidade. Tanto no Ceará, quanto no Maranhão, e provavelmente em outras províncias, o Almanaque foi veículo para difundir o calendário com os dias santos considerados feriados para o Brasil.

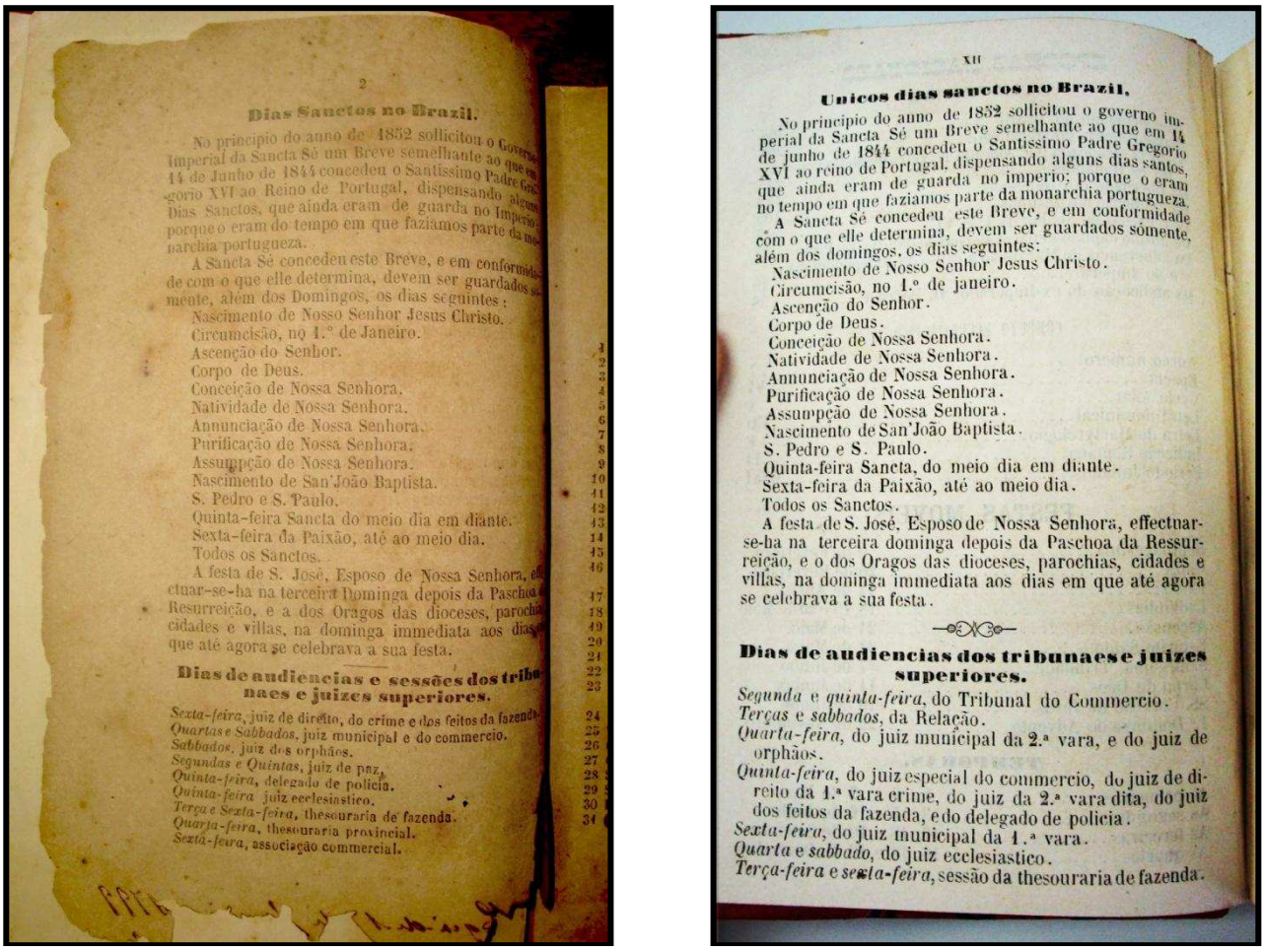
Assim mostram as imagens a seguir que circularam em um período muito aproximado. A segunda página do Calendário do *Almanak do Ceará para o ano de 1870* informa sobre os dias santos considerados feriados no Brasil, seguida dos dias de funcionamento do Judiciário no Ceará, com "audiências e sessões dos tribunais e juízes superiores". O mesmo conteúdo e composição são vistos na página doze do *Almanach de Lembranças Brazileiras de 1868*, editado no Maranhão. Embora com diferenciações tipográficas, seguem um mesmo padrão de composição da página e divulgam o mesmo texto em relação aos feriados no Brasil.

Mais do que semelhanças, as imagens revelam conexões entre os Almanaques, mostrando influências entre os dois, ou entre estes e uma terceira publicação que oferecia o mesmo modelo. Também revela um interesse em difundir o tempo oficial, regulamentado pelo Império e a Igreja, nas Províncias.

46 *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará para o ano de 1870*. Fortaleza: Typographia de O. Colás, 1870, p.02. Acervo Instituto do Ceará.

Almanak do Ceará para o ano de 1870. Acervo Instituto do Ceará.

Almanach de Lembranças Brasileiras de 1868. Acervo IEB (SP).



2

Dias Sanctos no Brazil.

No principio do anno de 1852 sollicitou o Governo Imperial da Sancta Sé um Breve semelhante ao que em 14 de Junho de 1844 concedeu o Santissimo Padre Gregorio XVI ao Reino de Portugal, dispensando alguns Dias Sanctos, que ainda eram de guarda no Imperio porque o eram do tempo em que faziamos parte da monarchia portugueza.

A Sancta Sé concedeu este Breve, e em conformidade com o que elle determina, devem ser guardados sómente, além dos Domingos, os dias seguintes:

Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo.
Circumcisão, no 1.º de Janeiro.
Ascenção do Senhor.
Corpo de Deus.
Conceição de Nossa Senhora.
Natividade de Nossa Senhora.
Annunciação de Nossa Senhora.
Purificação de Nossa Senhora.
Assumpção de Nossa Senhora.
Nascimento de San'João Baptista.
S. Pedro e S. Paulo.
Quinta-feira Sancta do meio dia em diante.
Sexta-feira da Paixão, até ao meio dia.
Todos os Sanctos.

A festa de S. José, Esposo de Nossa Senhora, effectuar-se-ha na terceira Dominga depois da Paschoa da Resurreição, e a dos Oragos das dioceses, parochias, cidades e villas, na dominga immediata aos dias em que até agora se celebrava a sua festa.

Dias de audiencias e sessões dos tribunaes e juizes superiores.

Sexta-feira, juiz de direito, do crime e dos feitos da fazenda.
Quartas e Sabbados, juiz municipal e do commercio.
Sabbados, juiz dos orphãos.
Segundas e Quintas, juiz de paz,
Quinta-feira, delegado de policia.
Quinta-feira juiz ecclesiastico.
Terça e Sexta-feira, thesouraria de fazenda.
Quarta-feira, thesouraria provincial.
Sexta-feira, associação commercial.

XII

Unicos dias sanctos no Brazil.

No principio do anno de 1852 sollicitou o governo imperial da Sancta Sé um Breve semelhante ao que em 14 de junho de 1844 concedeu o Santissimo Padre Gregorio XVI ao reino de Portugal, dispensando alguns dias santos, que ainda eram de guarda no imperio; porque o eram no tempo em que faziamos parte da monarchia portugueza.

A Sancta Sé concedeu este Breve, e em conformidade com o que elle determina, devem ser guardados sómente, além dos domingos, os dias seguintes:

Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo.
Circumcisão, no 1.º de janeiro.
Ascenção do Senhor.
Corpo de Deus.
Conceição de Nossa Senhora.
Natividade de Nossa Senhora.
Annunciação de Nossa Senhora.
Purificação de Nossa Senhora.
Assumpção de Nossa Senhora.
Nascimento de San'João Baptista.
S. Pedro e S. Paulo.
Quinta-feira Sancta, do meio dia em diante.
Sexta-feira da Paixão, até ao meio dia.
Todos os Sanctos.

A festa de S. José, Esposo de Nossa Senhora, effectuar-se-ha na terceira dominga depois da Paschoa da Ressurreição, e o dos Oragos das dioceses, parochias, cidades e villas, na dominga immediata aos dias em que até agora se celebrava a sua festa.

Dias de audiencias dos tribunaes e juizes superiores.

Segunda e quinta-feira, do Tribunal do Commercio.
Terças e sabbados, da Relação.
Quarta-feira, do juiz municipal da 2.ª vara, e do juiz de orphãos.
Quinta-feira, do juiz especial do commercio, do juiz de direito da 1.ª vara crime, do juiz da 2.ª vara dita, do juiz dos feitos da fazenda, e do delegado de policia.
Sexta-feira, do juiz municipal da 1.ª vara.
Quarta e sabbado, do juiz ecclesiastico.
Terça-feira e sexta-feira, sessão da thesouraria de fazenda.

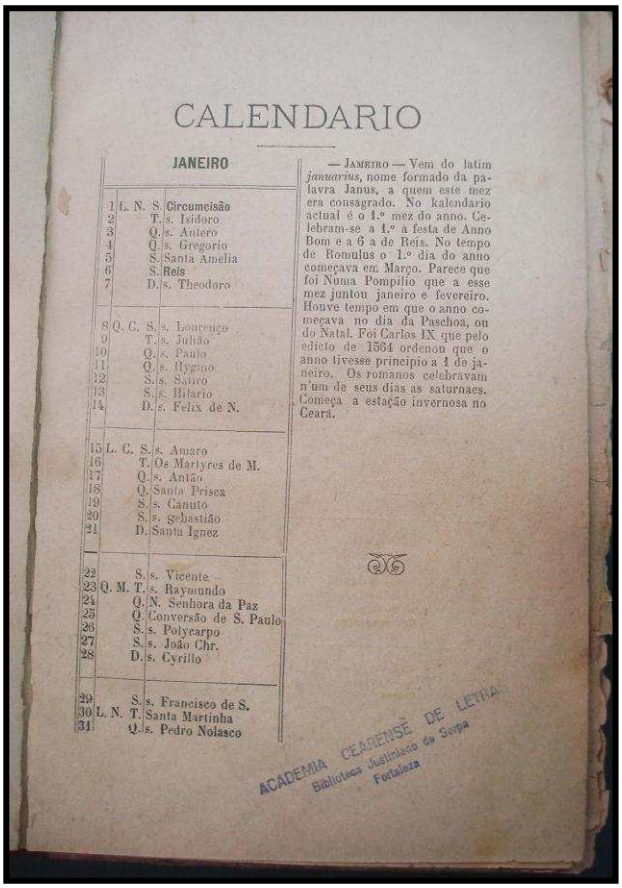
Imagem 04 – Página com os Dias Santos no Brasil: Almanak do Ceará para o ano de 1870 e Almanach de Lembranças Brasileiras de 1868.

Na observação do conjunto, um ponto merece atenção. O tempo civil está fundido ao religioso na Folhinha do Calendário dos Almanaques do Ceará da década de 1870. Em alguns momentos, são demarcadas as diferentes naturezas, a exemplo do uso de itálico para diferenciar os dias de despacho da administração pública dos nomes dos santos na Folhinha do Calendário, como dito anteriormente. Mas as informações estão misturadas formando um só corpo de texto. Refletem o período de relação entre o trono e o altar[47], quando os limites de atuação do Estado monárquico brasileiro e da Igreja Católica se confundiam. Limites que seriam questionados por segmentos do clero ao longo da década de 1870, com a autonomia da Igreja em relação ao Estado posta em xeque no episódio conhecido como Questão Religiosa.

47 Sobre relações entre oligarquias e a igreja católica no Ceará, C.f: MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. *O trono e o altar: vicissitudes do tradicionalismo no Ceará*, 1817-1978. Fortaleza, BNB, 1992.

Mais se avança para o século XX, é necessária a distinção entre os tempos civil e religioso. O Calendário do Almanaque continua com elementos de uma estrutura mantida por muitos séculos[48], como o próprio Computo Eclesiástico. Mas as publicações acompanham as exigências dos novos tempos, agora republicanos e com separação formal da Igreja e o Estado[49], mesmo que vista mais em forma que em conteúdo.

A Folhinha do *Almanach do Ceará para 1900* evidencia essa ideia, com os santos do dia de um lado, as indicações da vida civil e da História do outro. Ainda são mantidos na mesma página, no entanto, uma linha ao meio da folha tenta demarcar a separação.



CALENDARIO

JANEIRO

1	L. N.	S.	Circumcisão
2		T.	s. Isidoro
3		Q.	s. Antero
4		Q.	s. Gregorio
5		S.	Santa Amelia
6		S.	Reis
7		D.	s. Theodoro
8	Q. C.	S.	s. Lourenço
9		T.	s. Julião
10		Q.	s. Paulo
11		Q.	s. Hygino
12		S.	s. Satiro
13		S.	s. Hilario
14		D.	s. Felix de N.
15	L. C.	S.	s. Amaro
16		T.	Os Martyres de M.
17		Q.	s. Antão
18		Q.	Santa Prisca
19		S.	s. Canuto
20		S.	s. Sebastião
21		D.	Santa Ignez
22		S.	s. Vicente
23	Q. M.	T.	s. Raymundo
24		Q.	N. Senhora da Paz
25		Q.	Conversão de S. Paulo
26		S.	s. Polycarpo
27		S.	s. João Chr.
28		D.	s. Cyrillo
29		S.	s. Francisco de S.
30	L. N.	T.	Santa Martinha
31		Q.	s. Pedro Nolasco

— JANEIRO — Vem do latim *januarius*, nome formado da palavra Janus, a quem este mez era consagrado. No kalendario actual é o 1.º mez do anno. Celebram-se a 1.º a festa de Anno Bom e a 6 a de Reis. No tempo de Romulus o 1.º dia do anno começava em Março. Parece que foi Numa Pompilio que a esse mez juntou janeiro e fevereiro. Houve tempo em que o anno começava no dia da Paschoa, ou do Natal. Foi Carlos IX que pelo edicto de 1564 ordenou que o anno tivesse principio a 1 de janeiro. Os romanos celebravam n'um de seus dias as saturnaes. Começa a estação invernosa no Ceará.

ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS
Biblioteca Justiniano de Sepa
Fortaleza

Imagem 05 – Folhinha de janeiro do Calendário do Almanach do Ceará para o ano de 1900.
Acervo ACL (Ceará).

48 Encontram-se elementos em comum nos Calendários dos Almanaques desde o século XVII, comparando com pesquisa feita por Radich. A autora relaciona matérias que frequentemente ordenam o tempo em cada ano, constituindo o que seria um Calendário-padrão. Inicialmente, com "a grelha do tempo, os meses do ano, os dias do mês (ou apenas alguns), os dias da semana; depois e por vezes assumindo maior importância que os dias do mês, as fases da lua; o levantar e o pôr do sol". Também, de forma constante, os Calendários oferecem os marcos da vida religiosa: as grandes festas, os santos de cada dia, os jejuns, dias de bençãos matrimoniais; bem como da vida civil (dias de audiência nos tribunais, férias, por exemplo) e política. *RADICH, Maria Carlos. Almanaque, tempos e saberes. Op.Cit., p.36*

49 O Decreto nº 119-A, de 17 de janeiro de 1890, instaurou a separação entre a Igreja e o Estado.

Só que o tempo não é presa fácil e ultrapassa as marcas divisórias. Percorrendo as páginas do Calendário encontram-se e convivem diferentes temporalidades, que "superpõem-se e assimilam-se" umas às outras, "permitindo que se vislumbre, nessa dinâmica, épocas inteiras"[50]. Mostra disso está nos textos que acompanham cada mês da Folhinha do *Almanach do Ceará para 1900*:

> Janeiro – vem do latim *januarius*, nome formado da palavra Janus, a quem este mez era consagrado. No Kalendario actual é o 1º mez do ano. Celebram-se a 1º a festa de Ano Bom e a 6 a de Reis. No tempo de Romulus o 1º dia do ano começava em Março. Parece que foi Numa Pompilio que a esse mez juntou janeiro e fevereiro. Houve tempo em que o ano começava no dia da Pascoa, ou do Natal. Foi Carlos IX que pelo edicto de 1564 ordenou que o ano tivesse principio a 1 de janeiro. Os romanos celebravam num de seus dias as saturnaes. Começa a estação invernosa no Ceará[51].

Ao lado dos santos de cada dia, estão informações vindas de tradições das mais diversas relacionadas à contagem do tempo. Desde a etimologia das palavras, às informações históricas sobre reformas nos calendários romanos e franceses, e indicações meteorológicas, com início da estação invernosa (de chuvas) no Ceará, o tempo é visto de formas distintas, mas conectadas.

Aqui, retorna-se à questão abordada no início do tópico. A edição de 1900 traz uma preocupação adicional com a marcação do tempo por representar a passagem do século. Oferece também na Folhinha mais espaço para o conteúdo informativo-explicativo em torno do Calendário, se comparada com edições anteriores e posteriores do *Almanach do Ceará*. Desde a edição de 1895, primeira da série organizada por João Câmara, a Folhinha do Calendário se limita aos dias santos e fases da lua, sem incluir qualquer indicação civil. Estrutura que prossegue até a edição de 1899 e retorna em 1901.

A primeira edição do século XX, 1901, reforça uma tendência: a Folhinha com os dias santos perdem gradualmente espaço nos Almanaques do Ceará. Agora, os meses precisam se apertar, divididos de três em três por página. Bem diferente de antes, como visto em 1870, quando cada mês recebia uma página inteira. Em 1895, já se acumulam

50 Referência à reflexão sobre tempo histórico vista em KOSELLECK, Reinhard. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos.* Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC-RJ, 2006, p.14.

51 *Almanach Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará para 1900.* Op.Cit., s/p.

dois meses por página. Com a edição de 1900 e a chegada do novo século, a Folhinha volta a ser maior, por motivo de comemoração. Mas na edição seguinte, reduz de vez seu tamanho. Nessas, como nas outras Folhinhas, o que não muda é a regra: novo ano, novo começo do Calendário.

Quando o ano se torna data

Aos anos, meses e dias do Calendário, agarram-se as datas, mostrando que o tempo é também linear nos Almanaques. "Surgem, assim, as cronologias, as épocas memoráveis, as efemérides que se emaranham no corpo do Calendário, construídas segundo diversos critérios", aponta Radich[52]. Na origem dessas informações, um paradoxo liga duas temporalidades: o tempo linear, sequencial, a sucessão de eventos, e que não retorna, fica vinculado a um tempo cíclico, que se refaz a cada edição. Ou como analisa Le Goff, "o Calendário, órgão de um tempo que recomeça sempre, conduz paradoxalmente à instituição de uma história cronológica dos acontecimentos"[53].

Alguns títulos vão além e estimulam o registro das memórias dos leitores ao longo do ano, num misto de agenda e diário. Como o *Almanak do Rio Grande do Sul*[54], editado em Rio Grande, que traz uma página em branco ao lado de cada mês da Folhinha do Calendário. O leitor é convidado a fazer seu Calendário pessoal, fixar por escrito aquilo que deve ser agendado e lembrado, estabelecendo pontes entre a vida individual e coletiva, formando suas próprias datas.

Também nos Almanaques do Ceará, o ano se torna data, ponto de referência dos fatos históricos, encontradas de forma sintética e mais evidente nas cronologias e efemérides. Mas por que os Almanaques se ocupam tanto com as datas, repetindo, às vezes atualizando, a cada edição essas seções? Um início é pensar que "datas são pontas de icebergs", como sugere reflexão de Alfredo Bosi: "A memória das sociedades precisa repousar em sinais inequívocos, sempre iguais a si mesmos; e o que há de mais inequívoco e sempre igual a si mesmo do que o número? Datas são números"[55]. E como

52 *RADICH, Maria Carlos. Almanaque, tempos e saberes. Op.Cit., p.36.*

53 LE GOFF, Jacques. Calendário. Op.Cit., p.286. O autor observa que "no livro-almanaque europeu e sobretudo francês, a partir do século XVII e sobretudo do século XVIII, a história torna-se cada vez mais importante, irrompendo a monotonia das predições astrológicas".

54 *Almanak do Rio Grande do Sul para o ano de 1909.* Rio Grande: Livraria Americana, s/a. A Folha de Lembranças é vista nas edições consultadas para os anos 1904 e 1907. Nas duas primeiras edições do *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*, 1851 e 1852, editado em Lisboa, havia espaço em branco para anotações dos leitores.

55 BOSI, Alfredo. "O Tempo e os Tempos". In NOVAES, Adauto (org.). *Tempo e História.* São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.p:19-55, p.19.

números, são também a parte de um todo.

1492, 1789, 1822, 1900... Números que ganham destaque e atenção no *Almanach do Ceará para o ano de 1900*. Combinações de algarismos cuja força e resistência, retomando a reflexão de Alfredo Bosi, "vêm daquelas massas ocultas de que as datas são índices. Vêm da relação inextricável entre o acontecimento que elas fixam com a sua simplicidade aritmética e a polifonia do tempo social, do tempo cultural, do tempo corporal, que pulsa sob a linha de superfície dos eventos" [56].

O Almanaque mostra que os números podem ser mutáveis, a depender do referencial. Na Cronologia, o 1900 se transforma e aparece como ano 79 da Independência do Brasil. Mudando o Calendário adotado, 1900 é também o ano 7.408 da era Bizantina, 5.661 da era Judaica ou 2.653 da fundação de Roma, segundo o *Almanach do Ceará*[57] daquele ano. As "Eras" mostram o tempo mais longo, mantendo a ideia de evolução, quer positiva com o progresso, quer negativa, com a decadência das civilizações. A escolha não é aleatória e tem como pano de fundo as referências para o tempo oficial. Tempo que não é único, mas sucede outros.

As eras aparecem como acontecimentos fundadores, quer por uma conotação mítica ou histórica[58] e, nessa perspectiva, ganham espaço e importância no Almanach *do Ceará*. Na aparente objetividade dos números, o Almanaque também escreve a história da humanidade a seu modo, fixando marcos como é de seu feitio.

A busca pela origem é parte da preocupação do Almanaque ao traçar a linha do tempo. Dessa forma, não é de estranhar que a Cronologia volte os olhos ao passado, tentando alcançar o mais longe possível, até que determine a idade do mundo. Números que figuram mais como construção mítica, que científica. Assim mostra o *Almanach do Ceará para o ano de 1900*. Nele, as datas da criação do mundo estão no plural por reconhecer diferentes versões construídas pela humanidade. Entre elas, a de Bossuet[59],

---

56 Idem, Ibidem.

57 *Almanach Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará para o ano de 1900*. Op.Cit., p.II.

58 Esse ponto fixo, que é a era, no qual se inicia a numeração de anos, introduz no calendário um elemento linear. "As eras são em geral acontecimentos considerados como fundadores, criadores de um tempo mais ou menos mágico", diz Le Goff. O tempo oficial é mais convencionado do que medido, a exemplo do nascimento de Cristo como início de uma nova era. O autor destaca que os cristãos, inicialmente, adotaram a era dos mártires ou era de Diocleciano, que começava em 284. Somente em 232, o monge Dionísio, que não suportava o nome do perseguidor Diocleciano ligado aos novos tempos, propôs que se iniciasse a nova era com o nascimento de Cristo, que ele situava no ano 753 de Roma. A proposta foi adotada pela cristandade e a era cristã se tornou a mais usada no mundo. LE GOFF, Jacques. Calendário. Op.Cit., p.285.

59 O bispo Jacques-Benigne Bossuet (1627-1704), um teórico do absolutismo francês, teve atuação política e religiosa no governo de Luís XIV. Sua mais conhecida contribuição teológica e filosófica é o Discurso

elaborada ainda no século XV, informando que o mundo surgiu 3761 anos antes de Jesus Cristo. De acordo com os Judeus, essa data é 4004 anos a.C e "na opinião dos povos cultos", o mundo foi criado 4963 anos a.C.

A lista de datas para criação do mundo é longa na edição de 1900[60], mostrando que o fim do século faz pensar sobre o começo, no caso, o início do mundo. Mas essa marcação é vista com maior ou menor espaço em diversos outros Almanaques do período, que não necessariamente trazem as mesmas informações. O *Almanach Paranaense para o ano de 1900*[61] informa números bem diferentes: o ano de 1900, a partir do nascimento de Jesus Cristo, corresponde ao ano 7408 desde a criação do mundo, ou ao 5146 desde o dilúvio universal. Já o Almanach Ilustrado D´O Século[62] para o ano de 1905 indica o ano de 5906, de acordo com os "cálculos bíblicos". Em comum a todos, a precisão dessas datas não parece ser tão importante quanto a ideia de ordem e concatenação dos eventos que as sucedem.

Assim mostra a lista definida na Cronologia do *Almanach do Ceará de 1900*. Estão selecionados episódios que atestam a evolução do conhecimento humano: o aparecimento da Geometria – 605 (a.C), a medição do tempo pela água – 155 (a.C), o descobrimento do vidro – 667 (d.C), a introdução dos algarismos árabes – 991 (d.C). Nesse sentido, as invenções são fatos históricos importantes para o Almanaque, repercutindo no desencadear dos acontecimentos: a introdução da Bússola na Europa – 1.180 (d.C), a introdução do canhão – 1383 (d.C), a invenção do termômetro e do barômetro – 1627 (d.C), entre outras. Há ainda a ideia de antes e depois: descobrimento da América – 1492, Revolução Francesa – 1789... com saltos, mas mantendo a continuidade da reta evolutiva. Os acontecimentos históricos não só se encadeiam, mas se ultrapassam, nessa perspectiva.

Além de formar conhecimento sobre os acontecimentos, um forte aspecto da cronologia é o de construir memórias, definir o que deve ser lembrado e, na ausência, o que pode ser esquecido. Essa atenção do Almanaque às datas é assente no

---

sobre a História Universal, que traz uma ordenação sucessiva de todas as épocas que orientam o desenrolar dos eventos religiosos e seculares, e que teve repercussão na Ilustração portuguesa. Cf. BURKE, Peter. *A fabricação do Rei. A construção da imagem pública de Luís XIV*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

60 Consta ainda na Cronologia, a data da criação do mundo segundo o Concílio ecumênico de Constantinopla de 680 (5508 a.C), segundo Pentateuca Samoutine (4700 a.C), na versão dos Setenta (5872 a.C), segundo José (4658 a.C), Hales (5411 a.C), segundo Eclesiastica ou de Antinochia (5493 a.C). *Almanach Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará para o ano de 1900*. Op. Cit., p. II e III.

61 *Almanach Paranaense para 1900.* Curitiba: (s.e), 1900. Acervo IEB.

62 *Almanach Ilustrado d´O Século para 1905*. Lisboa: 1905. Acervo IEB.

entendimento de que a memória carece de nomes e de números. O Almanaque sabe que "as datas, e só elas, dão verdadeiramente consistência à vida e à sorte", nas palavras de Eça de Queiroz. É dele a inspiradora metáfora que revela a importância e o sentido assumidos pelas datas no Almanaque:

> Todo o nosso viver consiste num rolo de sonhos que vão se desprendendo de nós, fugindo para trás como o fumo de uma tocha que corre, depressa adelgaçados, logo esvaídos. São as datas que prendem, retêm esses sonhos: nelas ficam imóveis, em torno delas se condensam, por elas ganham forma e duração[63].

No texto, Eça diz do seu encantamento pelo Almanaque, que tem como origem a relação deste com o tempo. Ao organizar o tempo, registrando, escrevendo, selecionando, separando... faz com que o tempo seja tanto visível, como palpável. Para isso, precisa da certeza oferecida pelas datas, que imprimem "realidade às coisas": "...sem essa certeza encarnadora, apenas passadas, se desfariam na diafaneidade e impalpabilidade do tempo". Mais ainda, o Almanaque mostra uma realidade compreensível, com regularidade, dividida em textos curtos de modo a torná-la fácil de ser entendida e de ser lembrada. Por essa perspectiva, Eça considera que:

> Só o almanaque verdadeiramente nos penetra da realidade de nossa existência, porque a circunscreve em talhões regulares, curtos, compreensíveis, fáceis de desejar e depois fáceis de recordar por terem nome e quase terem forma, e onde se vão depondo, e onde vão ficando, os fatos da nossa feliz ou desgraçada história[64].

As Cronologias e Efemérides são elementos reveladores da relação do Almanaque com o tempo, presente com maior ou menor visibilidade nas demais seções. Os números da cronologia – pontas de icebergs – são definidos a partir dos critérios adotados por cada Almanaque. Nas publicações cearenses de fim do século XIX, esses números aparecem como marcos da humanidade ou, como chama o Almanach do Ceará, "eras importantes". Sob a superfície, essas seleções podem revelar muito mais.

Aparentemente objetivas e neutras, as Cronologias e Efemérides se prestam à

63 QUEIROZ, Eça de. Almanaques. Op.Cit., p.513.
64 Idem, p.512.

propaganda de ideias. O tema é visto por Juliana Hidalgo ao estudar Almanaques astrológicos publicados durante a Guerra Civil Inglesa no século XVII. Apesar das edições não conterem textos opinativos ou panfletários, a autora identifica qual o lado do conflito era favorecido por um ou outro Almanaque. Por meio da Cronologia, podia-se "comentar um evento de maneira tal a favorecer ou denegrir a imagem de um grupo ou uma pessoa em particular. Podia-se deturpar ou ocultar dados de modo a reverter situações desfavoráveis, ou ainda enfatizar um ou outro aspecto de determinada situação..." [65], comenta a autora.

Comparando as Cronologias e Efemérides das edições do *Almanak do Ceará* de 1870 e 1873 com a edição do *Almanach do Ceará de 1900*, uma diferença é vista desde o Calendário: a passagem da Monarquia para a República. Lembrando que é característica comum a esses Almanaques o título de Administrativo, classificação que trazem desde o nome[66]. Como o conteúdo indica, publicam a relação das autoridades, nomes, endereços e local de funcionamento das repartições, hierarquias administrativas e políticas, parte ou íntegra de legislações em vigor. As publicações são centradas em perspectiva oficial.

De fato, não apenas oferecem os nomes, endereços e organização da administração pública, como também reforçam as personalidades "oficiais", quer sejam da política, da literatura, da Igreja, do comércio. Ainda como semelhanças, as duas publicações – de Joaquim Mendes da Cruz Guimarães, década de 1870, e de João Câmara, a partir de 1895 – se alinhavam com a administração local de seus períodos.

Outro ponto a ser levado em conta é o tempo das publicações. Entre as duas edições da década de 1870 e o começo do *Almanach do Ceará* em 1895, há um intervalo de mais de vinte anos, o que também acentua as diferenças de abordagem.

Por tudo isso, não parece estranho que os Almanaques cearenses da década de 1870 tragam os referenciais do Império e da administração da Província, inclusive acertados em contrato, como foi visto anteriormente para a edição de 1873. A Cronologia aparece com o nome de Épocas nacionais e provinciais, uma seção curta em 1870, que se repete em 1873. Os acontecimentos-marcos são organizados em contagem regressiva a partir do ano vigente, no caso transcrito, 1870:

---

65 FERREIRA, Juliana Mesquita Hidalgo. Propaganda e crítica social nas cronologias dos almanaques astrológicos durante a Guerra Civil inglesa no século XVII. In *Revista Brasileira de História – História de Gênero.* São Paulo: Anpuh, vol.27, nº54, jul.-dez., 2007, pp.197-218, p.214.

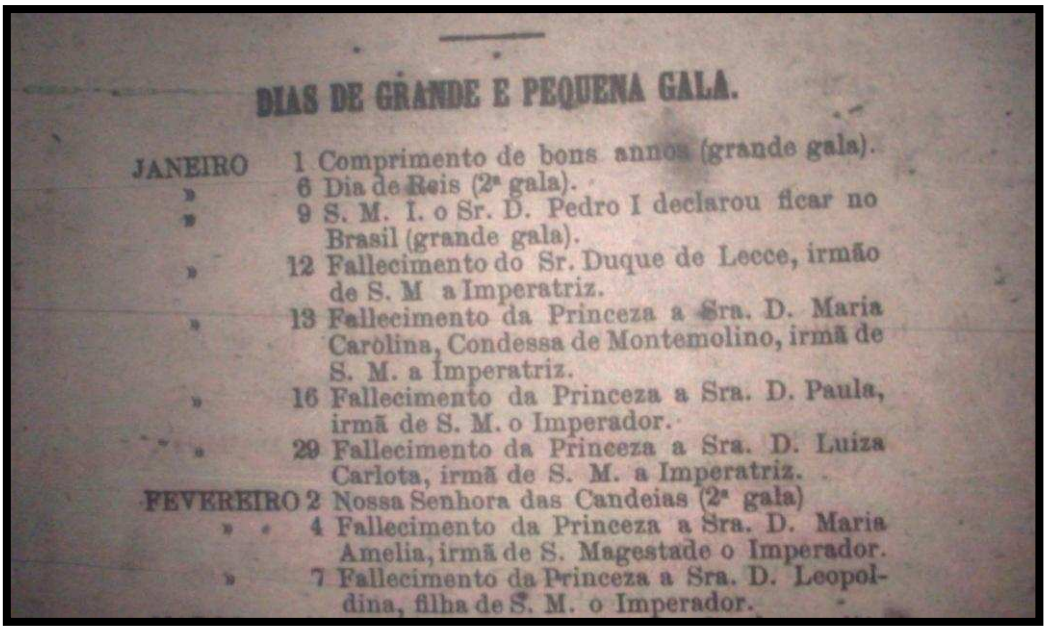
66 Vale ressaltar que nem todos os Almanaques trazem essas informações administrativas, como o próprio Almanak do Rio Grande do Sul e o Almanach Brasileiro Ilustrado. O Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Rio de Janeiro, conhecido como Almanak Laemmert, é uma referência nacional entre esses almanaques administrativos, vistos em diversas províncias.

Descobrimento do Brasil – 370
Descobrimento do Ceará – 369
Da liberdade dos indígenas – 115
Do regresso do senhor D. João IV - 111
Do último governador Francisco A. da C. Rubin - 49 anos
Da aderência do Ceará à causa da Independência e do Império - 49 anos
Da abdicação do ex-imperador D. Pedro I - 39 anos[67]

A data do Descobrimento do Ceará chama particular atenção por definir o ano de 1501, ao invés do marco instituído no tricentenário de fundação, que é 1603, com a expedição de Pero Coelho. A informação é repetida no *Almanak do Ceará de 1873* – ano 372 desde o descobrimento do Ceará – o que demonstra não ter sido um erro de escrita.

O "Descobrimento do Brasil" e o "Descobrimento do Ceará" são os marcos fundadores da Cronologia, que mantém as referências oficiais da Monarquia, mas também se alinha com a construção de uma história do Ceará. Tanto que destaca o último governador da capitania, Francisco Alberto Rubin, e a aderência do Ceará à causa da Independência como sendo em 1821.

Se a cronologia é curta, as edições de 1870 e 1873 oferecem significativo espaço para as efemérides da Monarquia, organizadas nos Dias de Grande e Pequena Gala:



DIAS DE GRANDE E PEQUENA GALA.

JANEIRO 1 Comprimento de bons annos (grande gala).
» 6 Dia de Reis (2ª gala).
» 9 S. M. I. o Sr. D. Pedro I declarou ficar no Brasil (grande gala).
» 12 Fallecimento do Sr. Duque de Lecce, irmão de S. M a Imperatriz.
» 13 Fallecimento da Princeza a Sra. D. Maria Carolina, Condessa de Montemolino, irmã de S. M. a Imperatriz.
» 16 Fallecimento da Princeza a Sra. D. Paula, irmã de S. M. o Imperador.
» 29 Fallecimento da Princeza a Sra. D. Luiza Carlota, irmã de S. M. a Imperatriz.
FEVEREIRO 2 Nossa Senhora das Candeias (2ª gala)
» 4 Fallecimento da Princeza a Sra. D. Maria Amelia, irmã de S. Magestade o Imperador.
» 7 Fallecimento da Princeza a Sra. D. Leopoldina, filha de S. M. o Imperador.

Imagem 06: Dias de grande e pequena gala do *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará para o ano de 1873.* Acervo FBN (RJ).

67 *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará para o ano de 1870*. Op.Cit., p.01

Tão logo muda o regime, logo se institui um novo Calendário de festas ou feriados cívicos. Após dois meses da deposição de Dom Pedro II, o Governo Provisório considera:

> "que o regime republicano se baseia no profundo sentimento de fraternidade universal; que esse sentimento não se pode desenvolver convenientemente sem um sistema de festas públicas, destinadas a comemorar a continuidade e a solidariedade de todas as gerações humanas; que cada pátria deve instituir tais festas segundo os laços especiais que prendem os seus destinos aos de todos os povos" [68].

Como o texto demonstra, o Calendário se faz componente fundamental para a construção e manutenção da nova ordem. Isso porque, "*cada momento presente e cada crise ou mudança na sociedade permitem que se construa uma nova tradição, definindo que eventos e pessoas devem ser lembrados e quais devem passar ao esquecimento*", destaca a historiadora Lúcia Lippi ao discutir "as festas que a República manda guardar"[69].

A reflexão de José Murilo de Carvalho reforça que momentos de mudança política e social são também momentos de redefinição de identidades coletivas. Assim, a elaboração de um imaginário é parte da legitimação de qualquer regime político. É no imaginário que "*as sociedades definem suas identidades e objetivos, definem seus inimigos, organizam seu passado, presente e futuro*" [70]. O autor indica que o imaginário social é constituído e se expressa por ideologias e utopias, mas também por símbolos, alegorias, mitos e rituais. Uma batalha simbólica vista de forma exemplar no caso francês durante a Revolução de 1789, como em menor escala, no caso Republicano brasileiro, quando do extravasamento de visões da República para o mundo extra-elite.

As duas dimensões estão conectadas: a organização de uma nova vida social e política, bem como a construção de um imaginário capaz de recuperar um equilíbrio perdido ao longo do tempo. Levando em conta essas demandas, e partindo do caso francês, que por treze anos implantou uma nova e radical organização do tempo após a

68 Decreto no. 155 B, de 14 de janeiro de 1890. apud OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. As Festas que a República manda guardar. In *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: vol. 2, nº 4, 1989, p.p.172-189, p.181. A autora se baseia no livro Festas nacionais (1893), de Rodrigo Otávio, que teve até 1905, três edições e foi indicado como leitura para a mocidade brasileira.

69 Idem, p175.

70 CARVALHO, José Murilo. *A Formação das almas.* São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.10.

Revolução de 1789[71], Lucia Lippi ressalta: "a alteração do calendário pode ser tomada como um exemplo extremo de que controlar o tempo se torna essencial ao poder"[72].

Mesmo sendo substituído em 1805, o Calendário da Revolução Francesa foi recuperado como um dos símbolos republicanos, representando o início de uma nova era que iria conduzir à libertação da humanidade. Em sintonia com essa representação, o *Almanak da Democracia de 1902*, editado em Lisboa, troca o calendário oficial como forma de se opor à Monarquia portuguesa e à Igreja Católica. Reconhecendo a provável confusão dos leitores, explica no texto "*O nosso kalendario*" o sentido do Calendário da Revolução:

> Porque a muitos dos nossos leitores fará decerto um pouco de confusão, o kalendario adotado pelo Almanak da Democracia vamos dar em resumidas palavras algumas explicações.
> O kalendario da Revolução Francesa que a seguir publicamos foi formado pela comissão de instrução publica da Convenção (...)
> Os fins principais que tinha em vista eram os seguintes: Marcar a era nova em que a humanidade acabara de entrar e abolir as praticas de todos os cultos religiosos, adotados nos mil e um almanaks que anualmente se publicam – desde o humilde Borda d´Agua (também gregoriano!) até o luxuoso da casa Hachette & Cª....[73]

Anticlerical e republicano, o *Almanak da Democracia* também critica a forte presença da religião nas publicações do período, especialmente, no gênero Almanaque. Para isso, cita duas publicações das mais conhecidas em Portugal, o *Borda d´Água*, folhinha tradicional com grandes tiragens, de composição simples, e o *Hachette*, com suas edições de luxo. Para reafirmar e difundir suas ideias, o *Almanak da Democracia* publica o Calendário da Revolução, visto ainda como um Manifesto de organização do tempo. O começo do Calendário foi fixado em 22 de setembro de 1792, data da

71 O Calendário republicano, instaurado por decreto da Convenção a cinco de outubro de 1793, propunha romper com o tempo passado. A escolha do início do ano era também o começo de uma era: o dia 22 de setembro de 1792, dia da proclamação da República, equinócio de outono. Substituiu-se a semana pela década, inventaram-se novos nomes para os dez dias da década. Os meses, divididos em três décadas, eram uniformes, o que tornou necessário, no fim do ano, isto é, em setembro, acrescentar dias complementares. Os nomes dos meses foram reinventados segundo uma ordem da natureza e do clima. Esse calendário alterava os ritmos de trabalho, do tempo livre e das festividades. Foi abolido depois de 13 anos por um decreto de Napoleão Bonaparte em 9 de setembro de 1805. OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. As Festas que a República manda guardar. Op.Cit., p.174.

72 Idem, p.173.

73 *Almanak da Democracia para 1902.* Lisboa: Typ. Industrial Portuguesa, 1901, p.03.

proclamação da República e do equinócio do outono, quando o dia tem a mesma duração da noite, invocando o ideal de igualdade.

A revolução francesa institui um calendário cívico – em oposição às festas aristocráticas e religiosas – de forma inaugural. O historiador Fernando Catroga sublinha que Auguste Comte sistematizou algo a que os próprios revolucionários franceses, e todos os novos Estados-Nação, recorreram, procurando substituir muitas formas e funções do velho ritualismo religioso. A exaltação do passado, que os "grandes homens" encarnavam, "*tornou-se instrumento essencial (assim como a historiografia propriamente dita) para a produção e reprodução de uma nova memória nacional, ilustrada por uma nova hagiografia, e relembrada de acordo com um novo calendário de festas cívicas*"[74].

A calendarização proposta por Comte é vista em Catroga como inseparável de uma interpretação linear e cumulativa do tempo e do papel revelador do sentido da história desempenhada pelo "grande homem". Os atos desses grandes homens eram motivo de idealização e admiração, fixando modelos a quem desejasse pautar sua ação por objetivos superiores. Desse modo, "as comemorações tinham por finalidade representificar o passado, silenciando o fato de a sua evocação ser seletiva, processo mediante o qual o presente paga aos defuntos ilustres a sua dívida de reconhecimento, não por mero prazer necromânico, mas para lhes extorquir a mais-valia simbólica" [75].

A República manda comemorar

O positivismo de Comte exerceu forte influência na formulação do calendário oficial republicano brasileiro. Mesmo que não tal qual o proposto por Comte e adotado internamente pela Igreja Positivista do Brasil, as influências eram acentuadas. Estudo de Elisabete Leal observa que as datas comemorativas definidas pelo governo provisório seguiam as indicações positivistas de demonstrar o "sentimento de fraternidade universal, da continuidade e solidariedade das gerações humanas, da ligação pátria com outros povos" [76].

Essas datas eram reproduzidas a cada ano no Calendário do *Almanach do*

74 CATROGA, Fernando. *Nação, mito e rito – Religião civil e comemoracionismo.* Fortaleza: Edições Nudoc/Museu do Ceará, 2005, p.102.

75 Idem, p.103.

76 Com exceção do 1º de janeiro, as demais datas do calendário positivista e o republicano brasileiro não coincidiam. Em 1891, o dia 24 de fevereiro foi acrescido ao calendário oficial, decretado como festa nacional para comemorar a promulgação da Constituição da República. LEAL, Elisabete da Costa. O Calendário Republicano e a Festa Cívica do Descobrimento do Brasil em 1890: versões de história e militância positivista. In *Revista História*. São Paulo: v. 25, n. 2, p. 64-93, 2006, p.p. 64-93, p.69.

Ceará[77]*,* desde a edição inicial da série republicana, para 1895, quando se chamava *Almanack da Cidade da Fortaleza:*

> 1º de janeiro, comemoração da fraternidade universal;
> 24 de fevereiro, promulgação da constituição federal;
> 21 de abril, comemoração dos precursores da Independência brasileira, resumidos em Tiradentes;
> 03 de maio, comemoração da descoberta do Brasil;
> 13 de maio, comemoração da fraternidade dos brasileiros;
> 14 de julho, comemoração da República, da liberdade e da independência dos povos americanos;
> 07 de setembro, comemoração da independência do Brasil;
> 12 de outubro, comemoração da descoberta da América;
> 02 de novembro, comemoração geral dos mortos;
> 15 de novembro, comemoração da Pátria brasileira[78].

A partir da edição seguinte, já como *Almanach do Ceará para o ano de 1896*, o Calendário nacional é seguido dos Dias de Festa no Estado do Ceará: 25 de março, 12 de julho e 16 de novembro. A comemoração da redenção dos cativos, a promulgação da constituição do Estado e a promulgação da república no Ceará, respectivamente, estão em sintonia com o pensamento do Calendário nacional. Interessante perceber o Almanaque como também instrumento pedagógico para a educação cívica, difundindo o calendário republicano. Um esforço visto em diversas publicações do período que trataram do tema no Calendário[79].

A influência positivista na relação com o tempo é vista no Calendário como em outras seções do Almanach do Ceará de João Câmara. Principalmente a partir de 1897 com a inclusão da seção Literária, que traz com recorrência o sentido da história a partir

77 O calendário se manteve inalterado até 1922, quando o governo declarou feriado nacional o dia 25 de dezembro. O 1º de maio foi acrescentado em 1924. Com essas alterações, sobretudo pela inclusão de um feriado religioso em um calendário oficial, o positivista Reis Carvalho publicou Os Feriados Brasileiros, em 1926, exigindo, em vão, a separação entre Igreja e Estado, princípio defendido pelo grupo desde o fim da monarquia. Em 1930, Getúlio Vargas decretou ampla reforma no calendário. LEAL, Elisabete da Costa. O Calendário Republicano e a Festa Cívica do Descobrimento do Brasil em 1890: versões de história e militância positivista. Op.Cit., p,71.

78 *Almanack da Cidade da Fortaleza para 1895*. Fortaleza: s/e, s/a, p.VI. Acervo BPGMP.

79 Elisabeth Leal cita como o primeiro desses livros do período: Festas Nacionais, de Rodrigo Otávio, de 1893. Em 1921, Coelho Neto publicou Breviário Cívico, tentando explicar cada uma das datas do calendário segundo uma lógica cristã. LEAL, Elisabete da Costa. O Calendário Republicano e a Festa Cívica do Descobrimento do Brasil em 1890... Op.Cit., p,71.

do culto aos “grandes homens”. São as efemérides oficiais, como o dia 21 de abril, “consagrado à comemoração dos precursores da Independência Brasileira resumidos em Tiradentes”. Mas também os artigos da seção Literária que fazem o elogio biográfico às grandes personalidades: políticos do Estado, literatos, militares considerados importantes. Mas conviviam com as tradições católicas, como na presença dos santos no Calendário.

As diferenças entre os Calendários de 1870 e 1900, visualizadas a partir da instituição de uma nova ordem política – da Monarquia para a República – revelam apenas parte da distinção do tempo entre esses dois momentos. Importante observar que alterações técnicas e culturais profundas disseminaram-se em escala mundial no período que separa os anos de 1870 e 1920. Como sublinha Foot Hardman ao tratar da produção literária brasileira no meio século que antecede o chamado movimento Modernista de 1922. Sobre o período, ele analisa: “os modos de percepção e representação do tempo e do espaço sofreram metamorfoses dramáticas. O Brasil experimentou, simultaneamente, os impactos dessas transformações” [80].

Tendo como referência o fim da Guerra do Paraguai (1865-1870), o autor aponta que a percepção espacio-temporal mudaria radicalmente na sociedade brasileira. A leitura das crônicas de Machado de Assis, em fins do século XIX, reforça esse entendimento: “Mas então o que é tempo? É a brisa fresca e preguiçosa de outros anos, ou este tufão impiedoso que parece apostar com a eletricidade? Não há dúvida que os relógios, depois da morte de López, andam muito mais depressa”[81].

É preciso atentar para as diversas dimensões do tempo nesses Almanaques. Dimensões que, mesmo quando segmentadas, estão fundidas como conjunto no Calendário: o tempo do labor, do descanso, dos ofícios, da meteorologia, das cronologias... Tempo que pode ser entendido como movimento: nas tarefas diárias, no cuidado dos animais, no registro dos dias de chuva. Ideia-definição vista no *Almanaque de “A Aurora”*, editado em Lisboa:

> Tempo: Idéia de existência, de duração e de cessação das coisas. A idéia de tempo concebe-se pela idéia de movimento[82].

80 HARDMAN, Francisco Foot. Antigos modernistas. In NOVAES, Adauto (org.). *Tempo e História.* São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.p.289-305, p.303.

81 Machado de Assis, 1894, no jornal A Semana. Apud HARDMAN, Francisco Foot. Antigos modernistas. Op.Cit., p.290-291.

82 *Almanaque de A Aurora para 1913. Sciencia, Sociologia, Arte, Crítica, Literatura, Filosofia e Revolução Social*. Lisboa: Tipografia Minerva, s/a.

De um modo geral, outros conteúdos adaptados à natureza de cada publicação são agregados aos Calendários civil e religioso, mais comuns nos Almanaques do período. Podem ser informações sobre o tempo meteorológico: o período de chuva, dos ventos, de seca, a entrada das estações, o período de semeadura e colheita; o tempo observado no cuidado com os animais.

No *Almanak do Rio Grande do Sul*, e não apenas, há o Calendário do Criador, com o tempo de gestação de animais domésticos e incubação de aves[83]. É seguido pelo Calendário do agricultor, com indicações sobre as culturas semeadas em cada mês, o clima e a forma de regar as plantas ao longo do ano. Textos que se repetem sem alterações ao longo dos anos, vistos tanto em 1904, quando na edição para 1909:

> Janeiro.
> Devido aos fortes calores, há necessidade de regas abundantes. O melhor é à tardinha, depois que se recolha o sol.
> Semeia-se aipo, alcachofras, couves, repolho, alface, romanas, nabos, mostarda, rabanete, cerefolio, salsa, e se pode transplantar todas as plantas que estiverem fortes. Os rabanetes podem plantar de vinte e vinte dias para não faltarem (...)
> Nos jardins, limpam-se os canteiros, ruas, etc, e regam-se duas vezes ao dia. (...)[84] .

Tempo medido, classificado, contado

Pode-se dizer que o tempo do Ceará não é o mesmo nos Calendários de Almanaque de 1870 ao início do século XX a partir de outro referencial, a presença da Estatística como conteúdo que ganhou força nas edições próximas do fim do século.

Nas edições do *Almanaque do Ceará*, não há calendários de criadores e agricultores. O tempo é o da seca ou o da chuva, organizado em um calendário próprio, com dados sobre as observações pluviométricas. Esse conteúdo é permanente nas edições organizadas por João Câmara a partir de 1896[85]. A cada ano, atualiza o histórico

83 O leitor encontra os referenciais sobre o período de gestação mínimo, médio e máximo de burras, éguas, vacas, ovelhas, cabras, porcas, cadelas, gatas e coelhas. *Almanak do Rio Grande do Sul para 1909*. Rio Grande: Livraria Americana, s/a.

84 *Almanak do Rio Grande do Sul para 1904*. Almanak do Rio Grande do Sul para 1904. Edição sem informações bibliográficas, p.01 do Calendário. Mesmo texto visto na edição de 1909.

85 O primeiro Almanaque organizado por João Câmara, o *Almanack da Cidade da Fortaleza para 1895*, ainda não trazia esse conteúdo, que passou a fazer parte das edições no ano seguinte, quando foi ampliado para *Almanach do Ceará*.

das chuvas no Estado e o balanço do período anterior. Os números dos milímetros acumulados de água são acompanhados de uma análise, que transforma o tempo cronológico e o meteorológico em um só tempo.

Para o Almanaque, o século XIX parecia terminar em grande fartura d´água. Chuvas copiosas marcaram o ano de 1899, sinônimo de bom inverno para os cearenses:

> Ao ano climaterico de 1898, sucedeu um ano de inverno copiosíssimo, o maior, talvez, deste século.
> Tendo se anunciado por fortes aguaceiros em Dezembro de 1898, prolongou-se até Agosto. Foram nove meses de inverno rigoroso, com pequenas intermitencias.
> No semestre de Janeiro a Junho de 1899 houve 111 dias de chuvas, recolhendo o pluviometro 2.461,7 milimetros. (...)
> Total dos oito meses: 128 dias de chuvas, 2.736,9 milimetros, o que da a media mensal de 16 dias de chuvas e 342 milimetros.
> Segue-se a tabela da altura pluviométrica nesta capital neste meio século:

No entanto, a virada para 1900 foi de revés, contada pela edição do Almanaque no ano seguinte com grande surpresa e desapontamento. Integrando o Calendário para 1901, há o texto "*A seca de 1900",* que compara a chegada para o novecentos com outras viradas de século, de 1700 e 1800, em relação ao volume de chuvas. Ao contrário do que se esperava a partir da crônica dos períodos anteriores, o século XX começou com *terrível flagelo* espalhado pelas localidades do Interior do Ceará:

> Contra toda expectativa, pois das crônicas não consta que tivesse havido seca nos séculos anteriores, em 1700 ou 1800, tivemol-a em 1900. Terrível, cruel, impiedosa, como só igual a tivemos no fatídico triênio de 1877 a 1879.
> O flagelo foi geral, nenhuma localidade do interior do Estado deixou de sentir-lhe os efeitos, de ser por ela atacada[86].

A imagem que o Almanaque oferece, ao abordar as estatísticas de Emigração, o Obituário do ano e as Observações Pluviométricas, é bem distante das palavras de ordem

86 *Almanach Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará para o ano de 1901*. Fortaleza: s/e, s/a, p.IX. Acervo ACL.

tão em voga no período: progresso, civilização, modernidade. A narrativa, acompanhada dos números, não era inédita: o "povo do interior, vendo-se acossado pelo flagelo da fome, afluiu para a capital". "Uma grande parte emigrou para Amazonas e o Pará", estimulados pelo governador Paes de Carvalho, que concedeu "não só passagens por conta do Estado" como "colônias fundadas para recebe-los" [87].

Em Fortaleza, "a mortandade aumentou muito a partir do mês de julho devido a acumulação na capital de retirantes". Quando chegam as primeiras chuvas, "os infelizes, sem abrigo, agasalhados debaixo das arvores, sem higiene, nem conforto algum, sujeitos a todas as intempéries". Tinham como destino as moléstias "que maior número de vitimas fizeram no referido semestre", em maioria, devido à má alimentação: "interite, grastro-interite", como também "as febres de mau caráter", moléstias dos aparelhos respiratório e circulatório[88].

A euforia "depois de um inverno abundantíssimo", segundo o Almanaque, "o maior que tivemos no século que findou" era sucedida pela "mais terrível seca" de "crudelíssimos efeitos". Um tom catastrófico na edição para 1901 que não faz menção direta ao fim do mundo, mas aponta fome e peste em outras partes do globo. O século XIX se encerrava com um balanço negativo, que o Almanaque alarga do Ceará para a Índia, da Europa à América e África.

> O século XIX deu sua nota final espalhando a fome na Índia e no Ceará, a peste no Brazil e em varios paizes da Europa e d´America e a guerra no sul da África e na China.
> Foi uma chave...fatal.

A edição de 1901, elaborada ao longo de 1900, parece trazer tardiamente uma ideia catastrófica para a virada do século. A motivação não está em crenças sobre o fim do mundo, mas estritamente vinculada ao quadro de chuvas do Ceará. Tanto que destoa do otimismo impresso na edição do ano de 1900, escrito quando se comemorava as fortes chuvas de 1899. Mesmo com bom inverno, a estatística constata que os cearenses continuam a migrar, em maior número para o Norte. Fato que o Almanaque explica como uma característica do povo cearense, a "mania de aventuras":

87 Trechos do texto "A seca de 1900" inserido no Calendário da edição de 1901. Idem, Ibidem.
88 Informações no tópico Obituários, que integra as Estatísticas do Calendário de 1901. Idem, p.VIII.

> ... o Cearense não imigra somente para fugir do flagelo das secas, senão para obedecer uma influência cósmica. Arrasta-o a mania de aventuras, o maravilhoso, embora as freqüentes decepções dos que conseguem voltar dali, quase cadáveres a disputar sete palmos de terra no berço de seus maiores[89].

A chuva, ou a ausência dela, são tão importantes na publicação que aparecem em dados catalogados, formando uma grande tabela atualizada a cada ano, a cada edição. O Almanaque dedica-se ao histórico de chuvas dos últimos cinquenta anos. Em 1900, traz as medidas de 1849 a 1898, incluindo os meses de janeiro a agosto de 1899. No tópico, há o número total de dias de chuva e o total de milímetros acumulados em cada ano, registrados a partir da Capital.

O tempo cronológico é classificado a partir dos milímetros de água que caem do céu. O Almanaque separa os dados, dividindo: os anos de maiores invernos (1849, 1856, 1857, 1866, 1872, 1873, 1894, 1895, 1896, 1897, 1899); os anos de invernos escassos (1816, 1817, 1830, 1831, 1848); e os anos de seca em meio século de registros: 1809-1810, 1824-1825, 1827, 1844-1845, 1877-1879, 1888-1889 e 1898[90].

O tempo é materializado em sequência e quantidade na seção Estatísticas do Estado do Ceará, que não por acaso, e curiosamente, está inserida como parte do Calendário. Além do histórico de chuvas, a seção informa anualmente sobre os números da População, com o total de habitantes no Ceará; dimensiona a Instrução Pública, com os principais estabelecimentos de ensino, o número de matrículas realizadas pelo Liceu e pela Escola Normal, as cadeiras do ensino primário e os professores efetivos e interinos, "na capital, nas cidades, nas vilas e povoações"[91]. Constrói uma imagem congelada no tempo.

A seção é longa, característica adotada pelo Almanaque do Ceará ao acolher o Estatístico desde o título. Os dados pretendem dar conta do número de nascimentos, casamentos e óbitos no ano; Reses de Consumo abatidas; Rendas Estaduais, Exportação, Rendas Federais, Importação, Movimento do Porto, a Divisão Eleitoral do Ceará para o ano[92].

---

89 *Almanach Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará para o ano de 1900*. Op.Cit., p.VIII.
90 Idem, Ibidem.
91 Idem, p.V.
92 Conteúdos da edição do *Almanach do Ceará para 1900*, vistos em outras edições organizadas por João Câmara de 1896 a 1906.

Os dados estatísticos estão vinculados a uma marcação de tempo, quer seja em forma de um histórico, como a quantidade de chuvas, quer seja dimensionando as instituições para aquele ano, com o número de deputados estaduais e federais, ou o número de eleitores. A localização das Estatísticas na publicação confirma essa leitura: após a Cronologia e antes da Folhinha do Calendário.

Mas esse conhecimento, vinculado ao ideal cientificista do século XIX, esbarra nos limites de uma modernidade almejada. O hábito e o costume são mais fortes que a norma, que não conseguiu convencer a população sobre a necessidade e importância do registro civil, interferindo nos dados do Almanaque.

> Nada se conseguiu ainda quanto a exatidão da natalidade e letalidade.
> O registro civil continua a ser letra morta.
> Poucos são os que vão ao cartório do oficial do registro tratar de legalisar seus casamentos, e registrar o nascimento de seus filhos[93].

A queixa do organizador da publicação repete-se, desde antes, a cada ano. Na edição para 1899, mais do que a constatação da dificuldade nos dados, o alerta para os "riscos" aos que não seguiam as determinações que a lei dos novos tempos impunha:

> Continua não ter extricta execução o decreto que instituiu no Brasil o Registro Civil.
>
> Mui raros os pais que, compreendendo os seus deveres, levam os filhos recem-natos ao Registro Civil.
>
> Do mesmo modo acontece com os casamentos. O pôvo no seu eterno obscurantismo, sem ter a compreensão dos perigos que, fatalmente, decorrerão dessa indiferença, contenta-se com o casamento religioso, que as leis do paiz não reconhecem[94].

A divulgação das Estatísticas é tarefa assumida pelo Almanaque do Ceará no fim de século, em oposição à ideia de atraso dos costumes e em consonância com as determinações oficiais, que instituía no Brasil o registro civil. O levantamento e difusão desse conhecimento são uma das missões que o Almanaque se atribui, assumindo outras

93 *Almanach Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará para o ano de 1900*. Op.Cit.,p.VI.

94 *Almanach Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará para o ano de 1899. Op.Cit.*, p.V.

ao longo do século XIX. Na ordem das seções, depois do Calendário, os Almanaques do Ceará elegeram um tema constante e que manteve centralidade no conjunto das edições, desde a primeira, em 1870: a cidade.

1.2 – A CIDADE POR ESCRITO: UM INVENTÁRIO PARA O ANO

Para a Fortaleza de 1870, a iluminação a gás era novidade que se instalava nas residências e ruas. O *Almanak do Ceará* para aquele ano dá a medida: 180 casas e 700 combustores públicos recebiam a luz por meio do sistema oferecido a partir de 1867 pela *Ceará Gaz Company*. A empresa, com sede em Londres, demonstrava em duas páginas do impresso seus esforços em ampliar o serviço e desenvolver a cidade: "Abastece a iluminação pública e particular por preço módico", "emprega 25 pessoas", diz trecho do Almanaque[95], que informava ainda sobre as obras de instalação do encanamento e as origens da companhia.

Não era para menos o espaço dedicado ao assunto no primeiro Almanaque do Ceará. A companhia britânica substituía os lampiões à base do azeite de peixe, oferecendo à Fortaleza um referencial de progresso e prestígio urbano visto nas grandes cidades do período, a exemplo da capital do Império[96]. Os significados iam alem. A luz artificial, como prolongamento do dia, mudava hábitos, interferia na construção e percepção de um tempo social. Tempo que se diferenciava dos ritmos marcados pela natureza, especialmente interferindo na relação com o pôr do sol e as noites sem lua.

Mas não foi a luz, e sim a cidade a "grande invenção do século XIX"[97]. No rastro do fenômeno urbano, o sistema a gás, oferecido pela empresa britânica em Fortaleza, alcançava o impresso, iluminando com 700 combustores públicos a cidade que o *Almanak do Ceará* apresenta e dimensiona. A publicação de 1870, que inaugura a produção do gênero no Ceará, tem como missão ser um guia, com nomes, endereços e quantidades daquilo que é Administrativo, Mercantil e Industrial na Província. Na conjugação desses critérios, o espaço que concentra o interesse e foco das informações do Almanak é a

95 *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará para o ano de 1870*. Op.Cit., p.424-425.

96 O sistema de iluminação a gás foi instalado no Rio de Janeiro em 1854, quarenta e dois anos depois de Londres, a primeira cidade a ter iluminação a gás carbônico, em 1812. SILVA FILHO, Antonio Luiz Macêdo e. *Fortaleza: imagens da cidade.* Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2004. C.f: LEITE, Ary Bezerra. *História da Energia no Ceará.* Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1996.

97 PECHMAN, Robert Moses. Olhares sobre a cidade. In _____ (org.). *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: editora UFRJ, 1994, p.p.03-07, p.03.

Capital.

Com a publicação em mãos, a cidade do Almanaque é construída a cada página. Era a Fortaleza que possuía um único cabeleireiro, *Francisco Freire de Morais*, na Travessa da Boa Vista; quatro barbeiros e quatro sangradores, um único alugador de vestimentas para o carnaval, *José Martins Areas,* localizado na rua da Palma, número 31. A publicação mostra o retratista, *João Beindseil,* também na rua da Palma, e quatro fotógrafos: *Agio Pio Pedro, Francisco Sabino Lopes Brandão, Leal & Comp*. Indica o mascate Angelo Nardi e informa sobre os cinco marceneiros que se concentravam nas ruas Amélia, da Palma e Formosa. Nomina os que compõem a administração pública, desde o presidente da Província ao porteiro do prédio da Assembleia, Antônio Garcia de Abreu, que morava na rua do Patrocínio, em 1870.

E como a cidade está em permanente mudança, sempre há no fim da edição os "Acréscimos e alterações ocorridas durante a impressão do Almanak"[98]. O engenheiro chefe da seção de obras públicas que foi substituído, as professoras recém-nomeadas para a instrução primária, o cargo que ficou vago na secretaria de governo, aquilo que se alterou ou se percebeu no curto período entre a feitura da edição e a composição na tipografia.

A cidade foi incorporada pelo Almanaque como um conteúdo importante no século XIX, formando uma tipologia ao gênero que se tornou comum no período. Aqui serão chamados Almanaques de cidade por se vincularem a um local específico e às dinâmicas próprias do processo de urbanização. O *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará* (1870 e 1873), e o *Almanach Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará* (1895-1962) são os dois principais representantes dessa tipologia para o caso do Ceará.

Vistos em diversas localidades brasileiras, esses Almanaques de cidade cumpriram "a função de apresentação dos municípios, em geral discorrendo sobre suas principais características, e não raro exaltando suas virtudes", como diz Oswaldo Truzzi ao comentar o *Almanak de São Carlos*[99]. De um modo geral, eram produzidos por indivíduos "extremamente comprometidos com a vida local", como observa Maria Coleta

98 *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará para o ano de 1870*. Op.Cit., p.495.

99 TRUZZI, Oswaldo. Uma breve nota sobre almanaques. In *Almanack de São Carlos 1915.* Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; São Carlos: EdUFSCar, 2007, p. XIII-XIV. Sobre Almanaque de cidade, ver ainda GALZERANI, Maria Carolina Bovério. *O almanaque, a locomotiva da cidade moderna: Campinas, décadas de 1870 e 1880*. Tese de doutorado do Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 1998.

Oliveira[100]. Homens de imprensa, políticos, escritores que tinham especialmente acesso aos dados a serem levantados, não raro, exercendo cargos na administração pública.

Tais Almanaques valorizavam a vida oficial: personagens, instituições e dados. Também uma "forma de organização e apresentação das elites sociais e dos seus poderes", como indicam os estudos do pesquisador português João Luís Lisboa[101]. Além de sessões típicas do gênero, começando pelo Calendário, dão ênfase nas informações locais – comércio, agricultura, indústria, horários da estrada de ferro, valores das correspondências, profissões, endereços – formam um largo inventário da vida urbana para o ano.

Mesmo com um intervalo de tempo significativo, ao longo de mais de um século, esses Almanaques mantiveram uma estrutura em comum, reunindo dados sobre o comércio, endereços de instituições públicas e privadas, nomes e localização dos ofícios existentes, organização da administração pública, entre outras informações sobre as Províncias, depois Estados, para determinado ano[102].

Com essas características, em paralelo ao desenvolvimento dos centros urbanos, surgem os primeiros Almanaques da Bahia (1812), São Paulo (1853), Pernambuco (1861), Campinas (1870), entre tantos outros. Além do que se tornou referência nessa tipologia, o *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Côrte e Província do Rio de Janeiro (1844), o Almanak Laemmert*[103]. Nem todos possuem Parte Literária, conteúdo recreativo, textos em prosa e verso. No entanto, esses Almanaques de cidades se conectam à tradição do gênero com o Calendário e indicações sobre o tempo ou situadas no tempo, à periodicidade anual, às informações úteis[104].

---

100 OLIVEIRA, Maria Coleta. Os Almanaques de São Paulo como Fonte para Pesquisa. In MEYER, Marlyse (org.). *Do Almanak aos Almanaques.* São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, p.23 e 24.

101 LISBOA, João Luís. Almanaques. Op.Cit., p.13-14. Ao discutir a diversidade de publicações em cinco séculos de circulação de almanaques em Portugal, o autor identifica o surgimento de almanaques de distritos ou de conselhos no final do século XIX e início do século XX. Para ele, tais almanaques são uma forma de organização e apresentação das elites sociais e seus poderes, dos horários e preços dos serviços, dos estabelecimentos comerciais e calendários de feiras, ou da tabela dos toques de incêndio.

102 Ao comentar sobre o Almanaque Civil, Político e Comercial da cidade da Bahia para o ano de 1845, a pesquisadora Maria da Conceição Silva aborda essas possibilidades: "fonte serial, de caráter local, permitindo acompanhar o desenvolvimento da sociedade, das atividades profissionais, do comércio, do crescimento urbano". SILVA, Maria da Conceição B. da Costa. "O Almanaque: uma fonte para pesquisa". In *Almanaque Civil, Político e Comercial da Cidade da Bahia para o ano de 1845*. Edição fac-similar. Salvador: A Fundação, 1998.

103 Editado a partir de 1844, este Almanaque não foi o primeiro do Rio de Janeiro, uma vez que desde o fim do século anterior guias semelhantes da cidade já circulavam, de acordo com Laurence Hallewell. No entanto, o *Almanack Laemmert* "superou todos os concorrentes, sobretudo por ser mais completo". A publicação prossegue até o ano de 1943, passando por inúmeras mudanças de proprietários. HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil - sua história.* São Paulo: Edusp. 2005, p.232-248.

104 Adota-se o critério de Maria Carlos Radich ao caracterizar o Almanaque no século XIX por meio desses três componentes principais: calendário e indicações sobre ou em torno do tempo; periodicidade anual;

Se o tempo é para o gênero Almanaque um elemento fundamental, está indissociável do espaço no caso dos Almanaques de cidade. Dito de outro modo, o espaço também é tempo nessa tipologia de Almanaques. É a cidade para 1870 que a publicação, elaborada desde o ano anterior, oferecia aos seus leitores, com suas ruas, instituições, personagens, cargos e funções. Nos anos seguintes, o espaço é atualizado, incluindo nomes, sumindo com outros, acompanhando o surgimento e desaparecimentos dos ofícios, das atividades nas ruas, dos cargos e hierarquias.

Para além da utilidade, esse tipo de publicação é frequentemente divulgado por quem o produz como de "necessidade", para afirmação e propaganda das características locais. Essa função é percebida na carta do político paulista Bento A. Sampaio Vidal para o amigo editor do *Almanach do Município de São Carlos*, em São Paulo, José Ferraz Camargo no ano de 1928. Incentivando o empreendimento editorial, ele diz que o trabalho não se deve tanto pelo lucro que possa dar, "*e é justo que dê*", defende. Mas pela "divulgação das coisas locais", das coisas da cidade, pois:

> Uma cidade não é como o individuo que pode alhear-se de todos e viver no seu canto, desconhecido e ignorado. Para mover o seu comércio, sua industria, os seus negócios, para ter a consideração da politica, dos governos, para obter o dinheiro necessário ao movimento de sua vida, para comprar e vender é preciso que cada dia, a cidade afirme a sua existência, chame para si a atenção do mundo, faça-se conhecida, admirada, receba as visitas de pessoas de toda parte que venham conhece-la[105]

O Almanaque foi também um referencial do progresso da cidade. Por meio dele, a cidade afirma sua existência, mostrando para além das fronteiras do seu território os indicativos de urbanidade, mesmo que em construção, mesmo que incipiente. Os que estão na cidade se veem por impresso, passam a existir de forma racionalizada, escrita. Em paralelo, a publicação quer divulgar a cidade para os que estão além dela, tornando-a

---

inclusão de indicações práticas, "a qualquer tipo consideradas úteis: matéria religiosa, regras de agricultura, tabelas de caminhos de ferro, dos toques de incêndio, etc". A estas, correntemente, agrega-se um quarto componente, "cuja extensão e matéria são variáveis e que situa cada Almanaque dentro de uma tipologia": literário, recreativo, instrutivo, agrícola, político, regional, etc. Ou ainda aqueles que tentam "ser tudo, simultaneamente", numa profusão de recortes. RADICH, Maria Carlos. *Almanaque, tempos e saberes*. Op.Cit., p.08-09.

105 VIDAL, Bento A. Sampaio. Almanach de São Carlos. Ao amigo José Ferraz Camargo. In *Almanach Annuario de São Carlos 1928.* Editor José Ferraz de Camargo. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; São Carlos: EdUFSCar, 2007.

conhecida em outros espaços, quem sabe até, admirada.

Cidade escrita, cidade ordenada

Na cidade do Almanaque, cada coisa tem seu lugar e seu funcionamento. O presidente da Província do Ceará, desembargador *João Antônio de Araújo Freitas Henriques*, "dá audiências todos os dias úteis do meio-dia às duas horas da tarde", no palácio[106]. O cônsul da Bélgica, Manoel Antônio da Rocha Júnior, está na Rua Formosa, 77. A Biblioteca e Arquivo Público funcionam em edifício próprio na Praça do Patrocínio, com 5.548 volumes classificados. Sabe-se não somente o número de livros de cada seção, mas que a residência do bibliotecário João Severiano Ribeiro era na rua Amélia, 149[107].

Na edição do *Almanak do Ceará de 1870*, ganham uma página os 30 tipógrafos, três impressores e as sete tipografias[108], com o lugar de moradia e instalação das oficinas. Se tipografias e impressores estão concentrados principalmente nas ruas mais centrais da Capital (rua Amélia, rua Formosa, rua da Palma), na lista dos trabalhadores tipógrafos, com seus endereços, conhece-se outros caminhos de Fortaleza: rua do Cajueiro, Oiteiro dos Educandos, Três Cajueiros, rua do Livramento, rua das Flores, Oiteiro das Prainhas, rua dos Sampaios, rua da Cadêa[109].

No virar de página, o resultado do trabalho dos tipógrafos e impressores nas oficinas. Estão listados os jornais que se publicam na Província, com um breve histórico e informações de publicação do *Pedro II*, *Cearense*, *Constituição*, *Jornal da Fortaleza*,

106 *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará para o ano de 1870*. Op.Cit., p.26.

107 O Almanaque traz ainda o número de títulos disponíveis pela Biblioteca, divididos por seção: Teologia (255 volumes), Ciências e Artes (520), Jurisprudência (250), Enciclopédicos (264), História (945) e Literatura (1.152). E ressalva que há ainda "outras obras em brochura e em mal estado, jornais e manuscritos não classificados no número de 684 volumes. Idem, p 56.

108 São listadas as tipografias do Pedro II (Praça Municipal), do Cearense (Rua Formosa), da Constituição (rua da Boa Vista, 25), Do Jornal da Fortaleza (praça dos Voluntários), Da Tribuna Católica e do Imparcial (rua Amélia), de Theotônio Esteves de Almeida (ria da Palma), de Odorico Colás (rua Formosa). Os três impressores são: Conrado José Benedito (rua Amélia), Juvêncio José Pereira (rua Amélia), Raymundo da Silva Leite (rua Formosa). Idem, p.469.

109 São os tipógrafos: Augusto de Araújo Lima (rua Amélia), Antônio Ferreira Lima (Oiteiro dos Educandos), Augusto Sanche Osorio Chambica (rua do Cajueiro), Auto Amancio de Oliveira (rua da Cadêa), Antônio Francisco de Souza Virino (rua das Flores), Candido Ferreira Gomes (rua da Boa-vista), Estevao Forcade (rua da Palma), Francisco Soares Monteiro (sem endereço publicado), Francisco Vieira Perdigão (rua Formosa), Henrique Pereira de Avila (rua do Livramento), João Batista Pereira (rua das Flores), João Furtado Mendonça (rua do Sampaio), Joaquim Furtado de Mendonça (idem), Joaquim Avelino Ferreira de Carvalho (rua Amélia), José Lino de Paula Barros (rua Amélia), José Carlos Vieira (Três Cajueiros), Leocadio José Theofilo (sem endereço publicado), Lino de Souza Encarnação (Oiteiro dos Educandos), Lourenço Rodrigues Silva (rua Amélia), Manoel Pacheco Amora (Oiteiro da Prainha), Pedro Alves de Souza Brasil (rua do Cajueiro), Raymundo de Paula Lima (Rua Formosa), Raimundo Moreira da Silva (Oiteiro da Prainha), Severo Nonato da Costa (rua do Sampaio), Suitberto Osmery Neymaer Cesar Padilha (rua das Flores), Theotonio Esteves de Almeida (rua da Palma).

Tribuna Catholica, *Imparcial*. O Almanaque informa se a folha é oficial e diária, como o *Pedro II*, se o jornal é crítico, literário e noticioso, como a *Tribuna Catholica*, ou ainda noticioso e literário, como o Imparcial[110].

Para se desenvolver, a cidade também se comunica: Capital e Interior mantém ligações, estabelecem laços e negócios com outras províncias. O Almanaque logo se interessa em informar o dia da partida dos estafetas para cada ponto do Ceará, as agências do Interior, a lei do imposto do selo, os valores de postagem. Comunicação que também é feita pelos telégrafos, instrumentos que regra o trânsito marítimo[111].

As companhias de navegação oferecem outras marcas do desenvolvimento da cidade do Almanaque de 1870. A agência da Companhia Brasileira de Paquetes a Vapor oferece passagens para o Rio de Janeiro, Bahia, Maceió, Pernambuco, Paraíba, Natal, Maranhão e Pará com dia certo para chegar e para sair. Os preços variam, caso o passageiro vá de Ré, assentos mais caros, custando 160$000 (cento e sessenta mil réis) para o Rio de Janeiro, por exemplo; ou Convés, gastando bem menos, 35$000.

Os agentes das Companhias de navegação de Pernambuco e do Maranhão estão ordenados, um após o outro, oferecendo-se para levar da Capital aos portos do Aracati, Acaraú e Granja, ou chegando até aquelas províncias. Já o trânsito internacional fica com as companhias *Liverpool and Northern Steamers*, a *Red cross line of Steamers*, com preços das passagens e valores para transporte de cargas: vinhos, ferragens, queijos, cerveja engarrafada, louça, gêneros de peso, manteiga... No Almanaque, não há estranhamento com os nomes dos capitães *Jackson, Kirkpatrick, Kutehinsott*[112].

Ao longo dos anos, o Almanaque acompanha e atualiza as transformações da cidade, ele também em constante adaptação. Em 1895, o *Almanack da Cidade da Fortaleza* já oferece o nome e número dos poucos habitantes que possuíam o serviço oferecido pela *Empreza Telephonica do Ceará*. A lista em ordem alfabética, de *A* a *T,* não chegava a 200 números em cinco páginas, informando a localização dos aparelhos: se o número do assinante era da residência, do escritório, da loja de modas, da redação do jornal, do quartel, da estação de trem, do gabinete, da padaria, da farmácia, da repartição[113].

No ano seguinte, a publicação se ampliou, passando a se chamar *Almanach*

110 Idem, p.470.
111 O Almanaque oferece a Tabela de Sinais do Telégrafo da cidade de Fortaleza e Províncias do Ceará, mostrando os sinais para cada tipo de embarcação, nacionalidade e origem. Idem, p.408-409.
112 *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará para o ano de 1870*. Op.Cit., p.413-414.
113 Lista dos assinantes em 31 de dezembro de 1894. *Almanack da Cidade da Fortaleza*. Op.Cit. p. 49-54.

Administrativo, Estatístico, Mercantil e Industrial do Estado do Ceará para 1896. A edição maior tentou alcançar as atualizações da Capital e se estender para alguns municípios do Interior que enviaram os seus dados. A relação dos usuários da *Empreza Telephonica* ainda era pequena ao ponto de continuar sendo publicada dentro do Almanaque, mas dava mostras da velocidade do seu crescimento, agora ocupando sete páginas da publicação, mais uma de anexo[114].

Acompanhando as edições dos anos, a geografia das seções se assemelha à de uma cidade planejada, onde os poderes e funções se sucedem hierarquicamente, ordenados pelo nome. Na rua de entrada, o Governo do Estado demonstra importância pelas letras graúdas do título. Os gabinetes são ordenados, preenchidos por autoridades e funcionários que sabem de seu lugar dentro da hierarquia: o presidente da Província e o seu entorno – ajudante de ordem, secretário. As autoridades legislativas, sucedidos pelos funcionários da Assembleia: o oficial, o arquivista, o porteiro do prédio.

A cidade possui escola e igreja. Por isso, o Almanaque traz os professores e os diretores das escolas, mas também os que fazem parte da rotina escolar: o bedel-arquivista, o inspetor de alunos, o amanuense. A regra é começar pelo que é considerado de maior importância. Primeiro os espaços públicos: Liceu, Escola Normal, ensino primário. Depois os particulares: Seminário episcopal, Instituto de Humanidades...

Em um mudar de páginas do *Almanach do Ceará*, chega-se aos dois os hotéis da cidade, as sete hospedarias e duas casas de bilhar. Depois, às páginas do Comércio, dos serviços, do lazer, com as livrarias, lojas de secos e molhados, alfaiatarias. Indicações dos modos de viver: o lazer, o trabalho, onde se compra, onde se mora.

Como a cidade tem biblioteca, o bibliotecário e o porteiro servente entram para o Almanaque, garantem sua presença no impresso. Assim como os que ocupam os cargos necessários para o funcionamento da Cadeia Pública em 1896: um carcereiro, um ajudante, um amanuense, um médico e um professor. A situação é bem diferente para os presos da mesma Cadeia, às margens da página da publicação. A presença deles está subentendida, já que a cadeia existe, mas não possuem nome nessa cidade que se volta e apresenta uma estrutura oficial[115]. Nessa mesma lógica, não recebem nome as cinqüenta e quatro mulheres confinadas entre os "93 loucos" do *Asilo de Alienados de*

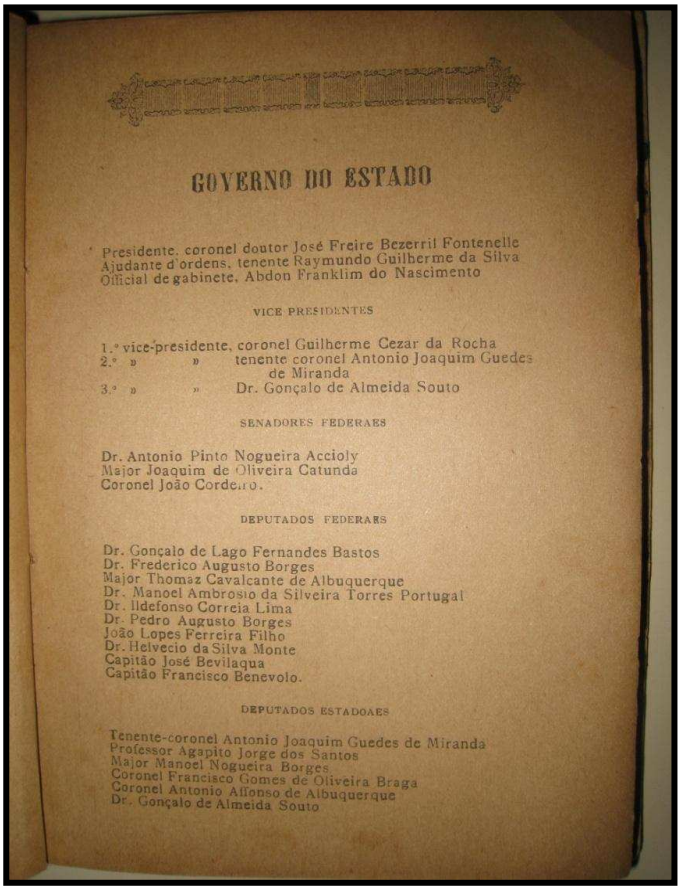
114 O anexo trazia em uma página o "Aumento de Telefones depois de publicado o novo quadro em 15 de novembro de 1895". *Almanach Administrativo, Estatístico, Mercantil e Industrial do Estado do Ceará para 1896.* Fortaleza: Typ. d´A República, 1896, p.65-71 e 104.

115 Idem, p.06.

Porangaba, longe das famílias e comércios do Centro[116], que o Almanaque contabiliza, mesmo que não possuam nome.

A cidade ordenada se reafirma a cada esquina como também uma cidade desigual, embora de conflitos silenciosos. E assim como na vida, o Almanaque dá a medida da morte, que também obedece à hierarquia dessa cidade impressa. Depois de morto, ainda haveria de ser classificado, da 1ª à 8ª classe, de acordo com a tabela para os serviços funerários a cargo da Santa Casa de Misericórdia. A primeira classe era elegante, com serviço completo de funeral: caixão, altar, eças (nº 2), carregadores, vestimenta, pano de porta, carro, em um gasto total de 620$000 (seiscentos e vinte mil contos de réis).

Já para os que estavam na 8ª classe, um caixão, carregadores e pano de porta eram suficientes, com gastos que não ultrapassavam os 39$000 (trinta e nove mil contos de réis). O Almanaque mostra que essas fronteiras não deveriam ser ultrapassadas, oficialmente: "Para evitar confusão no trabalho e preço dos enterros não se pode misturar nada de umas com as outras classes"[117].



GOVERNO DO ESTADO

Presidente, coronel doutor José Freire Bezerril Fontenelle
Ajudante d'ordens, tenente Raymundo Guilherme da Silva
Official de gabinete, Abdon Franklim do Nascimento

VICE PRESIDENTES

1.º vice-presidente, coronel Guilherme Cezar da Rocha
2.º » » tenente coronel Antonio Joaquim Guedes de Miranda
3.º » » Dr. Gonçalo de Almeida Souto

SENADORES FEDERAES

Dr. Antonio Pinto Nogueira Accioly
Major Joaquim de Oliveira Catunda
Coronel João Cordeiro.

DEPUTADOS FEDERAES

Dr. Gonçalo de Lago Fernandes Bastos
Dr. Frederico Augusto Borges
Major Thomaz Cavalcante de Albuquerque
Dr. Manoel Ambrosio da Silveira Torres Portugal
Dr. Ildefonso Correia Lima
Dr. Pedro Augusto Borges
João Lopes Ferreira Filho
Dr. Helvecio da Silva Monte
Capitão José Bevilaqua
Capitão Francisco Benevolo.

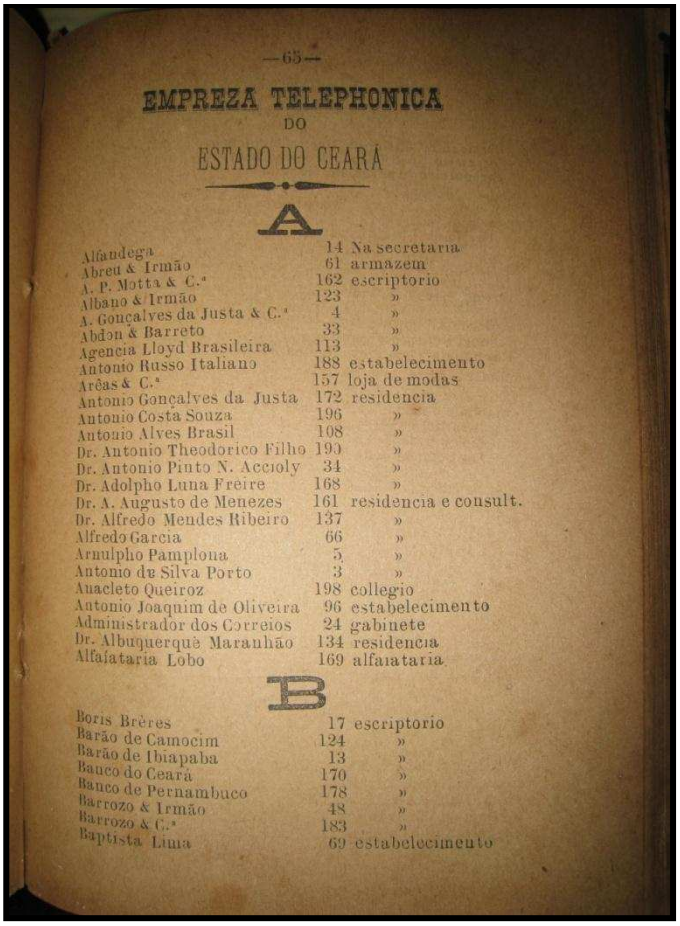
DEPUTADOS ESTADOAES

Tenente-coronel Antonio Joaquim Guedes de Miranda
Professor Agapito Jorge dos Santos
Major Manoel Nogueira Borges
Coronel Francisco Gomes de Oliveira Braga
Coronel Antonio Affonso de Albuquerque
Dr. Gonçalo de Almeida Souto

Imagem 07 – Relação da administração pública do Almanack da Cidade da Fortaleza para 1895. Acervo BPGMP (CE).

116 Idem, p.56.
117 Idem, p.99-101.

Imagem 08 – Relação de assinantes da Empreza Telephonica no Almanach do Ceará para o ano de 1896. Acervo ACL (CE).



—65—

EMPREZA TELEPHONICA
DO
ESTADO DO CEARÁ

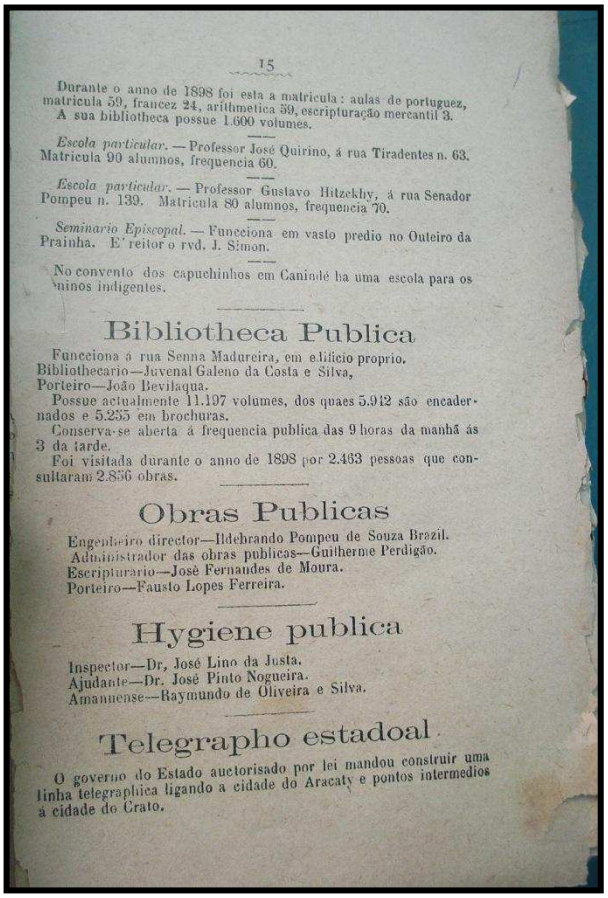
A

Alfandega	14	Na secretaria
Abreu & Irmão	61	armazem
A. P. Motta & C.ª	162	escriptorio
Albano & Irmão	123	»
A. Gonçalves da Justa & C.ª	4	»
Abdon & Barreto	33	»
Agencia Lloyd Brasileira	113	»
Antonio Russo Italiano	188	estabelecimento
Arêas & C.ª	157	loja de modas
Antonio Gonçalves da Justa	172	residencia
Antonio Costa Souza	196	»
Antonio Alves Brasil	108	»
Dr. Antonio Theodorico Filho	190	»
Dr. Antonio Pinto N. Accioly	34	»
Dr. Adolpho Luna Freire	168	»
Dr. A. Augusto de Menezes	161	residencia e consult.
Dr. Alfredo Mendes Ribeiro	137	»
Alfredo Garcia	66	»
Arnulpho Pamplona	5	»
Antonio da Silva Porto	3	»
Anacleto Queiroz	198	collegio
Antonio Joaquim de Oliveira	96	estabelecimento
Administrador dos Correios	24	gabinete
Dr. Albuquerque Maranhão	134	residencia
Alfaiataria Lobo	169	alfaiataria

B

Boris Brères	17	escriptorio
Barão de Camocim	124	»
Barão de Ibiapaba	13	»
Banco do Ceará	170	»
Banco de Pernambuco	178	»
Barrozo & Irmão	48	»
Barrozo & C.ª	183	»
Baptista Lima	69	estabelecimento

Imagem 09 – Espaços da cidade no Almanach do Ceará para o ano de 1900. Acervo ACL (CE)



15

Durante o anno de 1898 foi esta a matricula: aulas de portuguez, matricula 59, francez 24, arithmetica 59, escripturação mercantil 3.
A sua bibliotheca possue 1.600 volumes.

Escola particular. — Professor José Quirino, á rua Tiradentes n. 63. Matricula 90 alumnos, frequencia 60.

Escola particular. — Professor Gustavo Hitzckhy, á rua Senador Pompeu n. 139. Matricula 80 alumnos, frequencia 70.

Seminario Episcopal. — Funcciona em vasto predio no Outeiro da Prainha. E' reitor o rvd. J. Simon.

No convento dos capuchinhos em Canindé ha uma escola para os meninos indigentes.

Bibliotheca Publica

Funcciona á rua Senna Madureira, em edificio proprio.
Bibliothecario—Juvenal Galeno da Costa e Silva,
Porteiro—João Bevilaqua.
Possue actualmente 11.197 volumes, dos quaes 5.942 são encadernados e 5.255 em brochuras.
Conserva-se aberta á frequencia publica das 9 horas da manhã ás 3 da tarde.
Foi visitada durante o anno de 1898 por 2.463 pessoas que consultaram 2.856 obras.

Obras Publicas

Engenheiro director—Ildebrando Pompeu de Souza Brazil.
Administrador das obras publicas—Guilherme Perdigão.
Escripturario—José Fernandes de Moura.
Porteiro—Fausto Lopes Ferreira.

Hygiene publica

Inspector—Dr. José Lino da Justa.
Ajudante—Dr. José Pinto Nogueira.
Amanuense—Raymundo de Oliveira e Silva.

Telegrapho estadoal

O governo do Estado auctorisado por lei mandou construir uma linha telegraphica ligando a cidade do Aracaty e pontos intermedios á cidade do Crato.

Da Capital ao Interior

Mas se o Almanaque é do Ceará, onde ficam as cidades e localidades fora da Capital? No conjunto das edições, as informações sobre o Interior sucedem as de Fortaleza, sempre em função do alcance da estrutura oficial, seja na instrução, na saúde, na justiça. Exemplo da relação dos professores e professoras do ensino primário por município; com o nome dos juízes, promotores, tabeliães e escrivães das comarcas, ao informar sobre a organização do Judiciário. Ou ainda na relação dos eleitores aptos a votar nos distritos eleitorais, para o caso da edição de 1870, ainda no Império.

Mesmo com diferentes organizadores, a disposição dos conteúdos nos Almanaques do Ceará reproduz a prevalência da Capital sobre o Interior, do urbano (em processo) sobre o rural. Essa dimensão se torna ainda mais visível em outro Almanaque editado em Fortaleza no início do século XX, e que se propõe a tratar das diferentes cidades: o *Almanach dos Municípios do Estado do Ceará para 1908*. Com informantes e colaboradores de distintos pontos do Ceará, a publicação se pretende descrever os municípios com "as suas riquezas, a sua indústria, o seu comercio, a sua lavoura, as suas artes, as suas cousas e os seus homens" [118]:

> Estudam-se aqui os costumes e o carater do cearense, a nossa flora, a fauna e a natureza, em suma diversos assuntos da nossa terra pondo em destaque as suas belezas e atrativos e procurando corrigir o que a desmerece[119].

É a Capital que abre o Almanaque, se distinguindo das outras cidades que seguem em ordem alfabética. Nessa construção impressa do Ceará, Fortaleza ocupa o maior território, com cem páginas, trinta e dois das quais sobre características físicas, geográficas, urbanas[120]. As colaborações e anúncios vindos de Fortaleza, além de maioria, são vistos em toda a publicação, diferente das outras localidades, com páginas bem definidas.

No espaço do Almanaque, a Capital aparece como pólo irradiador da produção

118 *Almanach dos Municípios do Estado do Ceará para o ano de 1908.* Lisboa: Parceria Antônio Maria, 1907, p.02. Acervo BPGMP.

119 Idem, ibidem.

120 A descrição traz informações como latitude e longitude, fronteiras, área, tipos de construções, iluminação, principais ruas, as 14 praças de então, com fotos. Também publica dados sobre prédios públicos, instituições, igrejas e colégios. Nas imagens, estão o Passeio Público, Praça General Tibúrcio e Palácio do Governo, Escola Normal, Igreja do Patrocínio. As demais páginas são de colaborações literárias, textos em prosa e verso.

letrada, comercial, econômica, administrativa, de onde partem os referenciais de *civilização*: estradas de ferro, bibliotecas, escolas, clubes literários e artísticos, jornais, escritórios de advocacia, consultórios médicos, iluminação artificial, ruas, praças e avenidas, mercados, correios. Os mesmo sinais de modernidade que são privilegiados em relação a características geográficas ou dados agro-pastoris na apresentação das cidades.

> São Francisco
> Comecemos essa relação do que existe aí de mais importante sob o ponto de vista do desenvolvimento intelectual.
> Possue o "Club Progressista, corporação literária fundada em 29 de junho de 1903, que vai prestando relevantes serviços á localidade. Mantém um curso noturno de ensino aos filhos dos seus associados, que são em grande número"[121]

O Almanaque apresenta as localidades a partir das informações enviadas por sua rede de contatos no lugar, constituindo vínculos e levando também a publicação. Em uma representativa geografia, de Assaré à Viçosa, é formada uma rede de colaboradores e informantes[122]. Da cidade de Aracati, Antônio de Castro envia o poema "Olhando o céu". A professora Francisca Clotilde escreve o soneto "Ao Coração", do município de Baturité. O tabelião público de Aracoiaba, Francisco Hortêncio de Freitas atesta a eficácia do Elixir de Velame, Caroba e Manacá, em correspondência publicada no anúncio do medicamento[123]. O organizador do Almanaque agradece os "mimosos postais" enviados de Várzea Alegre por seis senhoras: Olga Silva, Clarice, Dorzinha, Bibia, Delia e Diva Teles.

Esse e os outros Almanaques, publicados a partir de 1870 no Ceará, chegavam aos municípios e circulavam na Capital, mas não estavam isolados. Faziam parte de uma correnteza de impressos, entre livros, folhetos, jornais, que incluía também diferentes

121 Idem, p.258.

122 O organizador do Almanaque diferencia colaboradores (aqueles que escrevem os textos publicados) de informantes (que oferecem dados sobre os municípios pesquisados). A relação completa dos colaboradores e informantes, com detalhes sobre a contribuição, está em oito páginas. Começa por Fortaleza e segue em ordem alfabética: Assaré, Acaraú, Aracati, Baturité, Barbalha, Beberibe, Benjamin Constant, Cascavel, Coité, Crateús, Canindé, Camocim, Crato, Entre-Rios, Itapipoca, Ipu, Ibiapina, Jardim, Jaguaribe, Lavras, Milagres, Massapê, Paracuru, Pacoti, Pereiro, Quixadá, Quixeramobim, Sobral, São Mateus, Santa Quitéria, Santana, Soure, São Benedito, São Francisco, Trairi, Várzea Alegre, Viçosa. Idem, p.277-284.

123 Idem, páginas 117, 121 e 126, respectivamente.

títulos de Almanaques, com distintos formatos, conteúdos e formas de aquisição. Títulos que chegavam de outras partes do Brasil, de outros países, todos conectados aos significados que o gênero assumiu ao longo do século XIX, momento de ampliação da palavra impressa.

Vinculado às necessidades sociais e culturais de marcação do tempo, o Almanaque percorreu diferentes espaços da cidade, agregando usos, alargando públicos, instituindo práticas de leitura. Para seguir nesse caminho, com foco nas características do gênero no século XIX, parte-se do ano de 1870, tendo como guia uma família instalada no comércio da Província. O inventário por morte da esposa de um livreiro português oferece contribuições sobre os títulos e formas de circulação dos Almanaques no Ceará.

1.3 – UMA CHUVA DE ALMANAQUES NO SÉCULO DO IMPRESSO

Quatro meses após a morte de Dona Angélica Alexandrina de Oliveira, o esposo, as duas filhas e o filho faziam a partilha amigável dos bens da família, acompanhados pelo único genro. Levantavam o valor dos imóveis de residência e comércio; das duas escravas, Raimunda e Benedita; do piano, da mobília da sala, de um par de brincos de brilhante, entre outros bens do patrimônio do casal no outubro de 1870. Na feitura do inventário, páginas e páginas são dedicadas a um bem especial, fragmentado e em grande quantidade. São os mais de mil títulos de diferentes livros e outros impressos vendidos na livraria do português, agora viúvo, Joaquim José de Oliveira. Em meio a romances, missais, compêndios jurídicos, mapas, cartilhas e tabuadas, estão 113 exemplares de Almanaques, com edições de Portugal, Rio de Janeiro e outros locais não identificados pelo documento[124].

A família dos Oliveira não parece diferente de outras que se instalavam no comércio da cidade de Fortaleza na segunda metade do século XIX. Possuíam uma loja na Praça da Municipalidade e uma casa na rua Formosa, ambas de boa localização na capital cearense. O rapaz era alferes, de mesmo nome do pai, Joaquim José de Oliveira Filho, 22 anos. A irmã, Francisca da Conceição de Oliveira, estava com 25 anos e se casaria somente em 1872 com o futuro sócio da livraria. A outra filha, Dona Loduvina de

124 ARQUIVO Público do Estado do Ceará (APEC). Inventário de D. Angelica Alexandrina de Oliveira. Cartório de Órfãos, Fortaleza/CE, pacote 33, processo 16, ano de 1870. Foram identificados 1.470 diferentes títulos de impressos no inventário. Além do inventário original, que se encontrava em pasta solta sem referências de guarda no APEC, foi consultada cópia transcrita de parte do inventário no acervo da historiadora Adelaide Gonçalves.

Oliveira Lobato, já era esposa de Manuel Joaquim Lobato, de quem não se tem notícias sobre a profissão. Com a morte da mãe, dona Angélica, a herança foi dividida em duas partes iguais, uma a ser partilhada entre os filhos, a outra metade mantida com o pai, que não tardaria a casar novamente[125].

No entanto, dona Angélica e o marido livreiro são personagens singulares na Fortaleza de 1870, cidade ainda com poucos e recentes espaços de instrução e educação: uma biblioteca pública, uma escola pública e uma particular de ensino secundário, um clube literário de estudantes que começava a se reunir naquele ano[126]. O casal guardava um acervo com cerca de 20 mil exemplares de impressos, divididos entre os "de conta própria" e "de consignação"[127]. A quantidade salta aos olhos e evidencia o contraste entre os diversos formatos, valores e conteúdos dos livros, demonstrando diferentes públicos. Um leitor de posses poderia adquirir um luxuoso *Missal romano grande*, no valor de vinte e oito mil cento e sessenta réis (28$160)[128]. No outro extremo, estavam 1.726 cartilhas, custando duzentos réis ($200) cada, e 3.447 tabuadas, valendo $017 a unidade.

Por aquele tempo, chamar uma casa comercial de livraria era ainda hábito novo. No início da década de 1870, apenas uma outra loja de livros estava registrada na junta comercial da Província, a casa de João Luiz Rangel, na rua da Palma, nº51[129]. Mesmo com alguma concorrência, JJ de Oliveira mantinha posição de destaque no ramo, que se iniciou como tipógrafo mais de duas décadas antes[130]. Por alguns anos, sua livraria foi o

125 Idem. As informações sobre a família após 1870 constam no inventário de morte de Joaquim José de Oliveira, feito no ano de 1904, visto em SILVA, Ozângela de Arruda. *"Livros & Cia.: as livrarias e o comércio livreiro em Fortaleza nos oitocentos"*. Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História, da Universidade Estadual do Ceará (Uece), Fortaleza, 2006, p.69-70.

126 Entre os principais espaços de instrução e educação disponíveis em 1870 estão a Biblioteca Pública, instalada três anos antes, em 1867; o Liceu do Ceará, que oferecia os estudos secundários na Província desde meados do século XIX, com fundação em 1845. O único colégio particular de ensino secundário existente no ano de 1870 era o Atheneu Cearense, fundado em 1863. Em 1870 começavam as reuniões da Fênix Estudantal, grupo de estudos literários e científicos formado por estudantes.

127 APEC. Inventário de D. Angelica Alexandrina de Oliveira. Op.Cit, folhas 01 a 21. O inventário traz um total de 18.210 exemplares "de conta própria", além dos mais de mil volumes em "consignação", isto é, que estavam disponíveis para venda na Livraria Oliveira, mas cujos donos eram outros livreiros, escritores ou diferentes letrados do Ceará e de outras províncias com quem mantinha relação.

128 Idem, folha 10. A família Oliveira possuía seis exemplares do livro, somando o significativo valor de 168$960.

129 Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará para o ano de 1870. Op.Cit., p.455. A publicação traz ainda que JJ de Oliveira era sócio efetivo da Associação Comercial da Praça do Ceará. A rua da Palma atualmente chama-se Major Facundo.

130 NOBRE, Geraldo da Silva. *Introdução à História do Jornalismo Cearense* – edição fac-similar. Fortaleza: Nudoc/ Secretaria da Cultura do Estado do Ceará – Arquivo Público do Ceará, 2006, p.84. De acordo com o autor, Joaquim José de Oliveira foi impressor da Tipografia Cearense, de propriedade do coronel José Pio Machado, durante período não especificado nas décadas de 1840-1850. A tipografia chegou a imprimir o jornal conservador "Pedro II" e "O Equilíbrio", porta-voz de uma dissidência do

único estabelecimento dessa natureza existente na Capital, "embora vendessem livros e artigos de papelaria em lojas não especializadas"[131]. Jornais do século XIX apontam que, já no ano de 1867, o livreiro anunciava grandes listas de publicações, além de materiais diversos chegados para sua livraria, a qual prossegue até o fim da década de 1890[132].

Quando dona Angélica faleceu, a Livraria de JJ de Oliveira se firmava como ponto de encontro dos "letrados" da Província, ou como alguns preferem, da "boa gente mais cultivada da terra": lugar de leituras, conversas, circulação de ideias, por vezes mais que de compras[133]. Entre um assunto e outro, os leitores iriam percorrendo as publicações. Alguns para comprar, outros para folhear as páginas ou simplesmente olhar as novidades. O português mantinha encadernações valiosas, muitas vindas da sua terra natal, a exemplo das duas edições do Dicionário Portuguez de Lacerda[134], avaliados a 19$200 cada; e três exemplares do livro *A História de Portugal*, do escritor português Alexandre Herculano, por 15$000 cada. Já os romances *Diva* e *Lucíola*, de José de Alencar, podiam ser encontrados por 2$100 o exemplar. Ou se preferissem um francês, *Paul et Virginie*[135], haviam 17 exemplares, a 1$190 cada.

Mais baratos que dicionários e, na maior parte das vezes que os romances, estavam os 113 Almanaques do Inventário, todos vindos de fora da Província. Em 1870, o livreiro possuía 62 exemplares do Almanach Luso-Brasileiro, editado em Lisboa, com dois tipos de encadernação ao gosto e à bolsa do leitor, ambos em formato de bolso, com

---

partido conservador. Não se sabe quando JJ de Oliveira chegou ao Brasil, vindo de Portugal.

131 Idem, Ibdem.

132 SILVA, Ozângela de Arruda. *"Livros & Cia.: as livrarias e o comércio livreiro em Fortaleza nos oitocentos"*. Op.Cit., p.49. Ver ainda VENÂNCIO, Giselle Martins. *Lisboa-Rio de Janeiro-Fortaleza: Os caminhos da coleção Biblioteca do Povo e das Escolas traçados por David Corazzi, Francisco Alves e Gualter Rodrigues*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2005. A autora aponta Joaquim José de Oliveira e o livreiro Gualter Rodrigues da Silva, que instala livraria na década de 1880, como os dois maiores livreiros da cidade no século XIX.

133 GIRÃO, Raimundo. *Geografia Estética de Fortaleza.* Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1979, p. 125. O autor observa que a livraria é instalada no mesmo local onde décadas mais tarde seria construído o Cinema São Luiz, na Praça do Ferreira, nome que passou a valer oficialmente a partir de 1871.

134 José Maria de Araújo Correia de Lacerda. De acordo com Telmo Verdelho, a obra é a correspondente sequência editorial do Novo Diccionario da Lingua Portugueza (1849) de Eduardo Faria. Para se dimensionar o dicionário, torna-se relevante observação do autor: "Em Portugal surgem, a partir da segunda metade do século XIX, alguns dicionários que, sem atingirem dimensões impressionantes, podem ser considerados grandes, tendo em conta o espaço editorial, científico e nomeadamente filológico da língua portuguesa". VERDELHO, Telmo. *"Lexicografia"*, artigo nº.457 (Portugiesisch: Lexikographie) do Lexikon der Romanistischen Linguistik, Vol.VI,2, Tübingen, Max Niemeyer, 1994, p.673-692.

135 De autoria de Bernardin de Saint-Pierre, é tido como um dos primeiros romances impressos pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro, em 1811, com grande circulação. CAMARGO, Ana Maria de Almeida, MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia da Impressão Régia do Rio de Janeiro. S*ão Paulo: Edusp / Livraria Kosmos Editora, 1993, 2. vol. No caso do livreiro, como o título é grafado em francês, e não em português como consta na relação da Imprensa Régia, não se pode afirmar que foi impresso no País ou importado.

cerca de 500 páginas. No formato brochura, 38 edições, a $570 cada. Outros 24 exemplares eram encadernados em papel cartão e custavam um pouco mais, $720.

Bem mais caras, estavam duas edições do *Almanak do Rio de Janeiro*, ou dito de forma completa *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Côrte e Província do Rio de Janeiro*, editado pela tipografia dos irmãos Eduardo e Henrique *Laemmert*[136]. Passando das mil páginas, cada uma das duas edições era avaliada em 6$400. O espólio de Dona Angélica traz também 45 exemplares do *Almanak de 1868* ($660), três do *Almanak de 1865* (1$000) e um *Almanak de Cacholet* ($500), sem informar o local de impressão[137]. A coleção desses 113 impressos, de periodicidade anual, com tamanhos e preços diferentes, demonstram que JJ de Oliveira era também uma referência para a aquisição de Almanaques na Província. Mas não estava sozinho.

Naquele mesmo ano, bem próximo à casa da família do livreiro Oliveira, saía do prelo uma nova publicação cearense, recebida com entusiasmo e comentada entre liberais e conservadores. Pela primeira vez, circulava um Almanaque do Ceará. Logo na capa, a informação em destaque mostra distinção: "*Fundado por Joaquim Mendes da Cruz Guimarães. Bacharel formado na Faculdade de Direito da cidade do Recife*"[138]. Impresso na tipografia do maranhense Odorico Colás, instalada na rua Formosa, o *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará para 1870* dava início a uma produção ao longo do tempo, mesmo que descontínua, de Almanaques locais. Por décadas, esses livros se espalharam pela Capital e Interior, somados aos que chegavam de outros pontos do Brasil e da Europa, numa diversidade de nomes, formatos e preços formando conjunto significativo também da história da leitura e de suas práticas na província.

Assim, para começo de história, surge uma questão, aparentemente elementar, mas significativa em dimensão e desdobramentos. O Almanaque era gênero lido no Ceará. E bem mais do que se pode perceber à primeira vista, levando-se em conta que as relações estabelecidas com esses impressos fazem parte de um "universo mental"[139]

136 As edições do *Almanak Laemmert* de 1844 a 1889 estão disponíveis no site do *Center for Research Libraries*, um consórcio de universidades norte-americanas: www.crl.edu/content/almanak2.htm.

137 Todos os almanaques do inventário eram do livreiro Oliveira, com exceção dos três Almanak de 1865 e o Almanak de Cacholet, consignados com Manoel José Ribeiro Guimarães, de quem não se tem mais informações. Nesses e em alguns outros itens do inventário, não está descrito o completo das obras, mas somente essas indicações.

138 *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará para o ano de 1870*. Op.Cit., capa.

139 Nas palavras do historiador Robert Darnton, a leitura permanece um mistério, "temos dificuldade em compreendê-la hoje e maior dificuldade ainda em nos acercarmos do que era no passado". A partir do estudo de caso de um leitor do Antigo Regime, o autor reforça que "os homens do século XVIII habitavam um universo mental que não existe mais e que temos dificuldades em reconstruir a partir de

diferente do que se experimenta em uma contemporaneidade pulverizada por diferentes mídias, para além do impresso. No encontro com as fontes, percorrendo a cidade de Fortaleza e seguindo para outros municípios, desde meados do século XIX, chegando ao século XX, esse gênero é visto de forma tão diluída, quanto cotidiana.

Às vezes, de tão comuns, quase passam despercebidos ao pesquisador, mas não ao diverso público. No balcão da *Farmácia Theodorico*, casa comercial da Fortaleza de fins de século, o freguês encontra um *Almanak de Barry*, quem sabe próximo aos "*dois enormes frascos com água colorida de amarelo e azul*" que ali ficavam[140]. Poderia folhear o pequeno Almanaque enquanto espera pelo aviamento das receitas, sentado no banco de pau preto entre as portas que dão para a rua[141]. Distribuído gratuitamente pelo laboratório norte-americano *Barclay*, "*para uso das famílias, dos trabalhadores mecânicos, negociantes e marítimos*[142]", era um agrado oferecido aos clientes pelo farmacêutico cearense José Eloy da Costa.

Com o Almanaque em mãos, o leitor logo vê utilidade no Calendário para o ano corrente, com cálculos astronômicos, eclipses, signos do zodíaco, dias de feriado. Entre as folhas de janeiro a dezembro, encontra ilustrações variadas, seguidas de depoimentos comprovando a qualidade e eficácia de medicamentos, sabonetes, tinturas e cremes "para suprir a necessidade de nutrição do cabelo". Os compostos mostram que a circulação do Almanaque de Farmácia se volta à vida em família: são produtos de higiene, beleza, remédios maravilhosos para o fígado, que curam de enxaqueca a reumatismo, de prisão de ventre a febres intermitentes. O frequentador da farmácia guarda e consulta o Almanaque-Calendário ao longo de todo um ano, e o laboratório atinge "o objetivo da publicação", como mesmo diz, "a saber, o anuncio de nossos preparados especiais, já tão universalmente conhecidos"[143].

O Almanaque-brinde era também aproveitado pela casa comercial que o

---

seus traços nos arquivos". DARNTON, Robert. A leitura rousseauista e um leitor "comum" no século XVIII. In CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da Leitura.* São Paulo: Estação Liberdade, 2006, p. 143.

140 A descrição dos frascos no balcão da Farmácia Teodorico é de Gustavo Barroso no livro Coração de Menino. "Pequena e numa casa baixa, toda reformada", a farmácia é lembrada como o estabelecimento mais antigo da cidade, contemporânea do Brasil-Reino. BARROSO, Gustavo. *Coração de Menino*. Rio de Janeiro: Getulio M. Costa Edit., 1939, p. 138-139.

141 Idem, ibidem.

142 *Almanak de Barry,* 1893. New York: Barclay & Co, s/a. Acervo Instituto do Ceará. O laboratório norte-americano Barclay produzia o Almanaque em português, distribuindo-o nas farmácias e em outras casas comerciais que revendiam seus produtos. Acervo Instituto do Ceará.

143 *Almanak de Barry,* 1899. New York: Barclay & Co, s/a, Introdução. São compostos anunciados ao longo do Almanaque: Tricófero de Barry, Creme de pérolas de Barry, Tinturas para cabelo de Barry, Água de Florida, Sabonete de Reuter, Xarope de Reuter nº1, Xarope de Reuter nº2, Pequenas Pílulas de Reuter. As ilustrações nem sempre se relacionam com o conteúdo dos textos. A exemplo da ilustração de uma criança com um cachorro e a legenda: "Desprezado".

repassava. O farmacêutico José Eloy oferecia suas "gotas odontálgicas", preparadas especialmente na Farmácia Theodorico, em anúncio colado à mão no *Almanak de Barry*. No verso, apresenta seus cumprimentos de Ano Novo, reforçando ainda a tradição do comércio no ramo: "Cumprimentos da Farmácia Teodorico de José Eloy da Costa. Estabelecida em 1821"[144].

Somavam-se ao *Almanak de Barry* diversos outros títulos de Almanaques-brindes, ou Almanaques de Farmácia, por serem distribuídos no Brasil por laboratórios farmacêuticos especialmente a partir do século XX[145]. A mesma estratégia do farmacêutico José Eloy da Costa era utilizada por outros comerciantes cearenses, como J. Adonias & Companhia, da cidade de Camocim, que carimbava sua marca no *Almanak Ilustrado de Bristol*[146]. Ou como a *Pharmácia Pasteur*, localizada na Praça do Ferreira, em Fortaleza, que colava à mão seu anúncio no verso do *Almanak Oliveira Júnior & Cia*, oferecido pelo laboratório de mesmo nome[147].

Tais títulos se juntam ao *Almanach Saúde*, *Almanach de Humphreys*, *Almanaque Biotônico Fontoura*, todos distribuídos gratuitamente no comércio do Ceará, conectados a uma prática dos laboratórios farmacêuticos que alcançava diversos pontos do País[148]. Vera Casa Nova observa que o formato era intencionalmente fácil de distribuir e portar, com o máximo de 35 páginas, tamanho 18,3cm x 13,4cm em média. O leitor podia levar "de um lado para o outro com maior facilidade" - eram brinde das lojas, presente de Natal ou Ano Novo. E assim se espalhavam pelo interior do Brasil"[149].

Os Almanaques de Farmácia proliferaram em número de títulos e quantidade

144 O estabelecimento inseria um anexo, com a sua propaganda. Em folhas rosadas, de cor diferente e tamanho menor que outras páginas, ele oferecia as suas "*gotas odontálgicas*" (contra dor de dente) preparadas especialmente naquele estabelecimento. No verso, ele cola adesivo com seus cumprimentos e o endereço da farmácia: rua Major Facundo, 66, Fortaleza. *Almanak de Barry,* 1899. Op.Cit., s/p.

145 Vera Casa Nova identifica modelos iniciais dos almanaques de farmácia no século XIX, como o Pharol da Medicina, de distribuição gratuita, patrocinado pela Pharmacia e Drogaria Granado, no Rio de Janeiro. Mas difusão dos Almanaques de Farmácia é própria do século XX relacionada ao crescimento da indústria farmacêutica e desenvolvimento da propaganda, com novas estratégias comerciais. São dessa época os remédios Saúde da Mulher e Bromil, que aparecem primeiro em revistas para depois terem seu próprio veículo de propaganda – o Almanaque. CASA NOVA, Vera. *Lições de Almanaque. Um Estudo Semiótico.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996, p.22-23.

146 Almanak Ilustrado de Bristol para o ano de 1905. Preparado para os E.E.U.U. do Brazil. S/l, s/e. O próprio Almanaque destinava espaço no verso para os comerciantes locais que o distribuíam. Como em edição de 1905, há o carimbo "J. Adonias & Cia. Endereço telegráfico Adonias. Camocim Ceará". Outro comerciante de Camocim imprimiu sua propaganda em edições, como se vê nos anos de 1906, 1908, 1910, 1912, 1914, 1915, . "Nicolau & Carneiro. Camocim, Ceará. Brazil". Acervo Nirez.

147 Almanak Oliveira Júnior & Cia 1908. Rio de Janeiro: s/e, s/a. No verso, percebe-se que a página impressa com o anúncio da Pharmacia Pasteur foi colada por cima da página original. Acervo Nirez

148 Nas edições dos Almanaques de Farmácia consultados, estão anúncios de casas comerciais de Pernambuco, Pará, Maranhão, São Paulo, Rio de Janeiro, onde eram vendidos os produtos do laboratório.

149 CASA NOVA, Vera. *Lições de Almanaque..* Op.Cit., p.24.

quanto mais se avança no século XX, alcançando grandes tiragens e amplo sucesso editorial[150]. Essa tipologia de Almanaques é alvo das primeiras pesquisas sobre o gênero, nas áreas da Educação e Semiótica[151], principalmente a partir do alcance de títulos como o *Almanaque Biotônico Fontoura* e o *Saúde das Famílias*. Tanto assim que a pesquisadora Marlyse Meyer, cedendo à tentação em classificar, separou os Almanaques brasileiros entre "os gerais" (todos os outros tipos) e os "de farmácia"[152].

Aquilo que chama de "gerais", na verdade, são muitos Almanaques, diferentes em conteúdos, usos, objetivos e públicos. Circulam ao longo do século XIX, principalmente após 1850, e estão intimamente ligados ao esforço de ampliação da cultura impressa no Brasil. Aqui, serão abordados títulos não distribuídos gratuitamente, adquiridos em casas comerciais ou tipografias, com valores mais acessíveis que outros impressos.

A diversidade desses Almanaques pode ser vista em anúncios de jornais cearenses do período. Joaquim José de Oliveira, o livreiro português de quem se falou no início, publica anúncios específicos para essa venda que tinha período certo para se realizar, já que se tratava de um "livro para um ano". Em novembro de 1883, demonstra o sortimento em estoque para o ano seguinte, bem como as preferências dos seus fregueses cearenses, em um trânsito com o Rio de Janeiro e Portugal:

> Recebeu a Livraria e Papelaria de Joaquim José de Oliveira & Cia.
> Almanach Brasileiro Ilustrado pelo Dr. Antônio Manoel dos Reis
> Novo Almanach de Lembranças Luzo-Brasileiro, pelo Dr. A.X. Rodrigues Cordeiro.

150 De distribuição gratuita, os números alcançados por esses produtos editoriais enchem a vista, como mostra Margareth Park usando o exemplo do Almanaque Biotônico Fontoura, tido pela autora como o mais importante entre estes: "Impulsionado pelo sucesso do folheto Jecatatuzinho, distribuído anteriormente pelas farmácias, o primeiro número sai em 1920 elaborado e ilustrado por Monteiro Lobato, com uma tiragem de 50.000 exemplares. Durante as décadas de 1930 a 1970, o número de exemplares impressos e distribuídos oscilou entre dois e três milhões e meio. PARK, Margareth Brandini. *Histórias e leituras de almanaques no Brasil.* Tese de Doutorado da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 1998, p.87. No estudo, a autora afirma: "o alcance e a importância dessa literatura traduz-se pela alta tiragem de exemplares, gratuidade, modelo tipográfico e ampla rede de distribuição".

151 Os dois primeiros trabalhos sobre almanaques brasileiros datam da década de 1990, abordam almanaques de farmácia e são resultado de teses de doutorado nas áreas de semiótica e da educação, respectivamente: CASA NOVA, Vera. *Lições de Almanaque. Um Estudo Semiótico.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996. PARK, Margareth Brandini. *Histórias e leituras de almanaques no Brasil.* Tese de Doutorado da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 1998.

152 MEYER, Marlyse. Nota Prévia. In _____ (org.). Do Almanak aos Almanaques. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, p.12. O livro é o catálogo da exposição sobre almanaques brasileiros ocorrida na Fundação Memorial da América Latina em 1999. A organizadora justifica a opção por privilegiar os Almanaques de farmácia por estes "constituírem um capítulo importante da história cultural e da história da leitura do País".

> Almanach das Senhoras para Portugal e Brasil por D. Guiomar Torrezão Folhinha Laemmert, Guimarães e Memorial Fluminense[153].

Os nomes oferecem indicativos de uma ampliação do público-leitor. O Almanaque se volta às mulheres, aproximando as senhoras de Portugal e do Brasil com o universo letrado dominado pelos homens, a exemplo da publicação citada na relação do livreiro, o *Almanach das Senhoras para Portugal e Brasil*, que também surge em 1870[154]. É brasileiro, saindo da Côrte e percorrendo outras províncias, e ilustrado, incorporando novos recursos técnicos de impressão. É de lembranças, daquilo que deve ser guardado e rememorado; afirmando vínculos literários entre a metrópole e a ex-colônia, o luso-brasileiro autenticando a travessia da língua.

Nos jornais cearenses da segunda metade do oitocentos, os anúncios de Almanaques aparecem de novembro a fevereiro com o objetivo de garantir a preferência dos leitores. Isso porque, adquirir um Almanaque para o início do ano é rotina do período. Como todos sabiam, "*o novo ano precisa de uma folhinha nova*". Assim lembra a *Loja do Povo*[155], recomendando em anúncio no jornal *Cearense* o Almanaque mais completo, em relação a outros que por ali se ofereciam para consulta durante 1882.

> O novo ano precisa de uma folhinha nova, e como não haja outra que melhor satisfaça á todas as exigencias sociais, recomendamos ao ilustrado publico cearense o Almanach Brasileiro Ilustrado para o corrente ano pelo Dr. Antonio Manoel dos Reis (...) Assim pois, antes que se esgotem a edição, previnão-se do Almanach Brazileiro[156].

Os títulos se renovam anualmente no Calendário, seção que trata do movimento dos astros, das fases da lua, das festas cívicas e religiosas, dos eclipses e dias santos.

153 *Cearense*, 08/11/1882, p.03 (anúncios). Acervo de Periódicos BPGMP.

154 Almanach das Senhoras Portugal e Brazil para 1903. Lisboa: Parceria Antônio Maria Pereira, 1902. Ver GOMES, Ana Cláudia. *O Almanach das Senhoras (1871-1927) e um projeto político de acesso feminino à cultura letrada.* Dissertação do Programa de Pós-graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte, 2002.

155 A Loja do Povo vendia miudezas, tecidos, vinhos, whisky, entre outros produtos. Surgiu em 1852, depois passando a se chamar Casa Albano. Era de propriedade da firma Albano, Irmão & Cia, de José Francisco da Silva Albano (o Barão de Aratanha) e Manuel Francisco da Silva Albano. AZEVEDO, Miguel Ângelo de (Nirez). *Cronologia Ilustrada*. Fortaleza: Casa José de Alencar, 2001, p.33.

156 *Cearense*, 28/01/1882, p.03 (Anúncios). Acervo BPMP. A Loja do Povo, de Albano & Irmão, localiza-se na rua do Major Facundo, nº87, Fortaleza. O Almanaque é editado No Rio de Janeiro por Antônio Manoel dos Reis e de lá distribuído pelas províncias. *Almanach Popular Brazileiro*. Rio de Janeiro: Typ. Brazil Catholico, 1881. Acervo IEB.

Não por acaso é assim que começa o *Almanak do Ceará de 1870*, primeiro a ser produzido na Província. A seção é constante, em meio aos diversos tipos de Almanaques, dando unidade ao gênero, desde suas origens mais remotas[157]. Como reforça a pesquisadora Maria Carlos Radich, "*por necessidade, primeiro, por tradição, depois, como matéria principal ou acessória, extenso ou reduzido, religioso ou laico, rural ou urbano, de qualquer tipo que seja, um calendário é peça imprescindível no almanaque*"[158].

O conteúdo do Calendário não é obrigatoriamente igual entre os Almanaques de um mesmo ano em circulação no Ceará. Alguns, vindos de fora, com distribuição ampliada, trazem informações distantes da vida na Província[159]. Assim mostra um escrito no jornal abolicionista *Libertador,* indicando a circulação de títulos estrangeiros. Por esses impressos, se saberia mais sobre os eclipses visíveis em Paris no ano de 1888 do que sobre as mudanças de lua no Ceará. O texto se refere ainda a um tipo de conteúdo não recorrente nos títulos brasileiros de então, mas bastante ligado à tradição do gênero, que é a predição do tempo. Por trazerem predições diferentes, o jornal chega a recomendar aos cearenses, por ironia, a consulta de mais de um Almanaque durante o ano:

> Acabam de aparecer os almanacks para o próximo ano de 1888.
> Sabe-se que os astrólogos nunca se deixam ficar em atraso.
> Eis aqui algumas informações interessantes sobre os phenomenos que assignalarão em hora fixa o curso do próximo ano.
> Heverá três eclipses do sol (...); mas nenhum será visível em Paris.
> Ao contrário, haverá dois eclipses da lua, ambos visíveis em Paris, o primeiro a 28 de janeiro as 8h e 38 da noite (...).
> As maiores marés serão as de (ilegível) de fevereiro, 29 de março, 7 de setembro, 7 de outubro e 5 de novembro.

157 O termo "almanaque" tem origem etimológica controversa. Entre as explicações, a palavra *almanac* provém de um termo árabe que significa "livro do tempo". ANDRIES, Lise. Almanaques – revolucionando um gênero tradicional. In: DARNTON, Robert; ROCHE, Daniel (orgs). *A Revolução Impressa: A Imprensa na França, 1775-1800.* São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1996, p. 289. Para Casa Nova, pode ter várias origens. Desde o oriental Man, nome primitivo da lua, ao Men, de memória. Nas línguas orientais, *almanha* significa presente de ano novo. CASA NOVA, Vera. *Lições de Almanaque. Um Estudo Semiótico.* Op.Cit., p.17-18. Independentemente da origem do nome, o Almanaque é citado como de uso entre gregos, romanos, egípcios, hindus e chineses.

158 RADICH, Maria Carlos. *Almanaque, tempos e saberes.* Coimbra: Centelha, s/a, p.36.

159 O *Almanack de Barry* mostra o dia, hora e minuto de mudança das estações no Brasil. Se o outono chega no dia 20 de março de 1893 às 5h44min em Porto Alegre, não parece de igual sentido dizer que chega as 5h55min no Pará, que possui clima indiferente a essa data. Os cálculos astronômicos das estações do ano são feitos para Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Maranhão, São Paulo, Pará, Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Em relação aos eclipses, traz informações sobre o Ceará. *Almanak de Barry,* 1899, Op.Cit., p02.

> A Páscoa cairá no primeiro de abril e o Pentecostes no dia 20 de maio.
> Para as predicções para o tempo que deve fazer, consultar todos os almanacks sucessivamente. Eles nunca estão de acordo[160].

Independentemente de onde venha, ter um Almanaque nesse período é adquirir uma publicação vinculada às necessidades sociais e culturais de marcação do tempo. "*Essa impressão misteriosa*", nas palavras do escritor Eça de Queiroz, é disciplinada nas páginas do impresso para oferecer regularidade à vida individual ou coletiva[161]. Daí a preocupação em organizar o ano, arranjar meses, distribuir por eles os dias, fixar o Calendário. Um Almanaque sem um referencial de tempo seria contra-senso, "*um falso almanaque*", como continua Radich[162], é o tema que forçosamente nunca falta: *"situar-se no tempo, situar no tempo aquilo que é necessário saber e fazer para assegurar a continuidade da vida, para responder às exigências culturais elementares, ou mesmo pueris*"[163].

O domínio privilegiado do tempo está na origem e no caráter pragmático atribuído ao Almanaque. A *Loja do Povo*, para vender seu impresso, prescreve aquilo que é necessário saber durante o ano, afirma as "*exigências sociais*" daquele momento – compiladas do ponto de vista dos editores no Rio de Janeiro – a serem atendidas pelo impresso. Por essas exigências, o leitor deve saber as efemérides nacionais para que possa comemorar. Está interessado nas mudanças mais importantes da legislação, nos regulamentos aprovados pelo parlamento, nas decisões que regulam a vida econômica e política, como o valor cobrado por uma correspondência ou as regras de acesso ou restrição de eleitor no Império. Conhece os deputados e senadores de todas as Províncias ou sabe onde encontrar esses nomes caso precise. Tem acesso a uma diversidade de assuntos no texto literário, dado como não é frívolo, mas de "*importância científica*", em sintonia com o ideal cientificista do período**.** Assim diz o anúncio, ressaltando que a publicação traz um repertório de

> utilissimas indicações como sejão: as efemerides Nacionais, Regulamento do selo, Lei da Reforma Eleitoral, Computo eclesiastico, Camara dos Deputados, Senado Brazileiro, alem da interessantissima **Parte Literária**

160 *Libertador*, 24/12/1887. "O ano de 1888". Acervo BPMP.
161 QUEIROZ, Eça. Almanaques. Op.Cit., p.500.
162 *RADICH, Maria Carlos. Almanaque, tempos e saberes. Op.Cit., p.36*.
163 Idem, Ibidem.

> onde se encontram os mais belos e variados artigos sobre varios assuntos de importancia cientifica[164].

Frente à diversidade de conteúdos e o repertório recolhido, o Almanaque pode ser pensado como "*um guia, um instrumento onde se encontram elementos para a organização do cotidiano*", na síntese-definição do pesquisador português João Luiz Lisboa[165]. Organizam o tempo, tendo o calendário anual como base. Organizam a vida individual e coletiva, registrando uma moral, ordenando o espaço e as atividades, arrumando conhecimentos e indicações para uso na vida. Por isso, a noção de Almanaque tende a refletir a ideia de "*compilação de saberes*"[166].

Os escritos e informações publicados no Almanaque, em regra, são enviados por colaboradores ou extraídos de outros impressos, sejam livros ou periódicos. "*E que mal vem disto, e em que isto prejudica a essencia de um livrinho, que não é mais do que um repositório de tudo quanto possa interessar aos leitores sob o ponto de vista historico, geografico, religioso, philosófico, scientifico, literario e noticioso?*"[167], pergunta, em retórica, o editor do Almanach Brazileiro Ilustrado para 1881, Antônio Manoel dos Reis. Ele continua explicando:

> O almanach não é, não pode ser a copia servil de uma só obra, nem tão pouco o produto de um só cérebro; é um livro, cujas páginas devem variar de assunto, de forma e de estilo, reunindo sempre o útil e o agradável[168].

O "autor" do Almanaque é o editor que faz a seleção dos temas, a compilação dos conteúdos. Pela natureza da publicação, é lícito extrair ideias, pensamentos, anedotas, notícias e fatos, sem por isso ser plagiário de outros impressos, já que cita a origem do reproduzido[169]. Os méritos estariam no valor do conjunto de escritos escolhidos, na

---

164 *Cearense*, 28/01/1882, p.03 (Anúncios). Grifo original do texto. Acervo BPGMP.

165 LISBOA, João Luís. Almanaques. In GALVÃO, Rosa Maria (coordenadora). *Os Sucessores de Zacuto...* Op.Cit., pp.11-22, p.11,12.

166 Idem, Ibidem.

167 *Almanach Brazileiro Ilustrado para 1881*. Op.Cit., s/p, "Ao leitor".

168 *Idem*, p.29-31. As frases entre parênteses são de autoria do editor do Almanach, Antônio Manuel dos Reis. O redator destaca a diversidade dos 239 artigos da edição do ano assinados por nove senhoras e 78 cavalheiros, estão vários autores de referência universal, como Bossuet, Lamartine, padre Antônio Vieira, padre Manoel Bernardes, Vítor Hugo, entre outros.

169 O Almanach Brasileiro Ilustrado destaca que possui dois índices, um de autores e outro das matérias, nomeando a origem daquilo que é publicado, como é visto em outros Almanaques. Faz as contas e diz que nos 239 artigos, assinados por nove senhoras e 78 cavalheiros, "alguns dos nomes dizem por si o valor da publicação": Bossuet, Ambert, padre Manoel Bernardes, padre Antônio Vieira, Lamartine,

qualidade do que é selecionado. Por isso, o editor Manoel dos Reis defende que "*a obra é inteiramente nossa*" naquilo que diz respeito à *"escavação, escolha e distribuição das matérias",* estando aberto à colaboração de leitores e de outros impressos.

No prefácio escrito em tom coloquial, de conversa com o leitor, Manoel diz estar rebatendo "*um ou outro critiqueiro*" que acha falta de originalidade no livrinho *"cuja condição é ser um verdadeiro kaleidoscopio"*. Isso porque, na falta de textos inéditos para todas as páginas, "*que remédio temos nós senão folhear os bons livros, manusear as revistas nacionais e estrangeiras, percorrer os jornais e colher aqui e ali o que nos parece digno de figurar nas páginas do Almanach?"*[170].

Tais Almanaques guardam a confiança nos escritos de autores renomados, na filosofia, nas ciências naturais e jurídicas, na prosa e no verso, difundindo conhecimentos. Mas também trazem informações úteis e textos amenos, indicando uma leitura recreativa. Por impresso, traduzem-se formas e gêneros característicos da fala[171]: charadas, aforismos, provérbios e anedotas, conquistando o gosto do leitor. Este é um livro "*onde ao fato suceda o conto, ao conto suceda a fábula, à fábula a anedota, à anedota o verso, ao verso o epigrama, o pensamento, a pilhéria*", com a preocupação em tornar as páginas "*variadas e instrutivas, onde o útil se soma ao agradável*"[172].

No século XIX, ganha força a ideia do Almanaque como "*uma obra civilizadora de vulgarização científica, mais eficaz e sobretudo mais fecunda em resultados positivos do que aquele que resulta do austero ensino da obra didática*", como diz o *Almanach Saúde 1900*[173]. As publicações difundem saberes por meio de uma leitura acessível, que chega a novos públicos, buscando despertar o interesse do leitor.

Com esse entendimento, os tipógrafos cearenses recomendam a aquisição do Almanaque de sua preferência, o referido *Almanach Brasileiro Ilustrado*, editado no Rio de Janeiro e vendido em Fortaleza pela *Loja do Povo*, de Albano & Irmão. Em novembro de

---

Chateaubriand, R. Bastos, Veuillot, L´Homond, João de Deus, Ségur, Tertuliano, Vitor Hugo, entre outros. *Idem*, p.29-31.

170 *Almanach Brazileiro Ilustrado para 1881*. Op.Cit., s/p, apresentação "Ao leitor".

171 O termo é utilizado por James Obelkevich, o qual considera como alternativa para a História da Linguagem o estudo da fala "por meio de suas formas e gêneros característicos: cumprimentos, charadas, maldições, piadas, lendas e assim por diante". OBELKEVICH, James. Provérbios e História Social. In História Social da Linguagem. BURKE, Peter. PORTER, Roy (orgs.). Tradução Álvaro Hattnher. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1997, p.43-81.

172 *Almanach Brazileiro Ilustrado para 1881*. Op.Cit., s/p, apresentação "Ao leitor". O Almanaque era dividido em duas partes. A primeira com a folhinha de calendário para o ano, datas históricas, indicações úteis. Na segunda, variada coleção fragmentos literários e recreativos.

173 Almanach Saúde 1900. Paris: Bailly & Cia, F. Comar & Fils & Cia, s/a. Acervo Instituto do Ceará.

1879, texto do jornal *O Colossal,* órgão de associação tipográfica de Fortaleza[174], demonstra a familiaridade dos trabalhadores das oficinas com aquele impresso, que oferecia leitura "*variada e amena*":

> Abonado vantajosamente pela imprensa do paiz, e mais vantajosamente conhecido entre nós, o gracioso livrinho se recomenda por si mesmo ao publico e nos dispensa de encarecer a sua leitura mui variada e amena[175].

"Era moda trazer o Almanaque na algibeira"

Negociantes, mulheres, trabalhadores de ofícios vários, gente que anda pelas farmácias, pelo comércio. Um público diverso parece encontrar utilidade no Almanaque, ou melhor, os Almanaques parecem querer alcançar toda a gente, dos que frequentam livrarias aos que não têm o costume das letras. Nesse caminho de formar um hábito de leitura, adotam estratégias na forma e no conteúdo. Os textos são fragmentados, favorecendo uma leitura descontínua, "que toma e deixa o livro", na expressão do historiador Roger Chartier[176]. O leitor decifra mais facilmente sequências breves, com sinalizações explícitas: mais títulos e subtítulos, mais parágrafos curtos, uso frequente de elementos tipográficos como o negrito e o itálico.

Mas apesar de o Almanaque estar inserido em um contexto de leitura extensiva, concorrendo cada vez mais com outros impressos, transita entre públicos e por isso oferece diferentes possibilidades de recepção. O historiador Robert Darnton acena à possibilidade de uma leitura intensiva na recepção de obras consideradas efêmeras, como Almanaques e jornais[177]. Mesmo ligados a um processo de "dessacralização da palavra impressa", não se limitam à matéria descartável, são vistos guardados e colecionados, ano após ano. Pensando principalmente no leitor iniciante, com pouco

174 No campo da imprensa dos tipógrafos, o jornal O Colossal começa a circular em Fortaleza no ano de 1878, com redação na rua Major Facundo, antiga rua da Palma. No ano seguinte, 1879, muda o subtítulo "jornal literário e crítico" para "jornal neutro". Possui tipografia própria, montada por uma associação de tipógrafos. GONÇALVES, Adelaide. *A Imprensa dos Trabalhadores no Ceará, de 1862 aos anos 1920.* Tese de Doutorado do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2001, p.68.

175 O Colossal, 16/11/1879 apud *Almanach Popular Brazileiro para 1881*. Rio de Janeiro: Typ. Brazil Catholico, 1881. Acervo IEB. O preço desse Almanaque, sem valor de postagem, é de 1$000 (mil réis).

176 Essas características são apontadas por Chartier ao comentar a adaptação de textos para públicos menos habituados à leitura virtuosística. Segundo ele, a fragmentação do texto é uma das transformações mais claras destinadas a facilitar a leitura. Ele estuda o exemplo dos livros da Biblioteca Azul, em Troyes, na França, no século XVII. CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In CHARTIER, Roger (org.). *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p.101.

177 DARNTON, Robert. A questão dos livros: passado, presente e futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.217.

acesso ao impresso, não parece difícil pensar no Almanaque lido e relido, transmitido de geração a geração.

Como se inventaram os Almanaques

Gênero que circula em diferentes espaços, facilitando o contato com o universo das letras no Brasil do oitocentos. O Almanaque é o primeiro livro que muitos leitores tiveram nas mãos. Assim é a fabulação de Machado de Assis publicada no *Almanaque das Fluminenses*[178] de 1890. Com particular poder de síntese, por meio de uma metáfora, Machado diz como se inventaram os Almanaques. O escritor conta que o Tempo, desde que nasceu, é um velho de barbas brancas - o velho Tempo, como chamam os poetas. Mas uma coisa é barba, outra coração. Um dia, o Tempo viu uma menina de quinze anos, "*um composto de graças raras e finas*" e sentiu algo bater no peito. Olhava e as pancadas cresciam. Os olhos dela, *"verdadeiros fogos, faziam arder os dele só com fitá-los*". Os beiços do Tempo tremeram, o sangue corria depressa, todo ele era outro. Mas como uma menina iria amar um varão tão idoso?, se pergunta olhando para o vasto espelho que é o oceano. O nome da moça, ficou sabendo, era Esperança.

Sem conseguir esquecê-la, Tempo teve a ideia: "- *Se eu achar um modo de trazer presente aos olhos os dias e os meses, e o reproduzir todos os anos, para que ela veja papavelmente ir-se-lhe a mocidade...*". E o Tempo inventou o Almanaque. Era uma estratégia para a moça, que achou despropositado o romance com um ancião, perceber a passagem dos anos. Os Almanaques então apareceram de uma vez, como uma chuva de folhetos que caiu do céu no início do ano, espalhando-se por toda parte. As pessoas, mesmo estranhando, pegaram, "*leram e entenderam*": "*O Almanaque trazia a língua das cidades e dos campos em que caía*"[179].

Esperança passou a organizar os dias, marcando no Almanaque os encontros com as amigas. Todas também haviam recebido seus livrinhos. E não só elas, lembra Machado ao leitor, mas também as matronas, e os velhos e os rapazes, juízes, sacerdotes, comerciantes, governadores, fâmulos; "*era moda trazer o almanaque na algibeira*".

178 ASSIS, Machado de. Como se Inventaram os Almanaques. In: MEYER, Marlyse (org.). *Do Almanak aos Almanaques*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, p.p.25-28. O texto foi publicado pela primeira vez em Almanaque das Fluminenses, Rio de Janeiro, H. Lombaerts & Cia., 1890, pp.9, 12, 15, 18, 21, 24. Em contos avulsos, Raimundo Magalhães (org.), Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1956, pp.249-253.

179 Idem, p.26.

> Quando chegou o fim do ano, toda a gente, que trazia o almanaque com mil cuidados para consultá-lo no ano seguinte, ficou espantada de ver cair à noite outra chuva de almanaques. Toda a terra amanheceu alastradas deles; eram os do ano novo. Guardaram naturalmente os velhos. Ano findo, outro almanaque[180];

Nunca os dias pareceram correr tão depressa. E logo Esperança contou vinte cinco primaveras, ou como se dizia, vinte e cinco Almanaques. E assim foram trinta, quarenta, cinquenta, cem.. Mesmo quando a cabeça virou um pico de neve e a cara um mapa de linhas, Esperança manteve o coração verde, eternamente verde, como era também o coração do Tempo. E ela resolveu ceder ao consórcio. A velha Esperança passou a colaborar nos Almanaques daí em diante.

E continuaram a chover Almanaques, alguns agora "*adornados de figuras, de versos, de contos, de anedotas, de mil coisas recreativas*". Traziam inovações na forma e adaptavam conteúdos, trazendo novidades ao longo dos anos. Assim, o Almanaque foi mudando, até ficar bem diferente se comparado àquele da primeira chuva, quando era um livro seco, sem margens, com o calendário apenas. Desde então, "*o Tempo os imprime, Esperança os brocha; é toda a oficina da vida*"[181].

A metáfora revela uma faceta machadiana pouco observada, a de escritor de Almanaques. Na poética do encontro da Esperança com o Tempo, Machado conta do Almanaque no Brasil do século XIX. Um livro de fácil leitura e compreensão, com informações para um público ampliado – de matronas, jovens e velhos, governantes e comerciantes, juízes e sacerdotes – para quem se voltavam os assuntos tratados pelos diferentes títulos – Administrativo, Comercial, Estatístico, Literário, com anedotas e adivinhações. Andava-se com o Almanaque na algibeira, distinção escrita, impressa.

Mas o Almanaque é livro que chega aos que não faziam parte de uma elite guardiã e defensora da linguagem rebuscada. Interessa a outras pessoas, "menos especiais e muito menos aborrecidas", como diz a refinada ironia do autor[182]. Ano findo, novo Almanaque. Guardava-se, naturalmente, o velho, mostrando que o conhecimento de um ano não se perde. As informações, saberes e lembranças ficariam mantidas nas páginas do impresso a serem consultadas sempre que o presente solicite.

Essa "*chuva de almanaques*", narrada por Machado de Assis, é parte da formação

180 Idem, p.27.
181 Idem, Ibidem.
182 Idem, p.25.

do mercado editorial brasileiro. Com um reduzido público leitor de livros, uma maioria de analfabetos e semi-letrados, os Almanaques são tidos como "a primeira manifestação do esforço para ampliar a cultura impressa, ainda incipiente", na análise de Nelson Wernek Sodré183 para o começo do século XIX. O autor destaca a capacidade do gênero de se adequar a uma fase de precariedade das técnicas de impressão.

A partir de meados do século XIX, mais especificamente durante as três últimas décadas, chegando à primeira metade do século XX, o mercado editorial brasileiro vivenciou uma "explosão de títulos de Almanaques"[184] à semelhança do que ocorria com outros países do mundo ocidental[185]. Se poucos títulos haviam sido impressos no Brasil desde o início dos oitocentos[186], a partir de 1870, os Almanaques se multiplicavam em número e variedade, confeccionados por iniciativa de intelectuais, casas livreiras, jornais e comércio brasileiros, para além das publicações importadas que chegavam a cada ano. Alguns tiveram vida breve, circulação restrita. Outros garantiram edições por muitos anos e circulação dita nacional. Um fenômeno visto de forma generalizada, com maior ou menor força e número, nas cidades brasileiras em processo de urbanização: de Belém do Pará a Porto Alegre, no extremo Sul do Brasil; de Cuiabá no Mato Grosso à Fortaleza[187].

---

183 SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, p. 277. Para o autor, "era o livro de um país que não tinha ainda público para suportar a impressão de livros".

184 Expressão utilizada por João Luiz Lisboa ao comentar, para a segunda metade do século XIX, o aumento em número e títulos de almanaques em Portugal, "correspondendo a um aumento significativo dos públicos que os procuram". LISBOA, João Luís. Almanaques. In GALVÃO, Rosa Maria (coordenadora). *Os Sucessores de Zacuto...* Op.Cit., p.XX.

185 O aparecimento do Almanaque anual data da invenção da imprensa, no século XV, tendo astrólogos e médicos como primeiros redatores. No século XVIII, se difundem em toda Europa. Particularmente na França, a tradição dos almanaques vêm desde os séculos XVI e XVII. Segundo Lüsebrink, os almanaques são considerados a primeira literatura de massa de grande circulação nas sociedades ocidentais e nas suas periferias coloniais. LÜSEBRINK, Hans Jürgeman. L´Almanach: structures et évolutions d´un type d´imprimé populaire em Europe et dans les Amériques. *Apud* DUTRA, Eliana Regina de Freitas. *Rebeldes Literários da República: história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, p.63.

186 O Almanach para a cidade da Bahia ano 1812 é considerado o primeiro do gênero naquela Província, em formato pequeno, com 264 páginas, impresso na Typ. de Manoel Antonio da Silva Serva. O único exemplar conhecido encontra-se na Academia das Ciências de Lisboa. CASTRO, Renato Berbet. Os doze primeiros almanaques baianos. In *Almanaque Civil, Político e Comercial da cidade da Bahia para o ano de 1845* (edição fac-similar). Op.Cit., p.p., XVI-XXII, p.XVIII. Há registros ainda em 1808 do Almanaque da Vila de Porto Alegre, redigido por Manuel Antônio de Magalhães, com observações sobre a província. Nelson Wernek Sodré não chega a considera-lo um periódico, mas sim um relatório que era prelúdio do gênero. SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Op.Cit., p.277.

187 Entre os títulos que surgem nesse período localizados nos acervos estão: *Almanach do Diário de Belém*. Belém: Typ. do Commercio do Para, 1878. (Acervo FBN, com edições localizadas de 1878-1880); *Almanack de Artes e Literatura para o ano de 1895*. Recife: Atelier de Artes Graphicas, 1895 (Acervo IEB); *Almanak de Matto-Grosso para 1904*. Cuiabá: Off. do Estab. de A. Siqueira, 1904 (Acervo FBN). *Almanak Piauhyense para o ano civil de 1879*. Terezina: Typ. da Epoca, 1878, primeiro ano. (Acervo AEL). *Almanach da Empresa Literária d´A Reforma para 1901*. Rio Novo-Minas: Typographia D´A Reforma, 1900 (primeiro ano, acervo IEB).

A difusão do periodismo como parte do processo de urbanização é estudada por Heloísa de Faria Cruz para o caso de São Paulo. Ela observa que a diversificação das atividades econômicas da cidade, "a ampliação do mercado e o desenvolvimento da vida mundana" foram incorporados às formas e conteúdos das publicações que surgem no período. Entre os materiais correntes, da vida cotidiana, com novas escritas e leitores, estão os Almanaques ampliando os círculos da cultura impressa[188].

Vale lembrar que a produção nacional de impressos é considerada tardia, mesmo em relação a outras partes das Américas[189], e se afirma de modo sistemático somente no século XIX, com a chegada da Côrte Portuguesa e instalação da Imprensa Régia (1808)[190]. Mas rebatendo a ideia de "vazio cultural" no início dos oitocentos, o pesquisador Marco Morel ressalta que a imprensa se inseria em uma densa trama de relações e formas de transmissão existentes. A circulação de palavras e ideias, quer fossem faladas, manuscritas, impressas, "*não se fechava em fronteiras sociais e perpassava amplos setores da sociedade que se tornaria brasileira*", isto é, "*não ficava estanque a um círculo de letrados, embora estes, também tocados por contradições e diferenças, detivessem o poder de produção e leitura direta da imprensa*"[191].

Ao pensar os primeiros passos da palavra impressa no Brasil, é recorrente a

188 Nas três últimas décadas do século XIX, a autora confirma o crescimento de títulos de almanaques culturais e literários, editados por "casas livreiras, jornais da grande imprensa e alguns importantes estabelecimentos do comércio paulistano". CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em papel e Tinta: periodismo e vida urbana 1890-1915*. São Paulo: Educ/Fapesp: 2000, p.80-85.

189 Marco Morel reforça que já existiam tipografias desde meados do século XV no continente Europeu, e que a atividade impressora (mesmo escassa) surge nas Américas no século XVI. A imprensa periódica, propriamente dita, surge no século XVII no chamado Velho Mundo, e somente no século seguinte nas Américas inglesa e espanhola mesmo que de forma esparsa, sob a vigilância e repressão das autoridades e ainda em defasagem com a Europa. MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. *História da Imprensa no Brasil.* São Paulo: Editora Contexto, 2008, p.p. 23-43, p.23.

190 Até a instalação da imprensa Régia, a produção de impressos no Brasil Colonial era proibida, havendo controle da importação e circulação desses artigos. O controle português dificultava a aquisição de papel impresso mesmo a grupos privilegiados, mas não impediu a publicação de autores nascidos em território brasileiro, circulação de textos, produção e circulação de folhas manuscritas ou experiências pontuais de tipografias. Após 1808, são significativos os impactos com a produção de publicações regulares para o comércio livreiro, que passou a não depender somente da importação, bem como a criação de um espaço público de crítica. O tema é discutido por uma bibliografia vasta, podendo-se citar entre os trabalhos de referência: MOREL, Marco & BARROS, Marina Monteiro de. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do séc. XIX.* Rio de Janeiro: DP&A, 2003; RIZZINI, Carlos. O livro, o jornal e a tipografia no Brasil 1500-1822. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1988; SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Op.Cit; *Revista da Biblioteca Mário de Andrade nº63*. Dossiê Imprensa Régia. São Paulo: Imprensa Oficial, 2007.

191 O autor defende que a ênfase no *atraso*, na *censura* e no *oficialismo* como fatores explicativos dos primeiros tempos da imprensa (ou de sua ausência) não dão conta da complexidade de suas características e das demais formas de comunicação numa sociedade em mutação, do absolutismo em crise. Sem negar esses três fatores mais facilmente perceptíveis, ele acrescenta tais elementos de uma cena pública complexa, além de uma tradição de atividades impressas da nação portuguesa, à qual o Brasil pertencia. MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. Op.Cit., p.25.

imagem de uma imprensa periódica significativamente voltada às causas políticas e, em menor escala, manifestações literárias[192]. No entanto, também é importante perceber que, acompanhando o gradual aparecimento das tipografias, há uma crescente disseminação da palavra escrita na vida cotidiana de uma parcela maior da população, para além de uma elite masculina de letrados. Palavra escrita entendida em oposição à palavra falada, mesmo que com cruzamentos e interseções com o oral.

A questão remete aos significados das letras na formação das sociedades latino-americanas, ponto da reflexão de Angel Rama. Desde as origens coloniais, a palavra escrita viveria na América Latina como aquela que atribui validade, enquanto à falada pertencia ao reino do inseguro, do precário. A palavra legal ganhava forma nos regulamentos, leis, proclamações, cédulas, nas escrituras de propriedade da terra, conferindo fé ao que é dito. O escrito consolidava a ordem "por sua capacidade de expressá-la rigorosamente ao nível cultural"[193].

Para levar adiante o sistema ordenado da monarquia, para facilitar a hierarquização e concentração do poder, para cumprir sua missão civilizadora, foi indispensável que as sedes da delegação dos poderes, as cidades, dispusessem de um grupo social especializado na realização desses encargos. É o que o autor chama de cidade letrada, que formava um anel protetor do poder e executor de suas ordens. Fazem parte dessa cidade os administradores, religiosos, educadores, escritores (escrivães) e múltiplos servidores intelectuais. "*Todos que manejavam a pena estavam estreitamente associados às funções do poder*"[194].

Esse circuito de letrados passa por ampliações no avançar do século XIX. Integram os processos de modernização dos centros urbanos, acentuados a partir da década de 1870, com a nova estrutura produtiva imposta pelo desenvolvimento capitalista em um momento de revolução tecnológica e expansão de mercados. Na leitura do historiador Nicolau Sevcenko, é preciso voltar ao espaço das relações intersociais para

192 MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em tempos de Império. In MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. *História da Imprensa no Brasil.* São Paulo: Editora Contexto, 2008, p.p. 45-80, p.45.

193 RAMA, Angel. *A cidade das letras.* Tradução Emir Sader. São Paulo: Brasiliense, 1985, p.30 e 35. O autor reforça que "a escritura possuía rigidez e permanência, um modo autônomo que arremedava a eternidade", estava livre das vicissitudes da História e consolidava a ordem. O "sonho de uma ordem" servia para perpetuar o poder e conservar a estrutura sócio-econômica e cultural que esse poder garantia. A lógica se impunha a qualquer discurso opositor desse poder, obrigando-a a transitar, previamente, pelo sonho de outra ordem.

194 Idem, p.41-43. "A cidade bastião, a cidade porto, a cidade pioneira das fronteiras civilizadoras, mas sobretudo a cidade sede administrativa que foi a que fixou a norma da cidade barroca, constituíram a parte material visível e sensível da ordem colonizadora, dentro das quais se enquadrava a vida da comunidade. Mas dentro dela, sempre houve outra cidade, não menos amuralhada (...) que a regeu e conduziu". O autor ressalta que o campo da literatura é somente uma porção da produção letrada.

compreender o grau, a natureza e o sentido dessas transformações: "*O fato que primeiro nos despertou a atenção aí foi sem dúvida a frequência com que elas ocorreram nesse mesmo período, por toda a parte do globo terrestre*", mesmo com pequenas diferenças temporais e variações regionais[195].

A população das cidades brasileiras se adensa, cresce a demanda de pessoal técnico ou semi-especializado, amplia-se o debate em torno da Instrução Pública. Novos grupos sociais passam a integrar esse império da letra. Como "a alavanca de ascensão social, da respeitabilidade pública e da incorporação aos centros de poder", a letra passou a ser ambicionada tanto pelos filhos de fazendeiros ricos, como também pelos filhos de comerciantes, migrantes e "uns e outros analfabetos" [196].

A palavra escrita se espalha no cotidiano pela palavra impressa, pelos jornais, cartazes, panfletos, estampas, partituras de canções, papelaria, jogos de cartas. E Almanaques. Impressos que desafiam o pesquisador a vê-los não como um registro do que aconteceu, mas como um ingrediente do acontecimento[197], movimentando o comércio, os hábitos, os costumes, a política, a religião. Pertinente a observação de Martyn Lyons: se o mundo ocidental teve a primeira geração alfabetizada em massa no século XIX, pelo menos para o caso da Europa, foi também o último século a ver o impresso atuando sem a competição de outros meios de comunicação, como o rádio ou a mídia eletrônica do século XX[198].

---

195 SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão.* Op.Cit., p.59. Um foco de vigorosas mudanças e uma atividade econômica febril, centrados numa cidade e irradiados para todo o seu Hinterland, num único movimento convulsivo e irresistível, podia ser entrevisto com pequenas diferenças temporais e variações regionais, por exemplo, em Paris ou Buenos Aires, Nápoles, Belo Horizonte, São Paulo, Manaus ou Belém". O núcleo dessas transformações estaria na nova estrutura produtiva desenvolvida no Norte da Europa na segunda metade do século XIX. Seria então resultado do processo de ampliação da taxa de investimento de capital, a Revolução Tecnológica ou Segunda Revolução Industrial, que se desenvolve em torno de 1870 e "impôs uma dinâmica de crescimento sem precedentes ao conjunto do processo produtivo da economia capitalista européia, americana e japonesa", p.60.

196 RAMA, Angel. *A cidade das letras. Op.Cit.*, p.76-79. O autor destaca ainda que se a letra apareceu no período como alavanca de incorporação aos centros de poder, por outro lado, também foi vista com uma relativa autonomia em relação a eles, sustentada pela pluralidade de centros econômicos que a sociedade burguesa desenvolveu e gerada, em um grau que não havia sido conhecido pela história secular do continente. "É nesse leito que começará a desenvolver-se um espírito crítico que buscará abarcar as demandas dos extratos baixos, fundamentalmente urbanos, da sociedade, ainda que ambicionando, obsessivamente, infiltrar-se no poder central", pois continuou a vê-lo como o dispensador de direitos, hierarquias e bens.

197 Na expressão do historiador Robert Darnton, ao apresentar as discussões sobre o papel que a tipografia desempenhou na Revolução Francesa. Ele observa que os historiadores tratam em geral a palavra impressa como um registro do que aconteceu e não como um ingrediente do acontecimento. Defende que a prensa ajudou a dar forma aos eventos que registrava, foi uma força ativa na história, em um momento em que a luta pelo poder foi uma luta pelo domínio da opinião pública. DARNTON, Robert. Introdução. In DARNTON, Robert; ROCHE, Daniel. *Revolução Impressa: A Imprensa na França, 1775-1800.* São Paulo: Edusp, 1996, p.15.

198 LYONS, Martyn. Os novos leitores no século XX: mulheres, crianças e operários. In CAVALLO,

Mesmo com índices de alfabetização distantes de alguns países do Velho Mundo[199], com o analfabetismo chegando a 84,2% da população no início da década de 1870[200], o Brasil vivenciou no século XIX a expansão da cultura impressa. O período foi da passagem de uma atividade reservada a poucos, uma elite de nascimento ou fortuna, para uma prática compartilhada mais vasta, como dito em Jean-Yves Mollier[201].

O volume luxuosamente decorado e reservado às elites abastadas e ao saber erudito perdeu gradualmente espaço para a artesania de baixo custo, interessada também em fornecer aos leitores informação rápida, entretenimento e diversão[202]. Estudando as publicações baratas na cidade do Rio de Janeiro desse mesmo período, Alessandra El Far comenta que tanto as livrarias afamadas, quanto as de menor prestígio, passaram a comercializar livros mais simples, por vezes de acabamento precário, mas que pudessem ser adquiridos por um público mais amplo[203].

Os Almanaques fizeram parte desse duplo movimento. De um lado, baratear os custos de impressão, facilitando a aquisição do impresso. Do outro, despertar a atenção e o interesse do público. Seduzir o leitor com elementos decorativos, inseridos cada vez mais nos textos. Atrair os olhares com letras grandes em formatos diferentes, anúncios em folhas coloridas, diagramações inusitadas. Surpreender com retratos e ilustrações, agradar com adereços nas capas.

Conectados com as inovações técnicas do período, os Almanaques eram ingrediente de sabor forte no processo de formação dos hábitos de leitura e contato com o impresso. O histórico da produção do gênero no Ceará, desde a sua feitura nas tipografias, demonstra as relações entre o suporte material e os conteúdos, influenciando nos públicos-alvo e formas de veiculação do impresso, tema a ser tratado no próximo Capítulo.

Guglielmo e CHARTIER, Roger. *História da Leitura no Mundo Ocidental 2.* São Paulo: Editora Ática, 1999, p.p.165-202, p.165.

199 De acordo com Lyons, cerca de metade da população masculina e 30% das mulheres sabiam ler na França da época da Revolução. Na Inglaterra, onde eram mais altas as taxas de alfabetização, em 1850, 70% dos homens e 55% das mulheres sabiam ler. Na Alemanha, em 1871, a alfabetização atingia 88% da população. LYONS, Martyn. *Os novos leitores no século XX: mulheres, crianças e operários.* Op.Cit., p.165.

200 IBGE, Séries Estatísticas Retrospectivas. *Apud* BESSONE, Tânia Maria. *Palácios de Destinos Cruzados: Bibliotecas, Homens e Livros no Rio de Janeiro, 1870-1920*, Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999, p.117.

201 Expressão usada por MOLLIER, Jean-Yves. *A leitura e seu público no mundo contemporâneo: ensaios sobre a história cultural.* Tradução Elisa Nazarian. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, p.07.

202 EL FAR, Alessandra. *O livro e a leitura no Brasil.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006, p.08.

203 EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação. Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro. (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p.82-83.

ALMANACH DE LEMBRANÇAS

JANEIRO — 1

A geada e a neve. — Chegou o novo anno, mas o inverno está no auge dos seus rigores, e é natural que muitas das nossas elegantes o maldigam pelo frio que soffrem. Não têem rasão. Já um dos nossos poetas mais sentenciosos escreveu :

Tudo seus avessos tem ;

e se applicarmos esta verdade ao inverno, mesmo sem nos referirmos ás noites de theatros e de bailes nas cidades, nem á agradavel conversação em roda do brasêro nas povoações do norte, veremos que so-

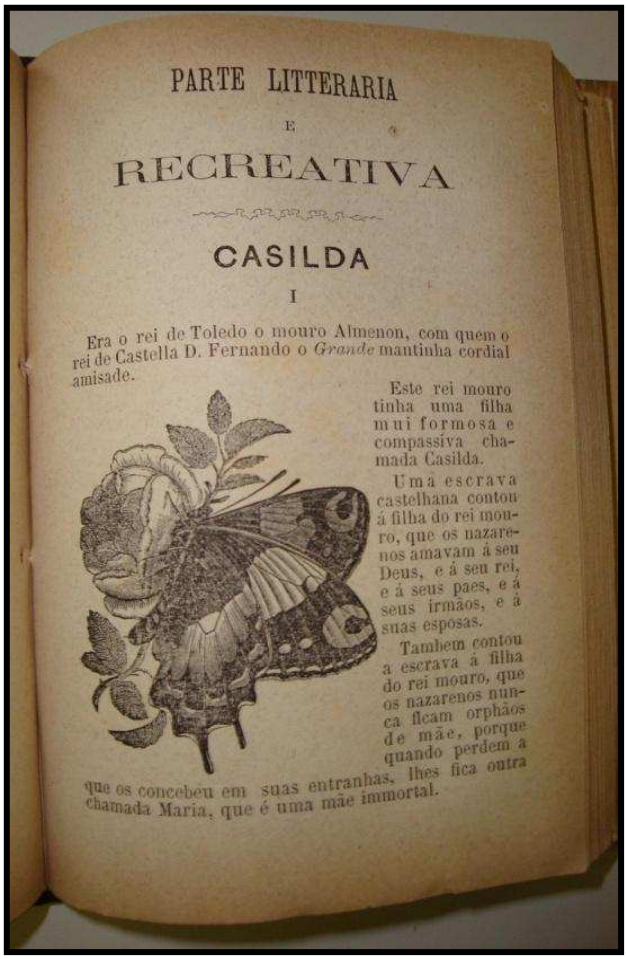
mos devedores ao desabrido inverno de mais d'um beneficio.

Está nevando, os montes alvejam ; envolve a terra um grande manto de geada, a este seguem-se outros. Julgaes que este tempo é inclemente, a não ser para os pobres que não têem os meios d'agasalho e conforto ?

Enganaes-vos.

A sciencia diz-nos que a neve tem uma influencia notavel sobre a constituição da atmosphera. Refresca os ventos, que passam sobre as montanhas onde caiu ; espalha-

Imagem 10 – Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1870. Acervo pessoal.



PARTE LITTERARIA

E

RECREATIVA

CASILDA

I

Era o rei de Toledo o mouro Almenon, com quem o rei de Castella D. Fernando o *Grande* mantinha cordial amisade.

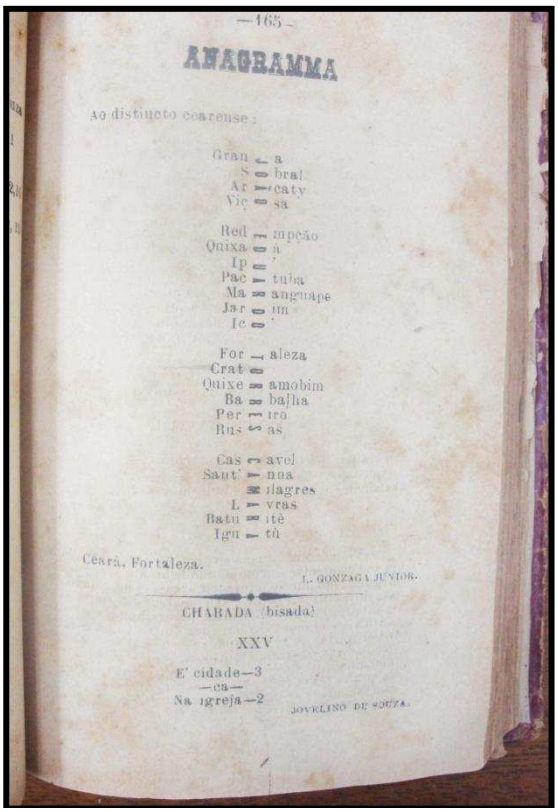
Este rei mouro tinha uma filha mui formosa e compassiva chamada Casilda.

Uma escrava castelhana contou á filha do rei mouro, que os nazarenos amavam á seu Deus, e á seu rei, e á seus paes, e á seus irmãos, e á suas esposas.

Tambem contou a escrava á filha do rei mouro, que os nazarenos nunca ficam orphãos de mãe, porque quando perdem a que os concebeu em suas entranhas, lhes fica outra chamada Maria, que é uma mãe immortal.

Imagem 11 – Almanach Brasileiro Ilustrado para o ano de 1881. Acervo IEB (SP)

Imagem 12 – Almanach do Ceará para o ano de 1897. Acervo Instituto do Ceará



—163—

ANAGRAMMA

Ao distincto cearense:

Gran – a
S – bral
Ar – caty
Vic – sa

Red – mpção
Quixa – a
Ip –
Pac – tuba
Ma – angapé
Jar – m
Ic –

For – aleza
Crat –
Quixe – amobim
Ba – balha
Per – iró
Rus – as

Cas – avel
Sant' – nna
– – agres
L – vras
Batu – até
Ign – tú

Ceará, Fortaleza.

L. GONZAGA JUNIOR.

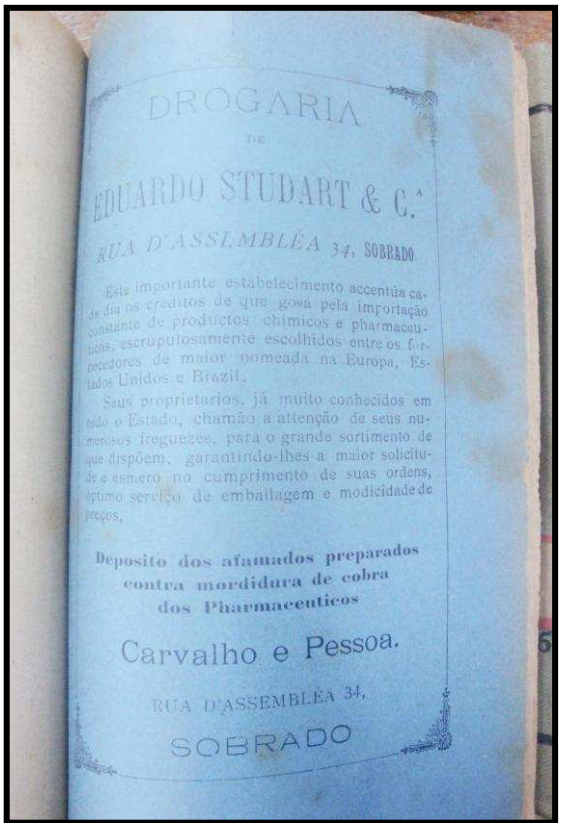
CHARADA (bisada)

XXV

E' cidade—3
—ca—
Na igreja—2

JOVELINO DE SOUZA.

Imagem 13 – Almanach do Ceará para o ano de 1897. Acervo Instituto do Ceará



DROGARIA
DE
EDUARDO STUDART & C.ª
RUA D'ASSEMBLÉA 34, SOBRADO

Este importante estabelecimento accentúa cada dia os creditos de que gosa pela importação constante de productos chimicos e pharmaceuticos, escrupulosamente escolhidos entre os fornecedores de maior nomeada na Europa, Estados Unidos e Brazil.

Seus proprietarios, já muito conhecidos em todo o Estado, chamão a attenção de seus numerosos freguezes, para o grande sortimento de que dispõem, garantindo-lhes a maior solicitude e esmero no cumprimento de suas ordens, optimo serviço de emballagem e modicidade de preços.

Deposito dos afamados preparados contra mordidura de cobra dos Pharmaceuticos

Carvalho e Pessoa.

RUA D'ASSEMBLÉA 34,

SOBRADO

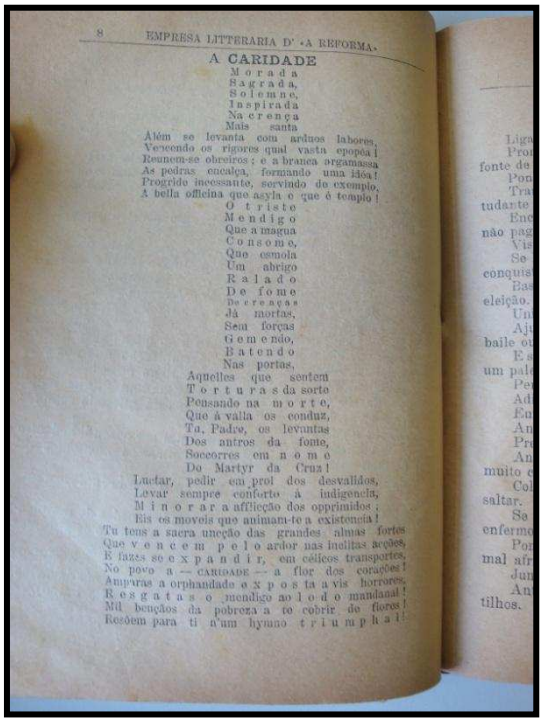
Imagem 14 – Almanach do Ceará para o ano de 1899. Acervo ACL (CE)

EU ERA ASSIM

I

Minha cara era linda e faceira
Eu possuia o *dom* da formosura;
Qualquer moça, casada ou solteira,
Tinha inveja de minha gordura.
—Eu era bello, galante e *beijado*
(No mundo vai quem dinheiro tem)
Feiticeiro, gentil, namorado,
Todas as moças me queriam bem.
—Mas... oh meu Deus! que tiranna sorte!...
Perdi a riqueza e a ventura;
Todos os dias ou pedia a morte,
Fiquei velho, sem dinheiro e candura.
—*Ai de mim...*
EU ERA ASSIM:

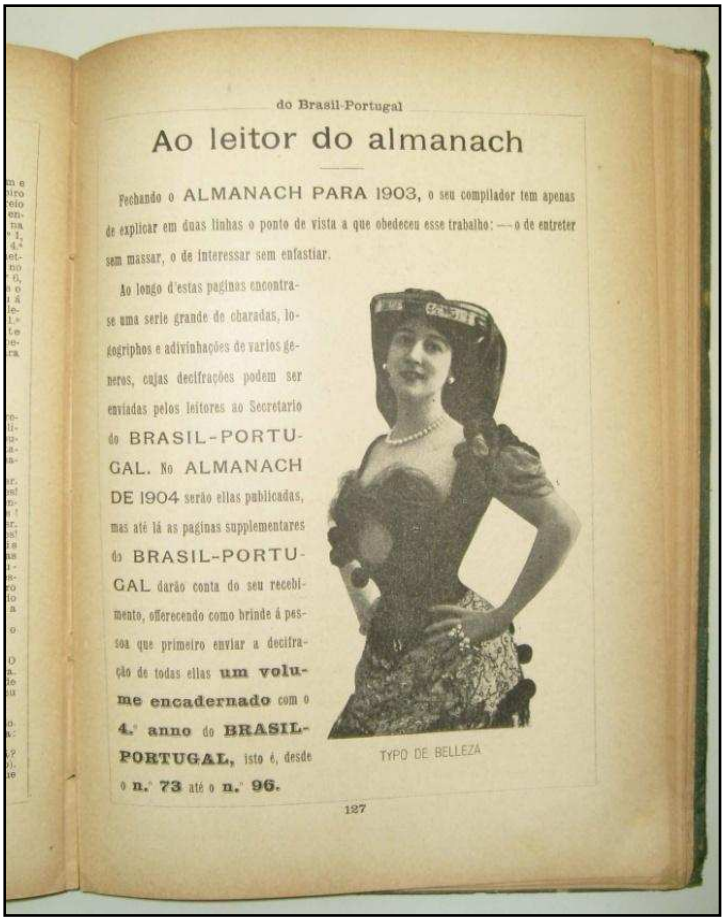
Imagem 15 – Almanach da Empresa Literária d´A Reforma para o ano de 1901. Acervo IEB (SP)



8 EMPRESA LITTERARIA D'«A REFORMA»

A CARIDADE

Morada
Sagrada,
Solemne,
Inspirada
Na crença
Mais santa
Além se levanta com arduos labores;
Vencendo os rigores qual vasta epopéa!
Reunem-se obreiros; e a branca argamassa
As pedras encaixa, formando uma idéa!
Progride incessante, servindo de exemplo,
A bella officina que asyla e que é templo!
O triste
Mendigo
Que a magua
Consome,
Que esmola
Um abrigo
Ralado
De fome
De crenças
Já mortas,
Sem forças
Gemendo,
Batendo
Nas portas,
Aquelles que soffrem
Torturas da sorte
Pensando na morte,
Que á valla os conduz,
Tu, Padre, os levantas
Dos antros da fome,
Soccorres em nome
Do Martyr da Cruz!
Luctar, pedir em prol dos desvalidos,
Levar sempre conforto á indigencia,
Minorar a afflicção dos opprimidos;
Eis os moveis que animam-te a existencia!
Tu tens a sacra unção das grandes almas fortes
Que vencem pelo ardor nas inditas acções,
E fazes se expandir, em célicos transportes,
No povo a — CARIDADE — a flor dos corações!
Amparas a orphandade exposta a vis horrores,
Resgatas o mendigo ao lodo mundanal!
Mil bençãos da pobreza a te cobrir de flores!
Resôem para ti n'um hymno triumphal!



do Brasil-Portugal

Ao leitor do almanach

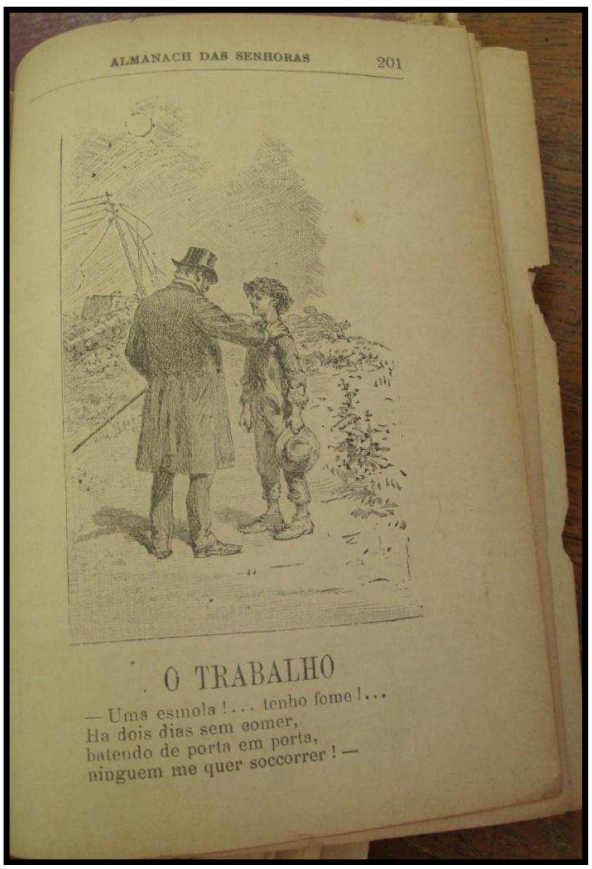
Fechando o ALMANACH PARA 1903, o seu compilador tem apenas de explicar em duas linhas o ponto de vista a que obedeceu esse trabalho: — o de entreter sem massar, o de interessar sem enfastiar.

Ao longo d'estas paginas encontra-se uma serie grande de charadas, logogriphos e adivinhações de varios generos, cujas decifrações podem ser enviadas pelos leitores ao Secretario do BRASIL-PORTUGAL. No ALMANACH DE 1904 serão ellas publicadas, mas até lá as paginas supplementares do BRASIL-PORTUGAL darão conta do seu recebimento, offerecendo como brinde á pessoa que primeiro enviar a decifração de todas ellas **um volume encadernado** com o **4.º anno** do **BRASIL-PORTUGAL**, isto é, desde o **n.º 73** até o **n.º 96.**

TYPO DE BELLEZA

127

Imagem 16 – Almanach Ilustrado do Brasil-Portugal para 1903. Acervo IEB (SP)



ALMANACH DAS SENHORAS 201

O TRABALHO

— Uma esmola!... tenho fome!...
Ha dois dias sem comer,
batendo de porta em porta,
ninguem me quer soccorrer! —

Imagem 17 – Almanach das Senhoras Portugal Brasil para 1903. Acervo Instituto do Ceará.

SEGUNDO CAPÍTULO

DA TIPOGRAFIA À RUA: ENTRE TYPOS E TIPOS

> *"O mundo que se revelava no livro e o próprio livro jamais poderiam ser, de forma alguma, separados. Assim, junto com cada livro, também seu conteúdo, seu mundo, estavam ali à mão, palpável. Mas, igualmente, esse conteúdo e esse mundo transfiguravam cada parte do livro. Queimavam dentro dele, lançavam chamas a partir dele; localizados não somente em sua encadernação ou em suas figuras, estavam entesourados em títulos de capítulos, e* capitulares*, em parágrafos e colunas. Você não lia livros; habitava neles, morava entre suas linhas e, reabrindo-os depois de um intervalo, surpreendia-se no ponto onde havia parado".*
>
> *Walter Benjamin*

2.1 – ALIMENTO DO ESPÍRITO AO "POVO MENOS LIDO"

Como espaço de experimentação editorial e ampliação do público, os Almanaques foram testando novos conteúdos e formas de contar que, mais tarde, seriam amplamente adotados pelas folhas literárias, de humor e variedades[204]. Em paralelo, incorporavam de forma gradual as mudanças das inovações técnicas, disseminadas no País especialmente a partir do fim do século XIX. Das tipografias de pequeno porte, a imprensa brasileira passava a demandar equipamentos e métodos específicos caracterizando uma atividade industrial. "Tratava-se de atender os imperativos da produtividade e oferecer ao público uma mercadoria visualmente aprimorada, que incorporasse os rápidos avanços registrados nos processos de impressão", reforça Tânia de Luca[205].

Mesmo mantendo elementos que remontam a uma tradição de séculos anteriores (como conteúdos do próprio Calendário), os Almanaques não estavam alheios à inovação técnica. Ao contrário, recebem com alarde a chegada de novos recursos tipográficos, destacando as modernas formas de impressão que vão surgindo, quanto mais se avança em direção ao novo século XX. As inovações aparecem desde os títulos, como no *Almanach Ilustrado do Brasil-Portugal*[206]*,* ou no *Almanach Brazileiro Ilustrado,* fundado em 1876, mesma publicação recomendada pelos tipógrafos cearenses no jornal *O Colossal*. No prefácio do sexto ano de edição, o organizador conta dos recursos técnicos utilizados. Chama a atenção do leitor para a qualidade da impressão, nítida; para as técnicas usadas na capa, colorida; para a elegância das gravuras, a abrangência no número de páginas, o tipo de composição, cheia:

204 CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em papel e Tinta...*Op.Cit., p.86.
205 LUCA, Tânia Regina de. *A Revista do Brasil*. Op.Cit., p.38.
206 *Almanach Ilustrado do Brasil-Portugal para 1903*. Lisboa: Redação do Brasil-Portugal, s/a. Acervo IEB.

> (O livro) tem sido nitidamente impresso, com capa lythographada a tinta de côres, contem finas gravuras e abrange quatrocentas páginas de composição cheia, que oferecem leitura abundante, suculenta e variada[207]

O Almanaque-livro (na ideia de compilação) não é artigo qualquer, mas alimento do espírito que desperta amplos paladares. A leitura tem sabor, é suculenta, farta, variada. O leitor aprecia o suporte assim como o conteúdo editorial[208], pois estão intimamente ligados no ato da leitura, estabelecendo relação física, de intimidade, onde todos os sentidos podem participar. Ao contar "*Uma história da leitura*", o escritor Alberto Manguel atenta para essa relação sensorial. Durante a leitura, os olhos correm as palavras na página. Os ouvidos ecoam os sons lidos. O nariz inala o cheiro familiar de papel, cola, tinta, papelão ou couro. O tato acaricia a página áspera ou suave, a encadernação macia ou dura. E "às vezes, até mesmo o paladar, quando os dedos do leitor são umedecidos na língua"[209].

Intimidade com o objeto impresso que tem particularidades quanto se trata de um livro que não é obra de um só autor, mas reúne diferentes conteúdos. Mais ainda, de um impresso que pretende acompanhar o leitor durante todo o ano, fazendo parte do seu cotidiano e, mesmo depois do ano findo, não é peça de descarte. Embora sejam em regra anuais, os Almanaques guardam a confiança no poder e na instrumentalidade do livro, da escrita e da leitura, de modo particular.

A perspectiva é confirmada em escrito do *Jornal do Comércio* em 1879, folha carioca de grande circulação. O redator caracteriza o Almanaque como livro e atenta para sua distinção em relação a outros periódicos, como o próprio jornal.

> A impressão que deixa uma folha não é a mesma que deixa um livro. Aquela lê-se uma vez e lança-se para o lado; este lê-se e relê-se muitas

207 *Almanach Brazileiro Ilustrado para 1881*. Op.Cit., s/p, apresentação "Ao leitor".

208 Ao tratar de um leitor comum no Antigo Regime, Robert Darnton atenta para uma consciência tipográfica que tende a desaparecer quando o livro se transforma em um objeto de produção e consumo de massas. Discutindo práticas do século XVIII, ele lembra do caráter artesanal de confecção dos livros. O leitor "degustava o livro como se degusta o vinho, pois apreciava o suporte do livro assim como o seu conteúdo intelectual, e tocava o tecido do livro ao mesmo tempo que extraía o seu sentido". DARNTON, Robert. A leitura rousseauista e um leitor "comum" no século XVIII. In CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da leitura.* São Paulo: Estação Liberdade, 1996, p.149.

209 MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura.* Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p.277.

vezes, conforme o seu merecimento. A folha passa, mas o livro fica[210].

Para a diagramação das páginas, a escolha dos conteúdos, a confecção do exemplar na tipografia, os editores, tipógrafos, impressores, liam e recebiam influências de outros periódicos, sendo forte a referência de títulos estrangeiros. O editor do *Almanach Brazileiro Ilustrado*, Antônio Manoel dos Reis, revela os caminhos da sua leitura e aproveita para fazer juízo de outros Almanaques, favorecendo sua publicação. No texto, percebe-se o contato com os impressos de países da América Latina, Chile e Uruguai, além dos vindos da Europa, na tradição da França, Espanha, Portugal e Alemanha[211].

> Conhecemos os Almanachs de Gotha, de França, de Hespanha, de Portugal, do Chile e de Montevidéo, e podemos asseverar, por tel-os lido e até possuil-los que a exceção do de Gotha que é notável quanto à sua matéria, formato, nitidez de impressão e bella encadernação, os mais são mais ou menos interessantes pelo seu conteúdo, não passando a maior parte d´eles, de pequenos folhetos sem elegancia, alguns com menos de cem páginas, como o de Montevidéo que tem apenas trinta e duas[212].

Bacharel em Direito pela Academia do Largo de São Francisco, em São Paulo, Antônio Manoel dos Reis[213] colaborou ativamente em jornais e revistas paulistanas antes de seguir para o Rio de Janeiro e fundar o seu *Almanaque Brazileiro Ilustrado*. Ainda na juventude, foi um dos responsáveis pelo *Cabrião*, destacado periódico de humor e sátira do Império[214], onde desenvolveu prática no uso de caricaturas e ilustrações, ainda tão

---

210 *Jornal do Comércio*, 01/11/1879 apud *Almanach Brazileiro Ilustrado para 1881*. Op.Cit., p.31.

211 O *Almanach de Gotha*, ou *annuaire genealogique diplomatique et statistique*, era editado na cidade de Gotha, na Alemanha. Centrado em informações sobre a nobreza, aristocracia europeia e o mundo diplomático, foi publicado de 1763 a 1944, durante 181 nos, inicialmente com edições bilíngues em francês e alemão. Cf. SANTOS, Armando Alexandre dos. *O Brasil Império nas Páginas de um Velho Almanaque Alemão*. São Paulo: Artpress, 1992. Há edições do *Almanach de Gotha* dos anos de 1878, 1879, 1881-1885, 1887, 1890 e 1892 no Instituto do Ceará.

212 *Almanach Brazileiro Ilustrado para 1881*. Op.Cit., s/p, apresentação "Ao leitor".

213 Antônio Manuel dos Reis (1840-1889) cursou a Academia do Largo de São Francisco, em São Paulo, formando-se em 1864. Jornalista, poeta, romancista, biógrafo e polêmico, é autor dos livros Minhas inspirações, Ensaios Poéticos, Album Literário e Alfredo. No Rio de Janeiro, funda o *Almanak Brazileiro Ilustrado*, editado de 1876 a 1883. Participa de órgãos católicos da imprensa local, envolvido na defesa dos bispos do Pará e de Olinda na chamada Questão Religiosa. SANTOS, Délio Freire. Primórdios da imprensa caricata paulistana: O Cabrião. In *CABRIÃO*: Semanário humorístico editado por Ângelo Agostini, Américo de Campos e Antônio Manuel dos Reis: 1866-1867. Ed. fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado/Arquivo do Estado, 1982, p.p.09-43, p.28.

214 Periódico paulistano, fundado por Angelo Agostini, Américo de Campos e Antônio Manoel dos Reis, circulou entre 30 de setembro de 1866 e 29 de setembro de 1867, impresso na Tipografia Imparcial. Foi o mais conhecido periódico humorístico e de caricaturas editado em São Paulo durante o Império.

incipientes na imprensa. Gosto e zelo que leva para o Almanaque, feito para extrapolar o círculo de letrados da Côrte, chegando às diferentes Províncias[215].

Essa capacidade em difundir conteúdos a um raio maior de pessoas, levando o "belo e o instrutivo", fomentando o gosto pelas letras e formando um público, recebeu atenção dos intelectuais do período, que cuidaram de fazer seus próprios Almanaques, como é o caso de Manoel dos Reis, como de outros homens de letras. Frequentemente formavam um circuito de letrados em torno dessas publicações, estabelecendo conexões que iam além dos locais de produção do Almanaque. Nomes que enviavam escritos, nem sempre inéditos, bem como contribuíam para a divulgação do Almanaque em outras Províncias.

Ainda na década de 1860, o *Almanach de Lembranças Brazileiras,* editado no Maranhão pelo médico Cézar Augusto Marques, é um desses exemplos. Nas primeiras páginas da segunda edição, para o ano de 1863, revela conexões com letrados de diferentes pontos do Brasil[216]. Nomes como o escritor pernambucano Antônio Joaquim de Melo, o historiador e diplomata paulista Francisco Adolfo de Varnhagem, o escritor baiano João Pedro da Cunha Vale, e o médico baiano Manoel Barnardinho Bolivar; o poeta maranhense Gonçalves Dias, o dramaturgo e jornalista carioca Guilherme Cândido Bellegarde, o político paranaense Polycarpo José Pinheiro, o erudito cônego Joaquim Pinto de Campos. O alcance da circulação é visto ainda pelos anúncios vindos de Recife, Bahia, Rio de Janeiro, Paraná, Caxias, Aracaju, Niterói, São Bento, Lisboa, Barbacena, Goiás, Espírito Santo, Campos, Itaipu, São Paulo, Alagoas, Ceará.

Com o Ceará, o *Almanach de Lembranças Brasileiras* mantém vínculos a partir da estreita relação política e intelectual entre o editor César Augusto Marques e o bacharel e

---

Alinhado com as causas liberais, era abolicionista. SANTOS, Délio Freire. Primórdios da imprensa caricata paulistana: O Cabrião. Op.Cit., p.23.

215 As ilustrações da edição do *Almanach Brasileiro Ilustrado* para 1881 privilegiam uma iconografia religiosa, com imagens de Jesus Cristo, Nossa Senhora da Penha, Virgem Maria, Divino Espírito Santo, a imagem da Cruz. Mas não somente, com outros temas na ilustração na contra-capa e nas páginas internas, como desenhos de crianças e animais. *Almanach Brazileiro Ilustrado para 1881*. Op.Cit.

216 *Almanach de Lembranças Brazileiras para 1863*. São Luiz: Typ. Do Frias, 1862, p.06. Nas primeiras páginas do Almanaque, traz a relação "das pessoas que benignamente se dignaram ilustrar o presente livro com seus bons escritos". Na lista, somente uma mulher, a senhora Dona Maria Firmina dos Reis. Em seguida, os "ilustres senhores" Antônio Gonçalves Dias, Comendador Antônio Joaquim de Melo, Dr. Antônio José de Melo Moraes, Comendador Francisco Adolfo de Varnhagem, Dr. Francisco da Silva Castro, Guilherme Cândido Bellegarde, Dr. João Pedro da Cunha Vale, Padre Joaquim Vicente d´Azevedo, Cônego Joaquim Pinto de Campos, Senador Jobim, José de Carvalho Estrela, José Marcelino Pereira de Vasconcelos, Comendador Manoel d´Araújo Porto Alegre, Dr. Manoel Bernardino Bolivar, farmacêutico Polycarpo José Pinheiro, Dr. R.M.F, Professor Severiano d´Azevedo, Dr. Thomaz Pompeu de Souza Brasil.

político liberal cearense Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, o Senador Pompeu[217]. O senador contribui em pelo menos duas edições do Almanaque, com escritos sobre as localidades cearenses de Jericoacoara[218], no ano de 1863; e sobre as localidades de Soure e Lavras, na terceira edição, em 1868[219].

A troca de correspondências é demonstrativa dos intercâmbios intelectuais[220], que se refletiram para além das colaborações no Almanaque. Em carta trocada no ano de 1869, Cézar Augusto Marques envia publicações, dados e informações sobre o Maranhão para Pompeu, bem como aproveita para se queixar ao amigo senador das dificuldades em cuidar "das letras" na Província:

> (...) já hei dado muitas provas de ser um tolo chapado em cuidar de letras nesta terra, onde o estúpido sendo rico e o ignorante ladrão são estimados e apreciados[221].

Em outro escrito, no próprio *Almanach de Lembranças Brazileiras*, Cézar Augusto Marques considera o Almanaque como "a forma", a partir de "pequenas leituras", para "a divulgação da história pátria" a um público que está fora do círculo de letrados. No Prólogo da edição de 1863, o editor caracteriza sua publicação como "*um trabalho que se baseia na história*"*,* no qual pretende "*buscar materiais para ornar a inteligência do povo*

217 Thomaz Pompeu de Sousa Brasil nasceu na povoação cearense de Santa Quitéria em 06 de junho de 1818. De acordo com Guilherme Studart, os avós dele eram dos mais abastados do lugar, quando tudo perderam durante a seca de 1825. Os pais migraram para o município de Sobral e depois para Campo Grande. Em 1836, ele seguia para Recife, onde iria cursar a Academia de Direito e o Seminário de Olinda. Foi ordenado presbítero (1841) e recebeu o grau de bacharel em Direito (1843). Nas eleições de 06 de agosto de 1845, Pompeu foi eleito primeiro suplente na Câmara dos Deputados Gerais, assumindo o cargo após a morte de Costa Barros no ano seguinte. Foi diretor do Liceu durante os anos de 1845 e 1849. Em 1864, foi escolhido senador, cargo então vitalício. STUDART, Guilherme (Barão de Studart). *Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense*. Op.Cit., p.141-142.

218 *Almanach de Lembranças Brazileiras para 1863*. São Luiz: Typ. Do Frias, 1862, p.360.

219 *Almanach de Lembranças Brazileiras para 1868*. São Luiz: Typ. De B. De Mattos, 1868. Trata da Povoação de Soure, antiga missão de Caucaia, administrada por jesuítas (p.365), e da criação da vila e freguesia de Lavras, em Icó (p.337). A edição é o terceiro ano de publicação do Almanaque. Há ainda o poema do cearense Franklin Távora, já em Recife, chamado N´um Álbum, p.50-51.

220 Na correspondência de 1869, Cézar Augusto fala do seu afastamento da vida política "sem saudades", se afirma como "conservador puro e genuíno", porém não "intolerante e injusto", por isso estava apoiando um liberal, o coronel Isidoro. Ele dá notícias do amigo liberal, Isidoro, "que anda pelo interior trabalhando pelo partido perseguido, caluniado, e na estacada com um jornal". A pedido do senador, o médico envia duas gazetas com os balanços do Banco e Caixa-Filial, além de dados da instrução pública do Maranhão, justificando a ausência de outros dados estatísticos solicitados. Além de Cézar Augusto, o senador mantém correspondência com o político maranhense João Francisco Lisboa.

221 MARQUES, César Augusto. Carta enviada do Maranhão em 12/03/1869 para Thomaz Pompeu de Souza Brasil. In CÂMARA, José Aureliano Saraiva (org.). *Correspondência do Senador Pompeu.* Fortaleza: Tipografia Minerva, 1960, p.116. Em nota, Saraiva Câmara apresenta César Augusto como "historiador e geógrafo maranhense, nascido em Caxias a 12 de dezembro de 1826 e falecido no Rio de Janeiro a 05 de outubro de 1900".

menos lido, para quem escrevemos, e sempre procurando exemplos, que sirvam d´aviso para o presente e d´advertência para o futuro"[222].

É a esse *"povo menos lido"* que o Almanaque procura chegar como instrumento pedagógico, numa ideia de progresso por meio da instrução que ganha força no século XIX. Por esse ângulo, esses impressos veiculam concepções e projetos de uma elite letrada, que também confere legitimidade ao Almanaque: são doutores, cônegos, senadores, comendadores, professores, eruditos. Não apenas os colaboradores são citados com deferência, mas principalmente o editor, ou melhor, o coordenador das "lembranças". Cézar Augusto Marques se apresenta com distinção na contra-capa: "*Doutor em Medicina, Membro honorário da Real Sociedade Humanitária do Porto, Sócio-correspondente da sociedade de Ciências Médicas de Lisboa, da Auxiliadora da Industria Nacional no Rio de Janeiro*"[223]. Na terceira edição, acrescenta o título de sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil.

A busca por uma leitura ampliada não significava desleixo com a edição. O *Almanach de Lembranças Brazileiras* passou pelas duas principais casas impressoras maranhenses do período, inicialmente a Tipografia do Frias, depois por Belarmino Matos. Os dois impressores são caracterizados como rivais amistosos, tidos como principais responsáveis pelo desenvolvimento "técnico e estético" da produção de livros no Maranhão[224].

A missão vária do Almanaque

A presença do Almanaque entre os intelectuais do período pode ser entendida a partir dos múltiplos papéis assumidos por essas publicações: veiculando concepções e projetos de grupos sociais, instituindo sensibilidades e práticas de leitura, constituindo-se instrumento para afirmação de identidades. Por esse aspecto, Antônio Celso Ferreira estudou o *Almanach Literário de São Paulo*, editado de 1876 a 1885[225]. Para ele, o

222 *Almanach de Lembranças Brazileiras para 1863,* Op.Cit., p.11. Nesse mesmo prólogo, Cézar Augusto Marques chega a chamar a publicação de Almanach Histórico de Lembranças Brazileiras.

223 *Almanach de Lembranças Brazileiras para 1863*, Op.Cit., contra-capa. Na edição de 1868, é apresentado: "Doutor em medicina, cavaleiro da real ordem militar portuguesa de nosso senhor Jesus Cristo, comissário vacinador provincial, sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Brazil, e de muitas outras sociedades literárias e cientificas, nacionais e estrangeiras". *Almanach de Lembranças Brazileiras para 1868. São Luiz: Typ. De B. De Mattos, 1868.*

224 HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil (sua história),* Op. Cit. p. 96.

225 Editado em oito volumes, de 1876 a 1885, com interrupção nos anos de 1882 a 1883, o Almanach *Litterario de São Paulo* foi impresso na Tipografia da Província de São Paulo, onde trabalhava seu organizador, José Maria Lisboa. O primeiro número foi publicado em parceria com outros dois jornalistas, Abílio Marques e J. Tacques, sociedade desfeita no ano seguinte. FERREIRA, Antonio Celso. *A epopéia*

Almanaque é parte do projeto de afirmação de uma identidade paulista por uma elite letrada regional, que incluiria ainda a fundação de instituições como Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (1894) e a Academia Paulista de Letras (1909)[226].

Nesses Almanaques organizados por homens de letras, percebe-se que os colaboradores são os mesmos que estavam lançando livros, escrevendo nos jornais, participando das academias literárias, atuando no serviço público, mesmo que também houvesse aqueles que se iniciavam na publicação de seus escritos. A utilização "da tradição de um gênero de impresso e de literatura" – o Almanaque – por um grupo de "homens de letras, imbuídos de um nacionalismo intelectual e empenhados em formar e instruir uma opinião pública urbana" é vista por Eliana Dutra no estudo sobre o Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914).

Publicação de uma das principais casas editoras no período, Eliana Dutra aponta a opção por esse impresso como "um dos instrumentos utilizados pela Livraria Garnier para conquistar leitores, vender livros e divulgar seus autores, assegurando em nome do bom interesse comercial, seu espaço no mercado de livros"[227]. Como outros Almanaques, traziam indicações de leituras, fragmentos de textos a serem lançados, além de publicizar o nome da editora. No entanto, segundo a autora, o Almanaque representou mais do que isso para os organizadores e intelectuais que participavam das edições.

Para a autora, o *Almanach Garnier* é instrumento pedagógico que visava a formação de uma "comunidade especial, porquanto nacional, de leitores"[228]. Definindo

---

bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940). São Paulo: Editora Unesp, 2002, p.35-39.

226 Idem, p.25. O fundador do Almanaque, José Maria Lisboa, nascido em Portugal (1838), transferiu-se para a capital paulista em 1856, trabalhando como tipógrafo e depois seguindo no jornalismo como redator de diversos periódicos, como o Correio Paulistano, Gazeta de Campinas, Província de São Paulo e Diário Popular. Para Antônio Celso, ele foi assimilado com facilidade em São Paulo, e se encontrava sinceramente envolvido na tarefa de criação de uma imagem elevada de sua terra, como seus pares paulistas. Lisboa se elege deputado na primeira legislatura republicana.

227 Idem, p.26. A autora destaca o papel desempenhado pela Livraria Garnier, desde sua instalação em 1844 até os anos de 1920, como "centro catalizador de publicação das obras de nossos maiores homens de letras e, ao mesmo tempo, da reunião desses homens, uma vez que se transformou em um espaço físico de encontro e de convivência da intelectualidade da época", p.26. Na livraria reuniam-se escritores já publicados pela casa e consagrados, como Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Graça Aranha, Euclides da Cunha, João Ribeiro, Barão do Rio Branco.

228 DUTRA, Eliana Regina de Freitas. *Rebeldes Literários da República: história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)*. Op.Cit. p.26. O Almanaque foi inicialmente editado por Ramiz Galvão, entre 1903 e 1906, e depois sob a orientação intelectual do crítico literário João Ribeiro, até 1914. Para a autora, guardadas as diferenças do peso intelectual e da trajetória política de cada um – na qual se destaca uma efetiva militância política e republicana de João Ribeiro e um percurso mais burocrático de Ramiz Galvão – ambos acusam nas suas biografias experiências sociais semelhantes no período em que é editado o *Almanach Garnier*. Ela assinala as posições ocupadas na instrução pública, os círculos intelectuais frequentados, o exercício do jornalismo, a participação em academias literárias e a atenção dedicada à pesquisa e à escrita da história. Os dois foram membros do Instituto Histórico e

como um Almanaque Literário, Geográfico, Histórico e Enciclopédico, esses intelectuais mobilizam o espaço editorial *Garnier* para difundir um projeto engajado em nome da causa republicana e de uma pedagogia da nação. Para ela, tal projeto serviu ainda à consolidação de uma rede de influências "envolvendo homens de letras, cientistas, técnicos e políticos com vínculos com instituições estatais e, ao mesmo tempo, circulando em revistas, jornais e associações culturais"[229].

Os estabelecimentos e produtos anunciados traçam uma cartografia da circulação do *Almanaque Garnier*, para além do Rio de Janeiro, que inclui estados como São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Maranhão, Paraíba, Pará e Ceará. Os textos também apresentam informações sobre os estados, vulgarizando uma produção intelectual local: os estudos sobre folclore, as instituições acadêmicas, a produção literária[230].

Guardadas as diferenças entre os títulos e os projetos a que se vinculavam, não se pode ignorar a participação significativa dos intelectuais brasileiros nos Almanaques desde o século XIX ao início do século XX. Infere-se que o sucesso dessas publicações foi percebido não somente do ponto de vista comercial, mas pela potencialidade em transmitir idéias. Os conteúdos facilmente se adaptavam aos interesses dos editores, sejam agrícolas, eclesiásticos, estatísticos, literários, recreativos, comerciais, republicanos, cientificistas, anarquistas, farmacêuticos. Como diz a epígrafe adotada na contracapa do *Almanak da Democracia para 1902*, editado em Portugal:

> Este (Almanaque) não dura apenas um dia (como o jornal) e quando o *Almanak* é lido, comentado e discutido pelo menos um ano, na cidade, na vila e nos campos, no lar e na oficina. Esta propaganda a pessoa alguma incomoda, nada a detém, segue, progride, sem que se dê por isso[231].

Geográfico, com o detalhe de Ramiz ter recebido João Ribeiro quando este se tornou membro de sua instituição em 1915. Ambos também integraram o grupo articulado em torno da Revista Brasileira, em diferentes fases.

229 Idem, p.27. Colaboraram no Almanaque Garnier nomes como Sílvio Romero, Araripe Júnior, Graça Aranha, Clóvis Beviláqua, José Veríssimo, Oliveira Lima, Curvelo de Mendonça, Pedro do Couto, entre outros nomes.

230 Os temas adotados pelo Almanaque revelam uma ampliação para os estados. Sobre o Ceará, publicam textos como "O tricentenário do Ceará" (edição do ano de 1903, p.348), a Academia Cearense de Letras (1905, p.p. 388-389), "No domínio do folclore, o Ceará", de José Carvalho (1910, p.p.281-285), "Canindé: impressões de viagem com fotos" (1910, p.p.332-337), "Poetas Cearenses", informações sobre a intelectualidade cearense com reprodução de algumas poesias (1912, p.p. 149-154), "A cidade do Crato / narrativa, geografia e urbanização da população (1912, p.p. 257-261). RODRIGUES, José Honório (org). *Índices: Almanaque Garnier, 1903-1914; Gazeta Literária, 1883-1884*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981, p.33-34.

231 *Almanak da Democracia para 1902.* Lisboa: Typ. Industrial Portuguesa, 1901. Editado pelo Movimento

Porquanto não parece estranho que tão logo se funde uma academia literária no período, se planeje lançar também um Almanaque para divulgação do pensamento do grupo, transmitido em meio a indicações úteis (como o Calendário), textos literários, anúncios. Assim pensaram os integrantes da Padaria Espiritual[232], agremiação literária fundada em Fortaleza no ano de 1892. No seu Programa de fundação, os "padeiros" incluem no artigo de número XXXVI a seguinte orientação, em tom mordaz característico:

> XXXVI – Publicar-se-á no começo de cada ano um almanak ilustrado do Ceará, contendo indicações úteis e inuteis, primores literários e anuncios de bacalhau[233].

Não se tem registro de que esse Almanaque tenha saído do forno da Padaria Espiritual, que publica um jornal próprio – *O Pão*, também previsto no programa. Certo que havia a intenção do projeto, anunciado na primeira edição do jornal lançado pela Padaria, em julho de 1892. Os planos eram que o *Almanack do Ceará* organizado pelos "padeiros" entrasse no prelo em outubro do mesmo ano. Teria seções comuns a publicações do gênero no período, com esboços biográficos, anúncios, anedotas. Principalmente, seria espaço para desaguar a produção literária da Padaria, com prosa, verso e descrições sobre a cultura local, de forma complementar ao jornal e aproveitando as potencialidades do gênero Almanaque:

> Em outubro proximo entrará para o prelo um almanack do Ceará, organizado sob a nossa direção.
> O almanack dará o retrato e traços biographicos de algumas notabilidades cearenses e trará prosa e verso, descrições de curiosidades naturais do estado, lendas, supertições, episodios, anedotas, enfim, o diabo a quatro, tudo com a maior soma de espirito possivel.

Democrático. Apresenta na capa as chamadas para a edição: "com 30 retratos, biografias, trechos, artigos, poesias e várias notas do movimento democrático em Portugal e no estrangeiro". Acervo AEL.

232 A Padaria Espiritual foi uma agremiação cultural de Fortaleza, fundada em 30 de maio de 1892 com 20 sócios, entre prosadores e poetas como Antônio Sales, Adolfo Caminha, Álvaro Martins, Tibúrcio de Freitas, Lopes Filho, Lívio Barreto; o pintor e desenhista Luis Sá, os músicos Henrique Jorge e Carlos Vítor. A Padaria teve duas fases, sendo a segunda iniciada em 1894, com 14 novos sócios. AZEVEDO, Sânzio. "Os padeiros e seu periódico". In *O Pão da Padaria Espiritual* (Edição fac-similar). Fortaleza: Edições UFC, 1982, p.p.V-XIX, p.V-VII.

233 PROGRAMA de instalação da Padaria espiritual. Fortaleza: Typ. d´Operário, 1892. apud AZEVEDO, Sânzio. A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará. Fortaleza: Casa de José de Alencar, 1996, p.p., 59-64.

> Temos esperança de que o almanack será uma cousa no mesmo tempo util e desopilante[234].

Mais uma vez o caráter "*útil e desopilante*" é reforçado, associando essa característica da escrita de Almanaques à difusão da produção intelectual que, especialmente no caso, se fazia de modo irreverente, crítico aos velhos costumes. A falta de outros registros confirma que esse *Almanack* nunca tenha sido publicado, ponto que não é abordado pelas pesquisas sobre a Padaria Espiritual[235]. Contudo, o escritor Antônio Sales, tido como idealizador da agremiação e diretor do jornal, bem como outros padeiros, liam, escreviam e trocavam correspondências a partir de títulos de Almanaques durante e após a organização da Padaria.

Quando é inaugurada a seção Literária do Almanach do Ceará, em 1897, os padeiros comparecem: Antônio Sales com o soneto "Parabéns"; Juvenal Galeno com a poesia "Maria de Barros"; Sabino Batista com o soneto "Tuas Cartas"; José Carvalho com os versos "Teu piano"; Lopes Filho com o poema "Brinde à mulher"; Antônio de Castro com "Marinha"; e Álvaro Martins com "Tuberculosa"[236].

Os "padeiros" estão também entre os intelectuais cearenses que mantém vínculos com Almanaques editados no Rio Grande do Sul. O *Almanach Popular Brasileiro para 1902*, editado em Porto Alegre pela Livraria Universal, traz reprodução do texto biográfico "José Carlos Júnior", escrito por Antônio Sales e originalmente publicado no jornal O Pão de 1896[237]. Como ainda os versos de Lopes Filho, ensaio de Rodrigues de Carvalho, e

---

234 Jornal *O Pão.. da Padaria Espiritual*. Ano I, nº 01, p.05. In *O Pão da Padaria Espiritual* (Edição fac-similar). Organização e prefácio de Sânzio de Azevedo. Fortaleza: Edições UFC, 1982. No fim do texto com o título *Almanack do Ceará*, o jornal informa: "Brevemente distribuiremos prospectos para assinaturas e estipularemos as condições para a publicação de anúncios, para os quais haverá páginas especiais intercaladas".

235 Sânzio de Azevedo cita o artigo, sem tecer comentário, como faz com os outros tópicos que tratam das regras de funcionamento da agremiação, instituição de um calendário comemorativo, representações contra o reduzido horário da Biblioteca Pública, entre outros. AZEVEDO, Sânzio. *A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará*. Fortaleza: Casa de José de Alencar, 1996, p.p., 59-64. Sobre o tema, ver ainda: MOTA, Leonardo. *A Padaria Espiritual*. Fortaleza: UFC/Casa de José de Alencar, 1994; CARDOSO, Gleudson Passos. *Padaria Espiritual: biscoito fino e travoso.* Fortaleza: Museu do Ceará / Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2002.

236 Os colaboradores literários publicaram: Poesias: Maria de Barros (Juvenal Galeno), Versos ao João (Rodrigues de Carvalho), Teu Piano (José de Carvalho), Tuberculosa (Álvaro Martins). Sonetos: Nostalgia de Camões (Lopes Filho), A Rameira, Ilusão, Realidade (Teles de Souza), Cromo (Ana Nogueira Baptista), Parabéns (Antônio Sales), Tuas Cartas (Sabino Batista), Marinha (Antônio de Castro), Ruínas (Fiúza de Pontes), Brinde à mulher (Lopes Filho), A Árvore (Francisca Clotilde), Perturbadora (Francisca Silvério). Contos: Noivo Pródigo (Francisca Clotilde), Conto em Verso (Leal Júnior). *Almanach Administrativo, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará para 1897.* Fortaleza: Typ. da República, 1896.

237 *Almanach Popular Brasileiro para o ano de 1902.* Pelotas, Porto Alegre e Rio Grande: Editores Echenique Irmãos & Cia – Livraria Universal, 1901, p.155-157. Acervo IEB.

escritos dos cearenses Eurico Facó, Paulino Nogueira, João Brígido[238].

Os autores enviam livros aos editores do Almanaque, forma de divulgarem títulos e, quem sabe, receberem comentário, indicação ou trecho de sua obra. Naquele ano de 1902, o *Almanach Popular Brasileiro* agradece o envio de "*Agonia suprema*", poemeto sobre a seca do Ceará, escrito por Álvaro Martins, "*o festejado autor d´Os pescadores de Tahyba*". Bem como registra o envio de "Poemetos", "coleção de deliciosos versos líricos do Sr. Eurico Facó, jovem poeta cearense de muitas esperanças"[239].

Os livros integram a seção "Registros das publicações enviadas ao Almanaque", ao lado de títulos de outros pontos do Brasil e da América Latina, incluindo outras publicações do gênero: *Almanaque Artístico del Siglo XX*, de Montevidéu; *Almanaque Nuevo Siglo*, de Buenos Aires; *Almanach Litterario e Estatistico do Rio Grande do Sul*; *Almanach de Pernambuco*; *Almanach Litterario Alagoano*. Entre esses, está também o *Almanach do Ceará*, organizado no fim do século XIX por João Câmara[240].

Os títulos de Almanaques recebidos são citados como "todos muito interessantes", e somente recebe destaque maior o *Almanaque Sul-Americano para 1901*, "organizado pelo reputado escritor Sr. Casimiro Prieto Valdés, de Buenos Aires", e descrito como "a mais bela e mais artistica publicação no genero da America Latina e de que se pode dizer, com inteira justiça, que é um verdadeiro primor"[241].

Durante o ano, o Almanaque circula, deixa de ser do Ceará ou do Rio Grande do Sul, e percorre distâncias nas mãos de livreiros, viajantes, leitores que seguem pelos caminhos de ferro, navios. São vendidos, trocados, ofertados, em diferentes vias. Se as revistas do Instituto do Ceará e da Academia Cearense chegam ao *Almanach Popular Brazileiro*[242], o oposto também ocorre. Percorrendo a seção "*Livros, revistas e jornais etc.*

---

238 Idem. A edição traz os versos: "A lágrima" (p.107), escritos dias antes do falecimento do autor cearense Lopes Filho (Ceará, julho de 1900); "A Parahyba sob o ponto de vista literário" (p.119-123), de Rodrigues de Carvalho (Ceará, 1901); o texto biográfico "José Carlos Júnior" (p.155-157), por Antonio Sales (publicado inicialmente no jornal cearense literário O Pão da Padaria Espiritual, de 15 de agosto de 1896). "Aroma e Luz" (p. 202) de Eurico Facó; "Uma proesa do padre Verdeixa" (p. 202), de Paulino Nogueira (parte do texto Presidentes do Ceará na Revista Trimestral do Instituto do Ceará); "Nossos antigos" O Ceará (lado cômico) (p. 221), do jornalista João Brígido dos Santos.

239 Idem, p.274.

240 Idem, p.275. O registro das publicações recebidas demonstra a diversidade de impressos enviados para o Almanaque. Entre os estrangeiros, títulos da América do Sul e do Norte, em maioria remetidas por brasileiros que estavam morando nesses países e que mantinham relação com o Almanaque. Os editores citam o recebimento de "magníficas revistas ilustradas norte-americanas", oferta do cônsul do Brasil nos Estados Unidos, Sr. Fontoura Xavier: The Munsey, Harper´s Bazarm The Saturday Evening Post e Automobile Topics.

241 Idem, p.274.

242 Idem, p.275. Ao lado das revistas do Instituto do Ceará e da Academia Cearense, estão agrupados outros títulos que os editores reuniram no parágrafo por considerá-las "importantes publicações históricas e literárias". São elas: *Revista Moderna*, do México; *La Revista de Chile*, *La Revista Nueva*, *La*

enviados ao Instituto do Ceará[243]" em 1904, encontra-se a oferta do *Almanack Popular Brazileiro* enviado pelo organizador Alberto Rodrigues[244]; o A*nuário do Estado do Rio Grande do Sul para 1904*, oferta do organizador, o Dr. Graciano A. de Azambuja, que apesar de ter o nome de anuário tem as características dos Almanaques do período; o *Almanack Popular Brazileiro* para o ano de 1905 e o *Almanack Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* (1905), oferecidos por Alberto e Alfredo Ferreira Rodrigues.

Esse intercâmbio entre o Ceará e o Rio Grande do Sul, pontos geograficamente tão distantes, surpreende mais quando se percebe nas edições dos Almanaques uma participação significativa e constante não apenas nos textos literários, mas principalmente nos concursos de charadas e enigmas, por leitores que não fazem parte das instituições acadêmicas, como abordado no segundo capítulo.

Alberto e Alfredo Ferreira Rodrigues eram irmãos, cada um organizando o seu próprio Almanaque no Rio Grande do Sul[245], ambos mantendo correspondência com intelectuais, instituições e leitores "comuns", de diferentes pontos do Brasil, entre o Ceará, Goiás, Rio Grande do Norte, Recife, Alagoas, Sergipe, São Paulo, Rio de Janeiro; algumas cidades de Portugal e ocasionalmente de outros países. Sobre essa rede formada pelos organizadores, Alfredo explica na edição do *Almanak Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1898*:

> Apesar do Almanak ser mais especialmente consagrado a assuntos do Rio Grande do Sul, tem-se ido dando maior desenvolvimento à matéria

---

Lira Chilena, de Santiago do Chile; *Literatura y Arte*, *Revista del Norte*, de La Paz, Bolívia; *Revista de Derecho*, *História y Letras*, *Revista Nacional* e *El Poirvenir Intelectual*, de Buenos Aires; *La Albovada* e *Vida Moderna*, de Montevideo; *Revista do Norte*, do Maranhão; *Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano*, *Revista da Academia Pernambucana de Letras*; *Tribuna*, de Natal; *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Mercurio*, da Bahia; *Revista do Arquivo Público Mineiro*; *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*; *Archivo Ilustrado*, de São Paulo; *Album da Educadora*, do Rio de Janeiro.

243 Revista Trimestral do Instituto do Ceará. Tomo XVIII. Ano XVIII. Fortaleza: Typ. Minerva, 1904, p.292. A relação demonstra a diversidade das publicações recebidas, entre jornais, revistas e boletins de institutos geográficos e históricos, outras instituições científicas e sociedades literárias da Bahia, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Belém do Pará, São Paulo, Rio Grande do Norte, Maranhão. Há o registro de jornais enviados dos municípios cearenses de Canindé, Baturité, Crato, Aracati, além de livros oferecidos pelos autores em busca de divulgação. Outras publicações são enviadas do estrangeiro: *Boletin de la Societé Khediviale de Geographie*, do Cairo; *Boletin de la Real Academia de la Historia*, de Madri; *Anales de Instruccion Primaria*, de Montevideu; *Annuaire pour l´année 1903-1904* e outras publicações oferecidas pela Universidade de Toulouse; *Boletins del Cuerpo de Ingenieros de Minas del Peru.*

244 *Almanack Popular Brazileiro para o ano de 1904* é oferta do Sr. Alberto Rodrigues. O mesmo Alberto Rodrigues, citado como bibliotecário, envia ao Instituto o catálogo da Exposição Artística da Biblioteca Pública Pelotense.

245 Enquanto Alfredo era organizador do *Almanak Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, Alberto Rodrigues era organizador do *Almanack Popular Brazileiro*.

> referente a todo Brasil, de modo a torna-lo um livro, não de interesse puramente local, porem de interesse geral[246].

Combinando as facetas de pesquisador, historiador, cronista, literato, jornalista, biógrafo, tradutor, folclorista, charadista, poeta e professor, o gaúcho Alfredo Ferreira Rodrigues representa o homem de letras de seu tempo[247], comprometido com a difusão dos conhecimentos para um público mais amplo, integrando um circuito de produção e veiculação cultural por meio dos Almanaques.

Ampliando o mapa da leitura na província

As casas editoras, tipografias e os organizadores de publicações estabeleciam com letrados das Províncias e livreiros suas redes de distribuição e venda. Conexões que ultrapassam as fronteiras da Côrte, espalhando impressos para além dos limites mais visíveis ao pesquisador. Joaquim José de Oliveira, o livreiro do qual se falou no Primeiro Capítulo, foi um dos elos de divulgação e aquisição de publicações na Província cearense desde a década de 1860 até o fim do século XIX. Para alguns títulos, tinha exclusividade na venda. A edição do *Almanak Laemmert para 1889*, editado no Rio de Janeiro, mostra a JJ Oliveira & Co. entre as agências que vendem o Almanaque no Império do Brasil, única referência para o caso do Ceará[248].

O livreiro mantinha uma ampla rede de contatos com tipografias, editoras, casas comerciais brasileiras e estrangeiras, políticos, escritores, tipógrafo das províncias de Pernambuco, Maranhão, Pará, Rio de Janeiro, além de cearenses. Nomes de importância no mercado editorial brasileiro do período constam no inventário da livraria de JJ de Oliveira em 1870[249], como J.B Garnier[250], A.A da Cruz Coutinho e os irmãos Eduardo e

246 *Almanak Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1898*. Rio Grande: Oficinas a vapor da Livraria Americana, s/a., p.13.

247 Alfredo Ferreira Rodrigues (1865-1942) nasceu em Rio Grande (RS), e atuou durante muitos anos na Livraria Americana, de onde lança o *Almanak Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* a partir de 1889. Foi membro de instituições culturais como Academia Rio-Grandense de Letras, o Centro Rio-Grandense de Estudos Históricos e o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. ALVES, Francisco das Neves. Alfredo Ferreira Rodrigues e uma notícia histórica e descritiva do Rio Grande do Sul. In *Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação da Universidade Federal do Rio Grande.* Vol 16, Rio Grande, 2004, p.98. No *Almanak do Rio Grande do Sul*, Alfredo se identifica como integrante do Instituto Histórico Brasileiro. Sobre o tema, ver ainda: FREITAS, Claudia Fernanda de Barros. *Aspectos da História e da Literatura na Primeira década do Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul (1889-1900).* Dissertação do programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande: 2007.

248 *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro para 1889*. Rio de Janeiro: Laemmert & C., 1889, p.II.

249 APEC. Inventário de D. Angelica Alexandrina de Oliveira. Op.Cit. Segundo o inventário, JJ de Oliveira

Henrique Laemmert, do Rio de Janeiro, José Maria Corrêa de Frias e Belarmino de Mattos, do Maranhão[251], Ignacio Franciso dos Santos & Co e Guelfe de Lailhacar, de Pernambuco, Anatole Louis Garraux, de São Paulo[252]. Os contatos demonstram uma relação que vai além da venda e compra de mercadorias. Aponta intercâmbios da produção, importação e circulação cultural entre as Províncias, com indicativos para o desenvolvimento de um mundo editorial que tem como principal referência a Côrte, no Rio de Janeiro, mas que não se limita a ela.

A busca por atingir um público leitor que estava além da Côrte motivou os irmãos *Laemmert*, que já editavam o seu *Almanak* do Rio de Janeiro, a lançar uma nova publicação. Em 1883, os editores-proprietários *Laemmert & C.* lançam o *Almanak das Províncias do Império do Brasil,* com dados sobre o comércio, geografia e informações administrativas. Este fazia caminho inverso ao primeiro título. Enquanto o *Almanak Laemmert* tratava da vida na Côrte, como um guia para os que moravam ou mantinham relações comerciais e administrativas com o Rio de Janeiro, o outro procurava informar "*todo comerciante que procura ou entretém relações comerciais*" com as Províncias. O editor apresenta seus Almanaques como um instrumento de orientação, que aponta a direção a seguir, comparando com uma bússola.

> Como na imensidade dos mares é indispensável ao marítimo a Bússola, aos Provincianos, que vêm à capital, é de necessidade absoluta o Almanak da Côrte, e pode mesmo asseverar-se que provinciano ou estrangeiro algum chega ao Rio, por qualquer motivo que se seja sem, em primeiro

---

mantém com Ignacio Francisco dos Santos & Co, de Recife, o maior número de impressos em consignação, num total de 191 títulos diferentes e dezenas de centenas de exemplares. Entre os títulos, constam gramáticas, romances, dicionários, compêndios, e outros, em francês, italiano, latim e de autores portugueses e brasileiros.

250 O segundo maior acervo de JJ. de Oliveira em consignação era mantido com o livreiro Baptiste Louis Garnier, proprietário da livraria e editora Garnier. O francês Baptiste Louis chega ao Brasil em 1844, na cidade do Rio de Janeiro. É irmão de Hippolyte Garnier, proprietário da livraria e editora Garnier Frères de Paris, com quem inicia em sociedade suas atividades no Brasil. Mesmo depois de rompida a sociedade com o irmão (1852), "ele continua a editar e, por vezes, vender os livros do Brasil em Paris e a vender no Brasil os títulos, traduzidos ou no original, publicados pela editora parisiense Garnier Frères". DUTRA, Eliana Regina*. Rebeldes Literários da República...*. Op.Cit., p. 29.

251 Entre os contatos comerciais do livreiro no Ceará é destaque a presença da Província do Maranhão. Os dois impressores citados como referência para o período são também parceiros comerciais de JJ. de Oliveira: José Maria Corrêa de Frias e Belarmino de Mattos. O inventário também mostra obras em consignação com o político, advogado e jornalista maranhense, Cândido Mendes de Almeida.

252 Sobre esses nomes e outros aspectos da história dos comerciantes e mercado de livros e impressos no Brasil, ver HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil (sua história).* Op.Cit. DAECTO, Marisa Midori. Anatole Louis Garraux e o comércio de livros franceses em São Paulo (1860-1890) In *Revista Brasileira de História.* São Paulo: Anpuh, vol. 28, nº 55, jan-jun-2008, p.85-106; HISTÓRIA da tipografia no Brasil. São Paulo: Museu de Arte de São Paulo, 1979. RIZZINI, Carlos. *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil 1500-1822: com um breve estudo geral sobre a informação*. Op.Cit..

> lugar, perguntar ao seu correspondente ou hospede, e mesmo antes de sentar-se à mesa: - "Onde está o Almanak Laemmert? Tem a novíssima edição em casa? Preciso dela para fazer minhas compras";
> (...) temos fundado, como sinal de gratidão em continuação ao Almanak da Côrte a presente obra, que tem por fim servir igualmente de Bussola ao homem da Côrte que vai para o interior, assim como a todo o comerciante que procura ou entretem relações comerciais com a Província[253].

Era fato a tentativa dos irmãos *Laemmert* de fazer uma publicação com dados e colaborações para além do Rio de Janeiro. Cada uma das 20 províncias de então, organizadas em ordem alfabética, mostra seus dados sobre a geografia e divisão administrativa, as autoridades gerais, provinciais e municipais, ou "pelo menos da capital". Estão, de forma sintética, as instituições, corporações, empresas e sociedades dos municípios, ou melhor, "dos quais foi possível obter informações". A publicação traz nomes dos negociantes, industriais, profissionais, fazendeiros e lavradores ditos mais importantes e alfabeticamente classificados[254].

Os colaboradores nas Províncias, "*que bondosa e gratuitamente*" compilaram as informações e forneceram os artigos, eram em maioria funcionários públicos, com exceção de alguns redatores de jornais. Para o caso do Ceará, dois desses funcionários participaram daquela edição: o próprio presidente da Província, Barão de Guarará; o Secretário da Junta Comercial, Joaquim Mendes da Cunha; e o Chefe de Seção da Secretaria do Governo, Miguel Ferreira de Melo[255].

Chegando a outros espaços de leitura nas Províncias, o *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*, editado em Lisboa, busca se espalhar pelo Brasil. Não estão informações administrativas ou comerciais, mas fragmentos literários e charadas. Desde meados do século XIX, o Ceará fazia parte de uma ampla rede de distribuição e formação de leitores promovida pelo *Almanach*, editado a partir de 1851[256]. Além do Brasil, chegava

253 *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Império do Brazil para 1883 – 3º volume do Almanak das Províncias.* Rio de Janeiro: H. Laemmert & C., 1883, p.03. O prólogo é assinado por Arthur Sauer, organizador do *Almanak*. Aquele era o terceiro ano de publicação da obra.

254 Para levantar as informações, a publicação divulga que "nem dinheiro, nem trabalho foram poupados". Mais de 200.000 cartas questionárias e pedidos de informações "foram dirigidos para toda parte, até pra lugares os mais desconhecidos do Império". Diz o prólogo: "Por isto deve imaginar-se o trabalho insano de endereçar e expedir esta multidão de papéis, o enfadonho arfam de abrir e coordenar os montes de manuscritos que cada dia o correio nos traz". Idem, p.06.

255 Idem, p.57.

256 Editado desde 1850 para o ano de 1851, foi de inicio chamado de *Almanach de Lembranças*. Em 1855 ele será nomeado Luso-Brasileiro, quando, então, seu editor/proprietário decide fazer duas edições: uma para Portugal e outra para o Brasil, apenas com a modificação do calendário. A partir do ano de 1872,

às colônias da África e às ilhas do Império português[257]. A própria publicação se apresenta aos anunciantes como "*de tiragem nunca inferior a 16:000 exemplares",* distribuídos também *"pelas nossas Possessões d´além mar, Ilhas e todas as terras de alguma importância no país"*[258].

Por volta da década de 1880, a livraria de Gualter R. Silva estava firmada no comércio de livros de Fortaleza, oferecendo também Almanaques. No inventário após a morte do livreiro Gualter, em 1892, são encontrados 49 exemplares do *Almanach Luso-Brasileiro*, sendo 29 em formato brochura, avaliados em 1$000, e 20 exemplares avaliados a mil e quinhentos réis (1$500)[259]. Conhecendo a coleção desses Almanaques, percebe-se que o conteúdo editorial não é único atrativo para ampliar o público, mas também o formato de bolso, o papel mais fino e o preço. Os leitores também guardavam suas edições, adquirindo exemplares de anos anteriores[260].

A leitura e venda de livros, periódicos, folhetos não é exclusiva de livrarias. Faziam parte das correspondências literárias, das transações avulsas, empréstimos, aluguéis, leituras em voz alta nos espaços coletivos e privados. Os impressos ocupam prateleiras de casas comerciais ao lado dos mais diversos artigos de vestuário, mobília, medicamentos, artigos de higiene. Assim confirma a pesquisa de Cruz de Abreu[261] ao apontar a iniciativa do comerciante Manoel Antônio da Rocha Júnior, por volta de 1850, quando não havia livrarias ou bibliotecas públicas em Fortaleza.

---

adota o nome de *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*. Análise a partir da pesquisa nas edições: *Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro* para o ano de 1867. Lisboa: Typographia Franco-Portugueza, 1866. *Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro* para o ano de 1870. Lisboa: Typographia Franco-Portugueza, 1869. Acervo próprio, acervo da historiadora Adelaide Gonçalves e acervo IEB.

257 A historiadora Eliana Dutra destaca que era ao Brasil onde de fato queriam chegar. "Charmosos, aparentemente inocentes, (...) eles cruzaram o Oceano Atlântico em direção ao Brasil durante 84 anos, sem interrupção", assegurando um intercâmbio cultural entre os dois países". DUTRA, Eliana Regina de Freitas. Laços Fraternos. In: *Revista do Arquivo Público Mineiro*, ano XLI, jul./dez. 2005, pp.116-127, p.118. Disponível no endereço eletrônico do Sistema Integrado de Acesso do Arquivo Público Mineiro: www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/Lacos_Fraternos.PDF (último acesso em 28/08/2009).

258 *Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1867*. Lisboa: Typographia Franco-Portugueza, 1866. *Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1870*. Op.Cit., secção d´annuncios, p.01. Acervo próprio.

259 APEC. Inventário de Gualter Rodrigues Silva, Cartório de Órfãos, Fortaleza/CE, pacote 122, processo 02, ano de 1892. Foi consultada cópia transcrita de parte do inventário no acervo da historiadora Adelaide Gonçalves.

260 *Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o ano de 1870*. Op.Cit., p.04. Na edição, há em destaque a possibilidade de compra dos números anteriores em valor promocional. A segunda série completa, que fecha com esse volume (1861-1870), podia ser "requisitada à empresa" pelo custo de dois mil réis (2$000), o que sairia a duzentos réis ($200) cada edição. Para efeito de comparação, uma assinatura anual do *Jornal da Fortaleza*, periódico diário que circulava na província cearense, custava 12$000. *Jornal da Fortaleza*, ano II, nº 27. Fortaleza: 05 de fevereiro de 1870, p. 01.

261 ABREU, Cruz, "Presidentes do Ceará". Segundo Reinado. Cel. Joaquim Mendes da Cruz Guimarães. 2º vice-presidente em exercício (de 1º de agosto a 16 de novembro de 1850). In *Revista do Instituto do Ceará*, tomo XXXVI, ano XXXVI, p. 03- 43. Fortaleza: Typ. Minerva, 1922, p. 05.

"Na sua importante casa comercial" de variedades instalada na rua Formosa, Rocha Júnior instituiu uma seção especial para o comércio de livros e artigos para escritório, com especial acervo de assuntos jurídicos[262]. Além da compra e venda, ele começou o aluguel de livros com assinaturas mensais, em 1849, facilitando a circulação de um número maior de impressos. A leitura era facultada a partir do pagamento adiantado de 2$000 ao mês. Pelo valor de um livro ou menos, o leitor podia ter acesso a diferentes títulos. O comerciante se prevenia de eventuais calotes, "pedindo" que os assinantes deixassem em depósito o preço das publicações, se responsabilizando por eventuais danos dos impressos.

Embora houvesse queixas de um diminuto universo letrado em meados do século XIX no Ceará, as demandas por instrução cresciam. Em 1856, Rocha Júnior expandia a atividade com impressos transformando-se em assíduo anunciante de listas de publicações disponíveis em seu comércio. Vendia livros e comprava escravos, como mostram os dois anúncios, um ao lado do outro[263]. O negociante acompanhava as demandas por instrução, como mostra o título do texto no jornal, "Para a Instrução Pública". Oferece compêndios de geografia, de aritmética, lições "morais", "regras de civilidade", tabuadas, cartas de ABC e outras publicações principalmente voltadas "para uso das escolas primárias". Um novo leitor aparece, o que está se iniciando nas letras. O livro é "para os meninos que começam a ler", como diz Rocha Júnior para indicar a publicação "Conhecimentos úteis" ou resumo enciclopédico de conhecimentos.

A partir de 25 de março de 1867, os leitores passavam a contar com a Biblioteca Pública do Ceará, empreendimento cercado de "anseios otimistas para difusão da cultura letrada", mas com "apática participação" do poder público[264], como avalia estudo de Pinheiro Filho sobre a Biblioteca Provincial. O acervo inicial, com 1.730 volumes, reforça esse entendimento, uma vez que do total, 1.116 foram doados por particulares e apenas

---

262 Idem, Ibidem. Segundo o autor, Manoel Antônio da Rocha Júnior possuía grande acervo de assuntos jurídicos. Ele reproduz alguns títulos: Digesto Portuguez, Digesto Brasileiro, Ordenações e Leis do Reino, O Advogado do Povo, Manual do Tabelião, Doutrina das Acções, Manual das Appellações e Aggravos, Roteiro dos Orphãos, Primeiras Linhas Orphanologicas, Tratado sobre os Tombos, Diccionario Jurídico e Comercial, Formulario dos Libellos, Synopse do Codigo do Processo, Tratado das Obrigações de Pothier, Conselheiro Fiel do Povo, Primeiras Linhas de Pereira e Souza, Memoria sobre o direito pratico, Codigo do Processo, Codigo Criminal, Lei da Guarda Nacional, Lei das Eleições, entre outros.

263 *O Cearense*, 04/01/1856, p.04. O anúncio de livros está ao lado do anúncio com o título "Escravos". Neste, Manoel Antônio da Rocha Júnior avisa que "compra escravos de ambos os sexos, de 10 a 24 anos, sendo boas figuras". O anúncio de livros com o título "Para a instrução pública" se repete em edições seguintes, como em 15/01, 22/01, 07/03, 27/05 daquele ano.

264 PINHEIRO FILHO, José Humberto Carneiro. *"Ordenar para ler: mudanças na Biblioteca Provincial do Ceará em 1878"*. Monografia do curso de História da Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2004, p. 09.

614 adquiridos pela Província[265]. O prédio da Biblioteca, inicialmente destinado à Escola Normal (na Praça Marquês de Herval), era alvo de reclamações pelas condições improvisadas da estrutura física.

No ano de 1870, o novo bibliotecário, João Severiano Ribeiro, informava às autoridades provinciais o movimento de leitores. Um total de 1.089 visitantes foram registrados na Biblioteca durante o período de 27 de julho de 1869 ao mesmo mês do ano seguinte[266]. Poderiam frequentar o prédio de 16h às 18h, em dias úteis, horário de funcionamento que se manteve durante toda a primeira década. As exceções eram poucas, mas também relatadas pelo funcionário. Segundo João Severiano, não houve expediente quando sua mãe faleceu, nos momentos de inventário do acervo, e por ordem do próprio governo "em manifestação de regozijo por importantes notícias vindas da guerra" contra o Paraguai.

Mesmo sem funcionar em alguns dias, o número de leitores poderia ser maior. O bibliotecário considera a "*má condição de localidade*" pouco apropriada, "*senão enfadonha*" para a frequência pública. Além de defender a transferência da biblioteca para "parte mais central da cidade", solicita a aquisição de obras mais atualizadas com o "progressivo desenvolvimento da ilustração do século", e mais recursos no orçamento, então de 207$020[267].

Os anseios em desenvolver a ilustração na Província acompanham o ideal de progresso que começava a se fazer sentir com a gradual instalação de equipamentos urbanos. Mudanças que não se impuseram por força da lei. Mesmo depois do Decreto Imperial que promovia Fortaleza à categoria de cidade, em 17 de março de 1823, uma "pobreza da Capital" continuaria por longo tempo. Pobreza descrita em Raimundo Girão como o oposto do progresso: ruas sem pavimentação, noites às escuras ou fracamente iluminadas, cargas levadas em lombos de animais[268]. E a cidade fazia-se lentamente por caminhos tortos, seguindo o curso do ribeiro Pajeú. "Tudo, pois, já ia à medida das comodidades. A vida do Forte (Fortaleza) era toda tortuosa e entranhada, uma povoação, finalmente incorreta", diz o jornalista João Brígido sobre a Fortaleza de 1810[269].

---

265 Idem, Ibidem.

266 *CENTER of Research Libraries*. Relatório do Bibliotecário da Província João Severiano Ribeiro. Fortaleza, 1870. Disponível no site: www.crl.edu/content/brazil/cea.htm (último acesso 15/08/2010).

267 Para aquele ano, os 207$020 réis para despesas de custeio, além dos rendimentos do funcionário (100$000), foram usados na compra de objetos de expediente, luzes de diversos artigos miúdos (162$020) e colocação de prateleiras "como já se mostrava de urgente precisão" (44$400). *CENTER of Research Libraries*. Relatório do Bibliotecário da Província João Severiano Ribeiro. Op.Cit., p.02.

268 Idem, p.20.

269 BRÍGIDO, João. *Fortaleza em 1810*. Coleção José de Alencar, v.2. Fortaleza: Imprensa Universitária do

Em meio século, as alterações se deram para além do traçado da planta da cidade, que ganharia um "plano de retificação e expansão disciplinada". O Ceará deixava de ser o pasto dos produtores de cana-de-açúcar de Pernambuco, "com a predominância da pecuária extensiva e do investimento imobiliário das fazendas de criar"[270]. O "progresso" movido pelos capitais da exportação do ouro branco local: o algodão. "De rigor, a Capital do Ceará só depois do meado do século experimenta mais positivos alentos na sua vida social, econômica e cultural"[271].

Segue-se uma circunstância favorável com a alta do preço do algodão, provocada pela redução das exportações norte-americanas a partir da Guerra de Secessão (1861-1865). Cidades como Aracati, Sobral, Icó, Quixeramobim e Granja tornaram-se centros polarizadores da economia na Província, enquanto Fortaleza se assumia como centro administrativo[272]. O aumento na exportação do algodão, de 1864-1875, promove o alargamento das relações comerciais com a Inglaterra. Novos agentes se estabelecem por meio das casas exportadoras inglesas e francesas, frente a um mercado consumidor em formação.

No campo das letras, a década de 1870 marcou o despontar de uma série de movimentos intelectuais na província cearense, surgidos a partir de academias, gabinetes de leitura e sociedades literárias, desde Academia Francesa (1872) à Padaria Espiritual (1892). Para o historiador José Ramos Tinhorão, este seria um "dos mais curiosos capítulos da história da literatura brasileira": "estranha conjuntura de fatores humanos ou divinos" poderia explicar que num dado momento histórico, em uma província pobre do Império, se formasse "uma geração de homens capazes de discutir, no mesmo plano dos núcleos intelectuais da Côrte, as mais recentes conquistas da ciência ou as últimas modas filosóficas ou literárias?"[273].

Para o autor, o aparecimento de movimentos literários no Ceará se conecta ao

---

Ceará, 1979. Apud GIRÃO, Raimundo. *Fortaleza e a crônica Histórica.* Fortaleza: Casa José de Alencar, 2000, p. 20.

270 GONÇALVES, Adelaide. A *Imprensa dos Trabalhadores no Ceará...* Op. Cit., p.48.

271 GIRÃO, Raimundo. *Fortaleza e a crônica histórica.* Op. Cit., p. 27.

272 TINHORÃO, José Ramos. *A Província e o Naturalismo.* Edição fac-similar. Fortaleza: Nudoc, 2006, p.23.

273 Idem, p.19-20. O autor observa que tal ponto chegou a importância dos movimentos literários do Ceará, que o crítico José Veríssimo, analisando as atividades do grupo reunido em torno da Padaria Espiritual, escreveu na última década do século XIX: "Depois do Rio, é o Ceará a terra do Brasil onde é menos apagada a vida literária". Sobre a vida literária cearense finissecular, Brito Broca comenta o marco de 1870: "O Ceará sempre foi o Estado do Brasil onde mais floresceram as academias literárias. A primeira delas a "Fênix Estudantil" fundada em 1870, deu origem á Academia Francesa, que sofreu os reflexos da "escola de Recife", através de Rocha Lima. Desde então, as associações literárias ali se multiplicavam". BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900.* Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1975, p.55.

advento dos setores médios. Dito de outra forma, o crescimento de capitais tornava indispensável a multiplicação de serviços públicos e, como consequência, criavam-se oportunidades de trabalho para os indivíduos letrados. Tinhorão destaca que "por não estarem diretamente ligados à produção da riqueza, (os integrantes dessa camada média) adotaram o aperfeiçoamento cultural como critério de ascensão social, passando a interessar-se pelos três temas que apaixonavam igualmente as camadas urbanas da Côrte: a literatura, a libertação dos escravos e a República"[274].

Ao mesmo tempo, o analfabetismo é associado ao atraso em uma sociedade desejante de modernização, percebido na fala do presidente da Província do Ceará, João Antônio de Araújo, ao abrir a Legislatura da Assembleia Provincial para o ano de 1870. Ele apresenta os dados da criminalidade local, em um cenário cujas bases continuariam a se manter no século XXI: pobres e analfabetos superlotando prisões com estruturas precárias: "convém notar que, a quase totalidade dos delitos teve por autores pessoas da última classe social, geralmente analfabetas, e dadas a maus hábitos, como a embriaguez, ou ao mal entendido desforço pessoal, e à ostentação de valentia"[275]. As causas para "o resultado pouco lisonjeiro da segurança individual no Ceará" estavam na extensão da Província, com uma população "disseminada", ao lado do "pouco adiantamento da instrução moral e religiosa" e da "impunidade".

Em meio às poucas famílias abastadas e à população de miseráveis do período, constituíam-se setores médios formados por empregados em escritórios das grandes firmas que começavam a se instalar, amanuenses, pequenos comerciantes, profissionais liberais, estudantes, caixeiros. Nas memórias de caixeiro, o escritor Rodolfo Teófilo sublinha as diferenciações sociais do período. Aqueles que chegavam do Recife com o título de bacharel estavam no topo da pirâmide, entre os considerados "de posição social": "Eu da rua apreciava o sarau. Da rua porque nós os *creados de servir* não tínhamos o direito de misturarmos com a elite da terra, muito mesclada é verdade"[276].

---

274 TINHORÃO, José Ramos. *A Província e o Naturalismo.* Op. Cit., p. 24.

275 *CENTER of Research Libraries*. Fala com que o Excellentíssimo Senhor desembargador João Antônio de Araújo Freitas Henriques abriu a 1ª sessão da 18ª Legislatura da Assembléia Provincial do Ceará no dia 1º de setembro de 1870. Fortaleza: Typographia Constitucional, 1870, p.18. Segundo o discurso do presidente, encontravam-se recolhidos na cadeia de Fortaleza, no dia 15 de julho de 1870, 255 presos, dos quais 242 homens e 13 mulheres. "As prisões da província estão repletas de criminosos (...)", diz o Presidente. Para evitar a evasão dos presos, o presidente diz que trouxe "os mais importantes de alguns pontos do interior" para a cadeia de Fortaleza "na esperança" de que o governo Imperial facilite a remessa de muitos deles para o presídio de Fernando de Noronha. p. 19.

276 TEÓPHILO, Rodolfo. *O Caixeiro (Reminiscências).* Edição fac-similar. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006, p. 34. Sobre essa inserção dos caixeiros no mundo das letras, é esclarecedora a reflexão de Funes e Adelaide Gonçalves: "as possibilidades de

2.2 – AS EDIÇÕES DE ALMANAQUES DO CEARÁ

O primeiro Almanaque do Ceará se apresenta como um desses referentes de "progresso urbano". Assim diz o fundador do *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará para o ano de 1870*, Joaquim Mendes Guimarães Júnior. No Prólogo, a afirmação do progresso por escrito: "não haverá nenhum dos nossos assinantes que desconheça o progresso que tem feito essa Província e a necessidade da presente publicação. O que nos obrigou, no meio de muitas preocupações, a não desanimarmos de levar a feito"[277].

Como mostram os fragmentados registros, mesmo antes de 1870, Almanaques diversos já circulavam no Ceará. Às vezes essa circulação é demonstrada pelo próprio nome do impresso, como a *Folhinha de Almanak ou Diário Eclesiástico e Civil para as províncias de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Alagoas para 1860*, editado em Recife[278]. No entanto, a produção local do gênero é parte de um período de significativas mudanças nas estruturas econômica, social e cultural da Província, que se operaram, também por impresso, na passagem do século XIX.

Certamente o bacharel Joaquim Mendes da Cruz Guimarães Júnior fazia parte da "elite da terra", um tanto mesclada. Os vínculos com a elite política local eram estreitos[279]. Filho mais velho do coronel Joaquim Mendes da Cruz Guimarães, mantinha laços com os grupos conservadores locais. O pai foi deputado, vice-presidente da Província, chegando a assumir, de forma interina, a presidência da Província, por três curtos momentos[280]. Joaquim, o filho, chefe de seção da Secretaria do Governo, tinha

---

ascensão social ou funcional ligavam-se ao campo das letras e dos números. O sentido da educação, como meio de crescer, livrar-se de certos estigmas, abrir as portas para a sociedade letrada e ascender social e profissionalmente, coaduna-se com o pensamento republicano, no qual educação e profissionalização constituem binômio inseparável". GONÇALVES, Adelaide; FUNES, Eurípedes. "No tempo em que Rodolpho Theóphilo era caixeiro". In TEÓPHILO, Rodolfo. *O Caixeiro.. Op.Cit.,* p. 29-30.

277 *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará para o ano de 1870*. Op.Cit., p.01.

278 *Folhinha de Almanak ou Diário Eclesiástico e Civil para as Províncias de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Alagoas para o ano bissexto de 1860*. Recife: Typographia de Manoel Figueiroa de Faria, 1860. Um exemplar foi localizado no Setor de Obras Raras da Fundação Biblioteca Nacional.

279 O prédio onde passou a funcionar o palácio episcopal foi vendido pela família dele à Tesouraria da Fazenda em 1860, de acordo com MENEZES, Antônio Bezerra de. *Descrição da cidade de Fortaleza.* Introdução e notas de Raimundo Girão. Fortaleza: Edições UFC/Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1992, p. 91.

280 ABREU, Cruz de. "Presidentes do Ceará". Segundo Reinado. Cel. Joaquim Mendes da Cruz Guimarães. 2º vice-presidente em exercício (De 1º de agosto de 1850 a 16 de novembro de 1950). *Revista do Instituto do Ceará,* tomo XXXVI, ano XXXVI, p. 03- 43. Fortaleza: Typ. Minerva, 1922. Joaquim Mendes, o pai, era deputado provincial quando assume a presidência da Província, substituindo o 1º vice-presidente, senador Francisco de Paula Pessôa, que estava no Rio de Janeiro, em trabalhos do Senado. O presidente foi responsável por contratações, exonerações, deu início às obras da estrada Fortaleza-Maranguape, em meio a disputas com a Câmara Provincial, que em maioria não reconhecia a

facilidades de acesso a informações e dados administrativos da Província, quando lançou sua publicação no ano de 1870.

Meses antes do primeiro *Almanaque do Ceará* sair da tipografia, a expectativa se anunciava pela imprensa. A ausência de um periódico do gênero que tratasse de assuntos da Província, com regulamentos, quadro dos funcionários públicos, informações comerciais e industriais, era destacada pelo jornal *Imparcial,* de Fortaleza*,* em dezembro de 1869. O redator, que havia visto parte do trabalho no prelo, assegurava aos leitores a qualidade esperada: era impresso de "importância e utilidade".

> Já se tornava sensível aqui a falta de um trabalho d´esta ordem, que muito recomenda ao seu autor, e deve aproximar-se muito da exatidão, em vista dos recursos de que dispõe nosso amigo, chefe de secção da Secretaria do Governo.
>
> Tivemos ocasião de ver parte d´este trabalho já impresso, e podemos assegurar aos leitores que é ele de muita importância e utilidade[281].

O primeiro Almanaque trazia informações de fonte privilegiada, sublinha o jornal *Imparcial*. O bacharel Joaquim Mendes, proprietário da publicação, ocupava o cargo de chefe da seção da Secretaria do Governo. Tinha acesso aos dados administrativos, mercantis e industriais, que davam título ao Almanaque. Como também diz o jornal, o impresso assumia função de importância pelo conteúdo reunido: os nomes e endereços do comércio, as instituições, a estrutura da administração provincial, os grêmios, clubes e associações, marcos sociais de um lugar que se ensaiava cidade. Nomes que podiam se ver e ser vistos, agora de forma ordenada, por escrito. Cada qual ocupando lugar específico, divididos em seções: dos diplomatas do Corpo Consular na Província, Senadores, Deputados Gerais, passa para a Administração da Província, seguindo pela Instrução, Saúde e Obras Públicas da Província, os ofícios da cidade de Fortaleza, reunindo marceneiros, barbeiros, tipógrafos, entre outros.

"É uma obra de muita utilidade para todas as classes, por conter diversos regulamentos, formulários, e uma noticia minuciosa de todo o movimento d´esta

---

posse dele. O autor relata que, durante o período, os conservadores dificultaram as atividades administrativas não enviando sequer as leis votadas. Joaquim Mendes assumiu ainda o cargo por outros 19 dias em 1843, e outros cursos períodos nos anos de 1856, 1857, 1859.

281 Jornal *Imparcial*, ano I, nº 01. Fortaleza: 02 de dezembro de 1869. In *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará para o ano de 1873*. Op.Cit., p. III.

província"[282], avalia o Imparcial, já com um exemplar do *Almanak do Ceará* "em mãos", na edição de 12 de fevereiro de 1870.

Joaquim Mendes cuidava de fazer a devida divulgação do Almanaque nos jornais da Província, entre órgãos conservadores e liberais. Tão logo saía do prelo, exemplares eram distribuídos entre os homens de imprensa, os quais antes de qualquer apreciação da obra, já reforçavam de antemão a utilidade. Assim diz o jornal conservador Pedro II, em 05 de fevereiro de 1870: "*Não sabemos se a obra corresponderá ao fim a que se propõe o seu autor; não sabemos se haverá imperfeição no trabalho; mas o que é certo é que o Almanak é de utilidade intuitiva*"[283].

O jornal liberal *Cearense* faz juízo semelhante em 06 de fevereiro daquele ano, um domingo. Nesse período, o diretor do jornal era João Eduardo Torres Câmara, que anos mais tarde se lançaria em semelhante empreitada editorial:

> Esta obra do Sr. Mendes vem preencher uma lacuna de que muito nos ressentimos: reputamo-a de grande utilidade. Se contém alguma imperfeição, deve-se desculpar, visto que, entre nós, é o primeiro ensaio n´este gênero, e todos reconhecemos as diferenças com que se luta para colher-se os dados que habilitem a formar um trabalho completo[284].

O Almanaque era enviado para outras províncias, reforçando o pioneirismo do bacharel cearense. Assim conquistou do *Diário das Alagoas* os adjetivos de "*interessante, útil e curioso*", obra de "*reconhecida vantagem sob todos os aspectos estatísticos*", cujo exemplar "*mostra o labor que presidiu sua confecção*"[285].

> Presidiu a confecção do Almanak do Ceará acurado zelo. É um importante auxiliar da administração. Possa tão belo cometimento ser imitado por todas as províncias: então, se terá dado um grande passo para a formação

282 Jornal Imparcial, ano I, nº 01. Fortaleza: 02 de dezembro de 1869. In *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará para o ano de 1873*. Op. Cit., p. IV.

283 Jornal *Pedro II*, ano 30, nº 27, Fortaleza, 05 de Fevereiro de 1870. In *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará para o ano de 1873*. Op. Cit., p. IV.

284 Jornal *Cearense*, ano 24, nº 28, Fortaleza: 06 de fevereiro de 1870. In *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará para o ano de 1873*. Op. Cit., p. IV.

285 *Diário das Alagoas*, ano 13, nº 27. Alagoas: 26 de setembro de 1870. In *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará para o ano de 1873*. Op. Cit., p. V. Por meio da notícia, o leitor fica sabendo dos esforços que estão sendo empregados desde 1869 para que se dote Alagoas "de trabalho igual".

da estatística, ainda infelizmente tão desconhecida em nosso país[286].

Filho de um coronel, político tradicional do partido conservador, Joaquim Mendes Júnior sabe manejar sua proximidade com a administração pública. Um ano depois de inaugurada a Biblioteca Provincial, ele vendeu ao Governo uma coleção de jornais publicados na província desde 1824 pelo valor de 1:200$000[287] (um conto e duzentos mil réis). Nos textos da imprensa, percebe-se a intenção de garantir recursos para o número seguinte do Almanaque, como se vê no jornal *Imparcial* ainda em 1869:

> O seu autor, prestando com essa publicação um grande serviço a sua pátria, é digno dos maiores encômios, e se torna credor da estima de seus comprovincianos.
>
> Recomendamos aos nossos leitores a aquisição d´ela, e fazemos votos para que o nosso colega e amigo seja auxiliado para a continuação do seu trabalho, que saberá com os recursos de que dispõe, e sobre tudo, com o afervorado amor ao trabalho, que tanto o distingue, aperfeiçoar, preenchendo as lacunas provenientes da falta de dados, que não lhes foram prestados a tempo[288]**.**

O bacharel recebe a subvenção do Governo para produzir uma nova edição do impresso para o ano de 1873. O contrato fixa a entrega de quatrocentos exemplares do *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará* para distribuição nas estações públicas até o mês de março de 1873. A gratificação acertada era no valor de 1:600$000 (um conto e seiscentos mil réis), o equivalente a 4$000 (quatro mil réis) o exemplar[289].

O segundo número do Almanaque de Joaquim Mendes foi lançado somente dois anos depois, em 1873, esperando contar com a "indulgente apreciação do público ilustrado" da Província. Segundo o próprio Mendes, a edição se fez novamente graças ao

---

286 *Diário das Alagoas*, ano 13, nº 27. Alagoas: 26 de setembro de 1870. In *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará para o ano de 1873*. Op. Cit., p. VIII.

287 NOBRE, Geraldo da Silva. *Introdução à História do Jornalismo Cearense.* Op. Cit., p. 34. O autor considera duvidoso que se tratasse de uma coleção completa, uma vez que as próprias redações dos jornais não se demonstravam cuidadosas em preservar os exemplares: "a julgar-se por anúncios como o publicado, em 1863, pelo jornal O Sol, oferecendo 40$000 a quem lhe pudesse vender o volume contendo as edições desse periódico, até então publicadas", p.35.

288 Jornal *Imparcial,* ano I, nº 01. Fortaleza: 02 de dezembro de 1869. In *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará para o ano de 1873*. Op. Cit., p. IV.

289 *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará para 1873*. Op.Cit.

contrato firmado com o presidente da Província, então o comendador João Wilkens de Mattos, em 13 de julho de 1872.

> Restava-nos até hoje um tal qual vislumbre de esperança de que ao nosso trabalho seria concedida uma proteção eficaz para levarmos a efeito a sua publicidade: encontramo-a no auxílio que acaba de prestar-nos o Exm. Sr. Comendador João Wilkens de Matos, que no caráter de presidente d´esta província, compreendendo as vantagens d´esta publicação, dignou-se de aceitar a nossa proposta, mandando lavrar o contrato[290].

Essa informação recebeu destaque não apenas no Prólogo do Almanaque assinado pelo bacharel, mas com a transcrição, na íntegra, do termo de contrato indicando a subvenção a ser votada pela Assembléia Provincial para valer nos anos seguintes. Em conexão com esses escritos, o Almanak de 1873 reproduzia os comentários sobre o *Almanak* de 1870 feitos por jornais da Província do Ceará e Alagoas. O procedimento, comum a publicações do gênero no período, afirmava a importância da obra por meio da repercussão obtida. No caso de Mendes, essa boa repercussão podia ser uma aliada na aprovação do contrato pelos deputados:

> Reduzido, como estávamos, aos nossos únicos e fracos recursos, difícil seria levar a efeito esta tão útil empresa. Nutrimos porém firme esperança de que o ato do Exm. Sr. Comendador Wilkens de Matos, encontrará o apoio, que é de desejar, no Corpo do Legislativo Provincial, de quem depende a definitiva aprovação do contrato aludido

Mendes estava recebendo 1.600$000 (um conto e seiscentos mil réis) para imprimir o almanaque "o mais tardá" até o fim de fevereiro de cada ano, "devendo ainda entregar quatrocentos exemplares, de formato em quarto, de quinhentas a seiscentas páginas, destinadas às estações públicas, na Secretaria do Governo, no princípio do mês

290 *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará para o ano de 1873*. Op. Cit., p.01. Durante o Prólogo da edição, assinado com as iniciais M.G (Mendes Guimarães), Joaquim informa que naquela segunda edição foram corrigidos alguns defeitos da primeira, "melhorando-a consideravelmente". Em tom pessoal, ele compartilha com os leitores: "Ao escrevermos estas linhas, nos achamos sob a pressão de um tristíssimo sentimento, a perda de nosso sempre presado e chorado pai, Coronel Joaquim Mendes da Cruz Guimarães, sendo-nos forçoso eliminar das páginas d´este livro seu respeitável e venerado nome", diz no Prólogo redigido em 15 de setembro de 1872.

de março"[291]. O custo da unidade seria, por este cálculo, vendido ao governo provincial por 4$000.

O termo do contrato estabelecia em cláusulas todas as seções do Almanaque: desde o calendário, relação dos ministros, pessoal administrativo da província, entre outros. Na maioria, itens seguidos pelo almanaque anterior. A única exceção é o conteúdo da cláusula 6ª, que estabelece "uma relação nominal de todas as pessoas que tem estado no governo da Província, desde a sua criação, abrangendo os governadores, presidentes de Província e vice-presidentes, com exercício e membros do antigo conselho do governo". Uma longa relação que a edição de 1873 apresenta[292].

Entre as obrigações que o contratante teria de acatar, a de número sete chama especial atenção: "O contratante obriga-se a seguir quando lhe for possível o método do Almanak publicado na Côrte por *Eduardo Von Laemmert*"[293]. O referencial vindo da Côrte estava aí oficializado. E tanto no *Almanak do Ceará*, quanto naquele do Rio de Janeiro, é possível perceber a manutenção dessa ordem institucional: nos nomes e hierarquias afirmados por escrito, reforçando uma lógica do poder. Mesmo se em 1870, o Laemmert não recebia subvenção pública, deixava claro o seu lamento: "Sem a menor proteção do governo, (esta publicação) depende unicamente de um público ilustrado"[294].

Não por escolha aleatória, o *Laemmert* deveria ser exemplo para Joaquim Mendes. O próprio *Almanak da Côrte*, de 1873, destaca no prólogo "Duas palavras ao leitor" que havia se transformado em referência para outras publicações do gênero pelo Brasil: "(o *Laemmert*) teve as honras de imitação e modelo em diversas províncias do Império, em Portugal, e até nos Estados Unidos, onde foi reimpresso parcialmente"[295].

---

291 *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará para 1873*. Op.Cit. A repercussão do primeiro ano, a morte do pai do bacharel e o patrocínio do Governo da Província para viabilizar esta publicação são os três principais assuntos abordados pelo proprietário no Prólogo.

292 O contrato diz os conteúdos (nesse caso obrigatórios) que o almanaque deverá trazer. Seguem os dois primeiros itens como mostra da relação de sete: "1) O calendário com as notícias canônicas e astronômicas, além da respectiva introdução, contendo o computo eclesiástico, festas móveis, têmporas, estações do ano, cálculo dos décimos na idade da lua, eclipses, épocas gerais, nacionais e provinciais, dias de grande e pequena gala, paradas, cortejos, audiências, táboas das marés, nascimento e ocaso do sol; 2) A relação dos ministros do estado (conselheiros, de estado, ordinários e extraordinários, advogados do conselho de estado, do supremo, do tribunal de justiça, do conselho supremo militar, da nunciatura apostólica, dos tribunais da relação e do comércio, relação dos titulares, senadores, deputados gerais e provinciais d´esta província e do campo consular estrangeiro residente nesta cidade e outros pontos da província". Idem, p. VIII e IX.

293 Idem, p.IX.

294 *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Côrte e Província do Rio de Janeiro para o ano de 1870.* Rio de Janeiro: Casa dos editores proprietários E&H Laemmert, 1870.

295 *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Côrte e da Capital da Província do Rio de Janeiro para o ano de 1873*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1873, p.V-VI. O prólogo justifica o atraso do almanaque em 1873, quando completava 30 anos de fundação. A edição trazia "um guia do Rio de Janeiro ou indicador alfabético de seus principais habitantes".

Lendo as informações sobre o Ceará no *Almanak das Províncias para 1883,* encontra-se o nome do bacharel Joaquim Mendes. Naquele ano, ele aparece como Secretário da Junta Comercial. Mendes parece não ter retomado a produção do gênero após o Almanak do Ceará de 1873[296], os motivos são desconhecidos. Mas como se percebe, uma década depois, ele continuava exercendo atividades na vida pública local. A descontinuidade da publicação pode indicar que a Câmara Provincial não aprovou o contrato que garantiria subvenção nos anos seguintes.

Outros Almanaques, novos conteúdos

Mais de duas décadas depois de o primeiro Almanaque do Ceará ser impresso, uma nova publicação chegou aos leitores no ano de 1895. Em vez de um bacharel, era fundado por um veterano da imprensa, João Eduardo Torres Câmara, que teve sua vida ligada à facção liberal dos "Pompeus". No primeiro ano, chamava-se *Almanach da Fortaleza para 1895*[297]. No ano seguinte, amplia para *Almanach Administrativo, Estatístico, Mercantil e Industrial do Estado do Ceará para 1896.* Na primeira página, explica as mudanças:

> Demos-lhe maior desenvolvimento, conforme nos comprometemos o ano passado, tornando-o a todo o Estado. Todas as indicações úteis, esclarecimentos necessários, n´ele encontrará o leitor. (...)
>
> A parte mercantil e industrial organisamol-a de acordo com a coleta procedida pela Recebedoria do Estado; e a parte administrativa, com as informações que nos foram fornecidas pelas repartições federais e estaduais.
>
> Enriquecemos o nosso Almanach com uma grande copia de dados estatísticos de subido valor.
>
> E para que os contribuintes do Estado, em geral, e da capital, em particular, conheçam os impostos e o que são tributados, anexamos ao Almanach as respectivas leis orçamentárias para 1896[298].

296 Não foram localizados outros números do *Almanak do Ceará* de Joaquim Mendes da Cruz Guimarães. A bibliografia consultada confirma a informação de que só foram produzidas as edições de 1870 e 1873. NOBRE, Geraldo da Silva. *Introdução à História do Jornalismo Cearense.* Op.Cit., p.34-35. As edições comemorativas do Almanaque do Ceará fundado por João Câmara também fazem referência somente a essas duas edições do Almanaque de Joaquim Mendes. Exemplo da edição comemorativa ao cinquentenário. *Almanaque do Estado do Ceará para o ano de 1945*. Propriedade e Direção: Raimundo Girão e A. Martins Filho. Fortaleza: Emp. Editora Fortaleza, s/a.

297 *Almanack da Cidade da Fortaleza para 1895*. Acervo BPGMP.

298 *Almanach Administrativo, Mercantil e Industrial do Estado do Ceará para 1896*. Confeccionado por João

A estrutura das seções, o calendário, divisão administrativa, o comércio, inicialmente era bastante semelhante aos almanaques produzidos em 1870 e 1873 por Joaquim Mendes, agora com tamanho menor e menos de 300 páginas, comparado às mais de 500 da outra publicação.

A principal inovação em relação às publicações anteriores ocorre três anos após o lançamento, com a criação da seção literária em 1897. O *Almanach do Ceará* incorpora no título o nome "Literário"[299] e abre-se à participação de colaboradores. João Câmara justifica as mudanças como solicitação do público: *"Acedendo a pedido instantes de muitos dos nossos leitores, resolvemos abrir uma seção literária para a qual colaboraram quase todos os moços que formam a plêiade de literatos do nosso meio"*[300]. Inaugurava a seção com poesias de Juvenal Galeno, Rodrigues de Carvalho, José Carvalho, Álvaro Martins; sonetos de Lopes Filho, Teles de Souza, Ana Nogueira Batista, Antônio Sales, Sabino Batista, Antônio de Castro, Fiúza de Pontes, Francisco Silvério; contos de Francisca Clotilde e Leal Júnior[301].

Ao longo de 67 anos de edições, esse Almanaque tornou-se a publicação do gênero editada no Ceará por mais tempo em circulação, reunindo os principais nomes da considerada intelectualidade cearense em diversas fases[302], além de anônimos e colaboradores pouco conhecidos. Não traz referências à subvenção pública, mas garante o elogio a grupos dominantes da República de forma diluída na seção literária, quer em colaborações ou esboços biográficos.

Com a morte do fundador João Câmara, em 1906, o *Almanach do Ceará* continua

---

Câmara. Fortaleza: Typ. da República, 1896.

299 Sobre a inclusão da seção literária, Dolor Barreira faz referências: "Parte Literária – na qual, pelo tempo afora têm colaborado os nossos beletristas mais distintos, aí podendo ser saboreados suculentíssimos frutos da inteligência cearense na poesia, no conto, na fantasia, no romance, na biografia, na crítica literária, etc. BARREIRA, Dolor. *História da literatura Cearense.* 1º tomo. Fortaleza: Editora Instituto do Ceará: 1948, p.280-281.

300 Almanach Administrativo, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará para 1897. Fortaleza: Typ. da República, 1896. Acervo Instituto do Ceará.

301 Os colaboradores literários publicaram: Poesias: Maria de Barros (Juvenal Galeno), Versos ao João (Rodrigues de Carvalho), Teu Piano (José de Carvalho), Tuberculosa (Álvaro Martins). Sonetos: Nostalgia de Camões (Lopes Filho), A Rameira, Ilusão, Realidade (Teles de Souza), Cromo (Ana Nogueira Baptista), Parabéns (Antônio Sales), Tuas Cartas (Sabino Batista), Marinha (Antônio de Castro), Ruínas (Fiúza de Pontes), Brinde à mulher (Lopes Filho), A Árvore (Francisca Clotilde), Perturbadora (Francisca Silvério). Contos: Noivo Pródigo (Francisca Clotilde), Conto em Verso (Leal Júnior).

302 Após a inclusão de seção literária em 1897, textos de nomes como Rocha Lima, Oliveira Paiva, Capistrano de Abreu, João Cordeiro, Rodolfo Teófilo, Antônio Sales, Francisca Clotilde, Alba Valdez, entre tantos outros, eram apresentados pelo almanaque. Não seriam todos colaboradores, visto que a publicação reproduzia fragmentos de livros e outros impressos, a exemplo dos textos de Claudio Manoel da Costa, Guerra Junqueiro, Castro Alves.

a ser editado por seu filho, Sophocles Torres Câmara, até 1932, quando passa para a propriedade de Silveira Marinho e em 1940 para Raimundo Girão e Martins Filho. A partir de 1948, A. Batista Fontenele e Leopoldo C. Fontenele são os novos proprietários, que o editam até 1962.

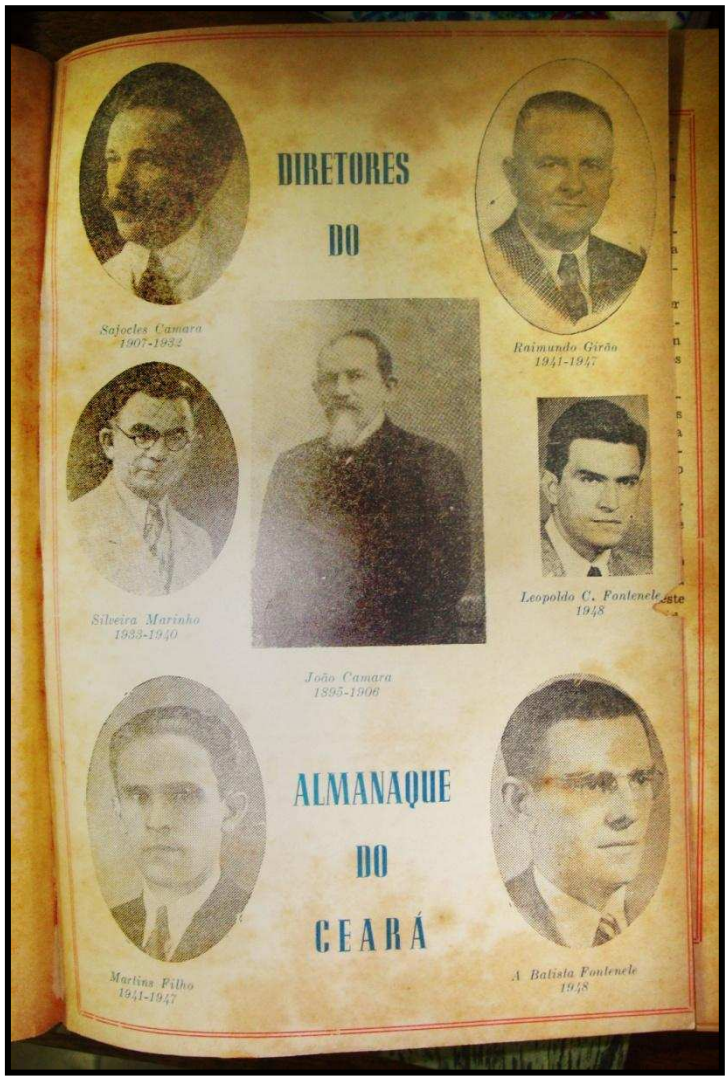


Imagem 18 – Quadro com fotos dos diretores do Almanaque do Ceará de 1895 a 1955. Página publicada no Almanaque do Ceará de 1955. Acervo Instituto do Ceará.

Em meio ao primeiro Almanaque do Ceará, organizado pelo bacharel Joaquim Mendes (1870,1873), e a publicação fundada por João Câmara (1895-1962), outras experiências surgiram. O conjunto dessas publicações, desde 1870 aos primeiros anos do século XX, revela diferenças em formatos, encadernações, formas de divulgação, interesses de organizadores. Mas também mostram semelhanças e a boa recepção do gênero pela Capital e Interior.

Um ponto chama atenção. Na variedade dos títulos que circularam, é sintomático que os dois Almanaques do Ceará mais conhecidos façam parte de uma mesma tipologia, a dos Almanaques de Cidade, como abordado no Primeiro Capítulo. Mas outras tipologias receberam as atenções dos editores no Ceará. Na década de 1880, o jornal liberal Cearense lança seu próprio Almanaque. De formato reduzido, era ofertado aos leitores no início do ano, divulgando os serviços de sua oficina tipográfica e constituindo espaço para outros anunciantes. Calendário, anúncios e pilhérias formam o conteúdo central da publicação, que também trazia como apêndice o decreto nº 5.122 mudando disposições da lei eleitoral. Chegando a primeira década do século XX, a Livraria Araújo também publica seu Almanaque, forma de divulgar o catálogo de livros, além de textos literários e dados recolhidos de diversos municípios cearenses.

No entanto, alguns títulos são conhecidos apenas por referências em outros escritos. O *Almanach da Província do Ceará para 1888*, saído da tipografia do Libertador, é citado na edição comemorativa do cinquentenário de fundação do *Almanach do Estado do Ceará*, de 1945[303]. O exemplar, contudo, não foi localizado para pesquisa.

O quadro que se segue tem como foco os Almanaques do período de 1870 a 1920. Após a década de 1920, continua o registro somente do Almanaque do Ceará que descende da publicação fundada por João Câmara. Não inclui outras publicações do gênero feitas no Ceará, período em que novos títulos conquistaram o gosto dos leitores, circulando em grandes tiragens. Já adentrando a segunda metade do século XX, ganham força os Almanaques do tempo ou Almanaques sertanejos, abordados pela pesquisadora Kênia Rios na construção de memórias sobre as secas entre os camponeses[304]. Esses Almanaques pós-década de 1920 não foram incluídos no levantamento.

Como conjunto, percebe-se que os Almanaques saem das casas comerciais, das farmácias, das oficinas tipográficas, alvo do interesse de uma elite de homens letrados, mas não somente. Ultrapassam limites convencionais de acesso à cultura do impresso, carregando usos e sentidos particulares nas operações da leitura, da escrita e da oralidade no Ceará do período.

---

303 *Almanach do Estado do Ceará de 1945*. Propriedade e direção de Raimundo Girão e A. Martins Filho. Fortaleza: sem editora, s/a. Os autores consideram que esse almanaque foi "de menor porte" comparado aos dois anteriores, sem dizer mais sobre a edição.

304 Kênia Rios aborda a relação aos Almanaques do tempo, lunários e a circulação destes impressos entre camponeses do sertão cearense que vivenciaram as estiagens de 1932 e 1958. RIOS, K. S. O tempo por escrito: almanaques e lunários no Ceará In CARVALHO, Gilmar (Org). *Bonito prá chover.* Fortaleza: Demócrito Rocha, 2004. C.f: RIOS, Kênia de Sousa. *Engenhos da Memória: narrativas da seca no Ceará.* Tese de Doutorado do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC). São Paulo, 2003, p.270.

2.3 – O PRELO E A RUA

Numa folha de Almanaque, o ensinamento: "Um livro não é só a obra da inteligência, mas ainda o produto muito complexo das artes industriais. A essas artes mesmo deve o livro a sua ação e influência nos espíritos". O texto publicado no *Almanach Enciclopédico para 1896*, de Lisboa, mostra as diversas fases para transformar daquilo "que se chama *obra"* naquilo "que se chama de o *volume*". São tantas as alterações desde o manuscrito, em suas etapas até a impressão, que são visíveis a influência e interferência no resultado final daquele que domina esse processo: o tipógrafo. Isto porque "a idéia não publicada é como a idéia não existente, e o tipógrafo por certo modo colabora com o pensador" [305], diz o Almanaque.

O ensinamento permite refletir o quanto a forma material interfere na construção de sentidos na operação da leitura[306]. Assim como as diversas funções que tipógrafos e impressores assumiam ou participavam no processo de confecção desses artefatos. A escolha do papel, o número de páginas, a definição e composição dos tipos usados para formar as palavras, a disposição dos conteúdos e dos espaços em branco, a revisão dos manuscritos, as técnicas necessárias para o uso de gravuras e ilustrações. Variáveis que dependem das condições tipográficas disponíveis e do trabalho dos operários da palavra impressa. O *Almanach Enciclopédico*, ou melhor, seu organizador, Eça de Queiroz, sabia disso.

A questão é abordada nos estudos de Chartier, analisando a materialidade do objeto impresso, as práticas de leitura e os limites da recepção. O impresso não é suporte neutro, mas um objeto cujos elementos e estruturas remetem aos processos de produção e leitura "*ajudado ou derrotado pelas próprias formas dos materiais que lhe é dado ler*". Chatier separa dois procedimentos frequentemente confundidos: a produção de textos de um lado, e a produção de livros de outro[307].

---

305 Trecho do texto "A impressão de um livro" no *Almanach Enciclopédico para 1896*. Apesar de não assinado, é provável ser a autoria de Eça de Queiroz, organizador do impresso. *Almanach Enciclopédico para 1896*. Lisboa: Livraria de Antônio Maria Pereira, 1895, p.313-315, p.p.313. Consultado no Gabinete Real de Leitura Portuguesa (RJ).

306 A questão é abordada por SCHAPOCHNIK, Nelson. Malditos Tipógrafos. *Anais do I Seminário Livro e História Editorial*, Rio de Janeiro, v. 1, p. 01-25, 2004. Schapochnik analisa: "Deste ponto de vista, artífices e tecnologias são mediadores que possibilitam a passagem da realidade conceitualizável do discurso para a materialidade do texto, seja ele manuscrito ou impresso".

307 CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In _____ (org.) *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2006, p. 77-105, pp. 95-96. Chartier define como relevante à produção de textos as senhas, explícitas ou implícitas, que um autor inscreve em sua obra buscando guiar a leitura. Essas instruções são cruzadas por outras, diferentes e complementares, trazidas pelas próprias formas tipográficas: a

Em perspectiva distinta, Robert Darnton aborda a produção das ideias como circuito[308] de comunicação "que vai do autor ao editor (se não é o livreiro que assume esse papel), ao impressor, ao distribuidor, ao vendedor e chega ao leitor". O leitor encerra o circuito por influenciar o autor tanto antes quanto depois do ato da composição. As mensagens são transmitidas, transformando-se do pensamento ao texto, à letra impressa e, de novo, ao pensamento.

Dessa forma, aspectos inter-relacionados são centrais na abordagem que se segue: 1) As tipografias como locais da produção, difusão e circulação de ideias, exercendo a função de casas editoras, distribuidoras, onde se oferecem serviços e produtos impressos diversos. 2) Os Almanaques fazendo parte do roteiro tipográfico cearense e formando um circuito próprio de produção do gênero, principalmente na Capital, mas além dela. 3) Nas tipografias cearenses, encontra-se a experiência dos trabalhadores do impresso na construção de uma identidade coletiva, percebendo-se como sujeitos no circuito de produção das ideias, em oposição à ideia de objetos como "a tinta" e "o prelo".

As condições (e em alguns casos, os interesses) da produção de Almanaques no Ceará se relacionam ao desenvolvimento da produção de impressos, e em específico, das tipografias, casas que aumentam em número aos poucos, em ritmo lento, anos depois da primeira, instalada em 1824[309]. Ao fim da primeira metade do século XIX, cinco tipografias funcionavam em Fortaleza[310]. No início de 1873[311], sete, número que se

---

disposição e a divisão do texto na página, a tipografia adotada, o uso ou não de ilustração. Procedimentos de produção de um livro que não pertencem à escrita, mas à impressão.

308 Expressão de Robert Darnton ao tratar do ciclo de vida dos livros impressos. DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.112.

309 O Diário do Governo do Ceará é considerado o primeiro jornal impresso na Província, com o número inicial circulando no dia 1º de abril de 1824. O ano é o marco da instalação da imprensa no Ceará. No entanto, a data estimulou controvérsias. Jorge Brito comenta a acalorada polêmica entre os historiadores cearenses João Batista Perdigão de Oliveira e Barão de Studart no início do século XX. Este defendendo que o Diário do Governo do Ceará foi antecedido por uma gazeta impressa em 1817, o segundo afirmando que esta gazeta foi manuscrita. Perdigão se baseava em trechos de um ofício do governador Manoel Ignácio de Sampaio (20/04/1817), informando que havia feito redigir uma gazeta e mandado espalhar em todas as vilas da Capitania. No entanto, não possuía qualquer outro documento indicando a fundação de uma tipografia antes de 1824. Barão de Studart afirmou que esta gazeta seria manuscrita e que a possuía em seus arquivos. Reforçou ainda que folhas manuscritas houveram com larga edição e circulação. BRITO, Jorge. *Diário do Governo do Ceará: origens da imprensa e da tipografia cearenses.* Edição ilustrada. Fortaleza: Secretaria da Cultura / Museu do Ceará, 2006, p.27-29. Ver ainda ROCHA, Demócrito. A Imprensa do Ceará. In GIRÃO, Raimundo e MARTINS FILHO, Antônio. *O Ceará.* Fortaleza: Editora Fortaleza, 1945, 2ª edição, p. 10. OLIVEIRA, João Batista Perdigão de. A imprensa no Ceará (continuação). *Revista do Instituto do Ceará*, tomo XXI, 1907, p.12-32.

310 NOBRE, Geraldo. *Introdução à História do Jornalismo Cearense.* Op. Cit., p.96. O autor chama atenção para o número de jornais publicados fora da capital da Província. Durante a década de 1860, apareceram 116 novas publicações locais, não apenas da Capital. Em Aracati, 14 periódicos circularam no decênio de 1860, no Crato foram dez, havendo ainda iniciativas em Sobral, Icó, Cascavel, e uma

mantém até 1897[312], com novos nomes e outros proprietários. Pequenos prelos, em maioria, publicavam folhetos, jornaizinhos, opúsculos, material de papelaria e outras encomendas, bem mais do que livros.

As adversidades não eram poucas para seguir no ofício. Em meio às disputas partidárias, violências e perseguições atingiam tipógrafos, mais até que aos redatores[313]. Empastelamento das oficinas, agressões e até a imposição do recrutamento militar dos artífices eram respostas do poder contrariado, especialmente dos que ocupavam a autoridade provincial, liberais ou conservadores. Tais episódios de repressão levaram a respostas inusitadas, como os momentos em que o serviço tipográfico foi assumido por mulheres em oficinas cearenses. Em 1853, a esposa e a cunhada do proprietário da Tipografia Brasileira, Francisco Luís de Vasconcelos, integraram-se ao trabalho da oficina como alternativa à impressão da folha *O Commercial,* quando os tipógrafos foram recrutados.

Dessas aflições, o açoriano Jorge Acúrcio Saraiva conheceu bem no Ceará. Ainda em 1835, ensinou a arte tipográfica às duas filhas mais velhas para substituírem os tipógrafos recrutados pelo governo provincial. Rigores com que, fora da lei, eram punidos, "os delitos das palavras", na expressão de Barros Leal[314]. Sabedor de inglês e francês, Acúrcio estava na Capital cearense dirigindo a tipografia "Patriótica". As filhas tornaram-se aprendizes como alternativa para que o jornal o *Correio da Assembléia Provincial*, que tanto desagradava o governo, continuasse a ser publicado[315].

---

folha manuscrita em Acarape. Uma "prosperidade" que seria abalada em 1877, com a grande seca.

311 *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará para 1873*. Op.Cit., p.451. Eram as tipografias instaladas: Do Pedro II (Praça do Ferreira, 34), do Cearense (rua Formosa), Da Constituição (rua Formosa, 63), Da Tribuna Cathólica (rua do Conde d´Eu), Do Futuro (rua da Boa-Vista), De Theotônio Esteves de Almeida (rua da Palma), De Odorico Colás (rua Formosa).

312 *Almanach Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará para 1897.* Fortaleza: Typ. D´A República, 1896, p.120. Naquele ano, são listadas as tipografias: Costa Souza & Cia (rua Formosa, 68), Ceará Libertador (rua Floriano Peixoto, 55 A e Coronel Bezerril), Econômica, de Raymundo de Paula Lima (Praça do Ferreira, 43), Minerva, de Cezar A. Silva (rua d´Assembléa, nº 04), Studart, do Dr. Guilherme Studart (rua Formosa), Universal, de Cunha Ferro & Cia. (rua Formosa), Ceará (rua Formosa, 130).

313 Os exemplos de perseguições motivadas por impressos se multiplicam ao longo do século XIX. Em 1850, o tipógrafo Elias Martins de Sá idealizou e construiu o prelo para a impressão do jornal "O Juiz do Povo", redigido pelo padre Cerbelon Verdeixa, "combatendo portugueses e pregando idéias nativistas". O tipógrafo foi demitido pelo presidente da Província do emprego de administrador da cadeia e ainda teve o filho preso.

314 LEAL, Vinicius Barros. *Os Noventa Anos da Tipografia Minerva* (discurso proferido no Instituto do Ceará). Fortaleza: Instituto do Ceará, 1983, p.07. Localizada na rua dos Mercadores (atualmente rua Conde D´Eu) nº 02, a tipografia "Patriótica" ficou sob a direção de Jorge Acúrcio até 1839, passando para Francisco Luís de Vasconcelos e depois para Antônio Elói da Costa em 1840.

315 SOUSA, Eusébio de. A imprensa do Ceará dos seus primeiros dias aos atuais. In *Revista do Instituto do Ceará*, ano XLVII, tomo XLVII. Fortaleza: Meton Gadelha & Cia, 1933, p.28. O Correio da Assembléia Provincial era órgão liberal que tinha como redator José Lourenço de Castro e Silva e como editores,

Os tipógrafos eram ainda mais vulneráveis aos ataques por estarem nominalmente expostos nas publicações, mesmo quando os redatores se mantinham anônimos. Caso de muitos dos jornais que traziam como única identificação o impressor ou a tipografia. Outro risco, o impressor ter seu nome vinculado às idéias que imprimia, apesar de, em alguns casos, ser somente mais um serviço. Era o que garantia o proprietário da Tipografia da Aurora Cearense, Manuel da Cunha Figueiredo, sobre o jornal *Situação*, saído do seu prelo. Para ganhar a encomenda, tornou pública a declaração: "Declaro que não tenho parte alguma na redação do jornal Situação, que se publica na tipografia da Aurora Cearense"[316].

Na edição seguinte do jornal *Aurora Cearense*, Manuel da Cunha se explicava aos donos do outro periódico:

> A Situação de hoje estranha a declaração que fiz, de não ter parte alguma na respectiva redação.
> Já que a Situação pede outra declaração, direi, que imprimindo-se esse jornal na minha tipografia, e não comungando eu as idéias nele expreendidas, julguei conveniente evitar duvidas futuras.
> Respondo assim a pergunta que a Situação e todos fazem, e nada mais direi[317].

Em busca de fregueses, Manoel da Cunha anuncia: "*Imprime-se toda e qualquer obra com nitidez e prontidão, também por preços muito cômodos*". Sua tipografia vendia ainda "letras", "despachos", "procurações" e "conhecimentos"[318]. O jornal *Aurora Cearense* tentava reafirmar distância das querelas políticas para afirmar a tônica de seu jornalismo: o interesse comum, de lastro na moral e instrução[319].

---

além de Acúrcio, Luiz de Vasconcelos e Antonio Elio da Costa. O autor traz o nome Jorge Acúrcio da Silveira, ao invés de Saraiva. E cita diversos outros casos de tipógrafos recrutados, entre eles, o mineiro Aureliano Marcolino de Melo, que por ordem do presidente da Província foi recrutado e mandado ao Pará (1836), e o professor José Henrique, redator de O Tagarela, preso e recrutado em 1865.

316 Jornal *Aurora Cearense*, 11/11/1866, ano I, numero 22. Fortaleza: Typ. Da Aurora Cearense, p.08. A declaração era datada no dia 11 de outubro do mesmo ano e trazia a assinatura manuscrita de Manuel da Cunha. Jornal consultado na Biblioteca Pública Menezes Pimentel, setor de periódicos.

317 Jornal *Aurora Cearense*, 25/11/1866, ano I, numero 23. Fortaleza: Typ. Da Aurora Cearense, p.08.

318 Em pelo menos cinco edições, a começar no dia 07/09/1866, o jornal Aurora Cearense traz anúncio da tipografia na última página, destacado por moldura, com o texto: "Typographia da Aurora Cearense. 31. Praça Municipal. 31. Nesta Typographia vende-se por preços mais cômodos do que em outra qualquer o seguinte: Letras 1U000/ Despachos 2U500/ Procurações 2U500/ Conhecimentos 1U500. Imprime-se toda e qualquer obra com nitidez e prontidão, também por preços muito cômodos".

319 Jornal *Aurora Cearense*, 27/05/1866, ano I, numero 01. Fortaleza: Typ. Da Aurora Cearense, p.01. Impressor Hermínio Magno. Aurora Cearense diz-se "jornal Ilustrado, literário, científico e noticioso,

Uma "gazetita", entre o sério e o jocoso

Uma das encomendas saídas da Tipografia da Aurora Cearense chama atenção desde o título: *O Almanak*[320]. Jornal em quatro páginas, publicado em Fortaleza no ano de 1867, pretendia-se diferente dos jornais oficiais cearenses[321]. Em estilo picaresco, com crítica e humor, pode ser incluído entre os pasquins que se multiplicavam na década de 1860: *O Crocodilo*, *O Noticiador*, *O Dilúvio*, *O Vulcão*, *O Vesúvio*, *O Tagarela*...[322]. A sátira é arma para "combater as prevaricações". Ou melhor, fazer a crítica e denuncia contra os inimigos, no caso, certos "*funcionários públicos que desrespeitão as leis e invadem atribuições de autoridades que sabem cumprir com seus deveres*", indica o texto de apresentação[323].

O anonimato dos redatores busca proteção face ao uso (e abuso) da linguagem cômica e virulenta, mesmo que os leitores possam supor a autoria. Assim, *Dr. Panellada* assume a responsabilidade pelo jornal, apresentado como "compilador do Almanak". Não demora mais de uma página e o Doutor encarna também o papel de alvo das críticas[324]. Em um acesso de loucura, pratica desfrutes na cadeia, rouba o cofre público e faz sandices pelas ruas da cidade. Desde o título, o tom de critica e galhofa é mistura constante no jornal: "O Dr. Panellada está doudo!... camizola n´ele...":

> Duvidão?! Pois indaguem das sandices, das loucuras e desfrutes que ele

---

publicado uma vez por semana. Assinaturas: 5U000 por semestre e 10U000 por ano. O editor afirma: "A par do jornalismo político, que absorve e cança as atenções populares, vem despontar a Aurora Cearense para, sem ofensas de ninguem, advogar o interesse comum, ou este diga respeito ao que é material ou ao que é moral e instrutivo".

320 O Almanak. Anno I, nº 01, 25/08/1867. Fortaleza: Typographia da Aurora Cearense, 1867, p.01. Impressor Francisco Vieira da Silva.

321 Aos dois principais jornais partidários, "O Cearense", órgão liberal fundado em 1846, e "Pedro II", conservador fundado em 1840, juntava-se em 1863 o jornal "A Constituição", que prossegue até a Proclamação da República, e o jornal "Democracia" (1868), que defendia a substituição do regime monárquico. Entre os impressos políticos, circulavam jornais oficiais, de vida mais breve e voltados para publicação dos atos dos governantes, a exemplo da Gazeta Oficial (1862), e O Progressista (1866), que defendia a administração do então presidente da Província, João de Souza Melo e Alvim.

322 Geraldo Nobre observa que esse gênero foi praticado com desenvoltura no decênio de 1860. NOBRE, Geraldo. *Introdução à História do Jornalismo Cearense.* Op.Cit., p.97. Outros pasquins, em maioria das décadas de 1880 e 1890, são abordados em SILVA, Marco Aurélio Ferreira da. *Humor, vergonha e decoro na cidade de Fortaleza (1850-1890)*. Fortaleza: Museu do Ceará/Secult, 2009.

323 O Almanak. Anno I, nº 01, 25/08/1867. Op.Cit., p.01.

324 Ao longo da edição, o Dr. Panellada passa a ser também identificado como "juiz da Imperatriz" e "atual chefe de polícia interino". Somente na última página fica clara a crítica feita ao juiz de Direito Salustiano Orlando de Araújo Costa, a quem caracteriza ironicamente como "muito econômico e zeloso do dinheiro público" por expedir portarias ao carcereiro "lavradas em tiras de papel e letra do próprio punho" do chefe interino, em sua casa. "As ordens de soltura de presos custodianos são – bilhetes ao carcereiro". Idem, p.04.

> praticou na cadeia, por ocasião da sublevação dos presos; no edifício em que funciona a tesouraria de fazenda, nas ruas mesmo, quando se deu o roubo no retrospectivo cofre; e convencer-se-hão cabalmente de que em qualquer país, onde as coisas corressem com mais regularidade, o Dr. Panellada já teria títulos suficientes para uma camisola em hospital de alienados[325]

A sátira é combinada a conteúdo moral: nada de "maus exemplos, maus conselhos, amotinação", respeitando sempre "a vida privada" e "o sepulcro". Garantias que não impedem o sarcasmo do texto, até no endereço para envio de colaborações: "a rua do lixo"[326]. Dessa forma, "o sério e o jocoso" são as duas faces de *O Almanak*[327]. O jornal é vendido na própria tipografia, custando o número avulso $80[328]. Sem dia certo para ser rodado, mas "sempre que tiver de sair", será anunciado na véspera nos "diários da cidade".

Apesar de não se conhecer a repercussão desses escritos, um aspecto chama especial atenção. Este é um jornal com quatro páginas, diagramação semelhante a outros do período, que destaca a falta e a "necessidade" de outro tipo de impresso em Fortaleza: o Almanaque.

> A necessidade de um pequeno periódico, da classe dos que em menor formato são ordinariamente publicados entre nós, o qual, aproveitando os bons bocadinhos, que por aí se consomem e se desperdição por falta de um curioso, que os aproveite, compile e registre útil e convenientemente; tem sido e é notavelmente sentida aqui na Fortaleza, d´onde sai o que é noticioso para os demais postos da província.

---

325 *O Almanak*. Anno I, nº 01, 25/08/1867, p.02.

326 Idem, p.02.

327 Idem, p.01. O jornal afirma que pretende discutir "três fatos importantes" ocorridos recentemente na Província, a "sublevação na cadeia", o "roubo no cofre da tesouraria da fazenda" e um terceiro chamado "negócios do Tamboril". Ao mesmo tempo, diz oferecer ao leitor "momentos de continuado riso", com fatos que "fornecem pano para mangas". Dr. Panellada e outros personagens da cidade são indicados em tom de deboche, demonstrando a pouca preocupação das autoridades locais em achar o dinheiro público roubado e identificar os autores do crime. O inspetor do alagadiço vai utilizar uma "vara de carrear cacimba" e "escavar um formigueiro", enquanto a Maria Prata, dos oiteiros, é convidada a lançar mão "de todas as ciências e artes", engajando "o maior numero possível de adivinhadeiras, bruxas ou fadas, que deverão praticar os seus trabalhos". O único que aparece sem disfarces, identificado pelo verdadeiro nome no rodapé da publicação é o impressor do jornal, Francisco Vieira da Silva, da oficina da Aurora Cearense.

328 Para efeito de comparação, o número avulso do jornal político Constituição era $50, com assinatura anual de 12$000 para a Capital. *A Constituição*. 01/03/1870, nº48. Fortaleza: Typ. Da Constituição, 1870, p.01.

> Vejamos se é possível satisfazer semelhante necessidade.
> O desperdício dessas migalhas e nonadas suscitou-nos uma tal idéia, talvez não feliz, de as publicar em uma gazetita sob a denominação que temos adotado[329].

O jornal *O Almanak* entende o gênero Almanaque como uma compilação de textos feita por um "curioso", que registra "útil e convenientemente" informações diversas. No formato, é um pequeno periódico. Muito conhecido por trazer conteúdos administrativos, apresentando-se como "*o livro que designa nomes dos empregados públicos de todas as classes e suas respectivas habitações*". Apesar de circularem Almanaques pela Província, o jornal considera que faltava publicação dessa natureza oferecendo informações locais. Por essas características, justifica a escolha do seu nome. *O Almanak* reuniria algumas dessas características, com conteúdos variados, unindo o sério e o jocoso. Como mostra a epígrafe, abaixo do título do jornal:

> É literato
> É noticioso
> Tem parte de sério
> Parte de jocoso
>
> Na variedade
> Terá externado
> Quanto ao que dirá
> Desde já verão
>
> Tem aspirações
> A ser estimado
> Dará novidades
> Pra ser procurado.

A primeira edição de *O Almanak,* única localizada[330], está disponível no catálogo da Fundação Biblioteca Nacional em meio à coleção de jornais cearenses microfilmados. O barulho que pode ter causado em 1867 foi perdendo força, tornando-se um impresso

329 *O Almanak*, Op.Cit., p.01
330 Um exemplar do jornal *O Almanak* foi localizado no setor de Obras Raras da FBN (RJ), disponível para consulta em microfilme.

quase desconhecido. À exceção de duas breves referências[331], não constam informações sobre essa publicação nos estudos consultados. O jornal não foi mencionado sequer pelo *Almanak do Ceará de 1873*, na Relação dos Periódicos que se tem publicado na Província. A lista indica o nome e a data de circulação dos jornais desde 1824 a 1872, num total de 104 títulos, entre periódicos efêmeros, de longa duração ou que ainda estavam circulando[332] em 1873.

No entanto, a lista não faz menção à existência de *O Almanak*. Pode-se supor que tenha desconsiderado a publicação pelo conteúdo satírico. Ou por ser um jornal de pequeno porte e diminuta circulação, uma entre outras encomendas da tipografia da *Aurora Cearense*.

Mesmo em meio às dificuldades, outras tipografias surgiram em Fortaleza no período, muitas delas de "*mínimos recursos, improvisadas, com material feito pelos próprios artistas, nos fundos dos quintais*" [333]. Prelos montados pelo engenho e arte,

---

331 A primeira referência é feita por Barão de Studart, quando inclui os jornais de grande e pequeno formato: "O Almanak. Publicado em Fortaleza, a 25 de agosto de 1867 e impresso na Typ. Aurora Cearense por Francisco Vieira da Silva. Trazia sob nome as palavras: Late jusum opus est et multiplex et prope quotidie novam. Quinctil". STUDART, Barão de. Catálogo dos jornais de grande e pequeno formato publicados em Ceará. Revista do Instituto do Ceará, tomo XVIII, ano XVIII, p.196-291. Fortaleza: Typ. Minerva de Assis Bezerra, 1904. (Disponível no site: www.institutodoceara.org.br). Geraldo Nobre, que consulta o catálogo do Barão de Studart, apenas cita que a publicação "Aurora Cearense" chegou a ter seu próprio prelo, no qual rodaram em seguida as páginas de "A Luneta", "A Estrela", do "Jornal de Domingo" e de "O Almanak". NOBRE, Geraldo. *Introdução à História do Jornalismo Cearense.* Op.Cit., p.100.

332 *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará para 1873*. Op.Cit., p.427-428. A relação apresenta o ano de função, sem informações adicionais como tipografia, conteúdo ou duração. Apesar de incompleta, é reproduzida na íntegra pelo valor do conjunto, oferecendo mostra da produção impressos no Ceará, de 1824 a 1872: O Diário do Governo (1824), O Cearense (1825), A Gazeta Cearense (1829), O Diário do Conselho Geral (1829), O Semanario Constitucional (1830), O cearense jacaúna (1831), O Clarim da Liberdade (1834), O Publicador Cearense (1834), O Correio d´Assembléia Provincial (1835), A Oposição Constitucional (1836), O Dezesseis de Dezembro (1837),A Sentinela Cearense na ponta do Mucuripe (1839), O Bumba-meu-boi (1840), O Barbeiro (1840), O Popular (1840), O Equilíbrio (1844), A Fidelidade (1844), O Periquito (1846), O Bemtivi (1846), O Cearense (1846), O Íris Cearense (1847), O Imparcial (1847), O Sete de Setembro (1848), O Patriota (1848), O Brasileiro (1840), O Saquarema (1848), A Época (1848), O Bravo Natalense (1848), O Sempre-viva (1848), O Zephyro (1850), O Commercial (1853), O Araripe (1855), O Sol (1856), O Cyrinêo (1857), O Aracaty (1859), A Semana (1859), A Revista do Foro (1860), O Monge (1861), A América (1861), A Fortaleza (1862), O Artista (1862), O Peregrino (1862), O Philolittera (1862), A Gazeta Official (1862), A União Artística (1863), A Gazeta Oficial do Ceará (1863), A Liberdade (1863), O Gaspar da terra (1863), A Epocha (1863), O Visuvio (1863), A Lanceta (1863), O Jornal do Ico (1863), O Sobral (1863), A Lyra (1863), O Cratense (1863), O Caipora (1863), O Tribuno do Povo (1863), O Artilheiro (1863), A Constituição (1863), O Tagarella (1865), A Tribuna Catholica (1866), O Jornal da Fortaleza (1866), O Progressista (1867), O Prestidigitador (1867), O Atalaia (1867), O Cabelludo (1867), O Echo Juvenil (1867), A Estrella (1867), A Lua (1867), A Beata (1867), O Beija-Flor (1867), Jornal do Ceará (1868), O Diluvio (1868), O Vulcão (1868), O Imparcial (1869), A Cigana (1869), Revista (1870), O Careca (1870), O Despertador (1871), O Oriente (1871), A Luz (1872), O Raio (1872), O Futuro (1872), A Opinião (1872), Heróe dos Martyres (1872), A Urtiga (1872), O Correio do Povo (1872), Zephyro (1872), A Voz d´America (1872), O Meirinho (1873).

333 LEAL, Vinicius Barros. *Os Noventa Anos da Tipografia Minerva,* Op.Cit., p.10. Em relação às tipografias, a década de 1870 é destacada por Barros Leal, que caracteriza o período pelo surgimento de um

driblando a rusticidade do meio[334]. Poucas sobreviviam aos anos, vendidas para o Interior ou mudando de proprietários na Capital. Para os jornais de maiores posses, os prelos viriam do Rio de Janeiro ou da Europa[335].

Prelos e impressores vinham de fora trazendo os segredos de sua arte. De Pernambuco, Francisco José Sales, hábil artista, para implantar a tipografia no Ceará em 1824[336]. Do Maranhão, Odorico Colás, em 1861[337]. O tipógrafo instala-se em um período conhecido como a fase áurea da literatura maranhense, como assinala Laurence Hallewell: "São Luís foi não apenas o mais importante centro editorial das províncias, e o único de importância nacional, mas também o lugar em que a qualidade do trabalho dos melhores impressores ultrapassava toda e qualquer realização da Côrte nessa época" [338].

No prelo, os primeiros Almanaques do Ceará

Da tipografia de Odorico Colás, na rua Formosa, saiu o primeiro Almanaque produzido no Ceará, em 04 de fevereiro de 1870. O *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará*[339] é impresso de dimensões maiores, com 511 páginas, 22,5 cm de altura por 13,5 cm de largura. Até então, nenhuma tipografia havia feito trabalho do gênero. A oficina de Odorico Colás reunia as melhores condições em serviços tipográficos no Ceará, de acordo com a crônica de época. Logo na capa, a informação em destaque: "*Fundado por Joaquim Mendes da Cruz Guimarães. Bacharel formado na*

---

número maior de jornais, a maioria de pequeno porte e diminuta circulação, alguns com oficinas próprias que atendiam "toda classe de impressos para particulares".

334 Alguns prelos eram montados a partir do engenho e arte de pioneiros, como mostra pesquisa de Adelaide Gonçalves. A autora traz o exemplo do caixeiro Zacarias de Souza, fabricando um tosco prelo de madeira e da casca do jacarandá. Talhados a canivete, os tipos foram usados na composição do primeiro jornal do município cearense de Quixadá: O Matuto. GONÇALVES, Adelaide. A Imprensa dos Trabalhadores do Ceará... Op.Cit., p.59.

335 Exemplo da encomenda do jornal abolicionista O Libertador, que festeja a chegada do novo prelo, vindo de Londres a bordo do "Amazonense" em 1882. Cf. SOUSA, Eusébio de. *A imprensa do Ceará dos seus primeiros dias aos atuais.* Op.Cit., p.20.

336 Acompanharam Francisco José Sales, como seus coadjuvantes e para instruir a mocidade, os compositores Felipe José Fernandes Lara e Urbano Espírito Santo. Ata da sessão do estabelecimento da Tip. Nacional do Ceará, 29/03/1824. OLIVEIRA, João Batista Perdigão. A Imprensa no Ceará. In Revista do Instituto do Ceará. Tomo XXI. Fortaleza: Typ. Minerva, 1907, p.p.353-383, p.379.

337 NOBRE, Geraldo da Silva. *Introdução à História do Jornalismo Cearense.* Op.Cit., p. 99. Segundo o autor, O. Colás estabelecera-se inicialmente com a oficina denominada "Social", imprimindo durante o ano de 1861 o jornal "A Verdade", dissidente do partido Conservador, e o órgão diocesano "A Fortaleza". Anos depois, em nova oficina, imprimiu "O Correio de Anúncio", "O Professor", o "Jornal do Domingo", o "Argos" e o "Jornal Ceará", este teve o caráter de órgão oficial na presidência de Leão Veloso, e continuador do jornal "O progressista" também impresso por ele. Também era maranhense o tipógrafo Galdino Marques de Carvalho.

338 HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil (sua história).* Op. Cit., p.94. Refere-se ao período de 1840 a 1880. Geraldo Nobre confirma a fama dos trabalhos maranhenses: "O Maranhão chegara a rivalizar com a Corte quanto à perfeição no acabamento dos trabalhos de composição e impressão". NOBRE, Geraldo da Silva. *Introdução à História do Jornalismo Cearense* Op. Cit., p.105.

339 *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará para o ano de 1870*. Op.Cit..

Faculdade de Direito da cidade do Recife".

O caráter oficial desse Almanaque é visto em forma e conteúdo. Está na capa, com o nome do bacharel Joaquim Mendes, e ao longo das páginas, nas informações, leis e decretos que reproduz, chanceladas pelo poder provincial e outras instituições: os nomes da administração, a transcrição do decreto que institui o imposto do selo, o regulamento do colégio particular Pantheon Cearense, entre outros pontos[340]. Está ainda na diagramação, que dá forma à palavra legal, nos recursos gráficos utilizados, no uso de caixa alta para escrever nomes importantes, como D. PEDRO II, D. LEOPOLDINA, distinguindo-os dos nobres menores, por exemplo. Sem uso de imagens[341], as únicas gravuras aparecem na identificação dos meses, no alto da página do Calendário.

Oficialmente, o Almanaque é de Joaquim Mendes. No entanto, no segundo ano da publicação, em 1873, o bacharel está na capa como fundador. Abaixo dele, como editor, aparece o tipógrafo João Batista Pereira[342], responsável pela seleção, organização de conteúdos e impressão do Almanak.

As funções de editor, impressor, tipógrafo e redator misturam-se na labuta diária. E assim como o tipógrafo é visto com influência diversa sobre o objeto impresso, as tipografias também são mais do que locais de impressão nessa Fortaleza que caminha para o fim do século XIX. Afirmam-se como casas editoras, na venda e circulação das publicações, como espaço da difusão cultural e de sociabilidades. Para lá, se dirigem aqueles que buscam contratar os serviços da oficina, publicar anúncios e textos, ou ainda os que respondem a chamados impressos. É o que mostra a seção de anúncios do jornal liberal *Cearense*[343], edições dos anos de 1882 e 1883:

---

340 A publicação traz o Decreto nº 4354, de 17 de abril de 1869, que manda executar o regulamento para a arrecadação do imposto do selo. Almanak do Ceará de 1870, Op.Cit., p.30-41. Traz ainda o regulamento do colégio Pontheon Cearense, na página 441.

341 O uso de imagens já era usado por outros almanaques do período, como o Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro, editado em Lisboa. Também era recurso já conhecido de publicações locais, como o jornal Aurora Cearense, que desde o ano de 1866, já anunciava e trazia litografias.

342 João Batista Pereira aparece entre os tipógrafos cearenses no Almanak do Ceará de 1870. No entanto, em 1873, apesar de constar como editor, na capa do almanaque, não está incluído entre os tipógrafos, impressores e tipografias. No segundo ano de publicação, o almanaque não foi impresso na Typ. De Odorico Colás, mas registra o funcionamento dela. *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará para o ano de 1873*. Op.Cit., p.451.

343 Órgão liberal publicado a partir de outubro de 1846 que teve como fundadores Frederico Pamplona, Tristão de Araripe e, chegando logo depois, Thomaz Pompeo. Entre os redatores do Cearense figuraram nomes como João Brígido, Dr. José Pompeu, Miguel Ayres, Conselheiro Rodrigues Júnior e Dr. Paula Pessôa. O último número circulou em 25 de fevereiro de 1891. Após a proclamação da República (1889), substituíu a epígrafe "orgão liberal" por "orgão democrático. STUDART, Barão de. Os jornais do Ceará nos primeiros 40 anos. Op.Cit., p. 84. Cf. FERNANDES, Ana Carla Sabino. *A Imprensa em Pauta: Entre as contendas e paixões partidárias dos jornais Cearense, Pedro II e Constituição na segunda metade do século XIX.* Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2004.

> Criado
> Nesta tipografia se dirá quem precisa de um, de 08 a 12 anos[344].
>
> Boa aquisição
> Pessoa competente, habilitada e com bastante prática e conhecimento do centro desta Província e Piauí oferece-se aos Srs. negociantes desta praça para fazer cobranças em qualquer parte do sertão, mediante porcentagem. Para informações e tratar, nesta tipografia[345].

Para contratar um serviço, alugar uma casa de recreio no bairro de Jacarecanga, devolver um objeto perdido ou até um passarinho fugido (e ser recompensado por isso), devia procurar a tipografia. Os registros mostram a confiança do lugar, onde se podia devolver achados e perdidos inusitados – um lápis de ouro ou um bonito e manso corrupião:

> Gratifica-se
> bem a quem apreender e entregar nesta tipografia um bonito e manso corrupião que fugio ontem da rua do senador Pompeu, nº126. Voou para o calçamento da Jacarecanga, quarteirão do trilho de ferro e aí desapareceu. Fortaleza, 21de setembro de 1883[346].
>
> Casa para recreio
> Aluga-se uma, na Jacarecanga, com bons comodos para familia, agua e um espaçoso quintal; quem pretender dirija-se a esta tipografia que lhe serão ministradas as informações necessárias[347].
>
> Perdeu-se
> Ante ontem nas ruas d´esta cidade um lapes de ouro. Quem o tiver achado e entregar n´esta tipografia será generosamente recompensado.
> Ceará, 18 de julho de 1883[348]

344 Cearense, 26/04/1882, p.04, Anúncios
345 Cearense, 28/09/1883, p.04, Anúncios.
346 Cearense, 28/09/1883, p.04, Anúncios.
347 Cearense, 28/10/1882, p.04, Anúncios.
348 Cearense, 18/07/1883, p.03. Anúncios.

Por imprimir o jornal *Cearense*, a *Tipografia Brasileira* é conhecida como *Tipografia d´O Cearense*[349]. Durante as décadas de 1870 e 1880, passou por diversos endereços na mesma rua Formosa[350]. Vendia outros impressos, como tabuadas, cartilhas, cartões de visitas[351]. Transformava-se em ponto de encontro para os leitores, na compra e venda de artigos variados, intermediando contatos. Alguns só eram identificados na própria oficina, como aquele que buscava coleções do jornal *Cearense* de anos anteriores: "Nesta Tipografia dirá quem compra coleções deste diário dos anos de 1858, 59, 60, 75 e 77" [352].

A divulgação do jornal caminha junto com a dos serviços tipográficos, realizada tanto nas edições diárias do *Cearense*, em anúncios, quanto nos brindes oferecidos aos leitores a cada ano. Um destes foi o *Kalendário para o ano de 1882*, ofertado aos assinantes. Nas mesmas dimensões do jornal, a *folhinha* traz os meses distribuídos no alto da página, em frente e verso. A dobra inferior da primeira página é dedicada a divulgação do impresso, com o preço das assinaturas do *Cearense*, valores para publicação de anúncios[353], e da tipografia: "*A oficina está perfeitamente montada e encarrega-se de qualquer trabalho concernente a arte tipográfica. Garante-se a modicidade dos preços, nitidez e prontidão nos trabalhos*"[354].

A oferta de brindes é estratégia usada pelo *Cearense* para garantir novos leitores e manter em dia o pagamento das assinaturas contratadas. Assim mostra o "Aviso" publicado em outubro de 1882, que condiciona o recebimento de brinde no novo ano à quitação de débitos:

---

349 Nas edições do *Almanak do Ceará* de 1870 e 1873, não aparece Tipografia Brasileira de Paiva & Cia., mas sim, Tipografia Do Cearense, na rua Formosa. Não confundir com a Tipografia Cearense, que funcionou em Fortaleza no início do século XIX.

350 O próprio jornal diz, ao mesmo tempo, Typ. do Cearense e Typ. Brazileira. De acordo com edições do ano de 1872, era impresso na Typographia Brazileira, rua Formosa, nº 23, e tinha como impressor Francisco Perdigão. *Cearense*, 10/01/1872. Em 1882, na capa diz: Typographia do Cearense Rua Formosa, nº19; Escritório da redação: rua Formosa, 21; e na página 04, diz: Typ. Brazileira, Impressor Joaquim Lopes Verçosa. *Cearense*, 01/01/1882. Em 08 de junho de 1882, o impressor passa a ser Melo Sobrinho, na mesma Tipografia Brasileira. Em 1883, o escritório do jornal e a tipografia estão no mesmo endereço, na rua Formosa, nº 88. *Cearense*, 04/07/1883.

351 Esses artigos são vistos em anúncios no jornal Cearense. Como exemplos: "Cartas de A, B, C, e Taboadas. Vendem-se nesta tipografia", *Cearense*, 19/11/1882; "Cartões de visita. vendem-se nesta typographia". *Cearense*, 03/12/1882.

352 *Cearense*, 19/11/1882, p.04. 24 de outubro de 1882. Número 206.

353 "Assinaturas. Para a Capital por um ano 12$000. Por seis meses 6$000. Por três meses 4$000. Para o interior da província e para outra qualquer parte por um ano 14$000. Por seis meses 7$000. Por três meses 5$000. As assinaturas podem ser tomadas em qualquer data, mas findão sempre em março, junho, setembro e novembro de cada ano. Os anúncios pagarão 40 réis por linha para os assinantes e 60 réis para os que não o forem. As publicações solicitadas pelo que se convencionar". Cearense. *Kalendário para o ano de 1882*. Fortaleza: Typ. Brazileira, 1882, p.01. Acervo BPGMP.

354 No mesmo espaço, é publicada a lista de correspondentes do Cearense em 39 pontos espalhados pela Província do Ceará. Idem, Ibidem.

> Avisamos aos nossos assinantes que estao em debito para mandar pagar as suas assignaturas atrazadas.
> Aos nossos correspondentes nas diversas localidades enviamos contas correntes e com eles se devem entender.
> Não desejando suspender a remessa de jornais sem previo aviso, rogamos a todos que satisfação os seus compromissos, para que a empreza possa oferecer os brindes que a todos tem em vista fazer, no começo de 1883[355].

No começo de 1883, a Tipografia do Cearense lançou um novo impresso: o Almanaque. O suporte já era bem conhecido nessa tarefa de agradar leitores. Mantinha vínculos com aquela folhinha de calendário ofertada no ano anterior. Mas nesse caso, ia além dos meses e dias santos, com anedotas e espaço para anúncios comerciais variados. Uma forma, provavelmente, de também pagar os custos da publicação e quiçá ter algum dividendo.

Oferecer Almanaque-brinde para garantir assinaturas e conquistar leitores era uma prática conhecida. No próprio *Cearense* encontra-se grande anúncio do jornal *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro. Ao promover o lançamento de sua edição semanal, uma síntese de "tudo quanto se publica de interessante na folha diária", informa: "*os assinantes do ano têm direito a um Almanak da Gazeta de Notícias, que acha-se no prelo*"[356]. Mas ao que tudo indica, era a primeira vez que o *Cearense* utilizava da estratégia.

O *Almanach do Cearense para 1883*[357] não é citado na bibliografia consultada. Desconhecimento e ausência que pode ser atribuído à pouca importância dada a brindes e impressos considerados artigos menores. Em diversos aspectos, esse Almanaque difere das duas publicações anteriores produzidas pelo bacharel Joaquim Mendes na década de

355 Cearense, 28/10/1882, p.01.

356 Cearense, 18/05/1882, p.04, Anúncios. O jornal Gazeta de Notícias, que era diário, anunciava as assinaturas da edição semanal, publicadas às terças-feiras, com tiragem de 6.000 exemplares que se pretendiam a distribuição nas províncias brasileiras. A edição semanal reproduz "tudo quanto se publica de interessante na folha diária", como "noticiário, artigos de fundo, parte comercial, folhetim romance e uma revista da semana "as correspondencias de folhetins dos colaboradores Luiz Guimarães, Ramalho Ortigão, Guilherme Azevedo, Eça de Queiroz e José Carlos Rodrigues, em Portugal, França, Inglaterra e Estados Unidos". A assinatura anual custava 5$000, que dava direito a um exemplar do *Almanak da Gazeta*, e a semestral 3$000, sem o almanaque. As assinaturas eram recebidas pelos agentes do correio.

357 *Almanach do Cearense para 1883*. Fortaleza: Typographia do Cearense, 1883. Não consta registro desse almanaque na bibliografia consultada. Ele se fez conhecer por meio do único exemplar localizado no setor de Obras Raras da FBN (RJ).

1870, quer seja em tamanho, estrutura interna ou conteúdo. Com apenas 48 páginas (comparadas às mais de 500 das duas publicações anteriores), *o Almanach* tinha dimensões reduzidas (metade do tamanho do *Almanak do Ceará* de 1870 e 1873). Em destaque na capa, oferece: "*calendário, anúncios e pilhérias*".

A partir da materialidade dos objetos, do formato, conteúdo e impressão, é possível observar como o gênero Almanaque oferece diferentes experiências de leitura e leitores. As publicações da década de 1870, de Joaquim Mendes, eram dispendiosas, exigindo recursos para serem produzidas e adquiridas. Pelo tamanho e volume deveriam ser guardadas em estantes ou gavetas, e consultadas quando necessário. Já o *Almanach do Cearense* é pequeno, de fácil manuseio, próprio à consulta diária. Num rápido folhear, corria-se o ano, de janeiro a dezembro, com curtas indicações para a vida social: "*Janeiro - Paga-se a taxa de escravos*" [358]. "*Março - Paga-se a segunda prestação do imposto de indústrias e profissões*" [359]. No fim dos meses, a leitura amena de uma anedota de salão:

> - Quantos filhos tens? Perguntaram a um indivíduo que contava nada menos que sete mulheres e três homens.
> - Tenho os dez mandamentos, respondeu. Os três primeiros, homens, são em honra de Deus, e os outros sete, mulheres, em proveito do próximo[360].

Ou ainda o pregão impresso, "*bom gosto e modernismo*" dos novos objetos requeridos pela vida na cidade – porcelanas e cristais – anunciando novos hábitos de convivência.

> Aluga - vidros, porcelanas, cristais, etc., para qualquer festa, mediante a módica comissão de 10% sobre o valor dos objetos (por 24 horas, sujeitando o pretendente a pagar o que quebrar-se, trincar-se ou desmerecer). Vantajoso. Encarrega-se de preparar casas para noivados – conforme o ajuste de preços dos utensílios, garantindo bom gosto e modernismo dos mesmos[361].

A fragmentação dos conteúdos no *Almanach do Cearense* indica uma leitura mais

358 Idem, p.01.
359 Idem, p.08.
360 Idem, p.34. Pilhéria publicada após o mês de dezembro.
361 Idem, p. 03. Anúncio da loja Confúcio. Diz ainda: "especial em porcelanas, cristais, vidros, louças, móveis, etc. Sortimento completo de candeeiro a gás e seus pertences. Caprichosa novidade de artigos concernentes ao uso doméstico".

acessível, ampliando os limites de circulação do objeto[362]. O Calendário é guia, demonstrando a utilidade. Ao longo dele, a cronologia e dias santos, as indicações da vida social. "Dia 1, segunda, Circuncisão de Nosso Senhor Jesus Cristo, S. Almachio, m. *Descobrimento do Rio de Janeiro por Martim Afonso em 1532*. *Lua em quarto minguante às 9h 57´35´´ da manhã*".

Ainda em conexão com o caráter de utilidade, o Almanaque traz apêndice com atualização da legislação eleitoral, que certamente deveria interessar a muitos de seus leitores. Ainda na capa, divulga o "*Decreto nº 3.122, de 7 de outubro de 1882, que altera disposições da lei eleitoral nº 3029*". Importante lembrar que o jornal *Cearense* é partidário, fundamentalmente interessado no leitor que também é eleitor, uma minoria em tempos do voto censitário. Este é um ponto de interseção entre os públicos buscados pelo *Almanach do Cearense* e o *Almanak do Ceará de 1870 e 1873.* Estes iam além, indicando nominalmente os eleitores da Província em cada distrito. Embora aquele tivesse circulação ampliada pelas facilidades de acesso.

Leitores e anunciantes do jornal são levados ao Almanach. Casas importadoras, como a *Aux Phares de la Bastille*, propriedade de *Levy Fréres*[363]; os "estabelecimentos de mercadorias diversas", como a Loja Emancipadora, anunciando "completo sortimento de fazendas, miudezas, ferragens, etc.[364]"; as lojas de modas, os mestres de ofícios, como Manoel Vicente do Nascimento, da Chapelaria Cearense: "*Atelier caprichosamente preparado para qualquer trabalho tendente à arte de chapelaria*"[365]; a Livro-papelaria de Gualter R. Silva, que tem "*desde a mais simples caderneta até o mais volumoso jogo de Diário e Rasão*"; e os especialistas, a exemplo do advogado bacharel Francisco Barboza de Paula Pessoa[366]. Encontravam vantagens naquele periódico: diferente do jornal, em que o anúncio teria que ser republicado diariamente, o Almanaque oferece a possibilidade das ofertas e serviços oferecidos serem consultados durante todo o ano.

O caminho é de mão dupla. O Almanaque é de utilidade conhecida pelos leitores

362 Referência a Pierre Bourdieau, que em debate com Roger Chartier, chama atenção para intencionalidades presentes desde a construção dos textos, como na separação em parágrafos: "um texto de longos parágrafos endereça-se a um público mais selecionado que um texto separado em parágrafos pequenos. Isso repousa na hipótese de que um público mais popular demandará um discurso mais descontínuo". BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural. In _____ (org.). *Práticas de leitura.* São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p.235.

363 *Almanach do Cearense para 1883*. Op.Cit., p.05.

364 Idem, p.20. "Temos armazéns com sortimentos de estivas como sejam louça, vinhos, cerveja, arroz, fósforo, sabão, etc., e todos os demais artigos necessários. Compramos gêneros do país pelo maior preço do mercado, e também dos freguezes que nos honrarem, depositam em nossos armazéns, para serem vendidos conforme ordenarem".

365 Idem, p. 23.

366 Idem, p. 13.

e fácil difusão, funcionando como atrativo para novas assinaturas do jornal. Ao mesmo tempo, divulga a folha diária e os serviços gráficos e telegráficos da Tipografia do Cearense, em quatro anúncios:

> Órgão liberal fundado em 1846, assinatura anual 14$000, tendo oficina perfeitamente montada, desempenha qualquer trabalho tendente a arte tipográfica. Preços baratíssimos e o maior asseio[367].

> Folha diária com serviço telegráfico. Assina-se a 14$000 por ano. Oferece um brinde ao assinante.
> Prontifica qualquer trabalho tipográfico e tem sempre a venda: Lei Eleitoral e instruções, tarifa e horário da Estrada de Ferro de Baturité, Cartas de A.B.C, Taboadas e Cartões. Todo serviço é feito com maior cuidado e com preços baratíssimos[368].

No espaço do Almanaque, *O Cearense* divulga a diversidade dos serviços, produtos e as competências na arte tipográfica. Em paralelo, o Almanaque é produzido no momento em que o ambiente da oficina está imerso em conflitos. No ano de 1882, os tipógrafos fazem uma greve denunciando os abusos do gerente do *Cearense*, Paula Pessoa, os baixos salários e as condições inadequadas de trabalho. A paralisação é resposta ao que consideram "*ganhos mesquinhos*" e "*condições insalubres*" para realizar o ofício. No mês de junho daquele ano, a palavra dos tipógrafos é difundida nas ruas pelo jornal *A Greve*[369].

Inspirado nos pasquins, "*mas sem perder a classe!*", o jornal é composto na "tipografia da greve"[370]. Por ele, os trabalhadores da palavra impressa, cientes de seu ofício na difusão das idéias, se reivindicam sujeitos, e não "coisas". Ao contrário do que afirma o gerente da tipografia, Paula Pessoa. Segundo os grevistas, ele teria dito: "*os tipógrafos não passam de auxiliares inteligentes, mas com a mesma responsabilidade do*

367 Idem, p.16.
368 Idem, p.28. São visto ainda anúncios do *Cearense* nas páginas 08 e 48, nesta com o pedido: "rogamos aos nossos assinantes que mandem pagar as suas assinaturas".
369 O jornal *A Greve* faz parte dos estudos de GONÇALVES, Adelaide. *A Imprensa dos Trabalhadores do Ceará...* Op.Cit., p.71.
370 O jornal tem como redator Chico Greve e como impressor O Currupião Democrata, formas de satirizar patrões e redatores do Cearense. "Aqui eles não se vêem mais através da imagem que outros lhe atribuem, de frequente glorificação do ofício, mas realizam na prática da luta reivindicatória a transição do orgulho do ofício para a dignidade da profissão". GONÇALVES, Adelaide. *A Imprensa dos Trabalhadores do Ceará...* Op.Cit., p.71. A autora registra que antes, em 1876 a Associação Tipográfica Cearense deflagrou greve dos gráficos do jornal *Pedro I, Ó*rgão do partido conservador.

papel e da tinta, do tipo e do prelo". Para defender a "classe dos tipógrafos", o jornal responde:

> "- Qual o operário inteligente, que tem consciência de si, que se rebaixará a ser coisa, como o papel e a tinta, o tipo e o prelo?.
> (...) A greve que promoveu o sr. Paula Pessoa, revela que ele reputa o tipógrafo abaixo do escravo e do bruto e, classifica-o apenas na ordem das coisas inanimadas"[371].

A reação parece ter levado a mudanças na rotina da oficina, como se percebe no aviso do *Cearense* em 04 de outubro de 1882, edição comemorativa pelos 16 anos da publicação: *"Deixamos rodar o nosso diário amanha. Os nossos operários querem férias no dia 04 de outubro, e não podemos recursal-as*"[372]. Logo depois de superado o conflito, é lançado o *Almanach*. Pelo encadeamento das datas e ampla divulgação dos anúncios da tipografia na publicação, pode-se pensar que a distribuição de um Almanaque foi também forma de recuperar a boa imagem da tipografia e do Cearense, reafirmando que os serviços são feitos com maior cuidado e preços baratíssimos, e que a oficina tem asseio, zelo e prontidão.

João Câmara, um artífice de Almanaques

A greve do *Cearense* é parte do processo de afirmação do ofício que remonta as primeiras experiências associativas de tipógrafos no Ceará na década de 1860. Anos que marcam o aparecimento da imprensa de trabalhadores do Ceará[373]. Impulsionando esse espírito associativo, em meio às contendas partidárias, aparece em 23 de junho de 1863[374] o jornal *União Artística,* impresso de uma associação formada por artífices de diversos ramos de atividades. Em epígrafe: "*A união faz a força. A perseverança tudo acalma*", imprime um novo vocabulário associativo.

Nas oficinas da Tipografia Industrial, fazendo o *União Artística*, está um jovem

371 A Greve, ano I, n.2, 19/06/1882. Fortaleza. Apud GONÇALVES, Adelaide. *A Imprensa dos Trabalhadores do Ceará...* Op.Cit., p.71.
372 O Cearense, 04/10/1882, p.02.
373 Como parte dessa imprensa, está o jornal semanal O Typographo (1866): "crítico, noticioso e recreativo e diz-se destinado a sustentar os interesses de sua arte". O primeiro número é de 1º de março de 1866, que tem como redatores os tipógrafos do jornal Constituição. GONÇALVES, Adelaide. *A Imprensa dos Trabalhadores do Ceará...* Op.Cit., p.65.
374 A data é citada por STUDART, Guilherme (Barão de Studart). *Catálogo dos jornais de grande e pequeno formato publicados em Ceará.* Op.Cit., p.282.

redator de nome João Eduardo Torres Câmara. Este ponto conecta os primeiros passos do associativismo no Ceará à trajetória pessoal de um conhecido organizador de Almanaque, impresso que João Câmara começa a produzir somente na maturidade[375]. Quando ainda era estudante, ao lado de José Flamino Benevides, também redator, e do impressor José da Cunha Bezerra, ele se dedica a produzir o semanário, subscrito na tipografia de Francisco Luiz de Vasconcelos a quinhentos réis ($500) por mês[376].

A participação desses artífices na vida política, neste caso no apoio aos liberais, foi vista nas eleições de 1864. Em papel verde, o grupo imprime a 49º edição do *União Artística*, comemorando o Sete de Setembro daquele ano. A "lei de 3 de dezembro", que institui o recrutamento militar, é atribuída aos conservadores como forma de cerceamento político dos adversários. Assim também as multas, "*posturas mais extravagantes que tanto vos tem acabrunhado e vexado*", "*o atropelo da guarda nacional*", "*a chibata*" fazem parte da crítica. Em oito páginas, está a propaganda liberal, como se vê no texto de conclamação, à maneira de panfleto, "*Às urnas!*":

> Liberais! Despontou afinal a aurora tão almejada! Soou a trombeta do anjo da liberdade, cujo eco vos deve ter despertado. (...)
> O partido liberal é o partido do povo, o partido democrata de todos os tempos, de todos os países. Os seus sentimentos são puros: ele quer o bem estar do povo, restituir-lhe os direitos usurpados por essa ominosa política que por espaço de 15 anos tanto despotizou o nosso Brasil[377].

Outro jornal do período, *O Vulcão (1865)*[378], traz informações sobre o funcionamento da Associação União Artística e revela embates travados pelos artífices. As ações no sentido de proteger "*seus irmãos desvalidos*" são destacadas, embora a Associação enfrente dificuldades, contando com seus próprios recursos e atacada por "*cães danados*", isto é, aqueles que não podem "ver com bons olhos" o associativismo

375 João Eduardo Torres Câmara nasceu a 13 de outubro de 1840 em Fortaleza. Faleceu na mesma Capital em 06 de outubro de 1906. A partir de 1895 até o ano da sua morte dedicou-se a fazer o *Almanach Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará*.

376 *União Artística*, ano II, nº 49, 07/09/1864, p.01. A edição tinha como impressor José da Cunha Bezerra e trazia na capa, em destaque, o nome dos redatores. As assinaturas anuais custavam 6$000 e semestral 3$000. Esse foi o único exemplar localizado, disponível para pesquisa no setor de Periódicos da Fundação Biblioteca Nacional (RJ).

377 *União Artística*, ano II, nº 49, 07/09/1864, p.01.

378 O Vulcão. Ano I, nº 04, 21/07/1865. Fortaleza. Impresso na Typographia Commercial por Manoel José Virino. Consultado na FBN, setor de Obras Raras.

dos artífices[379].

> Apezar dos latidos de cães danados, que não podem vêr com bons olhos o progresso dessa associação, porque ela não se tem querido prestar as suas infamias, a sociedade =União Artística= vai marchando sem tropeço, e há de durar em quanto nos corações de seus dignos membros palpitar o amor da patria e do trabalho.
>
> Contanto ainda pouco tempo de existencia, e limitado aos seus proprios recursos, ela ha feito alguma cousa no sentido de proteger a seus irmãos desvalidos[380].

No texto, percebe-se a participação da *União Artística* no esforço associativo das beneficentes instaladas no Brasil Império[381]. No Ceará, a maioria dessas sociedades se formou na cidade de Fortaleza, com diferenças desde os critérios de filiação aos serviços oferecidos. No entanto, o jovem redator João Câmara não continuou na imprensa associativa, mas caminhou em direção aos impressos de veio partidário. Da feitura do União Artística, seguiu junto aos liberais da Província.

Até então, sua experiência vinha de publicações estudantis e literárias. Durante os anos de Liceu, João Câmara se iniciou na imprensa com as folhas *Echo Juvenil* e *A Lua*, ambos em 1860[382]. Depois, participou de um impresso que parece ter tido grande repercussão no meio, "*A Beata*" (1861), motivado por uma polêmica: era campanha contra o professor "Rubim", autor de uma gramática portuguesa em verso. O jornal começou em outubro de 1861, escrito por ele com o colega que mais tarde seria professor do Liceu,

379 Em *O Vulcão*, há referências somente a Flamino Benevides: "Sob a direção do inteligente e honesto artista Flamino Benevides, essa digna associação augura um futuro brilhante, que há de tornar recomendaveis á posteridade os artistas da capital do ceará, a quem dirigimos um voto de saudação, e oferecemos o nosso diminuto prestimo". Idem, p.02.

380 Idem, p.01.

381 Os estudos de Vitor da Fonseca identificam na segunda metade do século XIX, especificamente entre 1844 e 1899, um crescimento no número de associações, quer sejam com fins religiosos, morais, científicos, artísticos ou simplesmente de recreio. O autor lembra que a história das associações no Brasil começa nos primórdios da colonização, já que toda a assistência médica e os parcos aparatos de assistência social eram, desde o início, desempenhados por santas casas de misericórdia ou ordens terceiras, ou seja associações de tipo religioso. FONSECA, Vítor Manoel Marques da. *No gozo dos direitos civis.* Associativismo no Rio de Janeiro, 1903-1916. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional; Niterói: Muiraquitã, 2008.

382 STUDART, Barão de. Os jornais do Ceará nos primeiros 40 anos. In *Revista do Instituto do Ceará*, Tomo Especial, 1924, pp. 48-104, p. 104. O Echo era editado por Câmara e os estudantes José de Barcelos, Telêmaco Lima, Francisco Lopes de Assis, Marco Apolonio da Silva. O mesmo grupo lançaria "A Lua" no mesmo ano.

José de Barcelos[383].

Um periódico "instrutivo, recreativo e crítico", com o título Philolitera foi lançado em Fortaleza em abril de 1862. Como redatores, novamente João Câmara e agora José Raymundo[384]. Datam dessa época publicações que garantiram a Câmara o título de um dos pioneiros do jornalismo literário do Ceará[385], ao lado de Juvenal Galeno.

No entanto, depois do jornal União Artística, a trajetória de João Câmara se aproxima cada vez mais da facção partidária liberal conhecida na Província pelo nome dos "Pompeus". Ele se torna gerente do jornal "Cearense" até 1880. As funções administrativas passam a ganhar espaço em relação ao trabalho de redator. Entre outros afazeres, é o encarregado de publicar as cobranças de pagamento das assinaturas do jornal[386]. Nos anos seguintes, assume funções administrativas nos órgãos *Gazeta do Norte*, *Libertador* e *A República*.

Anos depois, já um "veterano da imprensa", João Câmara realiza seu próprio impresso, o *Almanach Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará.* Permanece à frente da publicação por 11 anos, até o seu falecimento. O impresso teve continuidade sob a direção do seu filho, Sóphocles Torres Câmara, e continua sob responsabilidade de diferentes editores até a década de 1960[387].

A rua dos Almanaques

Durante as décadas em que foi editado, o Almanaque do Ceará passou por diferentes tipografias, a começar pela *Da República*, convenientemente instalada na rua Floriano Peixoto. De lá saíram edições de 1895 a 1897. Vistos no conjunto com outros Almanaques publicados no Ceará, percebe-se uma geografia das casas impressoras que se aglutinam no Centro da cidade de Fortaleza: Praça do Ferreira, rua Major Facundo, rua

383 NOBRE, Geraldo. *História do Jornalismo Cearense*. Op. Cit., p. 98. Para o autor, este pode ser considerado o "mais famoso jornal de estudantes daquela época, dada a repercussão (...)". José de Barcelos foi tipógrafo e redator de jornais como "O Progressista" (1866) e Jornal de Domingo (1867). Mais tarde, deixaria o jornalismo e se notabilizaria na carreira do magistério. Idem, p. 102.

384 STUDART, Barão de. *Os jornais do Ceará nos primeiros 40 anos*. Op.Cit., p.110.

385 Em 1999, ao tratar do sesquicentenário da imprensa literária nesse estado, Pedro Ayrton Araújo diz que esta foi iniciada por João Câmara e Juvenal Galeno da Costa e Silva. ARAÚJO, Pedro Ayrton. Apresentação. In NOBRE, Geraldo. *As sete vidas de Gilberto Câmara.* Op.Cit., p.05.

386 No ano de 1872, João Câmara assina nota publicada na capa do jornal, no canto superior esquerdo, com destaque, cobrando as assinaturas. Com o título "Aviso", ele ameaça suspender a remessa do Cearense a todos os assinantes que se achavam atrasados em seus pagamentos. "Aqueles que desejarem continuar, mandem satisfazer a esses débitos a fim de fazer nova assinatura. Rogamos a nossos procuradores do centro o obséquio de proceder com atividade a essas cobranças, atendendo imensas dificuldades com que luta a empresa". A nota é assinada por João E. Torres Câmara, com a data: Fortaleza, 02 de janeiro de 1872. *Jornal Cearense*, 10/01/1872, ano XXV.

387 Ver quadro Almanaques Produzidos no Ceará (1870-1962), p.125-132.

Senador Alencar.

Seguindo o traçado da produção do gênero, percorre-se a rua Formosa. Diversos estabelecimentos firmaram em suas quadras uma tradição das artes gráficas da Capital[388] ao longo dos anos. Esta foi também uma rua dos Almanaques. De 1870 a 1921, das onze tipografias que os produziram em Fortaleza, em diferentes fases, cinco estavam na mesma rua, mais tarde chamada de Barão do Rio Branco. Por lá, Almanaques foram vistos nas oficinas de Odorico Colás (1870) e do *Cearense (1883)*, saíram da Tipografia Universal (1898-1899), que perde espaço quando o Ateliers Louis começa a dominar o mercado de impressão com a *Typo-litographia a vapor (*1906-1910)[389]. Estiveram pela *Tipografia Moderna (*1916-1921), no caminhar do novo século.

LOCALIZAÇÃO DAS TIPOGRAFIAS DOS ALMANAQUES DO CEARÁ
(QUADRO 2)

Nome da tipografia	Ano dos Almanaques impressos	Endereço da tipografia	Informações
Typ. de O. Colás	1870	Rua Formosa*, nº 89, Fortaleza.	Imprimiu a primeira edição do gênero no Ceará, o *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará.*

388 Pelo número de tipografias que passaram por aquela rua, Barros Leal chega a dizer que "toda atividade gráfica de Fortaleza tradicionalmente teria de passar pela Rua Formosa". LEAL, Vinicius Barros. *Os Noventa Anos da Tipografia Minerva.* Op.Cit., p.08. Como exemplos, a Tipografia Social, que em 1864 localizava-se nesta rua, nº89; ainda na década de 1860, a tipografia Brasileira (nº23) e a oficina do mestre impressor João Evangelista (nº88); na década de 1870, os prelos do Padre Verdeixas, a Tipografia Popular (1875) instalada no nº 89; a tipografia do Barão de Studart (1889) localizada no nº 46; a Tipografia Universal (1889-1901), nº 33; Tipografia Moderna a Vapor, nº71, nos primeiros anos do século XX, entre outras.

389 Em anúncio A Typo-litographia a vapor é descrita como uma novidade de Fortaleza. Em anúncio no Almanach do Ceará de 1908, a Typo-Lithographia a vapor informa: "Estabelecimento gráfico montado com machinismos dos melhores fabricantes americanos e alemães. Trabalho artístico de primeira ordem. Especialidade em impressão de cartões de visita, de participações e convites, rotulos para medicamentos, em uma ou mais côres, etiquetas, etc". O anúncio informa ainda que oferece completo sortimento de papelaria, caixas de papelão, material para tipografia, também oferecendo o serviço: "Encarrega-se de qualquer encomenda de material tipográfico não só no Rio de Janeiro, como no extrangeiro". *Almanach Estatístico, Administrativo, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará para 1908, verso da contracapa.*

Editor João Batista Pereira (não consta o nome da tipografia no Almanaque)	1873	Rua das Flores, de acordo com o Alamanak de 1870.	Imprimiu o segundo ano do Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará.
Typ. Do Cearense	1883	Rua Formosa*, nº23.	Imprimiu o Almanach do Cearense. É também chamada Typ. Brazileira.
Typografia Libertador	1888	Rua Major Facundo, nº 54, Fortaleza.	Imprimiu o Almanaque da Província do Ceará.
Typ. D´A República	1895-1897	Rua Floriano Peixoto, nº 55, Fortaleza.	
Typ. d´Oitenta e Nove	1896	Baturité	Imprimiu o Almanak Municipal de Baturité para 1896. No entanto, não foi localizada edição.
Typ. Universal	1898-1899	Rua Formosa*, nº 33, Fortaleza.	De propriedade da firma Cunha Ferro & Cia.
Typ. Econômica	1902-1904	Praça do Ferreira, nº 43, Fortaleza.	Instalada na Rua da Boa Vista, nº 85, na década de 1880, prosseguiu funcionando até o ano de 1903. Quando edita o Almanach de 1904 é propriedade do tenente-coronel Joaquim Guedes de Miranda.
Empresa Typográfica	1905	Rua Major Facundo, nº 27, Fortaleza.	
Typo-lithographia a vapor	1906-1910	Rua Formosa*, nº 68, Fortaleza.	
Parceria Antônio Maria Pereira	1908	Rua Augusta, nº 44, 46, 48, Lisboa (Portugal).	Imprime o Almanach dos Municípios do Estado do Ceará para esse ano. Mesma tipografia que edita o Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro e Almanach das Senhoras.

Typ. Moderna – Carneiro & Cia	1916-1921	Rua Barão do Rio Branco*, nº 130, Fortaleza.	
Typ Gadelha	1922-1926	Rua Senador Alencar, nº 115 a 123, Fortaleza.	
Typographia Progresso	1927-1930	Rua Coronel Bizerril, nº 183, Fortaleza.	
Typ. Urania	1928-1929; 1931-1932	Praça Capistrano de Abreu, nº 118, Fortaleza.	
Tipografia Minerva.	1933-1934; 1937	Rua Barão do Rio Branco*, nº 788, Fortaleza.	Fundada por Assis Bezerra em 1892, foi inicialmente instalada em prédio da Travessa da Assembléia, nº 41.
Imprensa Oficial	1935-1936; 1946	Rua Senador Pompeu, nº 512.	
Editora Fortaleza	1938-1945	Rua Major Facundo, nº 736-746.	
Editora do Instituto do Ceará	1947	Rua Barão do Rio Branco, 1594.	
Typ. Royal	1948-1956	Rua Senador Pompeu, nº 1118.	

(*) A rua Formosa chama-se atualmente rua Barão do Rio Branco.

O quadro demonstra que nem todos os Almanaques cearenses foram impressos em tipografias locais. Os motivos terão sido diversos: custos mais baratos de impressão, a experiência da casa editora com o gênero, facilidades no contato com a editora, ou a combinação de todos eles. Este parece ser o caso do *Almanach dos Municípios do Estado do Ceará para 1908*, impresso nas oficinas da Parceria Antônio Maria Pereira, em Lisboa. Ou melhor, como o próprio traz: “Oficinas Tipográfica e de Encadernação movidas

a eletricidade" [390].

Nas páginas da publicação, o Ceará se afirma em imagens, dados geográficos e estatísticos, endereços e nomes dos municípios do Interior e da Capital. Em paralelo, a Livraria Araújo, proprietária do Almanaque, com sede no Centro de Fortaleza, divulga seus autores e livros à venda, ampliando sua rede de contatos não apenas comerciais.

Determinadas questões se apresentam ao longo desta pesquisa. De que forma o Almanaque participa e é veículo de articulação desse circuito de leitura? Que funções assume o gênero Almanaque nas relações com o mundo editorial brasileiro e português? Questões que se articulam com a produção de um Almanaque de livraria, o catálogo de livros inserido no Almanaque, a participação dos leitores como característica do gênero, a presença das mulheres, pontos a serem tratados no próximo Capítulo.

390 *Almanach dos Municípios do Estado do Ceará para 1908.* Lisboa: Oficinas Typographica e de Encadernação da Parceria Antônio Maria Pereira, 1907. Exemplar consultado no setor de Obras Raras da BPGMP (CE).

TERCEIRO CAPÍTULO

CIRCUITOS DE LEITURA: A LIVRARIA, OS LIVROS, OS LEITORES

3.1 – ROTAS DE LIVREIROS E SEUS ALMANAQUES

O *Almanach dos Municípios do Estado do Ceará para 1908* é publicação de uma casa comercial – a Livraria Araújo – que vendia livros e impressos diversos, material tipográfico e artigos de consumo variado, desde tecidos importados a compostos farmacêuticos, desde tintas a tabaco.

Outros e diferentes títulos de Almanaques vinculados a casas livreiras correram o Brasil no fim do século XIX e começo do século XX. Em comum, a possibilidade de comunicação direta da livraria com seus leitores. O *Almanach Bertrand,* da livraria *Bertrand* de Lisboa, o *Almanach Brasileiro Garnier,* da Livraria e Editora *Garnier* do Rio de Janeiro e o *Almanach Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul,* editado na Livraria Americana, no Rio Grande do Sul, são títulos de grande circulação, lançados antes e durante 1908[391], ano do *Almanach dos Municípios* do Ceará.

Os livreiros sabiam aproveitar as vantagens do gênero, cuja boa aceitação é demonstrada em tiragens que podiam ultrapassar facilmente a casa do milheiro, número considerado alto se comparado a edições de livros do período[392]. Exemplo da grande tiragem de 20 mil exemplares anunciada pelo *Almanach Popular Brasileiro*[393]*,* produzido pela Livraria Universal, em Pelotas, no Rio Grande do Sul, para o ano de 1903.

Espalhados por diferentes pontos do Brasil, os exemplares do *Almanach Popular Brasileiro* promoviam os títulos editados pelos proprietários da livraria Universal, *Echenique Irmãos & C*, divulgados tanto na seção de anúncios, como entre os textos da edição. Alguns livros mostram público definido: "*Novo cambista portatil*", "*obra*

391 Entre os Almanaques de livraria do período estão títulos de diferentes locais do Brasil e Portugal: *Almanach Bertrand* (1899-1969), fundado pela livraria Bertrand, em Lisboa, possuía no ano de 1902 tiragem de dez mil exemplares, com tiragem especial em papel couché de sessenta exemplares; O *Almanach Brasileiro Garnier* (1903-1914), da Livraria Garnier, Rio de Janeiro; *Almanach Uberabense* (1902-1909), editado pelas Oficinas Tipográficas e Libraria Século XX, Uberaba (SP); *Almanach Popular Brasileiro* (1894-1908), editado em Pelotas (RS) pela Livraria Universal; Almanach Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul (1889-1917), editado pela Livraria Americana, cidade de Rio Grande (RS). Informações obtidas nos acervos do IEB, Fundação Biblioteca Nacional e Instituto do Ceará.

392 De acordo com Hallewell, a Livraria e Editora Garnier, uma das maiores casas do ramo no País, instalada no Rio de Janeiro, não ultrapassava a casa dos mil exemplares por edição de livro no fim do século XIX. O autor diz que mesmo esse número é considerado maior que o de outras editoras latino-americanas com mercados menores - como o México e Chile - e até para os padrões europeus do período. HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil: sua história*. Op.Cit., p.220.

393 *Almanach Popular Brazileiro para o ano de 1902*. Pelotas: Oficinas da Livraria Universal, 1901. Organizador Alberto Ferreira Rodrigues. Acervo IEB.

indispensável aos comerciantes, guarda livros, corretores, bancos, etc"[394]. Outros estão em sintonia com conteúdos do Almanaque: trazem brincadeiras para as festas dos santos juninos, jogos de charadas, logogrifos e arabescos ou repertórios sobre xadrez, dama, víspora e dominó. Livros destinados "*aos dois sexos*", como ressalta o Almanaque:

> O PROFETA INFALÍVEL
> Livro inteiramente novo e consagrado aos dois sexos – contendo além de charadas, logogrifos, arabescos e uma interessante série de gracejos (...)
>
> LIVROS DE SORTES
> Santo Antônio, S. João e S. Pedro
> Indispensável a todos quantos desejarem passar em plenas alegrias noites festivas.
>
> O LIVRO PRODIGIOSO
> Magnífico repertório de esplêndidas diversões (...) Jogos de Víspora, Dominós, damas, Xadrez, etc[395].

Além das publicações próprias, o *Almanach Popular Brasileiro* apresenta títulos de outras editoras vendidas na Livraria Universal, como a Francisco Alves, Garnier e Laemmert, fazendo a divulgação das casas comerciais e dos autores. Os anúncios de livros e outros artigos – cerveja, bancos, oficinas, medicamentos, armazéns – são valorizados pela circulação ampliada do Almanaque e a periodicidade anual, trunfo bem aproveitado pelos livreiros, como no chamado de Echenique Irmãos & C:

> Desnecessário esclarecer a utilidade do anuncio numa publicação como esta, de consulta constante durante um ano e cuja distribuição se faz por todo o Brasil, Rio da Prata, Pacífico, Portugal e Colônias Portuguezas da Asia e Africa[396].

394 Idem, p.I.
395 Idem, p.XIX.
396 Idem, p.XXVI. Nessa edição, o Almanaque informa aos futuros anunciantes a tiragem de 20 mil exemplares para o ano seguinte, assim como os locais de distribuição. Entre as publicações divulgadas pelo almanaque e vendidas pela Livraria Universal está a revista Ilustração Brasileira, editada em Paris. Traziam ainda anúncios de livros dos editores Laemmert & Cia (com sedes no Rio de Janeiro, São Paulo e Recife), Francisco Alves (com sedes no Rio de Janeiro, São Paulo e Minas), H. Garnier (Rio de Janeiro), Grande Livraria Paulista (São Paulo).

Mais importantes do que anúncios, os Almanaques ofereciam aos livreiros a oportunidade de ampliar o raio de contatos intelectuais e comerciais ao longo do ano. É recorrente a esses livrinhos receber e publicar colaborações, formando laços com seus leitores, aumentando a influência da livraria na vida cultural das cidades.

Assim também é o caso do *Almanach dos Municípios do Estado do Ceará para 1908,* editado pela Livraria Araújo, em Fortaleza. Com informações e colaboradores vindos da Capital e de diferentes cidades do Interior, a publicação propõe-se a descrever os municípios cearenses com "*as suas riquezas, a sua indústria, o seu comercio, a sua lavoura, as suas artes, as suas cousas e os seus homens*" [397]. A um só tempo, o livreiro Antônio Ildefonso Araújo fortalecia os vínculos com os leitores, público de sua livraria.

Além da Capital, espalhou o Almanaque por, pelo menos, trinta e sete pontos relacionados na própria publicação: Assaré, Acaraú, Aracati, Baturité, Barbalha, Beberibe, Benjamin Constant, Cascavel, Coité, Crateús, Canindé, Camocim, Crato, Entre-Rios, Itapipoca, Ipu, Ibiapina, Jardim, Jaguaribe, Lavras, Milagres, Massapê, Paracuru, Pacoti, Pereiro, Quixadá, Quixeramobim, Sobral, São Mateus, Santa Quitéria, Sant´ana, Soure, São Benedito, São Francisco, Trairi, Várzea Alegre, Viçosa[398].

O formato de pequenas dimensões, 16 centímetros de altura por 11 de largura, encadernado, contribui para um trânsito facilitado pelos municípios do interior do Ceará. O *Almanach* poderia estar à mão ao longo do ano, oferecendo leitura diversa, desde poesias a charadas, dados sobre as cidades a serem consultados, imagens que serão guardadas e colecionadas. Araújo, como outros livreiros, entendeu esse potencial[399]. Tanto que inseriu nas últimas páginas do Almanaque o Extrato do Catálogo da sua livraria, uma relação com 329 livros disponíveis para aquisição dos leitores, ponto que será abordado adiante.

De Fortaleza, Araújo vendia impressos para outros pontos do Ceará e editava obras de autores locais. Na cidade-capital, com pouco mais de 50 mil habitantes no início

397 *Almanach dos Municípios do Estado do Ceará para 1908*, Op.Cit., p.2 da apresentação, s/n. Primeiro ano da publicação, ou como diz na apresentação, "primeira tentativa". Não há informações sobre a forma de distribuição, mas pelas características físicas e de conteúdo, provável que a publicação era ofertada aos clientes e amigos da Livraria. Somente esse exemplar foi localizado. Acervo BPGMP (Fortaleza).

398 Relação dos informantes e colaboradores do Almanaque, por município. Idem, p. 277-284.

399 A estratégia de inserir catálogo de livros é vista no *Almanach Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, editado pela Livraria Americana. A livraria oferecia aos leitores do Almanaque livros com "bônus", isto é, as primeiras encomendas não estariam sujeitas às despesas de expedição. O leitor escolheria o livro no *Catálogo dos bônus do Almanak*, enviando o pedido e o pagamento pela encomenda. *Almanach Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para o ano de 1910*. Rio Grande: Livraria Americana, s/a, p.295.

do século XX, mantinha uma das cinco livrarias em funcionamento, todas no Centro[400], e um dos poucos estabelecimentos que editava livros. Católico praticante, o editor livreiro convivia com escritores e editava autores que nem sempre estavam de acordo com sua orientação, numa relação amistosa, mas não isenta de conflitos[401].

O momento era de embates no campo das ideias desde a segunda metade do oitocento. Entre tradicionalistas católicos e progressistas ou cientificistas, as disputas ganhavam o Liceu e a Faculdade de Direito. Doutrinas naturalistas de *Lamarck* e *Darwin*, a filosofia positiva de *Comte*, o monismo de *Haeckel*, o evolucionismo de *Spencer* chegavam às rodas de conversa da Livraria, oferecendo combustível às acaloradas discussões[402]. No espírito da experimentação das novas leituras, moços dados às letras lançam em 1906 a *Fortaleza – Revista Literária, Filosófica, Científica e Comercial*, que podia ser assinada no balcão da Livraria Araújo[403].

Oposicionistas ou governistas, católicos ou evolucionistas, amantes dos livros. A livraria é um dos espaços de convívio desses personagens, como afirma a memória do ex-caixeiro da Casa, Teodoro Cabral:

> A Livraria Araújo era o centro de reunião de nossos intelectuais. Lá se encontravam, diariamente, professores da Faculdade de Direito e do Liceu, literatos, estudantes e quantos amigos dos livros. O ponto de reunião era conhecido pelos mais íntimos pelo nome de **Cenáculo**[404].

400 Estão registradas, além da livraria de Antônio Ildefonso Araújo, as de Antonio da Justa Menescal (Praça do Ferreira, 6), Estevão Rubim & Cia (Praça do Ferreira, 10), Militão Bivar & Cia (rua Major Facundo, 74), Satyro Verçosa (rua Major Facundo, 51). *Almanach do Ceará para 1905*, Fortaleza: Empresa Typográfica, p. 132.

401 Depois de editar "Psicologia do Direito", do amigo e cliente Francisco Alves de Lima, soube que a obra defendia princípios anti-religiosos, anti-espiritualistas. As ideias avançadas teriam sido o motivo para o rompimento definitivo entre os dois, após longa e acalorada discussão. O episódio é narrado pelo próprio Alves de Lima em MONTENEGRO, Abelardo F. S*oriano Albuquerque, um pioneiro da Sociologia no Brasil*. Tip. Royal, 1952, p.70.

402 Como reforça o pesquisador João Alfredo Montenegro: "era tensa a convivência dos espíritos numa sociedade profundamente vincada pelo confronto entre tradicionalistas e cientificistas (positivistas e evolucionistas). Esses últimos oferecendo roupagem nova ao liberalismo". MONTENEGRO, João Alfredo de S. *História das Idéias Filosóficas da Faculdade de Direito do Ceará*. FORTALEZA: Edições UFC, 1996, p.43. Sobre as publicações e leituras libertárias do período no Ceará, ver GONÇALVES, Adelaide. Trabalhador lê? In *Revista de Ciências Sociais – Trabalho, Trabalhadores e Dinâmicas Institucionais.* Vol. 34, nº 1, 2003, pp.59-72.

403 Fortaleza Revista Litteraria, Philosophica, Scientifica e Comercial (Edição fac-similar). Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2009. A revista tinha como corpo editorial Joaquim Pimenta e Raul Uchôa (diretores), Jayme Alencar e Mario Linhares (secretários), Euroco Mattos (gerente), Genuíno de Castro (tesoureiro). Era impressa na Typ. Minerva, com primeiro número em 6 de outubro de 1906 e o último em 6 de outubro de 1907. Sobre a revista, ver GONÇALVES, Adelaide. "Ao leitor. Escrita à Margem da Revista Fortaleza. In Fortaleza Revista Litteraria... Op.Cit., s/p.

404 Teodoro Cabral (Políbio) In Gazeta de Notícias, 11/12/1927, apud MONTENEGRO, Abelardo F. S*oriano Albuquerque, um pioneiro da Sociologia no Brasil*. Tip. Royal, 1952, p.69. Cabral lista entre os

O fundador e proprietário, Araújo, era "a alma da casa", reunindo o atributo e a vocação de livreiro: "*Não apenas sabia pedir os livros mais convenientes, como sabia atrair a freguesia, a simpatia e estima dos intelectuais da terra*" [405]. Intermediava relações e ampliava a freguesia, facilitando, dividindo o pagamento em prestações. Foi assim com Joaquim Pimenta[406], que em sua memória de juventude, chegado do município de Tauá para estudar e trabalhar em Fortaleza, relata o auxílio que o livreiro prestou:

> Com vagar fui ampliando o campo de minhas atividades pedagógicas. Aulas de latim a dois rapazes vizinhos e ricaços. Por intermédio do proprietário da Livraria Araújo, a quem havia comprado, à prestação de cinco mil réis mensais *(5$000)*, o Dicionário de Aulete, que ainda possuo, consegui mais outros alunos em casas de família, e um convite de Frei Mansueto para ensinar a falar português a dois jovens franciscanos recem-vindos da Italia [407].

Antes de fazer sua publicação, Araújo era um leitor de Almanaques. O livreiro consultava outros títulos e conhecia os recursos desse gênero editorial quase tão bem quanto conhecia leitores e escritores cearenses. Assim mostra episódio da memória de José Luiz de Castro[408], redator do jornal *A República*, ex-ajudante de guarda-livros na Livraria Oliveira no fim do século XIX. Ao comentar a leitura do livro "*Notas de Viagem ao Norte do Ceará*", de Antônio Bezerra, Castro traz à lembrança a imagem de Araújo segurando um Almanaque:

---

frequentadores do Cenáculo: Soriano Albuquerque, Antônio Augusto de Vasconcelos, Fiuza de Pontes, Alfredo de Miranda Castro, Manuel Augusto de Oliveira, Carlos Vasconcelos, desembargadores João Firmino, Domingues Carneiro. Negrito do autor.

405 Teodoro Cabral (Políbio) In Gazeta de Notícias, 11/12/1927, apud MONTENEGRO, Abelardo F. S*oriano Albuquerque, um pioneiro da Sociologia no Brasil*. Op.Cit. p.69.

406 Joaquim Pimenta foi escritor cearense nascido em Tauá em 13 de janeiro de 1888. Cursou a Faculdade de Direito do Ceará, foi promotor público no Recife entre outros cargos. Em 1932 mudou-se para o Rio de Janeiro, ensinando na Faculdade Nacional de Direito. NOBRE, F. Silva. *1001 Cearenses notáveis*. Rio de Janeiro: Casa do Ceará, 1996.

407 PIMENTA, Joaquim. *Retalhos do Passado.* (Tauá-Fortaleza) – edição fac-similar. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2009, p.126.

408 José Luiz de Castro nasceu em Fortaleza em 1880. Estudou no Liceu do Ceará (1894-1895), abandonando os estudos para se empregar no comércio como ajudante de guarda-livros da casa Joaquim José de Oliveira & Cia, a Livraria Oliveira. Como estudante colaborou no jornal Charuto (1895), no *Belecho*, jornal em que os redatores eram também os compositores e impressores, entre outros jornais. Em 1910 era redator do jornal *A Republica*, órgão do Partido Republicano Conservador no Ceará. STUDART, Barão. *Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense*, Op.Cit., p.146.

> Chegando um dia na "Livraria "Araújo", que frequentava assiduamente, encontrei o proprietário com um livrinho na mão.
> Sorridente, o Araújo explicou-me:
> - Aquele Antônio Bezerra é extraordinário: nas "Notas de Viagem" ele diz: "A lua na sua segunda quadratura, assomou com pouco do seio das ondas", etc. Pois olhe aqui. E indicava-me com o dedo certa parte da folhinha "de Laemmert", do ano de 1884, que ele havia arranjado não sei onde, para ver até que ponto ia a exatidão do autor quanto à fase da lua, de fato confirmada pelo velho almanaque[409].

Araújo recorreu ao "velho almanaque" para comprovar a exatidão das notas de viagem de Antônio Bezerra. Procurou uma edição antiga, feita para anos antes, que informa a quadratura da lua em certo momento de 1884. A passagem reforça um aspecto na história dos Almanaques: o colecionismo. Como outros leitores, guardava e recorria a edições anteriores, que mostravam ser de utilidade mesmo após o fim do ano a que se destinam, quer seja pelo calendário, pelas informações sobre outros tempos, pelas lembranças que guardam e despertam. De resto, a prática da encadernação das publicações, revistas e gazetas demonstram o grau de perenidade da informação e a distinção do impresso como objeto para a estante, o gabinete literário, a biblioteca e a sala de leitura.

A proximidade da Livraria Araújo com os intelectuais e os espaços de instrução cearense reflete-se no tipo de prêmio que o *Almanach dos Municípios* oferece aos colaboradores. Não eram livros, dicionários de charadas ou a edição do impresso para o ano seguinte, premiações comuns de Almanaques. Neste caso, o autor do desenho escolhido para a capa seguinte da publicação levaria para casa um "belíssimo quadro" com o corpo docente da Faculdade de Direito. Para quem não fizesse parte desse ambiente de letrados, poderia ser considerado um prêmio estranho:

> Aceitamos propostas para o desenho da capa do "Almanach dos Municípios para 1909". Ao autor do desenho escolhido oferecemos um belíssimo quadro para sala com 80 centímetros representando o corpo docente da Faculdade Livre de Direito do Ceará[410]

409 CASTRO, José Luiz de. Antônio Bezerra (A propósito de um folheto do Instituto). In *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo LV, ano LV, Fortaleza: Tip. Minerva, 1941, p.47-54, p.50.
410 *Almanach dos Municípios do Estado do Ceará para 1908*, Op.Cit.,p.307. Na edição consultada, a encadernação não permite conhecer a capa original daquele ano.

São bacharéis, professores, estudantes, escritores que frequentavam as rodas de conversa da Livraria, alguns autores de livros editados ou vendidos por Araújo, nomes os mesmos vistos em colaborações pelo Almanaque. Um deles é o professor da Faculdade de Direito, Soriano Albuquerque, "o primeiro a chegar" para as discussões do Cenáculo[411]. Assim também o poeta Juvenal Galeno[412], que colaborou no Almanaque com o poema "Vaquejada ao luar", versos que narram, de forma não usual, a tradicional festa do sertão cearense, a vaquejada, sob o ponto de vista dos animais:

> Talvez diga o triste gado,
> Mugindo, ou mesmo calado,
> A quem o conduz: - Cobarde,
> Não faças tamanho alarde;
> Que me encontraste enlaçado,
> Nos laços do coração. -
> Ai! de certo, em taes momentos,
> "Na luta dos sentimentos,
> "Ninguém escapa á traição!...[413]

O Almanaque traz os versos e, páginas depois, oferece o livro de Juvenal Galeno *Lendas e Canções Populares (1859-1865),* disponível no catálogo da Livraria Araújo. Com informações sobre a nova edição, aumentada e precedida de juízos críticos, o livreiro busca despertar o interesse do leitor. Nomeia os escritores de prestígio no Brasil e em Portugal que comentam o livro do poeta cearense: Machado de Assis, Pinheiro Chagas, Araripe Júnior, Franklin Távora, José Feliciano de Castilho, Fernandes Pinheiro e Marques Rodrigues[414].

Esse livro oferece uma interessante demonstração de como se estrutura o circuito

411 Vários opúsculos de Soriano eram editados por Araújo, bem como a revista A Juridicidade. MONTENEGRO, Abelardo F. S*oriano Albuquerque, um pioneiro da Sociologia no Brasil*. Op.Cit. p, 70.

412 Juvenal Galeno da Costa e Silva (1836-1931) nasceu em Fortaleza. Em 1856, publica seu livro de estreia, *Prelúdios Poéticos*. Estão entre as principais obras: *Lendas e Canções Populares (*1865), Scenas Populares (1871). Foi diretor da Biblioteca Pública do Ceará, sócio honorário do Instituto do Ceará e um assíduo colaborador de Almanaques, recebendo ainda em vida perfil biográfico: "Juvenal Galeno da Costa e Silva" In *Almanach Administrativo, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará para 1898*. Fortaleza: Typ. Universal, 1898, p.185-186.

413 *Almanach dos Municípios do Estado do Ceará para 1908,* Op. Cit., p.45-47.

414 Segunda edição aumentada com as novas Lendas e Canções, e precedida de Juízos críticos pelo mavioso poeta Juvenal Galeno. 1 vol. Broch. 4$000. *Almanach dos Municípios do Estado do Ceará para 1908,* Op. Cit., p. 329.

de elaboração, produção, distribuição e vendas de impressos. *Lendas e Canções Populares* foi editado em 1892 por outro livreiro cearense, Gualter Silva. Os originais seguiram do Ceará para impressão em Lisboa, nos prelos da Parceria Antônio Maria Pereira[415]. Mesma tipografia que mais tarde editou o *Almanach dos Municípios do Estado do Ceará,* em 1908. Almanaque que teve, entre outras funções, a divulgação de livros e autores, como o fez com *Lendas e Canções Populares*, de Juvenal Galeno. Mostras de um circuito onde se cruzam autores, livrarias, editores, tipografias, livros e Almanaques, num trânsito entre cidades e continentes.

Parcerias de além-mar

A prática de imprimir livros no Exterior, como o *Almanach dos Municípios* ou *Lendas e Canções Populares*, não era fora do comum no Brasil[416]. Os altos impostos sobre o papel (importado em maioria) são desvantagens iniciais por que passavam os impressores brasileiros[417], mas não as únicas. No período compreendido entre 1890 e 1910, a situação ficaria ainda pior com as manipulações do câmbio para favorecer os interesses dos importadores de café[418]. Somados a esses entraves, a presença de livreiros estrangeiros no Brasil favorecia o contato com casas editoras e tipografias europeias, com tradição no ramo de impressos: Garnier, Laemmert, Garraux, o português Francisco Alves.

Mesmo com essa recorrência, a Parceria Antônio Maria Pereira, responsável pela impressão do *Almanach dos Municípios do Estado do Ceará para 1908*, constituiu-se um

415 A informação é vista em uma nota de BARREIRA, Dolor. *História da Literatura Cearense.* 1º tomo. Fortaleza: Editora Instituto do Ceará, 1986, p.78. Segundo o autor, As *Lendas e canções populares* tiveram uma segunda edição, em 1892, da tipografia da Casa Editora Antônio Maria Pereira, de Lisboa, edição que foi aumentada com *As Novas Lendas e Canções* e precedida dos juízos críticos de Pinheiro Chagas, Araripe Júnior, Franklin Távora, José Feliciano de Castilho, Fernandes Pinheiro, Marques Rodrigues e Machado de Assis. O Barão de Studart acrescenta que essa reedição teve 622 páginas, com três mil exemplares. O editor era o livreiro Gualter R. Silva, instalado em Fortaleza. STUDART, Barão. *Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense*, Op.Cit., p.234.

416 Nelson Werneck Sodré aborda a questão: "As editoras brasileiras, na segunda metade do século XIX, quando começou a existir público para a literatura, e ainda bastante limitado, mandavam imprimir no exterior, em Portugal, na França, na Alemanha. Essa norma entrou pelo século XX a dentro. A impressão de livros aqui era exceção, não regra; assim acontecendo mesmo com os didáticos: a casa Alves, monopolizadora do livro escolar, mandava fazer no exterior o grosso da sua produção". SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil.* Op.Cit., p.278.

417 Hallewell aponta que os livreiros tinham que pagar taxas mais elevadas pelo papel do que pelos livros importados, numa proporção de 160$ por quilo de papel contra 100$ por quilo de livro. Segundo dados do autor, essa tarifa preferencial foi sido aplicada em determinados períodos (1819-1836, 1844-1860, 1912-1929 e 1951-1957), ressalvando que a situação em outras épocas é obscurecida pelo tratamento que o papel para livros recebia nas alfândegas, submetido a critérios pessoais dos funcionários para reduzir ou elevar o valor. HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*. Op.Cit.,2ª ed., p.203.

418 Idem, Ibidem.

caso especial. Tanto pela ampla experiência que acumulou em publicações destinadas ao Brasil, quanto pela intimidade que possuía com o gênero Almanaque no início do século XX. A dimensão da Parceria na vida literária e editorial portuguesa e as relações estabelecidas com o público brasileiro podem ser vistas ao longo da trajetória da casa e suas gerações de livreiros-editores.

A história começa em 1847, quando um desconhecido ex-caixeiro, António Maria Pereira, aos 23 anos, inaugurou um estabelecimento para venda e encadernação de livros, "com muito ânimo e nenhum dinheiro", segundo a crônica do escritor Júlio César Machado[419]. Como ajudante, tinha um aprendiz de 13 anos, à maneira da prática tradicional dos ofícios. Mesmo "sem ter dinheiro, nem fazenda, nem proteção", Pereira abriu as portas da loja que, de livraria, só tinha o nome escrito na tabuleta: não havia livros. Para preencher as estantes vazias, começou vendendo quadros de pintores amigos considerados por eles sem valor, além dos jornais *Revolução de Setembro* e *Rabecão*.

"Por dentro era um bazar, um museu, um atelier de pintura, tudo, menos uma loja de livros!", descreveu Júlio César, contemporâneo e amigo de António Maria Pereira. Aos poucos, com a surpreendente venda dos quadros, a livraria sem livros foi se tornando livraria de fato. À medida que conseguia recursos, Pereira foi substituindo as pinturas nas prateleiras por impressos: "compram-se livros, jornais, revistas, almanaques e iniciam-se as edições"[420].

A atual herdeira, Antónia Maria Pereira, bisneta do fundador, foi quem ofereceu informações sobre a atividade editorial da Parceria, guardiã dos Catálogos e anúncios da livraria publicados no jornal *Revolução de Setembro*[421]. Revela um amplo e diversificado número de livros, "*na tentativa de captar leitores com os mais variados interesses*", entre muitas traduções e adaptações do francês, mas também arriscando no lançamento de novos escritores portugueses[422].

---

419 MACHADO, Júlio César. *Apontamentos de um Folhetinista.* Porto: Typ. da companhia Literária – Editora, 1878, p.192.

420 Júlio Machado conta que nesses primeiros tempos de livraria, mas também alfarrabista e papelaria, António Maria Pereira favorecia o esquema de trocas em vez de pagamento em dinheiro. Ele mesmo um beneficiado quando estudante: "Faz-lhe conta trocar esse Tito Livio, este Mauperrin, este Virgílio, e mais este Horácio, por um Atlas, Sr. Pereira?", diz sobre episódio da sua memória. Idem, p.197.

421 Os documentos são analisados no livro Parceria A.M.Pereira - crônica de uma dinastia livreira, lançado em comemoração aos 150 anos da mais antiga casa editora de Portugal, em 1998. PEREIRA, Antónia Maria. *Parceria A. M. Pereira – Crônica de Uma Dinastia Livreira*. Lisboa: Pandora Edições, 1998.

422 Segundo a autora, a atividade editorial começa pouco tempo depois da abertura da loja, e tem como primeiras obras: *O Mestre de Calatrava*, de Ayres Pinto de Sousa de Mendonça e Menezes; *Um Livrinho para o Povo*, tradução portuguesa de *Três Diálogos Políticos*, de Timon; *Que é o comunismo*, de Guarin

A atividade editorial ganhou força com textos inéditos dos autores de sucesso em Portugal. Camilo Castelo Branco, Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão, Eça de Queiroz passam a fazer parte do acervo do livreiro, interessado em oferecer obras abrangentes para vários tipos de público. No Catálogo de 1860/1861, com trinta páginas, oferece em português os apreciados escritores franceses: Alexandre Dumas, pai e filho, Paulo de Kock, Lamartine; enredos de óperas, textos doutrinários, como a *Biblioteca do Socialismo*; traduções de clássicos, como Horácio; poesias nacionais e estrangeiras; livros sobre agricultura, saúde pública; de ensino, com temas históricos; manuais de ofícios, de religião. E muitos almanaques: *Almanak do Cultivador*, *Almanak Democrático*, *Almanak das Petas*.

António Maria Pereira "está atento às modas literárias", buscando autores "que gozam de preferência generalizada entre o público leitor"[423] não apenas em Portugal. Nos intercâmbios com outros países, volta-se especialmente ao Brasil. É para onde viaja e forma redes de contatos, tornando-se sócio de gabinetes de leitura e grêmios literários no Rio de Janeiro, Maranhão, Bahia, Pernambuco[424], principalmente a partir dos portugueses instalados nas províncias.

O intercâmbio é ampliado pelo seu filho e sucessor, o segundo Antônio Maria Pereira, que assume os negócios na década de 1880. Por aquele tempo, a Parceria António Maria Pereira já era uma das principais livrarias e casa editora de Portugal, com um catálogo de mais de setecentas edições – tamanho surpreendente para a época. O endereço comercial demonstra o crescimento dos negócios: a mesma rua Augusta, mas agora nos números 44, 46, 48, 1º e 2º andares[425].

É significativo perceber que o segundo Antônio Maria Pereira teve especial interesse em Almanaques. Ele próprio um leitor, que se iniciou na escrita aos 14 anos em colaborações no *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* e, mais tarde também, no *Almanach das Senhoras.* Mas certamente é o *Almanach Enciclopédico,* em edições para 1896 e 1897*,* a publicação que mais traduz o interesse e preferência da casa para o

---

de Vitry. Entre os livros traduzidos do francês, estão títulos destinados ao ensino público, obras de literatura clássica, dramalhões e romances históricos, versos, peças de teatro, de ópera e de bailado, textos doutrinários e de oratória, sermões, outros de temática variada: "Receitas fáceis e seguras para destruir percevejos...". Entre os novos autores, lançou Júlio César Machado e Júlio de Castilho. Idem, p.21-22.

423 Idem, p.30.

424 António Maria Pereira (1824-1880), o pai, foi sócio honorário do Gabinete de Leitura do Rio de Janeiro, sócio do Grêmio Português de Leitura do Maranhão, da Bahia e de Pernambuco. Idem, p.55.

425 *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1886*. Lisboa: Livraria de Antônio Maria Pereira, 1885. Acervo próprio.

gênero[426]. Foi uma encomenda de António Maria Pereira para Eça de Queiroz, que marcou o envolvimento do escritor com a publicação de Almanaques[427].

Esses títulos, com grande circulação no Brasil, estão entre os muitos Almanaques que passaram a ser editados ou impressos pela Parceria[428]. As publicações eram do gosto do editor, tinham boa procura dos leitores e dinamizavam a circulação dos outros impressos da livraria, com promoções e incentivos. Para quem comprasse um livro a partir de 1$, o *Suplemento do Almanach de Lembranças* sairia de graça[429].

Mesmo após a morte precoce do segundo António Maria Pereira[430], os sucessores continuaram a publicação dos Almanaques, mantendo as mesmas características editoriais[431]. A boa fama no ramo e o sucesso na recepção dos títulos que circulavam favoreceram as novas encomendas, como a do livreiro Araújo, de Fortaleza, e o seu *Almanach dos Municípios do Estado do Ceará para 1908*.

Além da impressão, a Parceria se encarregava de outros serviços, como a administração de assinaturas e a distribuição dos exemplares. Assim fez com a edição brasileira do *Almanach das Senhoras*, desde 1892 ao último ano de circulação, 1927. O interessado no exemplar deveria pagar antecipadamente $200, mais taxas postais, para que fosse enviado à sua residência[432], no Brasil ou, em menor número, nas possessões

426 *Almanach Enciclopédico para 1896*. Lisboa: Livraria de Antônio Maria Pereira, 1895.

427 Durante férias em Lisboa no ano de 1895, o então cônsul de Portugal em Paris, Eça de Queiroz, foi contratado pelo editor Antônio Maria Pereira para a organização de um Almanaque Enciclopédico "aceite exclusivamente pela necessidade constante em que o romancista se encontrava de aumentar proventos que compensassem a estreiteza do seu vencimento consular". GUIMARÃES, Ana Paula. Almanaque: O livro? Eça, Platão, Mallamé e Borges. Op.Cit. p.03. Os motivos importam menos que os resultados. Fruto dessa colaboração foi o texto *Almanaques*, escrito por Eça para a edição de 1896, e a peça *Adão e Eva no Paraizo*, na edição para 1897.

428 Em 1900, A Parceria Antônio Maria Pereira lança um almanaque próprio, o *Almanach Ilustrado da Parceria Antônio Maria Pereira.* Lisboa, 1900. Também foi responsável pela edição de *O Almanach das Crianças*, dirigido por Margarida Sequeira, e impressão do *Lunário Perpétuo: prognóstico geral e particular para todos os reinos e províncias*, de Jerónimo Cortez. GALVÃO, Rosa Maria (coordenadora). *Os Sucessores de Zacuto...*Op.Cit. p.432.

429 A partir da década de 1880, o Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro deixa de ser editado pela Lallemant Fréres Typ. Lisboa e passa a trazer na contracapa a livraria de Antônio Maria Pereira como editora, como pode ser visto nas edições consultadas de 1886, 1889, 1892, 1893, 1896, 1903, 1904, 1905 e 1930. *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1886*. Lisboa: Livraria de Antônio Maria Pereira, 1885.

430 O segundo António Maria Pereira (1856-1898) faleceu precocemente aos 42 anos, quando seu filho tinha apenas três anos. De 1898 a 1920, a empresa ficou a cargo do funcionário Henrique Monteiro, que deu continuidade à política editorial em curso. O terceiro António Maria Pereira (1895-1972) assume a gestão da livraria na década de 1920. Em destaque, o primeiro exemplar de *Mensagem*, de Fernando Pessoa, em 1934, único livro em língua portuguesa que o autor viu publicado em vida. PEREIRA, Antónia Maria. *Parceria A. M. Pereira – Crônica de Uma Dinastia Livreira*. Op.Cit., p.170.

431 Até a última edição, em 1934, o *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* é co-editado pela Parceria, que mantém as mesmas características editoriais e de impressão. *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1930.* Lisboa: Livraria de Antônio Maria Pereira, 1929. Acervo próprio.

432 Outra opção seria procurar os "correspondentes" locais que eram listados no expediente com seus

portuguesas na África.

É importante perceber o quanto a relação com os leitores, editores e livreiros brasileiros foi fundamental para a prosperidade da Parceria. O Brasil era considerado a *árvore das patacas*, para onde os Antónios Maria Pereira exportavam maciçamente[433]. E não eram os únicos. Havia um interesse geral no mundo editorial português pelo mercado brasileiro, lugar certo de recepção de autores e escritos lusos.

O tema despertou a atenção dos intelectuais portugueses e brasileiros, em análises que identificam um trânsito desigual entre Portugal e a ex-colônia. Se autores portugueses eram lidos com avidez no Brasil, os escritos de autores brasileiros consagrados não eram muitas vezes sequer conhecidos pelos portugueses. As características dessa relação são alvo da crítica do intelectual Jaime Batalha Reis[434], para o período:

> A publicação das obras dos próprios autores portugueses só é, em geral, economicamente possível, se o Brasil os conhece e os compra. Há obras de autores brasileiros publicadas em Portugal, - em Lisboa, no Porto, em Coimbra, - e ninguém em Portugal as lê, nem as conhece. Não sei se os brasileiros lêem mais que os portugueses; mas sei que compram muito mais livros do que estes[435].

Em um escrito para a revista *Serões,* Batalha Reis reforça que o mercado com que principalmente contavam os editores de livros na língua portuguesa – quer de autores portugueses, quer de brasileiros – era o Brasil. A pouca instrução do público português[436]

---

respectivos endereços – e eram todos homens. GOMES, Ana Cláudia. *O Almanach das Senhoras (1871-1927) e um projeto político de acesso feminino à cultura letrada*. Op.Cit. p.58.

433 Entre os fatores para o declínio da Parceria a partir da década de 1940, Antónia Maria aponta a queda do número de exportações para o Brasil na década de 1940, tanto pelos reflexos da Primeira Guerra Mundial, quanto por já haver um mercado editorial estruturado no País. PEREIRA, Antónia Maria. *Parceria A. M. Pereira – Crônica de Uma Dinastia Livreira*. Op.Cit., p.132.

434 Jaime Batalha Reis (Lisboa, 1847-1935): escritor português, fundador com Antero de Quental, da Revista Ocidental, tendo uma trajetória inicialmente ligada à chamada geração de 1870. Engenheiro, diplomata, filósofo, ensaísta, crítico e geógrafo. Ao projeto de discussão da literatura brasileira pela imprensa portuguesa, Batalha Reis chamou de *O Descobrimento do Brasil Intelectual pelos Portugueses no século XX*, escritos por volta do ano de 1904, que permaneceram inéditos até a década de 1980. MINÈ, Elza. "Prefácio". In REIS, Jaime Batalha. *O Descobrimento do Brasil Intelectual pelos Portugueses do século XX.* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988, p.12.

435 REIS, Jaime Batalha. *O Descobrimento do Brasil Intelectual pelos Portugueses do século XX*, Op.Cit., p.52-53. Ao tratar da língua e da literatura brasileira, Batalha Reis faz uma crítica ao próprio país, apontando "a falta de cultura na imensa maioria da população portuguesa, ausência de uma verdadeira crítica".

436 Os índices de analfabetismo de Portugal, que não seguem o padrão de outros países europeus, continuavam altos ainda em 1900, atingindo 78,6% da população. GOMES, Ana Cláudia. *O Almanach*

foi um dos motivos destacados por Batalha, que revela disputas internas no mercado livreiro. Mesmo o mais abundante publicador de livros em português no período, a firma Garnier, com casa em Paris e no Rio de Janeiro, "não chega talvez a vender, em Portugal, dez exemplares de cada uma das suas edições" [437].

É justamente reafirmando e construindo uma nacionalidade brasileira, mesmo que sob os moldes de referenciais europeus, que a casa Garnier lança seu Almanaque, buscando se diferenciar dos muitos títulos que chegavam de Portugal todos os anos. Em panfleto publicado para promover a edição de 1911, o Garnier é taxativo na crítica:

> Ao contrario de outras publicações portuguesas que correm no Brasil e nada dizem respeito do paiz, o *Almanaque Garnier* por *todos* os seus aspectos e assuntos e em todas as suas páginas é essencialmente brazileiro. Todos os seus artigos são de origem nacional ou versam sobre o Brasil e é, realmente, um livro de excelente divulgação e propaganda[438].

Exageros à parte sobre "nada dizem respeito" do Brasil, a quantidades de Almanaques e livros portugueses nos acervos brasileiros do período confirmam a intensidade dessa relação, que tem como um forte ingrediente a presença dos migrantes da ex-metrópole no País. No Ceará do século XIX, a presença lusa está na formação do comércio livreiro, como em toda Capital, influenciando também os hábitos de leitura.

Assim mostra a narrativa de Cruz de Abreu sobre as origens da instalação de uma livraria em Fortaleza. Ainda no ano de 1850, o então tipógrafo português JJ de Oliveira foi incumbido de ir do Ceará ao Rio de Janeiro escolher material tipográfico para o jornal *Pedro II*. Trouxe na mala diversas traduções em português, seguindo o gosto dos seus conterrâneos instalados no comércio da Província:

> De volta do Rio (17 de junho de 1850), trouxe grande quantidade de

---

das Senhoras (1871-1927) e um projeto político de acesso feminino à cultura letrada. Dissertação do Programa de Pós-graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte, 2002, p.43. A autora apresenta estimativas indicando que a diferença entre a alfabetização de homens e mulheres estava longe de ser eliminada, com apenas 14% da população feminina portuguesa alfabetizada em 1900. Mesmo em 1930, 74% das mulheres lusas continuavam analfabetas.

437 REIS, Jaime Batalha. *O Descobrimento do Brasil Intelectual pelos Portugueses do século XX*, Op.Cit., p.52.

438 É relevante observar que a divulgação do Almanaque se fazia por meio de outros impressos, como panfletos e anúncios de jornais. *O Almanaque Garnier, à venda em todas as livrarias*. Panfleto de H. Garnier, livreiro-editor, de divulgação do *Almanaque Garnier para 1911* sob a direção de João Ribeiro. Exemplar consultado no AEL, acervo A.P., série de terceiros. Sub-série: impressa.

> novelas, traduzidas de autores franceses, e contos infantis, romances, de alta cavalaria, comédias e dramalhões, muito ao sabor literário da gente que lia. E não era minguado o número de leitores; quase todos os portugueses bem instalados então no comércio de Fortaleza amavam o dramalhão, devoravam os livros brejeiros de Paulo Koch e sabiam de cór o complicado enredo dos alentados romances de Alexandre Dumas"[439]

As novelas, romances, comédias e dramalhões eram oferecidos no idioma natal, com sabor conhecido pela gente que lia. Mesmo que os autores viessem da França, as edições eram traduzidas para o português. A característica se mantém ao longo do processo de formação de um público leitor no Ceará, mostrando que as influências francesas vinham frequentemente via Portugal.

A predominância de traduções e a boa inserção de autores portugueses entre os leitores da Província do Ceará são vistos por escrito nas fontes: o inventário da esposa do livreiro JJ de Oliveira em 1870[440], ou as listas de livros divulgadas nos jornais da Província, em 1880[441]. No entanto, essa dimensão será analisada a partir de um Almanaque. A publicação lançada pela Livraria Araújo em 1908 será o guia para se refletir sobre públicos leitores e sabores literários que participavam da formação cultural cearense nos primeiros anos do século XX.

3.2 – NO CATÁLOGO, UMA ESTRATÉGIA DO APELO À LEITURA

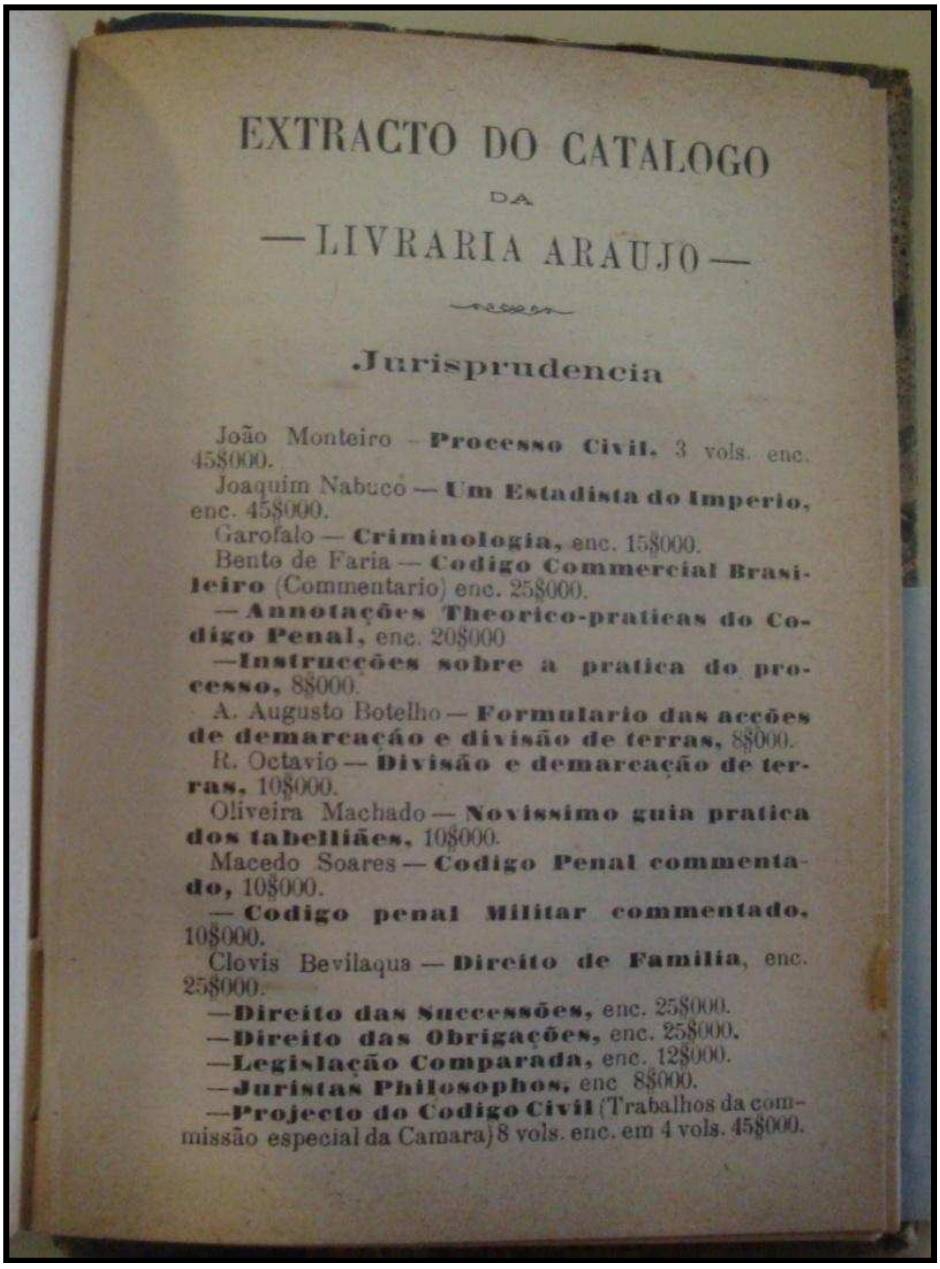
Como leitor, livreiro e editor, Araújo conhecia as qualidades do Almanaque para a promoção de outros impressos. Tanto que reserva largo espaço – as últimas trinta e uma páginas – do seu *Almanach dos Municípios do Estado do Ceará* para a divulgação do *Extrato do Catálogo da Livraria*. Ao todo, Extrato mostra 329 títulos diferentes, conjunto que chama atenção em número, pela forma como é apresentado, critérios de seleção e públicos envolvidos.

439 ABREU, Cruz de. *Presidentes do Ceará*. Segundo Reinado. Cel. Joaquim Mendes da Cruz Guimarães. 2º vice-presidente em exercício (de 1º de agosto de 1850 a 16 de novembro de 1850). In Revista do Instituto do Ceará, sob a direção do Barão de Studart, tomo XXXVI, ano XXXVI, p. 03-43. Fortaleza: Typ. Minerva, 1922, p.32. Nesse texto, o autor atribui a JJ de Oliveira a criação da primeira casa para o comércio especial de livros e artigos conexos.

440 APEC. Inventário de D. Angelica Alexandrina de Oliveira. Op.Cit. As referências ao inventário estão no início do primeiro capítulo da pesquisa.

441 A lista de livros de JJ de Oliveira em anúncio publicado em edições no jornal *O Libertador* de 1888 é analisada pela pesquisadora Luciana Andrade de Almeida, que comenta: "não há o predomínio de livros franceses. Portugal era importante fonte de autores". ALMEIDA, Luciana Andrade de. *Francisca Clotilde e a Palavra em Ação (1884-1921)*. Dissertação do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará (UFC). Fortaleza, 2008, p.20.

O acervo do livreiro era bem maior, o próprio nome Extrato indica em destaque no alto da página. Araújo teve de definir a partir dos seus critérios as três centenas de livros que estariam na estante impressa do Almanaque. Para isso, usou a experiência no ofício, o saber editorial adquirido no manuseio diário de livros e, principalmente, o conhecimento travado com os frequentadores da livraria e público leitor cearense.



EXTRACTO DO CATALOGO

DA

— LIVRARIA ARAUJO —

Jurisprudencia

João Monteiro — **Processo Civil,** 3 vols. enc. 45$000.
Joaquim Nabuco — **Um Estadista do Imperio,** enc. 45$000.
Garofalo — **Criminologia,** enc. 15$000.
Bento de Faria — **Codigo Commercial Brasileiro** (Commentario) enc. 25$000.
— **Annotações Theorico-praticas do Codigo Penal,** enc. 20$000
— **Instrucções sobre a pratica do processo,** 8$000.
A. Augusto Botelho — **Formulario das acções de demarcação e divisão de terras,** 8$000.
R. Octavio — **Divisão e demarcação de terras,** 10$000.
Oliveira Machado — **Novissimo guia pratica dos tabelliães,** 10$000.
Macedo Soares — **Codigo Penal commentado,** 10$000.
— **Codigo penal Militar commentado,** 10$000.
Clovis Bevilaqua — **Direito de Familia,** enc. 25$000.
— **Direito das Successões,** enc. 25$000.
— **Direito das Obrigações,** enc. 25$000.
— **Legislação Comparada,** enc. 12$000.
— **Juristas Philosophos,** enc 8$000.
— **Projecto do Codigo Civil** (Trabalhos da commissão especial da Camara) 8 vols. enc. em 4 vols. 45$000.

Imagem 19 – Início do Extrato do Catálogo da Livraria Araújo no Almanach dos Municípios do Estado do Ceará para 1908. Acervo Obras Raras da PBGM (Fortaleza).

A mostra selecionada para divulgação do acervo revela atitudes em relação aos livros e o contexto de seu uso a partir da forma como os títulos são apresentados – as estratégias do apelo, os valores invocados pela escolha das palavras[442]. Com o conhecimento de livreiro, Araújo dividiu seu Catálogo em sete grandes temáticas, nomeadas para facilitar ao leitor a localização dos livros. Começa com *Jurisprudência*, seguindo por *Medicina*, *Instrução e Conhecimentos Úteis*, *Dicionários*. Para a quinta temática, não há título, mas se distingue graficamente dos Dicionários, reunindo obras de Júlio Verne, Perez Escrich, poesias e modinhas, no que se irá chamar aqui de *Literatura em geral*. Segue a ela, *Moral e Religião* e depois, *Romances religiosos*. A ordem dos temas no Catálogo e o número de livros por temática seguem na tabela a seguir[443]:

Seções do Extrato do Catálogo da Livraria Araújo publicado no Almanach dos Municípios para 1908. (Quadro 3)

Divisão do Extrato do Catálogo	**Número de títulos**
Jurisprudência	53
Medicina	21
Instrução e Conhecimentos Úteis	120
Dicionários	14
Literatura*	44
Moral e Religião	67
Romances religiosos	10
Total	329 títulos

***** O Catálogo não traz título para a seção dos livros que se distinguem após os *Dicionários* e antes da seção *Moral e Religião*. A pesquisa chamará essa seção de *Literatura*.

Tal configuração elaborada pelo livreiro diz dos interesses de difusão do Catálogo, por meio do Almanaque. A publicação pretendia chegar a públicos especializados, como médicos, bacharéis, intelectuais; mas principalmente, uma gama de interessados em uma leitura diversa e ampliada. Estão livros para a criança, a mulher, estudantes de primeiras

442 Robert Darnton defende a propaganda de livros como um tema que precisa ser investigado por inteiro. "Aprenderíamos bastante sobre as atitudes em relação aos livros e o contexto de seu uso estudando a maneira como eram apresentados". DARNTON, Robert. *A questão dos livros: passado, presente e futuro.* Op.Cit., p.210.

443 *Almanach dos Municípios do Estado do Ceará para 1908*, Op.Cit., p.309-340.

letras, do Liceu, das escolas particulares, da Faculdade de Direito; leituras voltadas aos moços católicos, às filhas de Maria, aos sacerdotes. Araújo estava atento às demandas dos leitores cearenses e possibilidades de promoção dos conteúdos aos públicos vários.

A presença da escola superior de Direito de Fortaleza influencia o Catálogo desde a organização, a escolha e número de títulos, à divulgação de autores e referências. São representantes da Escola de Direito do Recife: Sílvio Romero, Tobias Barreto; autores de livros chaves do pensamento do período: Spencer, Durkheim; réplicas e tréplicas que alimentavam as rodas de discussão dos estudantes, escritos de Rui Barbosa, Clóvis Beviláqua; a memória de Joaquim Nabuco em *Um estadista do Império;* a sedução no Direito Civil por Viveiros de Castro, tratando de adultério, defloramento, estupros em "*Delitos contra a honra da mulher*".

O livreiro informa autores e preços, distinguindo qualidades dos títulos, encadernação, traduções, conteúdos. Em *Ações possessorias*, de autoria do professor Antônio Joaquim Ribas, uma indicação orienta e atrai os interessados: *"(raro)"*.

Não apenas decisões e interpretações das leis, mas outras áreas do conhecimento podem ser localizadas em *Jurisprudência*. Em torno dessa classificação do livreiro, estão agrupados livros de filosofia do direito, sociologia do direito, cruzamentos com a medicina e literatura. *A Loucura*, de Júlio de Mattos; *Princípios de Política*, traduzido do alemão para o português; *Estudos de Sociologia Criminal*, em torno da teoria de Durkheim por Paulo Egídio; *Estudos de Filosofia do Direito*, *Ensaios de Sociologia e Literatura*, de Silvio Romero, em dois volumes; *A vida Física do Homem*, ensaio filosófico sobre o materialismo e o espiritualismo, são títulos que mostram outras temáticas agrupadas em torno de *Jurisprudência*, ao longo das três primeiras páginas do *Extrato*.

Mesmo identificando públicos específicos, Araújo mostrava conteúdos de utilidade para mais leitores, além de estudantes e bacharéis. Com esse caráter, edita *Procurações e contratos* por instrumento particular, isto é, por escrito do próprio punho. O livro é uma coletânea de formulários, orientações e modelos para que o próprio leitor possa "tratar de quaisquer causas": procurações para inventários, para empréstimos, para cobrar dívidas, usadas em batizados e casamentos; fórmulas para redigir contratos de aluguel, promessa de vender bens, demarcação amigável, arrendamento...

Nessa mesma linha, com modelos de textos e documentos, estão outras publicações como *Formulário das ações de demarcação e divisão de terras*, por A. Augusto Botelho, *Novíssimo guia pratica dos tabeliães*, de Oliveira Machado, e a coleção

Formulario Brazileiro[444]*,* de C. Sales. Diferente desses livros, a autoria de *Procurações...* é desconhecida, escrito "por um Advogado". Mas o esforço de Araújo em editar e divulgar na imprensa local, no Almanaque e na sua livraria, confere a ele autoridade sobre a publicação, apresentado com deferência pelos jornais.

> Do "Jornal do Ceará" nº411 de 7 de Julho de 1906.
> **Procurações e Contratos** por instrumento particular – por um Advogado.
> É um livro novo este que nos enviou o seu editor Sr. A. Ildefonso de Araújo, conhecido livreiro à Praça do Ferreira, nº 13.
> As **Procurações e Contratos** dividem-se em suas partes: A primeira consta:
> Das Procurações: - Anotações sobre as procurações do próprio punho; formula geral dos últimos dizeres das procurações; observações sobre substabelecimento e suas formulas; e, finalmente, um formulário das procurações. A segunda parte consta:
> **Dos Contratos**: - Anotações sobre os contratos particulares; e formulário dos contratos que mais comumente se fazem.
> Livro essencialmente prático e utilíssimo[445].

Para promover o livro, Araújo distribui exemplares nos jornais de Fortaleza. Em agradecimento, os redatores indicam a publicação com textos descritivos e elogiosos. Os comentários publicados na imprensa ainda em 1906 são reproduzidos no *Catálogo no Almanaque para 1908*. Certificando a palavra do livreiro, os jornais se repetem nas frases e explicações, apontando sempre para a "real utilidade" do livro, como diz o Unitário:

> "*Como se vê é um trabalho completo, indispensável assim ao comércio como aos industriais, lavradores, proprietários, a todos enfim que tem transações e querem documenta-las"*.[446]

A atenção dada por Araújo ao livro *Procurações e contratos...* torna-se visível por ocupar mais de duas páginas do *Catálogo*. No entanto, há uma preocupação permanente em trazer comentários sobre os livros, tratando do conteúdo e ampliando as informações

444 A livraria oferece os seguintes títulos da coleção, com autoria de C. Sales: *Ações Comerciais* (8$000), *Ações Criminais* (8$000), *Ações Civis* (10$000). Idem, p.310.
445 Idem, p.312.
446 Idem, p.313. Comentário reproduzido do jornal Unitário nº 403, 24/07/1906. O Catálogo traz também comentários do *Jornal do Ceará*, nº 422 de 7/7/1906; de *A República*, nº 162 de 18/7.

editoriais: encadernação, preço, autor – alguns mais extensos com o número de gravuras, processos de impressão, tradutores, resumo da obra e indicação de público.

O livro é apresentado enquanto objeto físico. Na seção *Medicina*, estão descrições minuciosas das publicações, que dizem não somente dos assuntos abordados, mas revelam as qualidades materiais do livro. O número de ilustrações, o material usado nas gravuras, as qualidades do impresso que aperfeiçoam a representação do corpo humano. No livro *Novo Methodo de Curar*, está dito o uso da madeira como recurso gráfico para as mais de 400 gravuras, as 17 estampas coloridas e oito estampas anatômicas, o tamanho do objeto mensurado em grossos volumes com mais de mil páginas[447]. Elementos que compõem uma narrativa sensorial do objeto impresso a partir da leitura do *Catálogo*.

Em torno dos 21 livros com essa classificação, estão guias médicos trazendo preparos de plantas medicinais, orientações para o exercício da homeopatia em edições brasileiras e portuguesas, atualizadas, ampliadas, com traduções do espanhol e do italiano. Temas de interesse polêmico: hipnotismo, celibato. A ciência médica ensinando sobre "*Como se deve viver*", tratando da "terapêutica das doenças e da vontade", estudando o matrimônio sob o aspecto "legal, higiênico, psicológico e moral" [448].

O amor é estudado do ponto de vista científico, classificado em seus tipos, com sintomas, diagnóstico das causas, análise do início ao fim de sua manifestação. Tema dos livros de Paolo Mantegazza, único autor destacado na seção, em coleção traduzida por Cândido de Figueiredo: *Fisiologia do Amor*, *Caracters Humanos*, *O amor dos homens*, *Hygiene do amor*, *Fisiologia da mulher*, *O Elogio da mulher*, *O Problema do casamento*. Se os termos como fisiologia e higiene nos títulos reforçam o componente físico da abordagem, o número de livros e o destaque ao nome do autor, em grifo, mostram que o livreiro sabia do público interessado nas publicações.

A experiência de Araújo é percebida na estrutura e composição do *Extrato*. Prevalecem indicações a um público ampliado, vistas em especial na seção mais numerosa do *Catálogo do Almanaque*: *Instrução e Conhecimentos Úteis*. Agrupados nessa classificação, estão 120 livros em onze páginas. Na pluralidade dos títulos, podem ser encontrados conhecimentos sobre a língua portuguesa, gramática, geografia, literatura, álgebra, aritmética, retórica, moral e cívica, ensino de línguas estrangeiras, romances, obras didáticas, infantis, manuais diversos.

447 Idem, p.314.
448 Idem, p.315.

Há um duplo movimento. Os leitores buscam os conteúdos do Almanaque: textos em prosa, recreativos, poesias, informações sobre a cidade, calendário; e o Almanaque os leva a outras publicações, reproduzindo trechos de livros, contando sobre autores, oferecendo as leituras que estão disponíveis na livraria.

Nada indica que o *Almanach dos Municípios* era usado nas escolas, mas certamente aguça a curiosidade e atualiza estudantes e professores sobre conteúdos diversos. Ao oferecer indicações de uma leitura instrutiva, incluindo os títulos exigidos pelos programas escolares, o Almanaque se insere como elemento difusor dessa íntima relação entre comércio livreiro, livros em circulação na cidade e instituições de ensino. Fazia parte de um esforço "civilizador" e de instrução que se processava na Província do Ceará desde meados do século XIX.

O destaque às obras do português Cândido de Figueiredo e João Ribeiro confirma a proximidade com o ambiente escolar. São em maioria livros de gramática, de linguagem e História do Brasil, adotados em escolas primárias e nos cursos médio e superior. Mas não se fecham a estudantes, mostram conhecimentos de uso "a todos que se dedicam ao estudo de línguas e aos que vivem na imprensa"[449], e orientações sobre "o que não se deve dizer" para o bom uso do português.

A partir das indicações do *Catálogo*, foram localizadas algumas das edições oferecidas pelo livreiro, disponíveis hoje em acervos variados. Mesmo que não seja objetivo fazer o levantamento dos títulos do *Extrato*, o contato com o objeto impresso, sua tipografia, encadernação, ilustrações e informações inscritas, ampliam a percepção sobre aquilo que o livreiro está oferecendo. Se "*não existe acesso ao passado sem mediação*"[450], os livros aproximam o pesquisador de referenciais conhecidos dos leitores do período, mesmo reconhecendo limitações de um olhar atravessado permanentemente pelas lentes do presente.

Ao manusear a edição de 1889 de *A história dos Girondinos*[451], de Alphonse de Lamartine, se materializa aquilo que o livreiro Araújo chama de "*edição ilustrada para*

449 Descrição do *Manual da Ciencia da Linguagem*, de Giacomo de Gregorio, traduzido do italiano por Cândido de Figueiredo. Idem, p.316.

450 Darnton, Robert. *Os dentes falsos de George Washington*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p.10. O autor discute a existência do viés "presentista" inscrito nas abordagens de pesquisa. Para ele, o pesquisador deve fugir do anacronismo, mas não há como evitar uma confrontação com sua própria subjetividade. Em vez de negar essa subjetividade, ele propõe que ela seja assumida, viajando "para a frente e para trás através dos séculos em busca de novas perspectivas". O valor da história não é de ensinar lições, mas fornecer perspectiva.

451 LAMARTINE, A. de. *História dos Girondinos.* Traduzida da quinta edição por Candido de Magalhães. Edição ilustrada para portugueses e brasileiros. Volume I. Rio de Janeiro/Lisboa: Editora Empresa Litteraria Fluminense de A. A. da Silva Lobo, 1889.

Portugal e Brasil". Uma capa com cores vivas e impressão nítida abre a sequência de outras vinte e uma imagens ao longo de 608 páginas. Do total, seis ilustrações são coloridas do mesmo modo da capa e assinadas por Alfredo Guedes. A folha em papel de seda separa o texto das pinturas e valoriza ainda mais as ilustrações impressas em papel mais grosso. "*Eram perseguidos por atrozes ameaças..*" e "*La Fayette correu no cavalo para a boca da peça*" são algumas das legendas das seis "estampas", ao que tudo indica, feitas especialmente para a edição, com a marca da Litografia Adolpho Modesto & Cª e do editor A. A. da Silva Lobo, este, aliás, com dois endereços, no Rio de Janeiro e Lisboa, pintados abaixo do título.

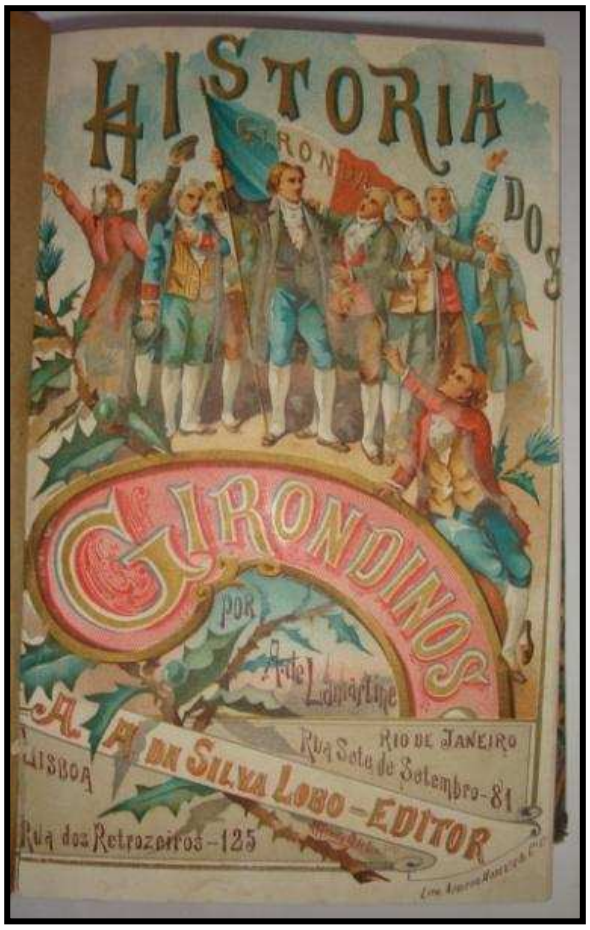


Imagem 20 – Capa ilustrada de *A história dos Girondinos*, de Lamartine, edição disponível na Livraria Araújo.

As imagens coloridas se diferenciam das gravuras desenhadas à mão, em preto e branco, também com títulos que complementam a narrativa: "*Funeral de Voltaire*", "*Brissot*", "*Insurreição dos pretos na Ilha de São Domingos*", "*Lamartine*". Mas é no texto, lendo o prefácio, que fica clara a intenção do autor de escrever uma obra "*entre a história*

e as memórias", onde "*os acontecimentos tem menos lugar que os homens e as ideias*"[452]. Atestando a qualidade do texto também em português, o livreiro Araújo reproduz no *Catálogo* as informações destacadas na capa: "traduzido da quinta edição por Candido de Magalhães"[453].

Mas e quando o livro é pequeno e as imagens extrapolam suas dimensões na representação de grandes planos, campos de batalhas, de uma natureza vasta? A solução para seis das 21 gravuras de *História do Brasil*, por R. Villa-Lobos, foi aumentar o tamanho das imagens e dobrar as páginas[454]. De menor formato, 11 por 19 centímetros, a edição de 1901 oferece a ilustração ampliada e com dobras como recurso didático para contar aos estudantes sobre "a primeira missa do Brasil", a "Batalha dos Guararapes", o "Grito do Ipiranga", a "Conspiração Mineira", a "Batalha Naval do Riachuelo".

Um livro leva a outro. Seja mostrando obras do mesmo autor, indicando estudos complementares, chamando atenção para os próximos lançamentos da coleção, a leitura não se encerra na última página. A *Grammatica Portugueza*, de João Ribeiro, traz indicações de uso e roteiros por diferentes livros guiando os leitores. Logo na primeira folha, com o título *Aviso*, o livro aconselha o manuseio de outros: "a *Seleta Classica* e dos *Autores Contemporâneos*, que por suas notas numerosas mostram e completam a doutrina d´esta nossa gramática"[455].

Os livros indicam desde a capa aquilo que trazem e a quem se destinam. "*Autores Contemporaneos"* apresenta-se como: "*excertos de escritores brasileiros e portugueses do século XIX. Livro adotado no Ginasio Nacional e nos exames de preparatórios*"[456]. Na folha de rosto, estão listadas outras quinze obras do mesmo autor, títulos de "propriedade da Livraria Francisco Alves", especializada em livros escolares e responsável pelas muitas reedições de João Ribeiro desde o início do século XX[457]. *Seleta Classica* é um deles, com "anotações filológicas e gramaticais" dos períodos clássico, arcaico, quinhentista e

452 Idem, p.6. O prefácio do autor, com o título *Advertência* data de 1º de março de 1847.

453 Idem, capa. Informação que consta na capa do livro e no Extrato do Catálogo da Livraria Araújo publicado no *Almanach dos Municípios do Estado do Ceará para 1908*.

454 VILLA-LOBOS, R. *Historia do Brasil (Resumo didático)*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Laemmert e Cia., 1901. O livro com 181 páginas foi impresso pela Jablonski, Vogt e Cia, de Paris.

455 RIBEIRO, João. *Grammatica Portugueza. 3º ano.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, s/a.

456 RIBEIRO, João. *Autores Contemporaneos*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1927.

457 HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história.* Op.Cit., p.283. Em 1917, João Ribeiro contabilizava 150 edições realizadas de seus livros pelo editor Francisco Alves. Sucesso de vendas que o autor atribui ao serviço "admirável" de propaganda do editor, que tinha excelência em livros didáticos. Depois de dominar o comércio nacional do livro escolar, Francisco Alves investiu em outras áreas. Comprou oito livrarias e editoras do Rio de Janeiro e São Paulo, associou-se a Aillaud, de Paris, e a Bertrand, de Lisboa, e em 1910 já possuía duas filiais, em São Paulo e Belo Horizonte. MACHADO, Ubiratan. *Pequeno Guia Histórico das Livrarias Brasileiras*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008, p.79-81.

seiscentista. Esses três títulos de João Ribeiro são oferecidos em sequência no Catálogo do *Almanach dos Municípios,* facilitando a aquisição do conjunto.

Mesmo edições posteriores a 1907 são reveladoras da permanência dos títulos, confirmam a grande procura editorial dos textos que circularam no início do século XX e foram reeditados ao longo de décadas. Mostram conteúdos que fizeram parte da formação escolar de gerações como, por exemplo, o livro *Coração*, do italiano Edmundo de Amicis, "*dedicado aos meninos das escolas primárias, que tem entre nove e treze anos*"[458]. Texto que em 1968 continua a ser editado pela livraria Francisco Alves chegando à 53ª edição naquele ano. O catálogo no *Almanach dos Municípios para 1908* já reforça o sucesso editorial do livro, apresentando como "*tradução brasileira feita da 101ª edição italiana*"[459].

Coração pode ser alinhado a outros livros do *Extrato do Catálogo* com o mesmo objetivo de formação das virtudes cívicas e morais. No Brasil do início do século XX, publicações com o tema do nacionalismo foram estimuladas num contexto de comemorações do quarto centenário de descobrimento em 1900. Exemplo célebre, também incluído no Catálogo, é *Porque me ufano do meu país*, de Afonso Celso[460]. A ideia de superioridade brasileira é defendida ao extremo na descrição de uma natureza rica, território vasto, ausência de calamidades climáticas e harmonia das raças, em oposição às teorias de inferioridade racial.

É a leitura que educa na infância e juventude, traz lições sobre dignidade, disciplina do trabalho e patriotismo, com função moralizadora. "*O Caráter*", "*O Trabalho*", "*O poder da vontade*", "*O Dever*", das obras de Samuel Smiles, são desses exemplos. A epígrafe na contracapa de "*Ajuda-te!... exemplos de comportamento e perseverança*" reforça a importância do estudo, do livro e da instrução para o crescimento pessoal: "*Se eu tivesse no caso de dar conselho a um mancebo, dir-lhe-ia: procura frequentar a sociedade dos que são melhores do que tu. E a sociedade mais salutar que pode haver na vida é nos livros*"[461].

Não somente as crianças e jovens, pais e familiares teriam que ser conquistados pelas indicações do *Catálogo*, mas também diretores, professores e inspetores, aqueles

458 DE AMICIS, Edmundo. *Coração: diário de um aluno*. São Paulo: Hemus 1974, p.8.
459 *Almanach dos Municípios do Estado do Ceará para 1908*, Op.Cit., p.317.
460 CELSO, Afonso*. Porque me ufano de meu País.* Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia. Editores, 1943.
461 Frase atribuída a William Makepeace Thackeray. SMILES, Samuel. *Ajuda-te!... Exemplos de comportamento e perseverança.* Rio de Janeiro/Paris: Livraria Garnier, s/a. A mesma capa da coleção Biblioteca Científica, com as obras de Samuel Smiles, foi encontrada em edições da Livraria Garnier no começo do século XX e na década de 1940, editados pela Briguiet & Cia.

que definiam os livros adotados nos estabelecimentos de ensino. As informações no Almanaque legitimavam as obras, conferindo um caráter de oficialidade, associando Araújo a um perfil honesto, sério e de confiança, como buscavam ser os comerciantes de livros[462]. Assim fez com a segunda edição de *Aritmética Primária*, do professor Odorico Castelo Branco, editado pela sua livraria[463]. O *Extrato do Catálogo* reproduz a carta da Secretaria de Negócios e Interior do Ceará, que chancela o livro e o adota nas escolas públicas do Estado:

> Tenho a satisfação de remeter a V. Sa. por copia o parecer da comissão de professores da Escola Normal, aprovado pela respectiva congregação, sobre seu trabalho didático intitulado "Aritmetica primaria" e em virtude do qual resolvi adotal-a para o ensino das Escolas Públicas de instrução primária do Estado – José Pompeu Pinto Accioly[464].

Esses e outros títulos confirmam a atenção dada a jovens e crianças, com leituras da vida escolar e para além dela. São romances de formação, contos populares, livros de História, Geografia, Ciências, com adaptações desde os nomes, como o *Pequeno Atlas Universal da Infância*, de Joaquim Maria de Lacerda. Seguindo o resumo no *Catálog*o de *Leituras Correntes e Intuitivas*, há uma miscelânea de conteúdos, reunindo "moral, conhecimentos usuais, noções preliminares de história natural, aritmética recreativa, máximas, fabulas, narrações"[465]. Tudo ao longo de três volumes, em meio a 169 gravuras e voltados explicitamente para "crianças de sete a nove anos".

Mesmo que os livros para crianças pudessem ser vistos ao longo da seção Instrução Conhecimentos Úteis, misturados a outros temas e públicos, o livreiro Araújo chamou atenção para uma Biblioteca Infantil[466] no Catálogo. São traduções e adaptações

462 Os livreiros do Cearense no século XIX e as estratégias de legitimação dos livros são abordados por VENÂNCIO, Giselle Martins. *Lisboa-Rio de Janeiro-Fortaleza: Os caminhos da coleção Biblioteca do Povo e das Escolas traçados por David Corazzi, Francisco Alves e Gualter Rodrigues*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2005, p.190.

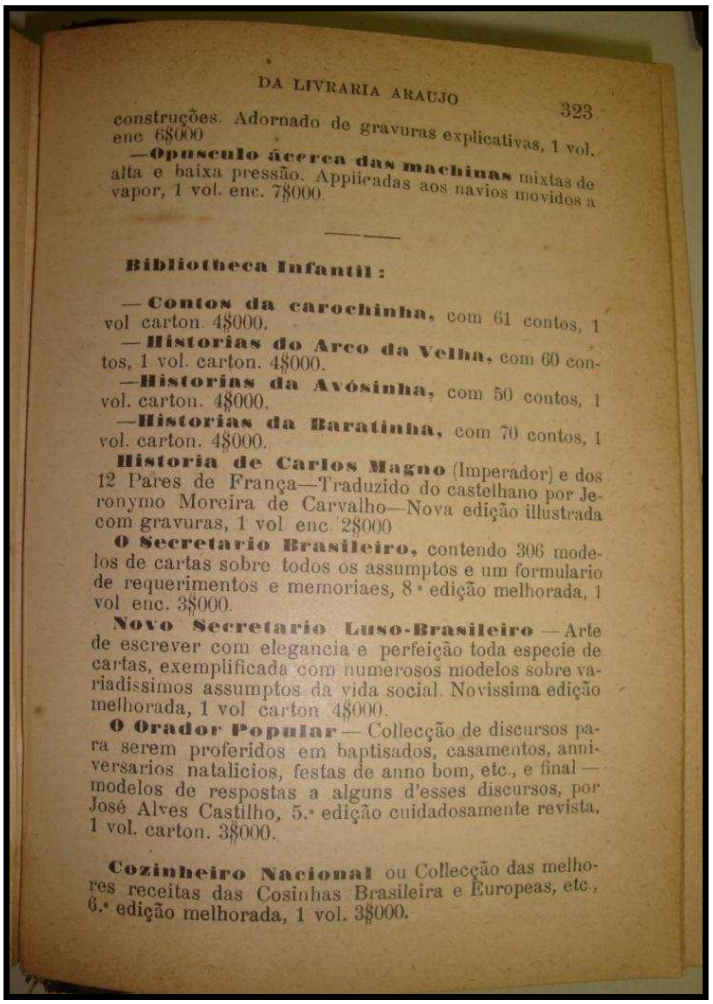
463 Antes do parecer, estão informações sobre o livro "cuja primeira edição se esgotou em menos de um ano" e que "acaba de ser publicado em segunda edição pela Livraria Araújo, onde se encontra à venda. É um compêndio adotado em diversos estabelecimentos particulares de instrução e ultimamente mandado adotar pelo Governo do Estado nas escolas públicas. Não somente este como os outros livros do autor se acham à venda na Livraria Araújo". *Almanach dos Municípios do Estado do Ceará para 1908*, Op.Cit., p.320-321.

464 Reprodução da correspondência enviada ao professor Odorico Castelo Branco pela Secretaria dos Negócios de Interior do Estado do Ceará em 5 de outubro de 1906. Idem, p.321.

465 A autoria do livro "Leituras Correntes e Intuitivas" é de José Quintino Travassos Lopes. Cada volume é vendido por 2$. *Idem*, p.325.

466 Idem, Op.Cit., p.323.

de contos populares de vários países, vindos de uma tradição oral em maioria, que além de formar moralmente, divertem com gravuras e vinhetas intercaladas nos textos: *Histórias do Arco da Velha*, *Contos da Carochinha, Histórias da Avozinha e Histórias* da *Baratinha.*



DA LIVRARIA ARAUJO 323

construções. Adornado de gravuras explicativas, 1 vol. enc. 6$000

—Opusculo ácerca das machinas mixtas de alta e baixa pressão. Applicadas aos navios movidos a vapor, 1 vol. enc. 7$000.

Bibliotheca Infantil:

—Contos da carochinha, com 61 contos, 1 vol carton. 4$000.

—Historias do Arco da Velha, com 60 contos, 1 vol. carton. 4$000.

—Historias da Avósinha, com 50 contos, 1 vol. carton. 4$000.

—Historias da Baratinha, com 70 contos, 1 vol. carton. 4$000.

Historia de Carlos Magno (Imperador) e dos 12 Pares de França—Traduzido do castelhano por Jeronymo Moreira de Carvalho—Nova edição illustrada com gravuras, 1 vol. enc. 2$000

O Secretario Brasileiro, contendo 306 modelos de cartas sobre todos os assumptos e um formulario de requerimentos e memoriaes, 8.ª edição melhorada, 1 vol enc. 3$000.

Novo Secretario Luso-Brasileiro — Arte de escrever com elegancia e perfeição toda especie de cartas, exemplificada com numerosos modelos sobre variadissimos assumptos da vida social. Novissima edição melhorada, 1 vol carton. 4$000.

O Orador Popular — Collecção de discursos para serem proferidos em baptisados, casamentos, anniversarios natalicios, festas de anno bom, etc., e final — modelos de respostas a alguns d'esses discursos, por José Alves Castilho, 5.ª edição cuidadosamente revista, 1 vol. carton. 3$000.

Cozinheiro Nacional ou Collecção das melhores receitas das Cosinhas Brasileira e Europeas, etc., 6.ª edição melhorada, 1 vol. 3$000.

Imagem 21 – Capa do livro *Contos da Carochinha* (esquerda), um dos títulos da *Biblioteca Infantil do Catálogo da Livraria*; à direita, página da seção *Instrução e Conhecimentos Úteis* do *Extrato do Catálogo* do *Almanach dos Municípios para 1908*. Acervo BPGMP (CE).

Os livros fazem parte da coleção lançada no Rio de Janeiro pela Livraria Quaresma, de autoria do jornalista Figueiredo Pimentel, considerada precursora no campo das edições para crianças no Brasil[467]. O recurso do subtítulo em negrito no

467 Segundo Hallewell, o livreiro e editor Pedro da Silva Quaresma fez uma "revolução" no campo das edições para crianças no Brasil no fim do século XIX. A maior parte dos livros destinados a crianças vinham de Portugal e mesmo os produzidos no Brasil ainda seguiam na linguagem os usos da "pátria-mãe", confundindo as crianças e dificultando a compreensão. Quaresma contratou o jornalista Alberto

Catálogo, dentro da grande temática *Instrução e Conhecimentos Úteis*, diferencia a *Biblioteca Infantil* dos outros livros voltados para esse público, reforçando para o leitor a especificidade do tema: as crianças possuíam uma literatura destinada a elas[468].

A linguagem de fácil compreensão foi a grande novidade, bem aproveitada pelo editor nas edições infantis. Quaresma percebeu ainda as potencialidades das edições infantis e passou a oferecer histórias da tradição de diversos países e do Brasil. Até então, diz o editor no Prefácio, "a*s obras, nesse gênero, que havia em português, ou eram mal escritas, e até imorais, ou destinavam-se ao estudo da nossa nacionalidade*"[469]. O autor, Figueiredo Pimentel, teve a tarefa de reunir os contos, traduzindo alguns, colhendo outros da tradição oral, adaptando para o português dos brasileiros: "*contou-os a seu modo, em linguagem fácil, estilo simples*"[470].

A fórmula de uma linguagem simplificada, em edições que despertassem o interesse de um amplo público, é vista na divulgação dos livros ao longo do Catálogo do livreiro Araújo, desde brochuras mais simples aos grossos volumes, com encadernação de luxo. Nesses livros, é destacado com recorrência o conteúdo "simplificado", "seja ao alcance dos alunos e pessoas meramente desejosas de instrução", como diz para o *Dicionário Universal de educação e ensino.*

A rica edição em três volumes, com encadernação de couro, vendida a sessenta mil réis (60$000), pretendia transitar na família, entre as mães e os jovens "de ambos os sexos", além dos professores e diretores de escola. Destacava uma ciência acessível, aplicável no cotidiano, como sublinha parte da longa descrição do livro na seção dos "*Dicionários*":

> útil à mocidade de ambos os sexos, às mães de familia, aos professores, aos diretores e diretoras de colégios e aos alunos que se preparam para exame, contendo o mais essencial da sabedoria humana e toda a ciência

---

Figueiredo Pimentel para produzir a coleção de livros infantis escritos em português do Brasil, iniciando com Contos da Carochinha, em 1894, depois Historias da Avozinha e Historias da Baratinha, em 1896. HALLEWELL, Lawrence. *O livro no Brasil: sua História*. Op.CIt., p.274.

468 Para Martyn Lyons, a expansão do ensino primário no século XIX, para o caso da Europa, estimulou o aparecimento de um setor importante do público leitor: as crianças. A emergência de uma florescente indústria de literatura infantil foi parte do processo que Philippe Ariès denominou, ainda para o fim do século XVIII, de "a invenção da infância", isto é, a definição da infância e adolescência como etapas distintas da vida. No entanto, ressalva que as necessidades do leitor infantil eram reconhecidas apenas para o objetivo de impor um código moral estritamente convencional, levando grande parte da literatura infantil a ser didática. LYONS, Martyn. Os novos leitores no século XX: mulheres, crianças e operários. Op.Cit., p.181.

469 PIMENTEL, Figueiredo. *Contos da Carochinha.* Rio de Janeiro: Editora Científica, 1962, p.5. Prefácio.

470 Idem, Ibidem.

> quotidianamente aplicável, especialmente ao ensino, tudo simplificado ao alcance dos alunos e pessoas meramente desejosas de instrução, com elucidações tão profícuas aos mestres, quanto proveitosas no trato das famílias[471].

O Almanaque mostra ao longo do Catálogo da Livraria diferentes atitudes frente aos livros. É a leitura que participa da vida, não se restringe à literatura. Oferece conselhos à dona-de-casa; orienta sobre a higiene privada e das crianças, o vestuário, a alimentação; traz princípios de economia doméstica[472]. Ensina conhecimentos práticos em manuais e guias para todos os gostos: de Esgrima, do Fogueteiro, sobre máquinas, com noções elementares de tecnologia, para uso dos engenheiros, pasteleiros, copeiros...[473]. Nem a ausência do professor impede o aprendizado, para isso o método da coleção *O inglês sem mestre*, *O francês sem mestre*, *O italiano sem mestre*[474].

É a leitura que auxilia na escrita, com fórmulas prontas para a "*arte de escrever com elegância e perfeição toda espécie de cartas*"[475]. Diz até como e o que falar na vida social, para o orador não passar vexame em batizados, casamentos, aniversários, festas de Ano Novo. Assim promete *O Orador Popular*[476]*,* coleção de discursos em edição revista. Próximo dele, *O Cozinheiro Popular* mostra em forma de manual a arte da cozinha estrangeira e brasileira.

Mesmo na seção *Dicionários*, os títulos escolhidos pelo livreiro Araújo para o *Extrato do Catálogo* não se limitam a um saber erudito de especialistas, mas sempre buscam ampliar o interesse. Araújo estimula o leitor para as edições maiores e extensas

---

471 *Almanach dos Municípios do Estado do Ceará para 1908*, Op.Cit.,p.327. Segundo a descrição, o livro é "redigido com colaboração de escritores peculiares, por E. M. Campagne, diretor de colégio, trasladado a portuguez e ampliado nos varios assuntos relativos a Portugal, por Camilo Castelo Branco. Nova edição portugueza ilust. 3gr. vol. enc. de couro, 60$000".

472 Descrição do livro *A dona de casa: "Guia de higiene privada e conselhos, higiene da alimentação e do vestuario, principios de economia domestica, higiene das crianças e da meninice, preconceitos a corrigir, etc".* JÚNIOR, Sylvinio*. A dona de casa: a mais útil publicação em português.* Rio de Janeiro, São Paulo, Bello Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1903.

473 São exemplos de guias e manuais do Catálogo: *Manual de Esgrima para uso do exército*, *Manual Elementar e Prático sobre máquinas a vapor marítimas antigas e modernas*, *Engenheiro de Algibeira*, *Guia de Mecânica Prática*, *Manual de Noções elementares de tecnologia*, *O cozinheiro popular ou manual completo da arte da cozinha*, contendo o manual do pasteleiro e do copeiro. *Almanach dos Municípios do Estado do Ceará para 1908*, Op.Cit.p.319, 322 e 324.

474 Coleção de autoria de Joaquim Gonçalves Pereira, oferecido no *Catálogo* em volume encadernado em couro por 13$500 (treze mil e quinhentos réis).

475 *Novo Secretário Luso-Brasileiro*, novíssima edição melhorada, oferecida no *Catálogo* por três contos de réis (3$). Está alinhada no *Catálogo da Livraria Araújo* a outros títulos com conteúdo semelhante, como o Secretário Brasileiro, contendo "306 modelos de cartas sobre todos os assuntos e um formulário de requerimentos e memoriais", de mesmo valor. *Almanach dos Municípios do Estado do Ceará para 1908*, Op.Cit.p.323.

476 *O Orador Popular*, de José Alves Castilho, oferecido no catálogo por três mil réis (3$). Idem, p.323.

reforçando os novos conteúdos incorporados, termos "colhidos na linguagem popular", atualizações da linguagem industrial e científica, alguns com seis mil vocábulos "não registrados até agora em dicionários portugueses"[477]. Ao lado dos grossos volumes, também incluiu compilações, como Os *Dicionários do povo*[478]*,* uma coleção de "*dicionários portáteis, econômicos, completos, indispensáveis em todas as famílias, escolas, bibliotecas, escritórios comerciais e repartições públicas*"[479].

"Leitura para todos"

A recorrência das expressões "do povo" e "popular" nos nomes e resumos dos livros demonstra a consolidação de uma estratégia editorial que ganhou cada vez mais espaço na segunda metade do século XIX no Brasil. Nos catálogos das livrarias ou nos anúncios de jornais, multiplicavam-se títulos com essa indicação[480], desde enciclopédias, livros didáticos e de literatura, manuais e guias com conhecimentos úteis, levando expectativas ao leitor sobre o impresso[481]. É a *Biblioteca do Povo e das Escolas,* com mais de duzentos livros editados[482]; *a História Natural Popular*, a *Enciclopédia do Povo*, as *Obras populares de Júlio Verne,* em reedições que demonstram a boa aceitação dessas obras durante décadas.

É importante reforçar que os termos "povo" e "popular" não se referiam diretamente às camadas pobres ou de baixa renda, mas ao desejo de ampliação do público leitor. Para a pesquisadora Alessandra El Far, acima de tudo, esses livros buscavam "extrapolar as fronteiras econômicas e sociais, que antes limitavam a compra de livros a grupos endinheirados" [483]. Revelam o interesse de expandir esse comércio a

477 *Descrição do Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Candido Figueiredo. Idem, p.327.
478 Idem, p.328.
479 *Dicionário Português-Francês*. Coleção Dicionários do Povo: propaganda de instrução para portugueses e brasileiros, 24ª edição. Rio de Janeiro/Lisboa: Livraria Francisco Alves/Livraria Bertrand,s/a.
480 EL FAR, Alessandra. Páginas *de sensação. Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro. (1870-1924).* Op.Cit., p.80.
481 Em anúncio no jornal cearense *Libertador*, de 1888, a livraria JJ de Oliveira oferece os livros "do povo" juntamente com manuais, Almanaques e livros de conhecimentos úteis, em uma longa lista dos títulos desembarcados "nos últimos vapores": "*Historia Natural Popular dos três reinos da natureza*, pelo Dr. Martius, *Thesouro das Familias* ou *Enciclopedia dos conhecimentos uteis da vida prática*, por V. Renault; (...) *Enciclopedia do Povo e das Escolas*, Manual de todos os conhecimentos humanos colaborada por muitos escriptores (...)". *O Libertador*, 04/04/1888, p.03.
482 Uma das coleções de maior repercussão no Brasil, a *Biblioteca do Povo e das Escolas*, foi lançada em 1881, pela editora portuguesa David Corazzi. Tratam-se de 237 livros, publicados durante 42 anos, entre 1881 e 1913, distribuídos em Portugal e no Brasil. NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. "Nota prévia sobre a palavra impressa no Brasil do século XIX: a biblioteca do povo e das escolas". Horizontes. Bragança Paulista, vol. 19, PP.11-27, jan/dez. 2001, p.13.
483 EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação. Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro. (1870-1924).* Op.Cit., p.12. No caso, a autora se refere à utilização desses termos por livreiros em anúncios de

uma camada urbana, assalariada e alfabetizada, que crescia diariamente. A autora sublinha que, para além de um público definido, as obras populares são aquelas que recebiam um tratamento editorial interessado em baixar seu custo de produção, para com isso dinamizar seu consumo.

Mas não apenas isso. A linguagem "ao alcance de todos", que "qualquer pessoa podia ler", como reforçam as descrições dos livros, é uma característica central desses títulos. Os conteúdos das edições populares são de ampla divulgação a públicos não especializados, sejam obras didáticas, de vulgarização científica, romances ou recreativas. Assim é o *Dicionário das Flores, Folhas e Frutas*, ou *Manual dos Namorados*, uma brochura custando 1$ (mil réis) na Livraria Araújo, que ensinava aos casais a correspondência por sinais, também com o "oráculo das damas e cavalheiros, pelo qual pode qualquer pessoa ler seu fado ou destino"[484]. É também essa uma edição popular.

O livro não está entre os *Dicionários*, mas na seção que o livreiro não nomeou e que a pesquisa chama de *Literatura em geral*, com 44 títulos. Nela, foram reunidas publicações de grande sucesso junto ao público, como as obras de Júlio Verne e Perez Escrich. A poesia de Gonçalves Dias, Castro Alves, Casimiro de Abreu, as modinhas do "cancioneiro popular" reunidas por Catulo da Paixão Cearense. São livros de serenatas "para serem cantados ao som choroso da guitarra, viola, violão e cavaquinho em noites de luar"[485], com "fadinhos marítimos e populares escritos e colecionados uns, e outros apanhados diretamente da tradição oral"[486], custando de 1$ (mil réis) a 2$ em maioria. Mesmo que nem todos explicitem nos títulos o nome popular, podem ser considerados assim por terem apelo junto a um público alargado, não restrito a eruditos.

O *Almanach dos Municípios do Estado do Ceará* demonstra essa perspectiva e não está sozinho. As listas de livros à venda na Livraria Americana, publicadas no *Almanach do Rio Grande do Sul*[487] compartilham essa característica. Anúncios de edições "econômicas" são enfáticos em facilitar o acesso aos livros, enviando para "qualquer canto do País" com os acréscimos postais. A *coleção Leitura para Todos* é uma delas,

---

jornais do Rio de Janeiro, nas últimas décadas do século XIX.

484 *Almanach dos Municípios do Estado do Ceará para 1908*, Op.Cit.p.331.

485 Descrição do livro *Serenatas*, por João de Souza Cunegundes, oferecido a 1$000, mesmo autor de Trovador da Esquina e Lyra de Apollo, também disponíveis no *Catálogo*. Idem, p.331.

486 Livro *Trovador Marítimo*, da mesma coleção do *Trovador de Esquina* e *Trovador da Malandragem*. Idem, p.331.

487 Na comparação com o *Almanach do Rio Grande do Sul*, percebe-se semelhança na lista de livros, com títulos e autores que se repetem, assim como obras de maior porte e valores, como compêndios de Direito e Medicina, ao lado de títulos de menor custo e leitura ampliada, grande parte a 1$. *Almanach Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1910*. Rio Grande: Livraria Americana, s/a. *Catálogo dos Bônus do Almanak*, p.1 a 54.

reunindo autores como José de Alencar, Alexandre Dumas, H.P. Escrich, Dostoiévski, Émile Zola em edições "de 240 a 360 páginas" vendidas a 1$ (mil réis). O anúncio destaca em letras graúdas o "grande sucesso literário" da "Coleção econômica – Leitura para todos": "A melhor e mais variada escolha de autores nacionais e estrangeiros"[488].

Mas as edições consideradas populares mostram mais nuances do que se pode pensar inicialmente. Assim mostra outro livro do *Catálogo da Livraria Araújo*, *a Bíblia Sagrada* na versão do padre Antônio de Figueiredo, com temática e valor bem diferente do *Dicionário das Flores.* A Bíblia foi descrita pelo livreiro como "edição popular ilustrada aprovada pelo Exmo. Cardeal Patriarca de Lisboa" em três "grandes e grossos volumes" encadernados. As ilustrações e comentários inseridos facilitavam a leitura, que tinha a chancela das autoridades da Igreja. Vendida a 75$000 (setenta e cinco mil réis), a *Bíblia* mostra que nem toda edição considerada popular era de baixo custo.

Tornar a leitura de obras religiosas acessível ao grande público era uma preocupação da Igreja desde bem antes. Ainda no século XVIII, muitos dos livros religiosos que chegavam à América portuguesa destinavam-se a *todos* os católicos desejosos de "exercitar a alma no caminho da perfeição", como atestou pesquisa de Leila Mezan Algranti nos documentos da Real Mesa Censória e inventários de bibliotecas de conventos setecentistas[489]. Segundo a autora, com exceção dos livros litúrgicos, com textos usados nos cultos e cerimônias, os títulos visavam a um público leitor amplo e menos erudito.

Essa dimensão é percebida no *Extrato do Catálogo da Livraria Araújo* inserido no Almanaque, que dedica aos livros religiosos espaço significativo. São setenta e sete livros em torno desse assunto, divididos em duas classificações no acervo: *Moral e Religião*, com sessenta e sete títulos; e *Romances Religiosos*, com dez obras. Levando em conta que a maior seção do *Catálogo*, *Instrução e Conhecimentos Úteis*, abriga uma diversidade de áreas do conhecimento, de português, a história, geografia, ciências, e até romances, é possível dizer que os livros religiosos são maioria no acervo do Almanaque.

Também na observação dos livros religiosos é importante perceber que a circulação da palavra impressa não se faz somente em função das taxas de alfabetização,

488 *Almanak Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1898*. Rio Grande: Livraria Americana, s/a, p.2.

489 ALGRANTI, Leila Mezan. *Livros de devoção, atos de censura. Ensaios de História do Livro e da leitura na América Portuguesa (1750-1821)*. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2004, p.209. De acordo com a autora, mesmo quando em toda Europa a proporção de livros religiosos decaíra em relação ao montante da produção livreira, "eles continuaram a representar uma proporção razoável nas remessas de livros de Portugal para o Brasil, feita por livreiros e particulares".

mas da combinação de diversos elementos, como o custo e a disponibilidade do livro em uma língua conhecida, a ocorrência de situações sociais em que o livro poderia ser lido em voz alta, o desejo de informações que estariam disponíveis no impresso[490].

O livreiro Araújo demonstra no *Catálogo* diversas situações para o uso do livro religioso, seja na rotina das paróquias, escolas, congregações, seminário, na vida familiar e em comunidade. Araújo escolheu obras para a formação e prática do catolicismo, seguindo o *Calendário Eclesiástico*. É o livro que ensina "o quanto é necessário ao cristão saber para se confessar"; oferece "conforto as pessoas que sofrem", aos enfermos; diz sobre a *Preparação para a morte*, traz "copiosos e eficazes meios para cada um se salvar". Os títulos mostram epístolas e evangelhos para uso "nos domingos e mais os dias santos do advento"; os santos e novenas do *Mês de Março*, *Mês de Outubro*, *Mês de São José*, *Novena da Sefática Virgem, Manual dos Ofícios da Semana Santa,* orientando sobre a rotina dos fiéis.

Os públicos são indicados nas descrições do Catálogo: o *Adoremus*, "principalmente da juventude cristã"; *A Mulher Forte*, com "conferências destinadas a senhoras"; *A Mãe*, mostrando "os deveres da mãe cristã para com seus filhos"; o *Thesouro do Cristão*, "dedicado aos alunos dos Seminários" do Brasil; a *Importância da Primeira Comunhão*, "de grande utilidade aos pregadores, catequistas, mães cristãs e aos que têm que fazer a primeira comunhão", as *Epístolas e Evangelhos*, "para uso das escolas cristãs e dos fiéis de Portugal e do Brasil"[491]. Clérigos e freiras são provavelmente assíduos nos livros litúrgicos e de doutrina, com sermões, discursos, conferências, meditações.

As características dos impressos do *Catálogo* reforçam a variedade e o alargamento que os livros religiosos pretendiam. Estão folhetos de doutrina cristã custando $100 (cem réis), um catecismo "para uso dos fiéis da diocese do Ceará", descrito como grosso volume em brochura, custando $800 (oitocentos réis), novenas a 2$ (dois mil réis). Frequentemente, há mais de uma opção ao leitor, a exemplo de *A Dor*, disponível em brochura por 3$ ou encadernado por 4$[492]. Alguns, em minoria, mostram ser mais elaborados, trazem "encadernações douradas" ou "em chagrin", como *Apologia do Cristianismo*, "edição revista e muito aumentada do alemão para a língua portuguesa

490 Natalie Zemon Davis faz essas considerações ao analisar a inserção da palavra impressa entre os camponeses da França no século XVII. DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do povo. Sociedade e cultura no início da França moderna.* São Paulo: Paz e Terra, 1990, p.161.

491 *Almanach dos Municípios do Estado do Ceará para 1908*, Op.Cit.p.p.332-335.

492 *A Dor*, por Monsenhor Bougaud, bispo de Laval. Idem, p.332.

com autorização e aprovação do autor" em cinco volumes a 50$ (cinquenta mil réis).

Os dez romances religiosos, encerrando o *Catálogo*, demonstram o esforço da Igreja na formação da prática da leitura, mas também o interesse em direcionar essa prática. A autoria, quase toda de religiosos, e o conteúdo aprovado pela autoridade eclesiástica são destacados nos resumos do Extrato. Como em *A Conversão de São Paulo*, "romance sacro, visto e aprovado" pelo padre Conceição Vieira; *Fabíola* ou *Igreja das Catacumbas*, pelo cardeal Wiseman; *As Chamas do amor de Jesus*, pelo abade D. Pinnard, traduzido pelo padre Silva, professor do Colégio de Cucujães, em Portugal*; A Cabana Irlandeza*, "*imitado do alemão por padre Carolino Duarte*"[493]. Uma exceção de autor leigo é dada a Camilo Castelo Branco, com os livros *Horas de paz* e *Divindade de Jesus*.

Nas obras religiosas, como no conjunto do *Extrato do Catálogo*, muitas traduções e edições portuguesas. Ao todo, somente quatro livros estão em outro idioma, o francês. Dois deles são livros de *Moral e Religião*: *Régne Du Coer de Jesus* e *Nouveau Formulaire de Priéres*, para os filhos de Maria. Em *Jurisprudência*, há um manual sobre Direito internacional: *Droit International Public (Manuel de Droit Internacional Public)*, autoria de H. Bonfils. O *Catálogo* traz ainda um dicionário, *Abregé Du Dictionnaire Grec-Français*. Proporção que confirma um público leitor predominantemente do português.

O *Extrato do Catálogo* não dá conta de todas as possibilidades de leitura no Ceará do período. No entanto, é fonte que materializa a realização de um circuito de leitura articulado por um Almanaque. Isto é: um livreiro e editor de referência na cidade selecionou os títulos que pudessem ser do maior interesse e as novidades disponíveis na sua livraria. Elaborou um catálogo próprio para veiculação em Almanaque, que seguiu para impressão em uma tipografia de Portugal com tradição no gênero. Retornando ao Brasil como publicação, foi distribuído pelos municípios do Ceará. Nesse trajeto, o Almanaque chama os leitores ao contato com a livraria, desde a possibilidade de colaboração nas próximas edições, à aquisição de livros oferecidos no Catálogo.

Mas quem são esses leitores de Almanaques? – se é possível traçar um perfil do que isso signifique. Quais os interesses que os ligam a essas publicações e por que formas o Almanaque busca manter um público fiel, em edições que chegam a ser lançadas durante décadas? Quais os caminhos da participação do leitor no Almanaque?

493 Idem, p.339-340.

3.3 – LER PARA ESCREVER, ESCREVER PARA SER LIDO

> *"E a menina curiosa se fez moça, mulher, esposa, mãe, sogra, avó, o que não mudou em nada, os cuidados e o carinho dispensados à coleção de almanaques que era um pedaço de sua infância, de sua vida"*
>
> *Mário Souto Maior*

Mal terminara o curso primário, José Alves de Figueiredo largava de vez a escola para assumir as tarefas "da vida prática" [494]. Eram os últimos anos do século XIX quando ele, órfão de pai e mãe, foi trabalhar na farmácia do tio, no município do Crato, Região Sul do Ceará, distante cerca de 580 quilômetros da Capital. Continuou a formação como autodidata nas leituras que encontrava e nas palestras que ouvia pelo balcão da farmácia, entre aqueles que eram considerados "*a mentalidade mais esclarecida da terra*". Conhecido como Zuza da Botica, o farmacêutico, poeta e jornalista também tinha fama conquistada, já nos primeiros anos do século XX, pelo charadismo e colaboração em Almanaques editados do lado de cá e de lá do Atlântico.

Os livros-Almanaques fazem parte das lembranças do filho mais velho de José Alves. "*No período da minha meninice, sempre o via, em casa, ou mesmo nos intervalos da luta cotidiana, agarrado com um Almanaque das Senhoras, ou Almanaque Luso-Brasileiro, editados em Portugal, ou então com o Almanaque Pernambucano, de Recife*", conta José Alves de Figueiredo Filho[495].

Para decifrar os enigmas, logogrifos, "saltos de cavalo" e os diferentes tipos de charadas (sincopadas, casais, novíssimas), José Alves de Figueiredo, como outros leitores, recorria aos dicionários, calepinos (dicionários multilíngues), mapas geográficos, histórias da mitologia[496]. Depois, enviava a lista com todas as respostas para as redações dos Almanaques.

Os impressos confirmam a narrativa. A cada ano, os Almanaques trazem a lista

494 SOUSA, José Bonifácio de. Registro Bibliográfico Cearense. In FIGUEIREDO, José Alves de. *Ana Mulata.* Crato: Instituto Cultural do Cariri, 1958, s/p.

495 FIGUEIREDO FILHO, José Alves de. Explicando. In FIGUEIREDO, José Alves de. *Ana Mulata.* Crato: Instituto Cultural do Cariri, 1958, s/p. José Alves de Figueiredo nasceu em 1878, no Crato (CE), foi farmacêutico prático licenciado, funcionário e depois proprietário da Farmácia Central do Cariri. Exerceu o jornalismo ao longo da vida, fundando o jornal "Sul do Ceará", escrevendo no "Correio do Cariri" (1904), "Crato-Jornal" (um dos fundadores e diretor), "O Araripe", "Gazeta do Cariri", entre outras colaborações em periódicos do Crato e Fortaleza. Chegou a se tornar prefeito do Crato (1925-1926) e vereador. Como o pai, o filho mais velho dele também tornara-se farmacêutico e escritor. SOUSA, José Bonifácio de. Registro Bibliográfico cearense. In FIGUEIREDO, José Alves de. *Ana Mulata. Op.Cit., s/p.*

496 FIGUEIREDO FILHO, José Alves de. Explicando. In FIGUEIREDO, José Alves de. *Ana Mulata.* Op. Cit. s/p.

dos autores dos textos utilizados na edição, fossem fragmentos literários, poesias, enigmas, logogrifos, anagramas. Se publicavam charadas e enigmas, na edição seguinte traziam as respostas para conferência, bem como a relação dos leitores que aceitaram o desafio. Isto é, daqueles que aceitaram e escreveram para a redação do Almanaque mostrando as respostas, participando de uma disputa pública que teria um primeiro e um último colocado. José Alves de Figueiredo, do Ceará, é um desses leitores.

O nome dele é encontrado facilmente nas listas dos concursos de charadas publicadas em Almanaques do período. Tais listas extrapolam fronteiras geográficas a cada linha, dando sinais do alcance da publicação e revelando uma relação que se fez meses antes, já que as respostas se referem a perguntas da edição anterior.

Na conferência do *Almanach das Senhoras Portugal e Brazil para o ano de 1903,* Figueiredo foi o 24º decifrador do concurso, acertando 198 das 220 charadas[497]. Ficou atrás de outros três cearenses, identificados como Francisco Alves, de Guaramiranga, Joaquim Alves Nogueira e Jovelino de Sousa[498]. Também acertou menos que um português de Aveiro, brasileiros de Pernambuco, Pará, Bahia, Sergipe, Minas, Rio de Janeiro, São Paulo, Campinas e da grande vencedora da Bahia, Nadir de Souza Nobre, com 220 acertos[499].

O resultado para aquele ano, na 24ª colocação, não foi ruim para José Alves de Figueiredo, levando em conta que a lista do *Almanach das Senhoras* trouxe até o 118º concorrente[500]. Mais significativo é perceber que o impresso aproximava o farmacêutico

497 *Almanach das Senhoras Portugal e Brazil* para o ano de 1903. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira Livraria Editora, 1902, p.43.

498 Os charadistas escolhiam como seriam identificados, se pelo país, estado ou cidade. No caso, Joaquim e Jovelino tinham o local de origem identificado por (Ceará).

499 *Idem, Ibidem*. As listas trazem os nomes dos decifradores, os locais de onde vem (podendo ser estado ou município) e o número de decifrações corretas. No *Almanach das Senhoras para o ano de 1903*, constam também entre os decifradores da edição de 1902, do 2º ao 23º lugar: Bernardino Antonio de Souza (Bahia), 217 decifrações; Jocarmo (Bahia), 216 decifrações; André Corsino Teixeira Osorio (Aveiro), 216 decifrações; Dr. Aralio Areolo E. Monfrancaro (Bahia); 216 decifrações, D. Ermira Fiore (Recife), 214 decifrações; Club Adagas de Ouro (Recife), 213 decifrações; Marreco Bahiano (Bahia), 213 decifrações; Jopir (Bahia), 208 decifrações; Francisco Alves (Guaramiranga), 208 decifrações; Julio Gonçalves Fernandes d´Araujo (Pará), 205 decifrações; V. Laporte (Sergipe), 205 decifrações; Oity Lage (Minas), 205 decifrações; B.F. Negrão (Campinas), 204 decifrações; Alfredo Venâncio Fords (Rio de Janeiro), 204 decifrações; A.B.C. Dario e Parm (Rio de Janeiro), 204 decifrações; D. Carmelita Arantes (São Paulo), 203 decifrações; Joaquim Alves Nogueira (Ceará), 203 decifrações; A. Ferreira Azeitona (Pará), 202 decifrações; Polydoro (São Paulo), 201 decifrações; Urano Luso (Pará), 199 decifrações; Jovelino de Souza (Ceará), 199 decifrações; Ezequiel Lisboa (Pará), 199 decifrações.

500 Entre os cearenses, estão também: Z.K.L.W (Ceará), 198 acertos, F. Nogueira (Ceará), 196 acertos, D. Izabel Omphale Gondim (Sobral), 185 acertos, Mario R. Linhares, 179 acertos, João Amorim (Ceará), 176 acertos, Vicente d´Arruda Gondim (Ceará), 152 acertos, Edith (Ceará), 132 acertos, Julio Pinto Mendonça Caminha (Ceará), 130 acertos, Octavio Andrade (Ceará), 114 acertos, Silveira Goes (Ceará), 92 acertos, Theophylo Sampaio (Ceará), 41 acertos. *Almanach das Senhoras Portugal e Brazil para 1903*. Op.Cit., p.44.

autodidata cearense de outros leitores, vindos de pontos distantes, alguns lugares antes desconhecidos da maioria, que enviavam suas decifrações para a redação: charadistas de Funchal, Évora, Porto e Rio Tinto, em Portugal; de Manaus, Manicoré, Canutama e Rio Madeira, Amazonas; Porto Alegre e Dom Pedrito, no Rio Grande do Sul; de Angra e Penedo, no Rio de Janeiro; leitores do Rio Grande do Norte; de Mocajuba, no Pará; de Loanda, no Paraná; Também de Moçambique, alguns identificados como "da África Ocidental"; e até dois de Margão e Gôa, na Índia[501].

Nas disputas no *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*, a concorrência entre os decifradores era ainda maior. Em 1902, 598 leitores enviaram suas listas de respostas. Em caso de empate nos acertos, ficaria na frente aquele que primeiro postou a correspondência. José Alves de Figueiredo, do Crato-Ceará, estava em 297º lugar, acertando 290 de um total de 336 artigos a decifrar na edição anterior, para o ano de 1901[502]. Era um dos 22 cearenses identificados na seção de charadas, de municípios diversos, que garantiam o nome impresso na edição pelo talento charadístico.

Os nomes se repetem entre as publicações, confirmando que, não raro, os charadistas respondiam a mais de um Almanaque no ano, assim como outros colaboradores enviavam textos a mais de uma publicação. A prática dos concursos de charadas mostra entrecruzamento das redes de leitores formadas pelas publicações. Nesta edição de 1902 do *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*, também participam do concurso os cearenses J. Nogueira (203º lugar), do município de Baturité; e Joaquim Alves Nogueira (212º lugar), de Guaramiranga, citados anteriormente como leitores do *Almanach das Senhoras*. Outro nome recorrente é de Dona Isabel Omphale Gondim (271º lugar), de Sobral[503], que no mesmo ano é vista dedicando um logogrifo à Dona Almerinda Ribeiro no *Almanach Popular Brasileiro*, editado em Porto Alegre[504]. Há charadistas que aparecem ainda em edições do *Almanach do Ceará*, editado em

501 *Almanach das Senhoras Portugal e Brazil para 1903*. Op.Cit., p.45-46.

502 *Novo Almanach de Lembranças Luso Brasileiro para o ano de 1902*. Lisboa: Parceria Antônio Maria Pereira, 1901, p.p. CXVIII-CXXXVII.

503 Idem, Ibidem. Nesta edição, ela faz dupla com Constantino Corrêa no concurso de charadas.

504 *Almanach Popular Brasileiro para o ano de 1902*. Editores Echenique Irmãos & Cia – Livraria Universal. Pelotas, Porto Alegre e Rio Grande: 1901, p.98. Também neste ano, os editores agradecem a Dona Izabel o envio da publicação *A cidade*, de Sobral. Idem, p.275. Esse almanaque conta com participação de outros cearenses nas charadas, enigmas, nos fragmentos literários e publicações intercambiadas. A mesma edição traz os versos "A lágrima" (p.107), escritos dias antes do falecimento do autor cearense Lopes Filho (Ceará, julho de 1900); "A Parahyba sob o ponto de vista literário" (p.119-123), de Rodrigues de Carvalho (Ceará, 1901); o texto biográfico "José Carlos Júnior" (p.155-157), por Antonio Sales, publicado inicialmente no jornal cearense literário "O Pão", da Padaria Espiritual, de 15 de agosto de 1896 (p. 202); "Aroma e Luz" (Ceará), Eurico Facó; "Uma proesa do padre Verdeixa" (p. 202), Paulino Nogueira (parte do texto "*Presidentes do Ceará*" na Revista Trimestral do Instituto do Ceará); "Nossos antigos" (p. 221), "O Ceará (lado cômico)", do jornalista João Brígido dos Santos.

Fortaleza[505].

Alguns desses leitores-correspondentes utilizam pseudônimos, comuns ao longo das publicações, que oferecem sugestiva imagem. A *Sertaneja Cearense*, o *Matuto Cearense*, do município de Lavras; *Os dois danados*, de Guaramiranga; e os *Dois Calungas*, de Coité, estão na lista do *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro de 1902.* Assim como a *Mulata Bahiana* e a *Pastorinha*, ambas da Bahia; os *Velhinhos*, do Alentejo e Algarve, em Portugal; *Dom Quixote, do Brasil;* o *Pastor Sergipano*, do Rio de Janeiro; o *Quincas Literato,* de Minas; os *Três Jacarés*, de São Paulo. Também entrando no jogo dos pseudônimos, José Alves de Figueiredo aparece como *Gastão de Lorena* em algumas das edições[506].

Seja com o nome completo, abreviação ou pseudônimo, essas pessoas se identificavam umas com as outras ao fazerem parte de uma rede de leitores, articulada a partir dos Almanaques. Durante o ano, compartilhavam hábitos: corriam contra o tempo para responder charadas e enigmas, entre um afazer e outro da lida diária; liam os fragmentos literários, recebiam indicações para aquisição de outros impressos, acompanhavam o Calendário e encontravam informações variadas. Tudo a partir do Almanaque.

O hábito da leitura favorece o exercício da escrita, estimulado pelas publicações. No Almanaque, o leitor pode ser autor, basta para isso enviar sua contribuição – e, claro, passar pelo crivo dos organizadores. Mais participação é também sinal de mais circulação do impresso. Por constituir uma característica desse tipo de publicação no período, o *Almanach das Senhoras para 1903* comemora e reitera o convite: "*Muitos colaboradores novos nos apareceram este ano; bem vindos sejam; o Almanach abre gostosamente as suas páginas aos novos visitantes*"[507].

Como outros leitores, o farmacêutico cearense José Alves de Figueiredo aproveitava o espaço oferecido e enviava suas colaborações. Inicialmente, respostas às charadas publicadas. Depois, passou a elaborar questões a serem decifradas, como as

505 Como um dos exemplos, D. Isabel Omphale Gondim e J. Nogueira estão entre os decifradores do *Almanach do Ceará de 1898*. *Almanach Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará para o ano de 1898*. Fortaleza: Typ. Universal, 1898, p.196. O charadista Silveira Zoza (Coités) é outro exemplo de participação em diferentes Almanaques. Na edição de 1902, aparece como segundo colocado entre os decifradores do *Almanach do Ceará*, com 79 acertos entre os 80 enigmas. É também visto entre os decifradores de charadas do *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro de 1902* e do *Almanach Popular Brasileiro de 1902*.

506 Segundo FIGUEIREDO FILHO, José Alves de. Explicando. In FIGUEIREDO, José Alves de. *Ana Mulata.Op.Cit., s/p.*

507 *Almanach das Senhoras Portugal e Brazil para 1903*. Op.Cit., p.10.

duas charadas publicadas no *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para 1902.* Em tom lírico, construía o texto em versos a partir de referências de suas leituras, como o rio Tejo, de Portugal:

> Nota! Um astro ali vejo – 1, 2
> Veloz navega no Tejo.
>
> É grande a mulher que resume – 2,2
> Da flôr o viço e o perfume.
>
> José Alves de Figueiredo (Crato – Ceará)[508].

As respostas confirmam que o autor da charada e os decifradores recorriam a compêndios e dicionários, expandindo o contato com os livros e ampliando o repertório de leituras. Na primeira estrofe, a decifração correta é *Falua*, uma embarcação de transporte de cargas e passageiros entre as duas margens do rio Tejo. Na segunda estrofe, a resposta é *Magnólia*, "flor de abundante perfume".

Com os anos, a participação de José Alves de Figueiredo em Almanaques amplia-se. A um só tempo, ele também vai conquistando espaço entre a elite letrada de sua terra, escrevendo em jornais do Crato, firmando-se como comerciante e, mais tarde, comprando a farmácia do tio[509]. Em 1908, aparece com diferentes textos no *Almanach dos Municípios*, organizado pela Livraria Araújo, de Fortaleza, e impresso em Lisboa. Novo proprietário da Farmácia Alves, Figueiredo é agora anunciante do Almanaque, divulgando o "*sempre variado sortimento de drogas, produtos químicos e farmacêuticos nacionais e estrangeiros, de primeira qualidade e por preços muito reduzidos*"[510]. Em paralelo, divulga-se como escritor. Além da escrita de cunho político nos jornais, publica no Almanaque seus poemas "*A grande data*", "*Chimera*", "*Horacio Jacome*" e "*Desiludido*"[511].

Decifrador e autor de charadas e enigmas, cronista e poeta, anunciante dos produtos e serviços farmacêuticos. José Alves de Figueiredo é um caso exemplar das

508 *Novo Almanach de Lembranças Luso Brasileiro para o ano de 1902*. Op.Cit., p.19. A charada é oferecida a Figueiredo Filho, provavelmente primo de José Alves, uma vez que ele se casaria somente em janeiro de 1902, não possuindo ainda descendentes.

509 Em 1904, já é visto como redator do Correio do Cariri. Sobre a biografia dele, ver ainda FIGUEIREDO FILHO, José de. *Meu mundo é uma farmácia.* São Paulo: Ipê, 1948.

510 *Almanach dos Municípios do Estado do Ceará para 1908*, Op.Cit., p.177.

511 *Idem,* p.174-181. Foram publicados quase em sequência os poemas: *A grande data* (escrito em 29 de junho de 1905), p.174-176; o soneto *Chimera (*escrito em abril de 1900), p.178; *Horacio Jacome* (escrito em 07 de novembro de 1906), p.179 -180; *Desiludido* (escrito em 05 de novembro de 1906), p.181.

diferentes formas de participação dos leitores em Almanaques. Dois aspectos, em particular, chamam atenção. Sua formação intelectual ocorre a par e passo com a experiência de leitura e escrita nos Almanaques. Se mais tarde se torna jornalista, político, poeta, escritor reconhecido em sua terra, esse processo é gradativo e acompanhado pela experiência autodidata que inclui o contato com os Almanaques.

Dessa forma, pode-se dizer que os Almanaques participam da formação intelectual de Figueiredo, levando-o a conhecer outras publicações, a consultar dicionários, estimulando sua escrita, que não ficaria restrita ao município, mas teria circulação ampliada. Ele não escreve nos Almanaques por ser um intelectual, mas, em processo inverso, teve o Almanaque como espaço de afirmação intelectual, onde publicava textos e tinha um reconhecimento próprio, como nos concursos de charadas.

Outro aspecto é constatar que os registros desses leitores são fragmentados. Estão principalmente nos próprios impressos, quer na seção de *Correspondências*, quer na identificação dos colaboradores que enviavam fragmentos literários, anedotas, poemas, charadas, informações. Em casos mais raros, podem ser vistos em passagens de escritos de memórias ou biografias, como na apresentação feita pelo filho de José Alves de Figueiredo no livro "Ana Mulata", que reúne crônicas do pai[512].

O Almanaque promove a participação do "leitor comum"[513] no universo escrito (e impresso), para além de uma elite de autores já reconhecidos, que também tinha espaço garantido na publicação. Interessa conhecer as formas como isso ocorria.

Caminhos do "leitor comum" na escrita do Almanaque

Na profusão dos nomes que enviam colaborações aos Almanaques de cada ano, uma certeza: antes de escritores, são leitores. A premissa de que o ato de escrever tem origem no ato de ler[514] encontra particularidades nos Almanaques oitocentistas. Momento em que abrem suas páginas a numerosos desconhecidos, mesmo que continuem a

512 FIGUEIREDO FILHO, José Alves de. *Explicando*. In FIGUEIREDO, José Alves de. *Ana Mulata. Op.Cit., s/p.*

513 Expressão utilizada por Robert Darnton em oposição a leitores célebres. Ao tratar da apropriação do rousseanismo pelo público provinciano às vésperas da Revolução Francesa, ele analisa a correspondência do que chama de um "leitor comum", no caso, um "homem desconhecido, que não tinha nada de extraordinário e que fala de duas leituras ao contar sua vida cotidiana". DARNTON, Robert. A leitura rousseauista e um leitor "comum" no século XVIII. In CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da leitura.* São Paulo: Estação Liberdade, 1996, p.144-145.

514 BARTHES, Roland; MARTY, Eric. Oral/escrito. In Enciclopédia Einaudi. Volume 11. Oral/escrito. Argumentação. Portugal: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1987, pp.32-57, p.32. Ao tratar da relação entre o oral e escrito, o autor parte do paradoxo de que "o homem soube ler antes de saber escrever", isto é, "o ato de escrever tem origem no ato de ler".

publicar fragmentos de autores consagrados, trechos de livros que serão lançados, reproduções de outros impressos. Trata-se aqui dos leitores de Almanaques que se tornam colaboradores, autores e correspondentes a partir da abertura oferecida pelo gênero.

Ter o nome impresso no Almanaque era, por si só, uma recompensa para muitos leitores que enviavam seus poemas, pensamentos, informações úteis, charadas, textos variados. Os conteúdos obedeciam às expectativas do público em relação ao gênero, já direcionando a forma e o conteúdo do que seria enviado. Mesmo que esses leitores-escritores tivessem experiências em outros impressos, não era isso que determinaria sua participação no Almanaque. Ou se exercitassem no cotidiano outras formas de escrita, como em diários íntimos, cartas, procurações, seguiam a lógica e os interesses dos Almanaques.

Dessa forma, mesmo o Almanaque se dizendo aberto a todos que aceitassem o convite à escrita, a contribuição, por mais generosa, seria julgada pelo organizador da publicação. Se por um lado, de modo geral, estimulava o envio de colaborações, por outro, apelava à qualidade e dizia do limite tipográfico do impresso. Elegiam-se critérios de seleção do material e de participação dos leitores, principalmente quando se tornavam em quantidade maior do que as páginas poderiam abrigar.

Nesse sentido, o *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1896* orienta sobre os assuntos preferidos na prosa. O primeiro passo era eleger assuntos de interesse ampliado, em harmonia com a natureza dos Almanaques:

> Pelo que respeita a artigos em prosa, preferimos sempre, para o Almanach, os que se referem a assuntos que mais ou menos possam interessar a todos os leitores, como sejam curiosidades históricas, etnográficas ou arqueológicas, ciência recreativa, diversões, notícias de interesse relativas às diferentes localidades de Portugal ou Brasil, apontamentos biográficos e resumidos de homens ou damas ilustres, viagens, notas sobre linguagem portuguesa, etc[515].

Mais uma vez, o caráter instrutivo, de conhecimento “ao alcance de todos”, é reforçado como característica do Almanaque no período: as curiosidades são históricas,

515 *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1896*. Lisboa: Livraria de Antônio Maria Pereira, 1895, p.43.

etnográficas ou arqueológicas; a ciência é recreativa; as notícias mostram não somente as cidades maiores, mas diferentes localidades de Portugal ou Brasil[516]. Deixava ainda claro que as biografias de homens e damas ilustres precisariam ser resumidas, pela própria estrutura da publicação: textos curtos. A escolha por esses assuntos de "geral interesse" oferece aos colaboradores "muito maiores probabilidades de serem atendidos", isto é, de terem o texto publicado.

A orientação também ia contra os artigos em prosa "que se revestem meramente de caráter subjetivo", como aqueles em que os autores "escrevem apenas as suas impressões pessoais e pensamentos íntimos, as aspirações do seu coração, devaneios e as suas confidências amorosas". Temas que estariam mais adequados à poesia, segundo os critérios do *Novo Almanaque de Lembranças*. Mas se o leitor-colaborador insistisse, teria ainda uma chance de ter seus escritos publicados, contanto que estes tivessem "pronunciado valor literário". Do contrário, "ordinariamente a ninguém interessam, senão á pessoa que os escreveu, e, quando muito, a alguma *ignota dêa* a quem são consagrados"[517]. Fica implícito que colaborações em prosa mais valiam pelo conteúdo, instrutivo, de despertado interesse, do que por uma pretensão literária de caráter subjetivo.

Os critérios editoriais se misturavam a regras tipográficas – o tamanho dos textos e os prazos da tipografia – que também legitimavam a exclusão de um escrito. Quem chegasse tarde, enviando seu texto nos meses finais do ano, poderia ficar de fora das páginas da edição para o ano seguinte. Outros textos poderiam ter sorte e entrar, não tanto por merecimento, mas por "*conveniência de paginação*", isto é, preenchiam as sobras de espaço na página. Como reconhece o *Almanach das Senhoras Portugal e Brazil* para 1903:

> Repetimos o que já o ano passado dissemos, mas que parece que nem por todos foi lido: Sendo como é, cada vez maior a afluência de colaboração, há grande inconveniente em chegar tarde, pois já se vê que

516 Instruções nesse sentido também são encontradas em outros títulos, como o *Almanach Brazileiro Illustrado para o ano de 1881*. Op.Cit., p.193. A publicação está interessada nas informações das províncias, não apenas da Capital, o Rio de Janeiro. Também alerta para o tamanho dos textos, que devem estar de acordo com o formato e gênero do livro, um Almanaque: "Recebemos sempre com agrado e reconhecimento artigos sobre os usos e costumes das províncias do Império, suas tradições, sua história, seus feitos, seus monumentos, seu progresso, e tudo quanto as possa tornar mais conhecidas na sua vida civil e religiosa. (...) Os artigos, que aliás deverão primar antes pela pequenez do que pela extensão, atento o formato e o genero do livro a que se destinam, poderão ser remetidos até o mês de maio (...)".

517 Idem, Ibidem.

> os retardatários são os mais mal servidos, volta nos da tipografia muito original rejeitada por *falta de espaço*, e entre esse, algumas composições que muito sentimos fiquem de remissa; dando-se para o fim preferências de que não temos a responsabilidade, pois n´estes casos também os srs. tipógrafos nos dão leis, baseadas n´esta frase: *conveniencia de paginação*![518]

Essa abertura dos Almanaques às colaborações, sem exigir notoriedade dos autores, facilitava uma relação de proximidade com os "leitores comuns". Nas idas e vindas das correspondências entre leitores e organizadores das publicações, mantidas por vezes ano após ano, alguns nomes passavam a ser recorrentes e até esperados. Do mesmo modo, as ausências eram sentidas, como reconhecimento ao colaborador. É comum encontrar nas edições a nota de falecimento de leitores-autores assíduos no Almanaque[519]. Na seção *Registro doloroso*, publicada anualmente, o *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* informa e lamenta as perdas transmitidas à redação:

> Com 36 anos de idade, faleceu na Bahia o sr. Fulgêncio Rodrigues Coelho, que agora sabemos ter enviado em tempo, para o Almanach, algumas composições poéticas, que provavelmente se desencaminharam, o que sentimos.
> Era bibliotecário da Escola Agrícola da Bahia e moço ilustrado e muito estudioso[520].
>
> Em fevereiro de 1894 faleceu no Recife o sr. Alberto da Silva Miranda, professor público e quartanista de direito, que muito se distinguiu entre os decifradores do Almanach[521].
>
> Em agosto faleceu na cidade de Aracati, Ceará, onde desempenhava as

518 *Almanach das Senhoras Portugal e Brazil para 1903,* Op.Cit., p.10.
519 O *Almanach das Senhoras Portugal e Brazil* e *o Almanak do Rio Grande do Sul* também trazem a seção *Registro doloroso*, com a notícia dos colaboradores que faleceram. No caso *Almanak do Rio Grande do Sul,* outros falecimentos estão na seção *Crônica*, com os fatos considerados importantes para o ano anterior tratado. Curioso notar que além do falecimento de nomes ilustres, há também a inclusão de personagens conhecidos de localidades do Rio Grande do Sul. Um exemplo é o registro de falecimento do Preto Justo, que tinha cerca de 110 anos e morreu queimado em um incêndio no município de Montenegro, em 17 de dezembro de 1904. *Almanak do Rio Grande do Sul para 1907*. Rio Grande: Livraria Americana, s/a, p.33-48.
520 *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1896*. Op.Cit., p.41-42.
521 Idem, p.42.

> funções de juiz de direito, o sr. dr. Gustavo Horácio de Figueiredo, que n´este livro deixou brilhantes provas do seu talento[522].

A seção oferece uma mostra dos leitores-colaboradores assíduos, os locais dessa participação, o perfil desses correspondentes. Lamenta o falecimento dos professores, bibliotecários, juízes, médicos, oficiais do Exército, sacerdotes, comerciantes, escriturários e outros funcionários de repartições públicas, estudantes, frequentemente de Medicina e Direito, que remetiam colaborações ao impresso. As honras ficavam com adjetivações: "homem de letras", "estudioso", "inteligente", "ilustrado", "de espírito esclarecido".

Já as mulheres aparecem frequentemente identificadas como esposas, irmãs, filhas, primas, com deferência pelo talento como escritora, poetisa: "distinta colaboradora". Às vezes, o editor reproduz a carta enviada por um parente com a notícia do "padecimento"; em outras, é responsável pelo anúncio "doloroso". As colaboradoras são lamentadas vítimas de "pertinaz moléstia", passavam por "crudelíssimos padecimentos", adquiriam doenças tropicais em lugares distantes da redação:

> A 18 de maio de 1890 tambem faleceu no Pará, vitima do beri-beri, molestia que atormenta a população daquella formosa capital, a nossa assidua colaboradora, a Ex.ma Srª D. Luciola Furtado. Tinha apenas 18 anos. É doloroso[523].

> A 26 de maio de 1890, após crudelissimos padecimentos, oriundos de pertinaz molestia, que não cedeu aos recursos da ciência médica, nem aos carinhos e extremos de uma família amante, deixou de existir na cidade de Larangeiras, a minha idolatrada irmã, Cândida de Menezes Ribeiro. (...) Ainda no Almanach deste ano encontrei duas composições de minha irmã, remetidas naturalmente por ela, quando os sonhos faziam estremecer docemente e cheio de fagueiras esperanças o seu coração de virgem"[524].

> D. Amelia do Ó da Costa Ramos
> No dia 14 de agosto de 1901 faleceu n´esta capital, e em plena primavera da vida, esta nossa talentosa colaboradora e mimosa poetisa, filha do

522 Idem, Ibidem.
523 *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1892*. Lisboa: Livraria de Antônio Maria Pereira, 1891, p.46.
524 *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1893*. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1892, p.34. A carta era assinada por Maria Ribeiro de Menezes.

> honrado tenente coronel, o sr. Zacharias Ramos (...). Justamente na ocasião em que era posto em circulação o nosso volume de 1902, que publicava a linda poesia – Madrugada, cerrava-se para sua jovem autora a noite da eternidade (...)[525].

O diálogo entre leitores e editores dos Almanaques tem espaço privilegiado em outra seção, chamada *Correspondências*, comum a muitas das publicações do período[526]. No *Almanach dos Municípios do Estado do Ceará*, a seção chama-se "*Mala de Recados*", com as mesmas características vistas em outras publicações[527]. Em textos espirituosos, os organizadores publicam as respostas às cartas dos leitores, identificados por iniciais e lugares de origem. As justificativas para a não publicação dos textos são cercadas de bom humor e algum sarcasmo. Na resposta aos colaboradores do município de Brejo dos Santos, o tom irônico da crítica salta aos olhos ao leitor de hoje:

> J.M.T. (Brejo dos Santos) – Com tanto escrito enviado, não há quem não confira ao sr. o diploma de escritor, ou de escrivão. Sim, o sr. escreveu muito, demasiado. Pena é que o seu trabalho não corresponda aos seus bons e louváveis desejos. Sentimos muito, mas não podemos chorar.
>
> J.F. De S.B. (Brejo dos Santos) – O sr. veio da mesma fonte que este que o precede - Brejo dos Santos. Até faz supor que tudo quanto é produção de lá é assim embrejada, como os seus versos.
> Fatalidades, nada mais![528]

As cartas publicadas mostram que os leitores não apenas atendiam aos convites, mas, por essa familiaridade com o impresso, insistiam e reivindicavam participação. Na resposta dada pelo *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para 1873*, percebe-se a queixa do leitor identificado como R.J (Ceará), que teve dois artigos e uma charada

525 *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1903*. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1902, p. LXXIX.

526 Vale observar que os Almanaques cearenses organizados por João Câmara e Joaquim Mendes da Cruz Guimarães não trazem essa seção de *Correspondências*, nem outra que responda a cartas de leitores.

527 *Almanaque dos Municípios do Estado do Ceará para 1908*. Lisboa: Parceria Antônio Maria, 1907, p.285-288. Seção semelhante chama-se "*Do Tejo ao Atlântico*", no *Almanach das Senhoras Portugal e Brazil*; e "*Correspondências*", no *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*.

528 *Almanaque dos Municípios do Estado do Ceará para 1908.* Op.Cit., p.288.

enviados para três edições diferentes. Todos não publicados:

> R.J (Ceará) - "Não creia que haja proposito feito d´excluir o seu nome d´este anuário. Os seus artigos de 1869 e 1870 não temos certeza de os haver recebido, a sua charada de 1872 – essa temol-a diante dos olhos, mas é clara como água. Porque não mandou mais de uma para haver escolha?[529]

Mais de vinte anos depois, agora no ano de 1896, novamente um R.J. (Ceará) questiona a ausência dos seus escritos no mesmo Almanaque: "Tomei baixa ou licença apenas?" é o título da correspondência. A resposta acompanha a ironia do leitor:

> Nem baixa nem licença. Sempre que traga boas munições e o armamento em fôrma, pode entrar na fileira. Os seus logogriphos é que não estão em harmonia com os preceitos da ordenança, e por isso não foram atendidos[530].

Ao que tudo indica, este é o caso de um leitor que acompanhou e enviou colaborações a Almanaques durante décadas, colaborando em mais de um título. Essa mesma identificação, R.J (Ceará), é encontrada em 1905 no *Almanach das Senhoras Portugal e Brazil.* Mais uma vez, R.J (Ceará) está cobrando a publicação dos seus escritos: "*Serei atendido*?". Com o humor de costume, as organizadoras do Almanaque respondem: "*Com toda certeza; mas a respeito da dificuldade em ler e escrever conta romana... um gracejo... nem podemos tomal´o de outro modo*"[531].

A seção de *Correspondências* oferece um tipo diferente de participação do leitor-autor que ocorre na exclusão dos textos. Mesmo quando seus escritos são rejeitados para publicação, o leitor torna-se parte da edição, não foi ignorado pelos editores, mesmo que sob julgamentos sarcásticos, ou aparecendo somente pelas iniciais. Certamente, não era esse o tipo de participação almejada, mas teria o ano seguinte para nova investida.

A possibilidade de inserção do "leitor comum" no impresso, mesmo que sob a

529 *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1873*. Por Antônio Xavier Rodrigues. Lisboa: Lallemant Fréres, 1872, p.37.
530 *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1896*. Por Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1895, p.75.
531 *Almanach das Senhoras para 1903 Portugal e Brazil*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira Livraria Editora, 1902, p.21.

seleção dos editores, é aspecto importante para a ampliação da leitura dessas publicações. Mais do que aproximar o leitor, o Almanaque torna-se íntimo, cria uma identificação pessoal e afetiva com o gênero. Uma pista nesse sentido é oferecida pela leitora com o pseudônimo *Provinciana* no *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* de 1873:

> "Sabem porque anualmente acolhemos com tanto prazer? É porque ele nos tem acolhido a nós!
> Sabem porque percorremos tão alegremente aquela sucessão de páginas? É porque o nosso nome vem ali. Sabem porque tanto nos diverte? É porque é tão variado, tão ligeiro, tão superficial, como nós todos que o aplaudimos. Instrue-nos sem pretender ensinar-nos, agrada-nos sem exigir atenção. E depois, e sobre tudo, é nosso, todos mais ou menos por ali temos passado[532].

O pseudônimo *Provinciana* indica esse espalhamento do Almanaque para fora dos grandes centros, chegando aos locais mais distantes, criando um possível espaço para seus escritos, de natureza vária. Autora iniciante encontra uma porta de entrada no mundo impresso pelo Almanaque. Com intencional exagero, ressalta a quantidade de autores que tiveram abrigo nessa característica dos Almanaques:

> A todos os que são hoje grandes na literatura, ele acolheu quando eram pequenos e vacilantes, quando mal aventuravam o passo deu-lhes mão protetora, deu-lhes abrigo seguro. Todos os nossos autores ali tem deixado o seu óbulo.

Provinciana lembra ainda de outro grupo de escritores. Estes não serão vistos em outros impressos, nem terão fama para além das páginas do Almanaque, embora tenham seu reconhecimento e agradem seus leitores. Dito de outro modo, observa que o Almanaque, além de publicar escritores de prestígio, forma seu próprio índice de autores. Mérito que é possível justamente por receber as colaborações dos leitores, agora escritores de Almanaque:

532 *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1871.* Lisboa: Lallemant Frères Typographos, 1870, p.84.

> Mas afora esses, há as reputações exclusivamente do Almanach. Há nomes que só ali encontramos. Temos conhecimentos que não vemos durante o decurso do ano, chega o Almanach, temos a certeza de os encontrar ali. É um ponto de reunião, é um livrinho aonde estamos em família. Como o grupo de crianças (...) gritamos do fundo de nossas províncias: - também eu quero, também eu peço, também eu desejo ter entrada![533].

As motivações da *Provinciana* são provavelmente as de tantos outros leitores de Almanaque. Não precisam ter nome conhecido para escrever. O Almanaque parece ser lugar de encontro da linguagem comum, o livro onde estão "em família", compartilhando sensibilidades e formas de escrita.

"Decifra-me ou te devoro": a charada da leitura

Foi a pedido dos leitores que o organizador do *Almanach do Ceará*, João Câmara, iniciou um Concurso de Charadas no terceiro ano da sua publicação, como parte da *Seção Literária*. Junto aos textos em prosa e em verso "*de quase todos os moços que formam a plêiade de literatos do nosso meio*", estavam os enigmas, charadas e logogrifos. O primeiro desafio, elaborado e enviado pela leitora Maria Candida, traz uma lógica entendida por iniciados, ao que parece:

> **Charadas**
> (Elétricas)
> I e II
> A pedra é ave? - 2
> O homem é peixe? - 3
> Maria Candida de Souza[534].

Para quem não entende os sinais do jogo, conhecer o resultado não significa, necessariamente, desvendar o mistério da resolução[535]. Seguindo o ritual também já dominado pelos leitores, o Almanaque traz as respostas desse e dos outros desafios na

533 Idem, p.84-85.
534 *Almanach Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará para o ano de 1897*. Fortaleza: Typ. da República, 1896, p.132.
535 As respostas da charada de Maria Candida são Ara e Lúcio. *Almanach Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará para o ano de 1898*. Op.Cit., p.192.

edição do ano seguinte, com a relação nominal dos decifradores que se animaram a responder às 78 charadas, 15 logogrifos e 12 enigmas, enviando os resultados. Dos quinze decifradores no primeiro ano, somente o primeiro colocado, o Club Diamantino, conseguiu responder corretamente os 105 itens, em esforço coletivo[536].

Mas o que leva a esse interesse dos leitores do Almanaque em participar de um concurso de charadas? Que significados o charadismo possui no fim do século XIX, fazendo com que o editor do Almanaque cedesse ao concurso atendendo aos pedidos? Se para desvendar as questões é preciso o conhecimento de iniciados, as pesquisas sobre o tema são escassas. Um caminho foi tentar encontrar os poucos grupos e publicações de charadistas no Brasil e em Portugal.

"Charadismo é a arte de fazer amigos", ensina o senhor Jayme Perdelhas Carvalho, secretário geral do Círculo Enigmístico Carioca. A frase é dita por ele, que usa o pseudônimo *Vichnu*, em contato por telefone. Depois, por escrito, em uma carta do Rio de Janeiro para Fortaleza, acrescenta informações sobre o tempo atual que revela uma continuidade daquilo que é visto nos Almanaques estudados, a formação de redes em torno do charadismo[537].

Uma lenda corrente que chega aos dias de hoje diz que o primeiro charadista foi Édipo, filho de Jocasta e Laio, rei de Tebas. Por esse tempo, um monstro, a Esfinge, devastava os arredores de Tebas, devorando os viandantes que não adivinhavam os seus enigmas. Por responder corretamente ao enigma da Esfinge, livrando o país do monstro, o nome Édipo passou a designar as pessoas que sabem desvendar enigmas, resolver questões obscuras.

Jayme reafirma que a prática ultrapassa fronteiras, sem distinguir religião, raça, preferência política. Os pseudônimos aparecem como forma de identificação da comunidade, mesmo que não se esconda o verdadeiro nome. Diz Jayme:

> O charadismo pode ser praticado por qualquer pessoa mesmo sem curso superior, que admire a língua portuguesa, sem distinção de religião, raça ou simpatia política. Seus praticantes são conhecidos por pseudônimos,

536 No primeiro ano, 15 leitores aceitaram o concurso. Entre eles, nomes que participavam dos concursos de outras publicações, como D. Izabel Omphale Gondim e J. Nogueira, vistos antes no *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* e *Almanak do Rio Grande do Sul*. Constavam ainda na lista Pedro de Souza Pinto (94 acertos), J. Nogueira (93), Jovelino de Souza (76), Rocambolle (75), D. Izabel Omphale Gondim (74), F. Telles de Souza (71), Vicente Arruda (70), Francisco Bricio Magalhães (63), Liberato Nogueira (50), Sophocles C. (38), Zé Bornéo (37), Castor (35). *Idem,* p.196.

537 Seu Jaime, ou Vichnu explica que existem os cruzadistas, charadistas e enigmistas.

> havendo entre eles um sentimento de simpatia e admiração mesmo não havendo o conhecimento pessoal entre eles[538].

Essa lógica pode ser vista nos concursos de charadas realizados nos Almanaques. Aliás, uma das vias mais acessíveis de participação nas edições. Se os textos em prosa e outras colaborações enviadas à redação dos Almanaques nem sempre eram publicados, nos concursos de charadas a participação é garantida, bastando apenas que a correspondência chegasse à redação no prazo hábil. Quem envia as respostas, independentemente do número de acertos, tem seu valor reconhecido, mesmo que não atinja relevante colocação no *ranking*. O sucesso desses concursos pode ser medido pelo número de publicações que os incorporam, número de cartas enviadas e manutenção durante anos desse conteúdo. Aparecem como uma das formas de maior sucesso para envolver leitores, sendo também "termômetro" para a boa aceitação do impresso.

No caso do *Almanach do Ceará*, é curioso perceber que o número de leitores que enviavam listas de respostas aos desafios publicados é menor do que o número dos que elaboravam charadas, enigmas e logogrifos, ou seja, mais leitores queriam ter suas elaborações publicadas. Poucos nomes, embora constantes, entregavam ao organizador do Almanaque suas listas de respostas[539]. A falta de um prêmio aos vencedores do concurso - estratégia usada por outros Almanaques - e principalmente a circulação mais restrita do *Almanaque do Ceará* podem estar ligadas à formação de um grupo reduzido de participantes.

Já para outros Almanaques, a contagem do número de participantes do *Concurso de Charadas* funciona como um atestado da boa aceitação do impresso[540]. O *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* ressalta esse interesse na edição para o ano de 1893. O aumento crescente dos leitores que enviavam suas respostas é apontado como sinal de auspício para o ano que chega. A participação das mulheres, mais que o dobro de um ano para o outro, é comemorada, constatando o sucesso do Almanaque entre as brasileiras, que "se muitas vezes não as deleita, sempre as instrui":

---

538 Trecho da carta enviada por Jayme Perdelhas Carvalho.

539 O número de leitores que enviaram respostas às charadas, enigmas e logogrifos publicados no Almanaque do Ceará organizado por João Câmara é constante, tomando os anos de 1899 (10 participantes), 1900 (sete participantes), 1901 (nove participantes), 1902 (sete participantes). No entanto, mais de cinquenta colaboradores enviavam anualmente suas elaborações a serem decifradas.

540 Na edição para o ano de 1904, o *Almanak do Rio Grande do Sul* destaca que atingiu pela primeira vez o número de 329 decifradores, que enviaram de diferentes pontos do Brasil e alguns outros países suas listas de respostas à redação do impresso. *Almanak do Rio Grande do Sul para o ano de 1904.* Edição sem informações bibliográficas, p.287.

> Esse ano começou com melhores auspícios. Nos anos anteriores, desceu o número dos decifradores a 54 – a 72 – a 91 – e a 100. Este ano, os decifradores das charadas de 1892 subiram a 126. O ano passado o numero das senhoras decifradoras não passou de 21 -, este ano esse numero ascende a 53, muito mais o dobro e estas senhoras, menos uma, são todas do Brasil. Vão entregando-se a esta diversão, que se em muitas vezes as não deleita, sempre as instrui[541].

Mais do que uma distração, as decifrações são parte do projeto de instrução inscrito no Almanaque. Caráter reforçado pelo *Almanak do Rio Grande do Sul* ao instituir regras para as colaborações charadísticas na edição de 1904. Os organizadores diziam buscar "tornar a leitura mais atraente", disciplinando as composições de charadas, logogrifos e enigmas. Se aparentemente aumentavam as dificuldades, ofereciam "um incentivo para (os colaboradores) primarem em seus trabalhos", tornando o passatempo instrutivo.

> Queremos com isso transformar o que se tem procurado tornar um verdadeiro quebra-cabeças em um passatempo instrutivo, um jogo de espírito, uma diversão agradável[542].

Para além de diversão agradável, o tema é encarado com seriedade pelas publicações e leitores. Charadas, enigmas e logogrifos exigem esforço e concentração, desenvolvem habilidades, aumentam o vocabulário e levam à pesquisa. De uma forma peculiar, as charadas pautam a leitura.

Os grupos de charadistas em torno dos Almanaques adquiriam publicações próprias, ou melhor, formavam suas próprias bibliotecas como suporte à resolução dos desafios. No *Almanak do Rio Grande do Sul para o ano de 1909*, uma página inteira de anúncio dá a lista "*dos únicos dicionários com que trabalham os decifradores da publicação"*, o que demonstra o interesse nos *Concursos*. Como o *Dicionário prosódico de Portugal e Brasil*, oferecido à venda pela Livraria Americana, a mesma que editava o Almanaque. Com encadernação inteira de couro, o dicionário era enviado para qualquer

541 *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1893*. Por Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1892, p.37.
542 *Almanak do Rio Grande do Sul para o ano de 1904.* Op.Cit., p.286.

ponto do Brasil por 10$[543] (dez mil réis).

O Almanaque descrevia cada uma das obras da *Biblioteca do Charadista*, reforçando a qualidade: O *Dicionário da Fábula*, um volume, encadernado, com gravuras, era enviado por 3$ (três mil réis), mais $400 (quatrocentos réis) de postagem. Há ainda na relação, títulos como o *Novo Vocabulário Universal da Língua Portuguesa*, histórico, biográfico, geográfico e mitológico, que podiam ser comprados por 7$ (sete mil réis), em "dinheiro, vales postais, notas do tesouro, selos do correio"[544].

Além de anunciados à venda, os livros eram também ofertados como prêmios para os primeiros colocados nos concursos[545]. O *Almanak do Rio Grande do Sul para o ano de 1904* traz uma relação de títulos oferecidos pelo patrocinador do concurso charadístico, a firma Lopes & Farall, fabricantes da Tinta Americana. Para chamar atenção, "Grandes prêmios" são descritos em letras graúdas, na folha em papel rosa, anexada à Parte Literária.

O primeiro colocado receberia dois grandes volumes encadernados do *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*, por Caldas Aulete. Outros decifradores "menos hábeis, ou menos felizes" poderiam ser contemplados com um título menos luxuoso, mas também de uso nos próximos concursos, o *Dicionário da Fábula*, por Chompré. Numa lógica particular, teriam de atingir colocações específicas: 25º, 50º, 75º e 100º lugares na relação respectiva[546]. Para não gerar dúvidas e desconfianças sobre possíveis privilégios aos leitores do Rio Grande do Sul, pela proximidade geográfica, o Almanaque avisa das estratégias que adota para "igualar as probabilidades". Prova da idoneidade do concurso foi a primeira carta recebida no ano anterior, vinda de Fortaleza, no Ceará:

> Para que os decifradores de outros estados não se desesperem de alcançar os prêmios, supondo que os do Rio Grande do Sul lhes levará grande vantagem, convém dizer que prevalece sempre a data do carimbo do correio da carta com as listas, e que o Almanak é expedido para o norte

543 *Almanak do Rio Grande do Sul para 1909*. Op.Cit., s/p, anúncio. Esse dicionário é de autoria de José de Carvalho e João de Deus.

544 Idem, Ibidem. O anúncio traz os títulos: *Dicionário Enciclopédico da Língua Portuguesa*; *Novo dicionário universal português linguístico, científico, bibliográfico, geográfico, mitológico e artístico*; *Dicionário da Língua Portuguesa*; *Dicionário de Sinônimos*; *Novo vocabulário Universal da Língua Portuguesa*; *Novo Dicionário Portátil da língua Portuguesa*.

545 Dizer que em outros almanaques também havia premiações, como o *Almanach de Lembranças*, *Almanach Popular Brazileiro*, *Almanach das Senhoras*.

546 *Almanak do Rio Grande do Sul para o ano de 1904.* Op.Cit., s/p. O anúncio fica entre a página 194 e 195, mostrando que foi anexado à publicação. O anúncio orientava que "no caso de haver diversas listas com número igual de soluções caberá o prêmio ao primeiro que tiver posto a carta no correio".

> do Brasil antes de ser exposto á venda no estado, de modo que os mais distantes são os que o recebem primeiro. (...) Assim, este ano, uma das primeiras listas recebidas foi da cidade de Fortaleza, no Ceará[547].

Nas regras dos *Concursos de Charadas*, há indicação dos livros que são referência para a consulta. O *Almanak do Rio Grande do Sul para o ano de 1904* indica nove diferentes títulos de dicionários, conciliando "*os interesses de uns e de outros*", adotando os títulos "*de mais módico preço e mais conhecidos e generalizados*". São dicionários prosódicos, de fábulas, de sinônimos, poéticos e de epítetos, enciclopédicos, universais, portáteis, "do povo" [548]. Com preços e encadernações diversos, mas todos à venda na livraria Americana, que editava o Almanaque.

A preocupação em definir regras para os concursos é recorrente nas publicações. O *Almanach das Senhoras Portugal e Brazil para o ano de 1903* também aponta e exige a consulta à sua lista de dicionários, primando pelo bom vernáculo, atestado pelos livros:

> Serão por igual rejeitadas todas as composições enigmaticas que se baseiem sobre vocabulos arrevezados e extranhos ao lexicon. E a todos exigimos "*sine qua non*", que escolham palavras que se encontrem nos dicionários de Faria, Lacerda, Aulette, Roquette e outros, trazendo indicando á margem o dicionário a que pertencem[549].

Quem quisesse ver sua composição impressa teria que seguir as instruções sobre conteúdo e forma de envio da correspondência. Disposição das charadas na página, tamanho do papel, número de colunas, separação das composições, identificação dos autores, entre outras exigências, eram reforçados para não haver reclamação depois. Se alguém ainda achar que se tratava de uma brincadeira tola para matar o tempo, a complexidade das regras e o grau de especificidade ajudam a mudar de ideia:

---

547 *Almanak do Rio Grande do Sul para o ano de 1904.* Op.Cit., p.287.

548 Os dicionários listados para o *Concurso de Charadas* são: *Dicionário prosódico de Portugal e Brazil*, por Antonio José Carvalho e João de Deus; *Dicionário enciclopédico da língua portugueza*, por Simões da Fonseca; *Novo dicionário universal português*, por Francisco de Almeida; *Dicionário da língua portuguesa*, da coleção dos *Dicionários do Povo*; *Dicionário da língua portugueza* e *Dicionário de sinônimos, poético e de epítetos*, por Fonseca e Roquette; *Novo vocabulário universal da língua portugueza*, por Levindo Castro de la Fayette; *Novo dicionário portátil da língua portugueza*, por M. M. Dantas; *Dicionário da Fábula*, por Chompré. Idem, p.286-287.

549 *Almanach das Senhoras Portugal e Brazil* para o ano de 1903. Op.Cit., p.11. Os autores de composições de charadas também deveriam, obviamente, enviar as respostas junto com os textos: "Não publicaremos nenhuma charada, logogripho ou enigma, que não venha escrito de um só lado da página, trazendo a palavra ou palavras da sua decifração".

> Lembramos também aos nossos colaboradores que as suas listas de decifrações devem ser escritas em papel de formato grande, a duas colunas, indicando o número correspondente a cada charada, logogripho ou enigma decifrado, separando em grupos estas diversas composições e mencionando no fim a totalidade somada. Também pedimos o cuidado de assinarem sempre as suas listas de decifrações, pois de contrário, como´é muito fácil, ao fazer se-lhes a revisão, separem-se das cartas que as acompanham, pode dar-se o caso de se lhes perder a procedencia[550].

Houve regra até para reduzir a disparidade entre o número de participantes brasileiros e portugueses. A partir da edição de 1884, as organizadoras do *Almanach das Senhoras,* editado em Lisboa, separaram séries de problemas para leitores brasileiros e portugueses. "A presença de brasileiros charadistas e decifradores era tão notável que ofuscava os leitores locais; e, como havia prêmios e concursos relativos às charadas, o periódico tomou a iniciativa de proteger a prática da distração em sua terra natal"[551], comenta pesquisa de Ana Cláudia Gomes.

A estratégia não conteve a participação crescente de brasileiros e da cultura charadística que, segundo a autora, se consolida a partir de 1900 no *Almanach das Senhoras*. As regras para publicar charadas ficam ainda mais rígidas para disciplinar o grande número de colaborações, em maioria, vindas do Brasil[552]. Alguns leitores atingiam tanta notoriedade como decifradores no Almanaque que se tornavam juízes responsáveis pela escolha das melhores charadas publicadas. A cearense Olympia Arnaud e o carioca Gondemaga são exemplos de leitores que viraram juízes, com direito a retrato na edição de 1926[553].

---

550 Idem, Ibidem.

551 GOMES, Ana Cláudia. *O Almanach das Senhoras (1871-1927) e um projeto político de acesso feminino à cultura letrada.* Op.Cit., p.116. A autora mostra uma progressiva participação vinda do Brasil, em função do charadismo, em números. Em 1889, dos 40 leitores que decifraram toda a série de problemas, 33 eram brasileiros. Em 1904, das 95 pessoas que decifraram a totalidade dos problemas, 74 eram brasileiras. Em 1921, essa relação era de 133 decifradores, sendo 110 brasileiros. Entre os 30 primeiros colocados no mesmo ano, 27 enviaram as respostas do Brasil. Na seção de correspondências, chamada "*Do Tejo ao Atlântico*", dos 50 bilhetes escritos pela organizadora Júlia de Gusmão, 33 eram de remetentes do Brasil.

552 Somente de Pernambuco, foram localizados cerca de 200 logografistas no período, de acordo com pesquisas de Luzilá Ferreira Gonçalves. Entre estes, muitas mulheres. FERREIRA, Luzilá Gonçalves. Poesia feminina em Pernambuco no segundo oitocentismo. In GOTLIB, Nádia Batella (org.). *A mulher na literatura*, v. 2. Belo Horizonte: UFMG, ANPOLL, 1990, p.136, *apud* GOMES, Ana Cláudia. *O Almanach das Senhoras (1871-1927) e um projeto político de acesso feminino à cultura letrada.* Op.Cit., p.117.

553 Os julgamentos sobre as melhores charadas publicadas foram publicados abaixo dos retratos dos dois

A contribuição dos brasileiros no *Almanach das Senhoras* chama atenção quanto à disposição geográfica. Os charadistas das regiões que chamamos hoje de Norte e Nordeste do Brasil são maioria[554] no começo do século, superando as colaborações vindas de centros urbanos do Sudeste e Sul. Ana Cláudia Gomes aponta como fatores para isso a importância da comunidade lusa nessas regiões e a proximidade geográfica dos portos em relação a Portugal, favorecendo as trocas culturais com a antiga metrópole. No entanto, não se pode esquecer a concorrência de títulos com esse conteúdo em cidades de grande expressão editorial, como o Rio de Janeiro, ou de uma produção em ascensão, como São Paulo. Praças com tradição editorial, como a Bahia, também contribuíam para essa relação. Apesar das ressalvas, o dado confirma a facilidade com que o Almanaque percorre espaços para além dos grandes centros, tendo as charadas como um dos elementos instrutivos de atração de leitores.

Nessa teia de possibilidades construída pelo Almanaque, a participação feminina é significativa no processo de ampliação do público. A presença ou invisibilidade das mulheres nas publicações dizem muito sobre as possibilidades oferecidas pelo gênero, em diálogo com os intercâmbios culturais e sociabilidades promovidos pelo impresso no fim do século XIX e começo do século XX. Diz ainda sobre a relação entre o Almanaque e as práticas de leitura das mulheres.

Mulheres de Almanaques

> *"Maria não dizia palavra, recolhia-se ao silêncio do seu quarto a costurar ou a ler o Almanaque das Senhoras por desfastio, para se distrair".*
>
> Adolfo Caminha (A Normalista)

"Como um pastor de ovelhas a velar o seu rebanho", Berreto, professor de Geografia da Escola Normal de Fortaleza, passava os olhos pela sala antes de iniciar mais um dia de aula. Personagem do romance de Adolfo Caminha, ele encarna a figura do mestre exemplar no fim do oitocentos: dedicado, de modos austeros, mas eloquente no ensino e com "bonomia paternal". Uma das alunas, a normalista Maria do Carmo, o

juízes. Na edição de 1926 eram Olympia Arnaud e Gondemaga. GOMES, Ana Cláudia. *O Almanach das Senhoras (1871-1927) e um projeto político de acesso feminino à cultura letrada.* Op.Cit., p.117. Olympia Arnaud era também colaboradora do *Almanach do Ceará*, organizado por João Câmara.

554 Em 1902, dos 123 decifradores, 59 eram brasileiros, sendo 25 do Norte e 23 do Nordeste. Na edição para 1906, o Almanaque teve 136 decifradores, sendo 98 brasileiros. Desses, 25 eram do norte e 55 do Nordeste. O restante vinha do Sul, Sudeste ou sem indicação de procedência. Idem, Ibidem.

distingue de outros professores, que “davam suas lições como papagaios”, mostrando as qualidades para possuir um “excelente método de ensino”: Berreto “era claro, explícito, capaz de prender um auditório ilustrado”; “sabia atrair a atenção das alunas com descrições pitorescas e pilhérias encaixadas”[555].

O professor da ficção diz sobre livros e leitura prescritiva para moças, que instruía e moralizava, em oposição à leitura reprovável, perniciosa para a formação das mulheres. Não por acaso, o primeiro autor lembrado por Berreto é Julio Verne, “propagandista das ciências”, com obras que se fazem “precioso tesouro de conhecimentos úteis e agradáveis”. Os livros são recomendados para a leitura das alunas nas horas de ócio, deixando implícito que não prejudicariam outros afazeres: “Comprem a *Viagem ao Centro da Terra*, *Os filhos do Capitão Grant* e tantos outros romances úteis, e encontrarão neles alta soma de ensinamentos valiosos, de conhecimentos práticos...”[556].

Berreto indicava obras de Julio Verne querendo afastar as normalistas das “leituras sem proveito”, algumas até “impróprias para uma moça de família”, para não citar os “*livros obscenos*”, que decerto as alunas não ousavam conhecer. Referia-se então a

> esses romances sentimentais, que as moças geralmente gostam de ler, umas historiazinhas fúteis de amores galantes, que não signidicam coisa alguma e só servem para transtornar o espírito às incautas... Aposto em como quase toas as senhoras conhecem a Dama das Camélias, a Lucíola... (...) Entretanto, rigorosamente, são péssimos exemplos...[557]

A normalista Maria do Carmo experimentava diferentes experiências de leitura. Ela se interessava pelos temas que o professor de Geografia apontava, tinha seus livros escolares, mas se permitia a novas sensações por meio de outros impressos. Descobria os livros proibidos, objeto manuseado às escondidas, dentro da rede, quando todos iam dormir. Foi assim quando a amiga lhe apresentou ao *Primo Basílio*, de Eça de Queiroz. “*Maria folheou ao acaso aquela obra prima, disposta a devorá-la. E, com efeito, leu-a de fio a pavio, página por página, linha por linha, palavra por palavra, devagar, demoradamente*” [558].

Entre livros escolares e títulos “proibidos”, havia outro modo de leitura, cotidiano,

555 CAMINHA, Adolfo. *A normalista*. São Paulo: Ática, 1985. (Serie Bom Livro), p.50.
556 Idem, Ibidem.
557 Idem, Ibidem.
558 Idem, p. 24.

realizado em meio a atividades corriqueiras. Para isso, tinha em mãos um Almanaque. O objeto podia ficar exposto pela casa, fácil de ser encontrado nas horas de distração. Era a leitura "de desfastio": diferenciava-se dos livros escolares, mas também trazia aprendizado; ao contrário dos "romances perniciosos", não precisava ser escondido; alternava a leitura com os momentos de costura, de conversa. Não era citado pelo professor entre os livros indicados, mas tinha as características aprovadas por ele, pois oferecia ensinamentos úteis e conhecimentos práticos.

A abertura do Almanaque para as mulheres ocorre de forma acentuada no oitocentos. Não que o gênero deixasse de circular em mãos femininas desde muito antes, na consulta do Calendário, santos do dia, marcando as festividades, tendo acesso aos conhecimentos úteis. No entanto, nesse período, em sintonia com as novas dinâmicas urbanas, percebe-se o número crescente de anúncios de produtos para o lar, cuidado com a higiene, saúde e beleza e divulgação de outros impressos, fossem de instrução, romances, livros de receitas, frutos de um universo editorial atento às novas leitoras do século XIX.

No anúncio do *Almanach do Ceará para 1896*, as costureiras aparecem como as mais interessadas nas "elegantes, fortes, baratas e garantidas" máquinas de costura *Davis Sewing Machine Co*. – "as melhores do mundo". À venda na loja Confucio, rua Major Facundo em Fortaleza, traz promessas de inovação e avanços tão grandes que a costura pode ser feita até "de olhos fechados":

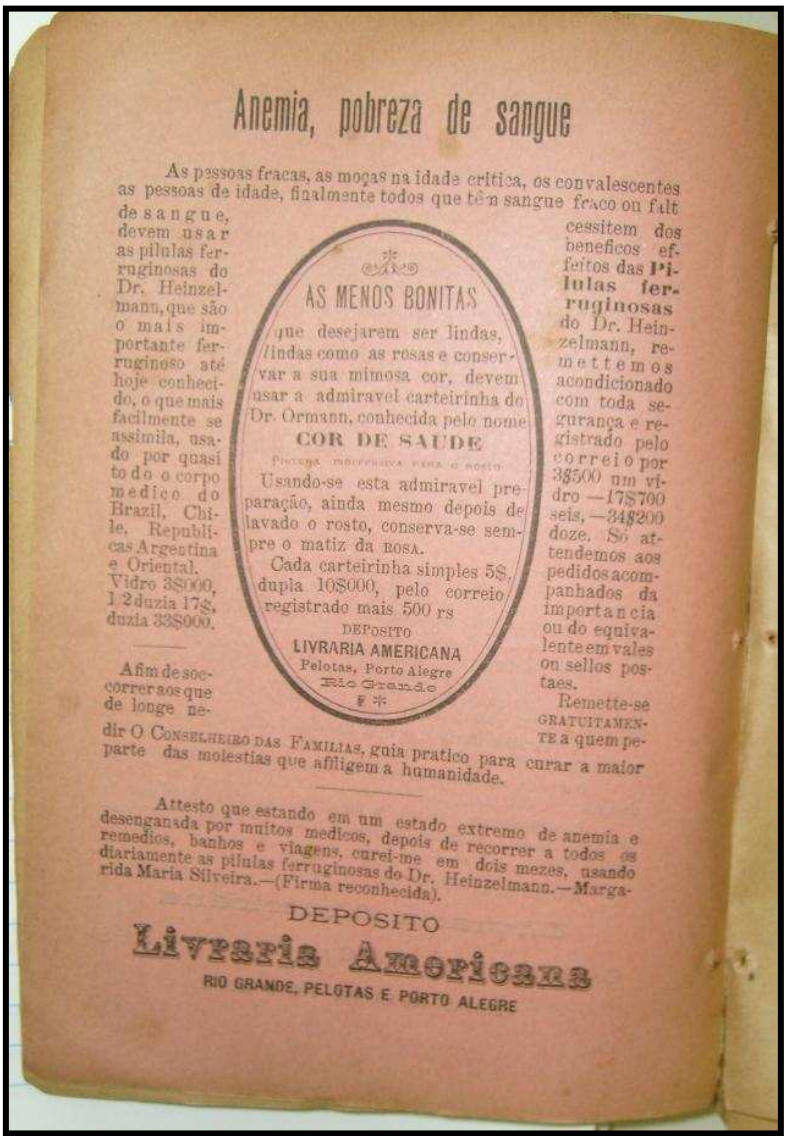
> Proporciona as costureiras 50 especies de trabalhos especiais com suas ferramentas novissimas alem dos trabalhos conhecidos e antigos das outras MAQUINAS DE COSTURAS.
> Tem um instrumento – *SUI GENERES* – que enfia as agulhas da machina sem ser preciso claridade nem vista perfeita – enfia mesmo fechando os olhos[559].

Nos anúncios de medicamentos e produtos de higiene, as mulheres são cada vez mais vistas – nas imagens, nos textos, nos relatos que atestam a eficácia das fórmulas, recomendando uma compra segura. Em anúncio no *Almanach Popular Brasileiro para 1902*[560], a palavra da senhora Margarida Maria Silveira é prova dos benefícios das *Pílulas*

559 *Almanach Administrativo, Estatístico, Mercantil e Industrial do Estado do Ceará para o ano de 1896.* Fortaleza: Typ. d´A República, 1896, p.XXIV.

560 *Almanach Popular Brasileiro para o ano de 1902*. Porto Alegre: Echenique Irmãos & Cia, Livraria

ferruginosas do Dr. Heinzelmann, indicada inclusive "*às menos bonitas que desejarem ser lindas*". Com firma reconhecida, ela relata que "em estado extremo de anemia e desenganada por muitos médicos, depois de recorrer a todos os remédios, banhos e viagens", curou-se em dois meses usando o produto, que podia ser remetido gratuitamente a quem comprasse o livro *O Conselheiro das Famílias*[561], vendido pela Livraria Americana, que edita o Almanaque.



Anemia, pobreza de sangue

As pessoas fracas, as moças na idade critica, os convalescentes as pessoas de idade, finalmente todos que têm sangue fraco ou falt de sangue, devem usar as pilulas ferruginosas do Dr. Heinzelmann, que são o mais importante ferruginoso até hoje conhecido, o que mais facilmente se assimila, usado por quasi todo o corpo medico do Brazil, Chile, Republicas Argentina e Oriental. Vidro 3$000, 1/2 duzia 17$, duzia 33$000.

AS MENOS BONITAS

que desejarem ser lindas, lindas como as rosas e conservar a sua mimosa cor, devem usar a admiravel carteirinha do Dr. Ormann, conhecida pelo nome

COR DE SAUDE

Usando-se esta admiravel preparação, ainda mesmo depois de lavado o rosto, conserva-se sempre o matiz da rosa.

Cada carteirinha simples 5$, dupla 10$000, pelo correio registrado mais 500 rs

DEPOSITO
LIVRARIA AMERICANA
Pelotas, Porto Alegre
Rio Grande

cessitem dos beneficos effeitos das **Pilulas ferruginosas** do Dr. Heinzelmann, remettemos acondicionado com toda segurança e registrado pelo correio por 3$500 um vidro — 17$700 seis, — 34$200 doze. Só attendemos aos pedidos acompanhados da importancia ou do equivalente em vales ou sellos postaes.

Remette-se GRATUITAMENTE a quem pedir O CONSELHEIRO DAS FAMILIAS, guia pratico para curar a maior parte das molestias que afligem a humanidade.

Attesto que estando em um estado extremo de anemia e desenganada por muitos medicos, depois de recorrer a todos os remedios, banhos e viagens, curei-me em dois mezes, usando diariamente as pilulas ferruginosas do Dr. Heinzelmann.—Margarida Maria Silveira.—(Firma reconhecida).

DEPOSITO
Livraria Americana
RIO GRANDE, PELOTAS E PORTO ALEGRE

Imagem 22 – Anúncio de pílulas ferruginosas no *Almanach Popular Brasileiro para 1902*. Acervo IEB.

Universal, 1902, s/p.

561 O livro é descrito como um "Guia prático para curar a maior parte das molestias que afligem a humanidade". Caso a pessoa não quisesse comprar o livro, o frasco do medicamento seria remetido pelo correio por 3$500, ou pagaria 17$700 por seis frascos. Idem, Ibidem.

Na abertura às colaborações é que a presença feminina se torna mais significativa. A cada ano, mais leitoras atendem ao convite das publicações, tendo como porta de entrada a literatura, na escrita de versos e textos em prosa, e mais uma vez o charadismo. “Pôde decrescer o número de decifradores, o que ultimamente não tem sucedido; o das senhoras, que se dedicam ao improbo trabalho de decifrar, cresce de ano para ano”, constata o *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1888*[562].

Ainda no ano de 1867, o *Almanach de Lembranças Brasileiras*, editado no Maranhão, comemorava o aumento da participação de colaborações femininas na Parte Literária. Na edição para 1868, quatro senhoras “honraram o Almanaque com seus preciosos escritos”[563]. Número aumentado quando se compara à edição anterior: somente uma mulher entre os colaboradores. Mais ainda, era uma mulher pioneira, nome que conquistou destaque nas letras locais, mesmo sendo mulata e bastarda: a escritora maranhense Maria Firmina dos Reis, autora do que é considerado primeiro romance antiescravagista, *Úrsula*[564]. Então professora de primeiras letras, era colaboradora assídua de jornais literários, divulgando obra em prosa, poemas e se destacando também como charadista[565].

A presença de mulheres destacadas nas letras parece ter sido o impulso para que outras enviassem seus textos. Estavam certas que seriam acolhidas pelo Almanaque, interessado em ampliar sua circulação e comprometido a difundir o ideal de progresso pela instrução. Em alguns títulos, a leitura com objetivo religioso era outra porta de entrada para a escrita feminina. Exceção entre os colaboradores homens, Emilia Augusta Penido, escreve sobre a “Cruz” no *Almanach Brasileiro Ilustrado para 1881.* Em acordo

562 *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1888*. Lisboa: Livraria de Antônio Maria Pereira, 1887. Segundo o editor, no suplemento à edição do ano de 1887, foram 11 as senhoras que entraram na lista. Em 1888 já eram 19 senhoras.

563 Em 1868, “as excelentíssimas senhoras” colaboram com o Almanaque: D.Antônia Senhorinha Carneiro Berford Rego, D. Garcia Hermelinda da Cunha Matos, D. Maria Firmina dos Reis, D. Maria Josepha Barreto.

564 Maria Firmina dos Reis (1825-1917) nasceu em São Luiz do Maranhão. Como criança bastarda e mulata, viveu em contexto de extrema segregação racial e social. Mantém presença constante na imprensa local, publicando poesia, ficção, crônicas, enigmas e charadas. É autora dos romances Úrsula (1859) e Gupeva (1861), este de temática indianista. Aos 22 anos, vence concurso público para a “Cadeira de Instrução Primária” na cidade de Guimarães (MA). Ao se aposentar, no início da década de 1880, funda a primeira escola mista e gratuita do Estado e volta para a sala de aula. Cf. DUARTE, Eduardo de Assis (pósfácio). In REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004.

565 Era assídua escrevendo em jornais como A Verdadeira Marmota, Semanário Maranhense, O Domingo, O País, Pacotilha, Federalista, entre outros. Além da atividade literária, foi também musicista, autora do Hino da libertação dos escravos e Hino à mocidade. Em 1880, fundou uma escola gratuita para crianças de ambos os sexos que escandalizou os círculos locais em um período em que não havia escolas mistas. MUZART, Zahidé Lupanacci. Maria Firmina dos Reis. In MUZART, Zahidé Lupanacci (org.) *Escritoras Brasileiras do Século XIX*. Antologia, Volume I. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2000, p.p.264-289, p.264.

com a intenção instrutiva e religiosa da publicação, ela compara o livro e a cruz, esta "objeto de veneração e amor", aquele por "pregar o amor infinito de Jesus"[566].

Já bem-vindas às páginas, as mulheres chegam também aos títulos dos Almanaques. Tomando o universo luso-brasileiro, encontram-se cada vez com mais recorrência a partir da segunda metade do século XIX nomes em referência ao público feminino, como o *Almanach das Senhoras Portuenses*[567], *Almanach das Senhoras Portuguesas e Brasileiras*[568], *Almanach das Senhoras para o Brasil e Portugal*, *Almanaque das Lavadeiras*[569], *Almanaque elegante: dedicado às senhoras portuguesas*[570], entre tantos outros. O Almanaque se afirma como veículo que estimula a escrita de mulheres já reconhecidas nas letras, mas principalmente, a muitas anônimas que passam a conviver em um mundo antes restrito aos homens.

566 *Almanach Brazileiro Ilustrado para 1881.* Op.Cit., p.141. Texto A Cruz, de Emilia Augusta Penido, de São Domingos, Rio de Janeiro.

567 *Almanach das Senhoras Portuenses para 1885: Literário, científico e recreativo.* Porto: Livraria Portuense de Lopes, 1885. Organizado por Albertina Paraizo. In GALVÃO, Rosa Maria (coordenadora). *Os Sucessores de Zacuto: o almanaque na Biblioteca Nacional do século XV ao XXI*. Op.Cit, p.65.

568 Antes chamado *Almanach das Senhoras Portuenses*, muda de nome no terceiro ano, edição para 1888, a partir da participação de leitoras de outros pontos de Portugal e do Brasil. Segundo a organizadora Albertina Paraizo, na abertura da publicação, a alteração se deu "para nele abrangermos, por igual, a nossa homenagem às damas de Portugal e Brazil, que de umas e outras recebemos honrarias e provas de afeto e de imerecido apreço". *Almanach das Senhoras Portuguesas e Brazileiras para 1888*. Porto: Casa editora de Alcino Aranha & Cia, 1887, s/p. Acervo IEB.

569 *Almanaque das Lavadeiras*. Lisboa: Imprensa Minerva, 1893. In GALVÃO, Rosa Maria (coordenadora). *Os Sucessores de Zacuto: o almanaque na Biblioteca Nacional do século XV ao XXI*. Op.Cit., p.65.

570 *Almanach Elegante: dedicado às senhoras portuguesas*. Porto: Typ. Lusitana, 1866. Idem, p.72.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"É muito provável que algumas indicações me tenham escapado, mas o leitor me desculpará, atendendo as razões expostas, comprometendo-me desde já sanar as lacunas no Almanack do ano seguinte".

João Câmara (Almanack da Fortaleza, 1895).

Fazia pouco tempo que o rapazote de doze anos descobrira a leitura. Ao aprendizado "tormentoso", seguia com a dificuldade de juntar palavras. E ainda que devagar, ia lidando melhor com as letras, entre "tropeços". "Passou, então, a ler tudo, de jornais velhos a folhinhas e Almanaques. Para ele, ler passou a ser uma exigência, mas onde encontrar livros? Conhecia, de longe, como uma miragem, a biblioteca do tabelião Jerônimo Barreto"[571].

A narrativa sobre o jovem Graciliano Ramos, apresentada pelo jornalista Audálio Dantas, oferece uma sugestiva imagem sobre formas de contato com a leitura (e o fazer-se leitor). Primeiros anos do século XX, na pequena cidade de Viçosa, Alagoas. A presença escassa dos livros se fazia em gabinetes privados, nem sempre ao alcance das mãos e da vista do leitor em formação. Outros impressos eram mais acessíveis: panfletos, jornais, textos de devoção, e também com circulação ampliada, os Almanaques.

À maneira de leitura útil e instrutiva, o Almanaque atravessou o século, firmando-se como impresso que chegava a todos, e especialmente, para quem tinha poucos livros à disposição, realizando o sonho dos que queriam ler muitos livros num só. Por esse alargamento, e também por abrigar na sua diversidade conhecimento ligeiro, receitas para a *vida pequenina e caseira*, como diz Eça de Queiroz, levou a expressões de uso nem sempre lisonjeiro, como *ciência de almanaque*, *cultura de almanaque*.

Souto Maior lembra que houve um tempo em que para salientar os parcos conhecimentos de alguém, costumava-se dizer, pejorativamente, que sua cultura era uma *cultura de almanaque*[572]. O próprio Graciliano Ramos, ao tratar de sua

[571] DANTAS, Audálio. O chão revisitado. In DANTAS, Audálio; SANTANA, Tiago. *O Chão de Graciliano.* Fortaleza: Tempo d´Imagem, 2006, pp.17-21, p.17. Graciliano Ramos de Oliveira nasceu em 1892 em Alagoas. Foi jornalista, autor de romances e crônicas, como Caetés, Angústia, São Bernardo, Vidas Secas.

[572] MAIOR, Mário Souto. *O Homem e o Tempo.* Recife: Comunicação e Editora, 1995, p.22.

formação, afirma: "*Instrução quase nenhuma. José Lins do Rego tem razão quando afirma que a minha cultura, moderada, foi obtida em Almanaques*[573]". Com um repertório de conhecimento variado, o gênero caminhava no século XX sendo uma referência de leitura nos espaços de reduzida circulação do impresso.

No longo capítulo que é a História do Livro e da Leitura, o Almanaque também se oferece como porta de acesso, realizando travessias entre Portugal e Brasil, envolvendo as várias províncias, revelando presenças intelectuais além das fronteiras do seu lugar. São fontes que ampliam a compreensão sobre os circuitos de leitura realizados. Levam o pesquisador a abandonar o foco limitado aos grandes centros, às formas de comunicação mais perceptíveis, confirmando que a experiência se mostra mais rica e mais complexa sob a superfície.

Na multiplicidade dos títulos, nas temáticas com que se relaciona, o Almanaque enseja novas pesquisas, abre questões de estudo, traz perspectivas a serem exploradas. As dinâmicas entre as distintas fontes de conhecimento em suas páginas e as relações travadas com um gênero que ultrapassa as fronteiras convencionais de acesso à leitura revelam que o assunto não se encerra, mas se torna instigador por oferecer continuidade.

O Almanaque como lugar da primeira escrita é caminho aberto a novas pesquisas. Leva a refletir quantos encontraram nesse suporte a oportunidade de experimentação do escrever e publicar. Nos conectivos que estabelecem com o Almanaque, leitores se sentem à vontade a enviar sua colaboração. Para alguns, a primeira vez; para outros, a única.

A ampliação do público leitor e dos lugares de leitura são outros pontos a serem explorados. Homens, mulheres, crianças, jovens, aqueles com acesso à instrução formal, autodidatas, analfabetos, ou apenas alfabetizados. Como se apropriam do Almanaque, que relações estabelecem a partir desse impresso em outros espaços que não a escola, a igreja, a faculdade, o gabinete, a biblioteca. Por outro ângulo, o Almanaque oferece alimento para a investigação sobre as distintas habilidades de leitura desenvolvidas pelo impresso. Oferecidas por uma charada, por exemplo, que pode ser para alguns o exercício do conhecimento, uma ponte para novas leituras, distração despretensiosa, uma forma de conhecer pessoas, um hábito para toda vida.

[573] RAMOS, Graciliano. *Cartas.* Rio de Janeiro: Record, 1981, p.165.

Nos estudos que se realizam, as abordagens ao Almanaque apresentam-se tão múltiplas como seus formatos e conteúdo, oferecendo bem mais ao pesquisador que um índice dos equipamentos urbanos da cidade, por exemplo. Mostra vínculos com o conhecimento sobre o urbano, mas também com a História do Livro, a História Intelectual, a História da Cultura. Eliana Dutra apresenta-os como veículos de difusão do hábito da leitura no Brasil. Por essa via, analisou os projetos de nação difundidos por um grupo de intelectuais no *Almanaque Brasileiro Garnier*. Celso Ferreira encontrou o *Almanach Litterario de São Paulo* como parte do projeto de afirmação de uma identidade paulista, contribuindo na formação do imaginário histórico regional. Ana Cláudia Gomes escolheu o *Almanach das Senhoras*, voltado para a formação e consolidação de certas práticas de leitura e escrita entre as mulheres, especialmente portuguesas, brasileiras e espanholas. Entre muitos outros trabalhos.

A fonte favorece os estudos para a História do anúncio e da propaganda. Revela produtos que passaram a ser necessários, ou desejados, para a vida cotidiana, diz das mudanças na linguagem, da incorporação da técnica e suas transformações desde o século XIX. Na inserção das ilustrações, nas vantagens do uso das cores, na presença da literatura para a oferta dos produtos, às vezes se mostrando com rima e até humor, sempre em busca de despertar a atenção e interesse do leitor.

Na sua trajetória, o Almanaque foi versátil, atualizou-se aos novos tempos que se sucederam, experimentando uma profusão fértil desse gênero editorial que teve seu auge desde meados do oitocentos à primeira metade do século XX. Em suas páginas, repercutiu a aceleração do processo de urbanização, adaptou-se aos meios urbanos, mas soube ser necessário e entendido pelo meio rural, difundido pelo campo e nas pequenas cidades. Tornou-se laico, anarquista, veiculou concepções de partidos políticos ou promoveu medicamentos de laboratórios farmacêuticos.

Um olhar mais apressado leva a crer que os Almanaques não resistiram à aceleração do tempo, à concorrência com outras mídias, e vivenciaram o próprio declínio a partir da segunda metade do século XX. O Almanaque feito para ser lido e relido durante o ano parece distante de uma contemporaneidade que experimenta processo inverso, com grande volume de produtos editoriais, porém de uso rápido,

até descartável.

Mas não é bem assim. Continuam a chover Almanaques, mesmo que uma chuvinha miúda, é certo, como observa Yasmin Jamil Nadaf[574]. Em Portugal, *O Verdadeiro Borda d´Água*, ainda em 2010 atinge tiragens de trezentos mil exemplares, apresentando-se com um "*reportório útil a toda gente*". Em produção contínua por mais de oitenta anos, traz a fórmula já conhecida de um público fiel: a Folhinha do Calendário com os santos de cada dia, seguida da astrologia para cada mês, previsões do tempo para a agricultura e, depois de outras seções como a Cronologia, encerra-se com o Juízo do ano. Na edição para o ano 2000, o Juízo se ocupava em dar prognósticos sobre o futuro da nova moeda européia.

> O assunto que neste ano resolvemos tratar nesta página – assunto que de certo já é do conhecimento geral – respeita à chegada ao nosso País da nova moeda européia denominada EURO, moeda que vai substituir o ESCUDO português, e que, note-se bem, veio para ficar definitivamente.[575]

Mesmo que o nome, atualmente, tenha apropriações indevidas, sirva a publicações que se vendem como um bazar de curiosidades sobre determinado assunto, ou guia com informações resumidas de um mesmo tema, as funções assumidas pelo Almanaque têm perenidade e continuam. Às vezes, desdobrando-se por outras publicações. "Podemos dizer que a função na vida quotidiana dos vários públicos a que, ao longo dos séculos, se tem dirigido é a também hoje exercida por três tipos de publicações auxiliares: o calendário, o anuário e a agenda"[576].

E a cada ano, aparecem as agendas temáticas, algumas com poesias e provérbios, outras com tabelas de câmbios, sempre com um calendário, indicando os feriados oficiais, oferecendo suporte para a organização do tempo. Há as agendas para uso de determinadas profissões, ou por estudantes nas escolas, ofertadas como brindes ou adquiridas no comércio. Novo ano, nova agenda. Hábito que guarda conexões com as práticas antes formadas pelos Almanaques?

---

[574] NADAF, YASMIN Jamil. *Dezembro é tempo de almanaques*. Disponível em formato eletrônico em www.yasminnadaf.com.br (último acesso em 15 de agosto de 2010).
[575] *O Verdadeiro Almanaque Borda D´Água para 2000*. Lisboa: Editorial Minerva, s/a, p.24.
[576] GUERREIRO, Manuel Viegas; CORREIA, J. David Pinto. *Almanaques ou a Sabedoria e as tarefas do Tempo. Revista ICALP*, v.6, pp.43-52, agosto/dezembro de 1986.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

1. ARQUIVOS E ACERVOS

Acervo Particular Adelaide Gonçalves (Fortaleza/CE)

Acervo Particular Miguel Ângelo de Azevedo Nirez (Fortaleza/CE)

Arquivo Edgard Leuenroth (AEL) (Campinas/SP)

Arquivo Público do Estado do Ceará (Apec) (Fortaleza/CE)

Biblioteca da Academia Cearense de Letras (ACL) (Fortaleza/CE)

Biblioteca do Colégio Militar de Fortaleza (Fortaleza/CE)

Biblioteca do Instituto do Ceará - Histórico, Geográfico e Antropológico (Fortaleza / CE)

Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) (São Paulo/SP)

Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel (BPGMP), Setores de Obras Raras e Periódicos (Fortaleza/CE)

Center of Research Libraries (www.crl.edu/content/brazil/cea.htm)

Fundação Biblioteca Nacional (FBN), Setores de Obras Raras e Periódicos (Rio de Janeiro / RJ)

Gabinete Real de Leitura Portuguesa (Rio de Janeiro / RJ)

2. FONTES

2.1 – MANUSCRITAS

INVENTÁRIOS

- Inventário registrado no Cartório de Órfãos de Fortaleza, ano de 1870. Inventariada D. Angelica Alexandrina de Oliveira. Inventariante Joaquim José de Oliveira e seus filhos. Arquivo Público do Estado do Ceará (APEC). Cartório de Órfãos, Fortaleza/CE, pacote 33, processo 16, ano de 1870.
- Inventário registrado no Cartório de Órfãos de Fortaleza, ano 1892. Inventariado Gualter Rodrigues Silva. APEC. Cartório de Órfãos, Fortaleza/CE, pacote 122, processo 2, ano de 1892.

RELATÓRIOS

- Livro de consulentes da Biblioteca Provincial do Estado do Ceará de 1878 a 1887. Arquivo Público do Estado do Ceará (APEC). Sem identificação. Livro nº 314.

2.2 – IMPRESSAS

ALMANAQUES

- *Almanaque Civil, Político e Comercial da Cidade da Bahia para o ano de 1845.* Edição fac-similar. Salvador: A Fundação, 1998.
- *Folhinha de Almanak ou Diário Eclesiástico e Civil para as Províncias de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Alagoas para o ano bissexto de 1860.* Recife: Typographia de Manoel Figueiroa de Faria, 1860.
- *Almanach de Lembranças Brazileiras para 1863.* São Luiz: Typ. Do Frias, 1862.
- *Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o ano de 1867.* Lisboa: Typographia Franco-Portugueza, 1866.
- *Almanach de Lembranças Brazileiras para 1869.* São Luiz: Typ. De B. De Mattos, 1868.
- *Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o ano de 1870.* Lisboa: Typographia Franco-Portugueza, 1869.
- *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará para o ano de 1870.* Fortaleza: Typographia de O. Colás, 1870.
- *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro para 1870.* Rio de Janeiro: E & H Laemmert, 1870.
- *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1871*. Lisboa: Lallemant Frères Typographos, 1870.
- *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará para 1873.* Fortaleza: Editor João Baptista Pereira, 1873.
- *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para 1873.* Lisboa: Lallemant Fréres, 1872.
- *Almanach Brazileiro Ilustrado para 1881*. Typ. do Brasil Catholico, 1880.
- *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Império do Brazil para 1883.* Rio de Janeiro: H. Laemmert & C., 1883.
- *Almanach do Cearense para 1883.* Fortaleza: Typographia do Cearense, 1883.
- *Almanak das Províncias do Império do Brazil.* Rio de Janeiro: H. Laemmert & C., 1883.
- *Almanach Literário de São Paulo para 1885.* São Paulo: Typographia da Província de São Paulo, 1885.
- *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1886.* Lisboa: Livraria de Antônio Maria Pereira, 1885.
- *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1888*. Lisboa: Livraria

de Antônio Maria Pereira, 1887.

- *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para 1889.* Lisboa: Typographia e Stereotypia Moderna, 1888.
- *Almanach das Senhoras Portuguesas e Brasileiras.* Porto: Casa Editora de Alcino Aranha & Cia, 1888.
- *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro para o ano de 1889.* Rio de Janeiro: Laemmert & C., 1889.
- *Almanak do Estado das Alagoas para 1891.* Maceió: Typographia do Gutemberg, 1891.
- *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1892.* Lisboa: Livraria de Antônio Maria Pereira, 1891.
- *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1893.* Lisboa: Livraria de Antônio Maria Pereira, 1892.
- *Almanack de Artes e Literatura para o ano de 1895.* Recife: Atelier de Artes Graphicas, 1895.
- *Almanach da Cidade da Fortaleza para 1895*. Fortaleza: s/e, s/a
- *Almanach Administrativo, Estatístico, Mercantil e Industrial do Estado do Ceará para o ano de 1896.* Fortaleza: Typ. d´A República, 1896.
- *Almanach Enciclopédico para 1896.* Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1895.
- *Almanach Administrativo, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará para o ano de 1897*. Fortaleza: Typ. da República, 1896.
- *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o ano de 1896*. Lisboa: Livraria de Antônio Maria Pereira, 1895.
- *Almanach Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará para o ano de 1897*. Fortaleza: Typ. da República, 1896.
- *Almanach Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará para o ano de 1898*. Fortaleza: Typ. Universal, 1898.
- *Almanak de Barry*, 1899. Produzido por Barclay & Co, New York.
- *Almanach Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará para o ano de 1899*. Fortaleza: Typ. Universal, 1899
- *Almanak Paranaense para o ano de 1900.* Curitiba: (s.n), 1900.
- *Almanach Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará para o ano de 1900.* Fortaleza: s/e, s/a.
- *Almanach Administrativo, Estatístico, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará para o ano de 1901*. Fortaleza: s/e, s/a.

- *Almanach da Empresa Litteraria d´A Reforma para o ano de 1901*. Rio Novo: Typographia d´A Reforma, 1900.
- *Almanak da Democracia para o ano de 1902*. Lisboa: Typ. Industrial Portuguesa, 1901.
- *Almanach Popular Brasileiro para o ano de 1902*. Porto Alegre: Echenique Irmãos & Cia, Livraria Universal, 1902.
- *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1902*. Lisboa: Parceria Antônio Maria, 1902.
- *Almanach das Senhoras Portugal e Brazil para o ano de 1903*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira Livraria Editora, 1902.
- *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1903*. Lisboa: Parceria Antônio Maria, 1902.
- *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o ano de 1904*. Lisboa: Parceria Antônio Maria Pereira Livraria Editora, 1903.
- *Almanak do Rio Grande do Sul para o ano de 1904*. Edição sem informações bibliográficas.
- *Almanach Ilustrado d´O Século para o ano de 1905*. Lisboa: s/e, 1905.
- *Almanak Ilustrado de Bristol para o ano de 1905. Preparado para os E.E.U.U. do Brazil*. Edição sem informações bibliográficas.
- *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o ano de 1905*. Lisboa: Parceria Antônio Maria Pereira Livraria Editora, 1904.
- *Almanak Ilustrado de Bristol para o ano de 1906*. Preparado para os E.E.U.U. do Brazil. Edição sem informações bibliográficas.
- *Almanach dos Municípios do Estado do Ceará para o ano de 1908*. Lisboa: Parceria Antônio Maria, 1907.
- *Almanak do Rio Grande do Sul para o ano de 1907*. Rio Grande: Livraria Americana, s/a.
- *Almanak Ilustrado de Bristol para o ano de 1908*. Preparado para os E.E.U.U. do Brazil. Edição sem informações bibliográficas.
- *Almanak Oliveira Júnior & Cia 1908*. Rio de Janeiro: s/e, s/a.
- *Almanak do Rio Grande do Sul para o ano de 1909*. Rio Grande: Livraria Americana, s/a.
- *Anuário do RS para o ano de 1909*. Porto Alegre: s/e, s/a.
- *Almanach Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para o ano de 1910*. Rio Grande: Livraria Americana, s/a.
- *Almanak Ilustrado de Bristol para o ano de 1910. Preparado para os E.E.U.U. do*

Brazil. Edição sem informações bibliográficas.

- *Almanaque de A Aurora para 1913*. Lisboa: Tipografia Minerva, s/a.
- *Almanack de São Carlos 1915*. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; São Carlos: EdUFSCar, 2007.
- *Almanach Commercial Brasileiro 1918*. São Paulo: Editores Olegário Ribeiro & C., 1918.
- *Almanach Estatístico, Administrativo, Industrial e Literário do Estado do Ceará para o ano de 1922*. 100º da Independência do Brasil. Fortaleza: Typ. Gadelha, 1922.
- *Almanaque de A Batalha para 1926.* Edição fac-similar. Lisboa: Coleções Rolim, s/a.
- *Almanach Annuario de São Carlos 1928*. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; São Carlos: EdUFSCar, 2007.
- *Almanaque Comercial para 1928*. Fortaleza: Typ. Urania, 1928.
- *Almanach Estatístico, Administrativo, Mercantil, Industrial e Literário do Estado do Ceará para 1930*. Fortaleza: Typographia Progresso, 1930.
- *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1930*. Lisboa: Livraria de Antônio Maria Pereira, 1929.
- *Almanaque do Estado do Ceará para o ano de 1945*. Fortaleza: Emp. Editora Fortaleza, s/a.
- *Almanaque do Ceará 1955*. Fortaleza: Tip. Royal, 1955.
- *O Verdadeiro Almanaque Borda D´Água para 2000*. Lisboa: Editorial Minerva, s/a.

CALENDÁRIOS

Cearense. *Kalendário para o ano de 1882.* Fortaleza: Typ. Brazileira, 1882.

JORNAIS

***O Almanak*.** Fortaleza.

Consultado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Ano I, nº 01, 25/08/1867.

Aurora Cearense (Jornal Ilustrado, Literário, Científico e Noticioso). Fortaleza.

Consultado no Núcleo de Microfilmagem da Biblioteca Pública Menezes Pimentel.

Ano I, nº01, 27/05/1866; nº 14, 07/09/1866; nº 15, 16/09/1866; nº 16, 23/09/1866; nº 17, 30/09/1866; nº 18, 07/10/1966; nº 22, 11/11/1866; nº 23, 25/11/1866.

A Constituição. Fortaleza

Consultado no Núcleo de Microfilmagem da Biblioteca Pública Menezes Pimentel.
01/03/1870. nº48.

Cearense (Órgão liberal). Fortaleza.
Consultado na Biblioteca Pública Menezes Pimentel.
Edições 04/01/1856; 06/06/1869; 10/01/1872; 01/01/1882; 28/01/1882; 26/04/1882; 18/05/1882; 04/10/1882; 28/10/1882; 29/10/1882; 08/11/1882; 19/11/1882; 03/12/1882; 04/07/1883; 18/07/1883; 28/09/1883.

Jornal da Fortaleza, (Folha Política, comercial e noticiosa: sustenta as idéias liberais), Fortaleza.
Consultado no Núcleo de Microfilmagem da Biblioteca Pública Menezes Pimentel.
Anno II, nº 4, 08/01/1870; nº 27, 05/02/1870.

Libertador, Fortaleza.
Consultado no Núcleo de Microfilmagem da Biblioteca Pública Menezes Pimentel.
24/12/1887; 04/04/1888; 13/02/1891.

O Pão, Fortaleza.
O Pão.. da Padaria Espiritual. Ano I, nº 01, p.05. In O Pão da Padaria Espiritual (Edição Fac-similar). Organização e prefácio de Sânzio de Azevedo. Fortaleza: Edições UFC, 1982.

União Artística, Fortaleza.
Consultado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.
Ano II, nº49, 07/09/1864.

O Vulcão (Jornal crítico e noticioso), Fortaleza.
Impresso na Typographia Commercial por Manoel José Virino.
Consultado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.
Ano I, nº 04, 21/07/1865.

REVISTAS

CABRIÃO: Semanário humorístico editado por Ângelo Agostini, Américo de Campos e Antônio Manuel dos Reis: 1866-1867. Ed. fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do

Estado/Arquivo do Estado, 1982.
Fortaleza Revista Litteraria, Philosophica, Scientifica e Comercial (Edição Fac-similar). Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2009.

LIVROS, ARTIGOS E OUTROS ESCRITOS

ABREU, Cruz de. "Presidentes do Ceará". Segundo Reinado. Cel. Joaquim Mendes da Cruz Guimarães. 2º vice-presidente em exercício (De 1º de agosto de 1850 a 16 de novembro de 1950). *Revista do Instituto do Ceará*, tomo XXXVI, ano XXXVI, p. 03- 43. Fortaleza: Typ. Minerva, 1922.
AZEVEDO, Miguel Ângelo de (Nirez). *Cronologia Ilustrada.* Fortaleza: Casa José de Alencar, 2001.
BARREIRA, Dolor. *História da literatura Cearense.* 1º tomo. Fortaleza: Editora Instituto do Ceará, 1986.
_____ *História da literatura Cearense.* 2º tomo. Fortaleza: Editora Instituto do Ceará, 1951.
BRÍGIDO, João. *Fortaleza em 1810.* Coleção José de Alencar, v.2. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1979.
_____ *O Ceará (Homens e factos)*. Rio de Janeiro: Typ. Bersnard Fréres, 1919.
CAMPOS, Humberto. *Diário Secreto.* Vol. I, Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1954.
CARVALHO, Eduardo. Origens da Imprensa Oficial no Ceará. Fortaleza: Imprensa Oficial, 1975.
CASTRO, José Luiz de. Antônio Bezerra (A propósito de um folheto do Instituto). In *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo LV, ano LV, Fortaleza: Tip. Minerva, 1941, p.47-54.
CELSO, Afonso. Porque me ufano de meu País. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia. Editores, 1943.
DE AMICIS, Edmundo. *Coração: diário de um aluno.* São Paulo: Hemus 1974.
FIGUEIREDO FILHO, José Alves de. Explicando. In FIGUEIREDO, José Alves de. *Ana Mulata.* Crato: Instituto Cultural do Cariri, 1958.
GIRÃO, Raimundo. *Fortaleza e a crônica histórica.* Fortaleza: Casa José de Alencar/UFC, 2000.
_____ *Geografia Estética de Fortaleza*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1979.
_____ e MARTINS FILHO, Antônio. *O Ceará.* Fortaleza: Editora Fortaleza, 1945.

_____ e SOUSA, Maria da Conceição. *"Dicionário de Literatura Cearense".* Fortaleza: Imprensa Oficial, 1987.

RAMOS, Graciliano. *Cartas.* Rio de Janeiro: Record, 1981.

GUIMARÃES, Hugo Vítor. *O Liceu do Ceará em 100 anos.* Fortaleza: Tipografia Iracema, 1945.

HESÍODO. *Os trabalhos e os dias (Primeira Parte).* 3ª edição. São Paulo: Iluminuras, 1990.

LAMARTINE, A. de. *História dos Girondinos.* Traduzida da quinta edição por Candido de Magalhães. Edição ilustrada para portugueses e brasileiros. Volume I. Rio de Janeiro/Lisboa: Editora Empresa Litteraria Fluminense de A. A. da Silva Lobo.

LEAL, Vinicius Barros. *Os Noventa Anos da Tipografia Minerva* (discurso proferido no Instituto do Ceará). Fortaleza: Instituto do Ceará, 1983.

MENEZES, Antônio Bezerra de. *Descrição da cidade de Fortaleza.* Introdução e notas de Raimundo Girão. Fortaleza: Edições UFC/Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1992.

NOBRE, F. Silva. *1001 cearenses notáveis*. Rio de Janeiro: Casa do Ceará Editora, 1996.

OLIVEIRA, João Batista Perdigão. A Imprensa no Ceará. In *Revista do Instituto do Ceará. Tomo XXI.* Fortaleza: Typ. Minerva, 1907, p.p.353-383.

PIMENTA, Joaquim. *Retalhos do Passado. (Tauá-Fortaleza)* – edição fac-similar. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2009.

PIMENTEL, Figueiredo. *Contos da Carochinha*. Rio de Janeiro: Editora Científica, 1962.

RAMOS, José Valdo Ribeiro. O centenário de um poeta. In *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo LV, ano LV, Fortaleza: Tip. Minerva, 1941, pp.12-23.

RIBEIRO, João. *Grammatica Portugueza*. 3º ano. Rio de Janeiro: Francisco Alves, s/a.

ROCHA, Dias da. *Albinismo, Melanismo e Chromismo no Ceará*. Fortaleza: Typ. Progresso, 1922.

RODRIGUES, José Honório. *Índices: Almanaque Garnier, 1903-1914; Gazeta Literária, 1883-1884.* Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.

SMILES, Samuel. *Ajuda-te!... Exemplos de comportamento e perseverança.* Coleção Biblioteca Científica. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, s/a.

_____ O Caráter. Traduzido do inglês por Dona Amélia Pereira. Rio de Janeiro: F. Briguiet & C., 1946.

SOUSA, Eusébio de. A imprensa do Ceará dos seus primeiros dias aos atuais. In Revista do Instituto do Ceará, ano XLVII, tomo XLVII. Fortaleza: Meton Gadelha & Cia, 1933.

_____ Um pouco de história. Chronica do Ipu. Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza, ano XXIV, tomo XXIX, p.152-243. Fortaleza: Typ. Minerva, 1915.

SOUSA, José Bonifácio de. Registro Bibliográfico cearense. In FIGUEIREDO, José Alves de. *Ana Mulata.* Crato: Instituto Cultural do Cariri, 1958.

STUDART, Guilherme (Barão de Studart). Catálogo dos jornais de grande e pequeno formato publicados em Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*, tomo XII, ano XII, p.167-211. Fortaleza: Typ. Studart, 1898.

_____ Catálogo dos jornais de grande e pequeno formato publicados em Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*, tomo XVIII, ano XVIII, p.196-291. Fortaleza: Typ. Minerva de Assis Bezerra, 1904.

_____ *Diccionário Bio-Bibliográfico Cearense.* Volume I. Fortaleza: Typo-lithographia a vapor, 1910.

_____ Juvenal Galeno. *Revista do Instituto do Ceará*, tomo XLV, ano XLV, p.199-204. Fortaleza: Typ. Gadelha, 1931.

_____ Os jornais do Ceará nos primeiros 40 anos. In Revista do Instituto do Ceará, Tomo Especial, 1924.

TEÓFILO, Rodolfo. *Libertação do Ceará: queda da oligarquia Accioly (1914).* Edição fac-similar. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001.

_____ *O Caixeiro (Reminiscências)*. Edição fac-similar. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

VILLA-LOBOS, R. *Historia do Brasil (Resumo didático)*. Rio de Janeiro: Laemmert e Cia., 1901.

RELATÓRIOS

Relatório do Bibliotecário da Província João Severiano Ribeiro. Fortaleza, 1870. Disponível no site: www.crl.edu/content/brazil/cea.htm.

Falla com que o Excellentíssimo Senhor desembargador João Antônio de Araújo Freitas Henriques, abrio a 1ª sessão da 18ª Legislatura da Assembléia Provincial do Ceará no dia 1º de setembro de 1870. Fortaleza: Typographia Constitucional, 1870, p.18. Disponível no site www.crl.edu/content/brazil/cea.htm.

REVISTAS

Fortaleza - Revista Litteraria, Philosophica, Scientifica e Comercial (Edição Fac-similar). Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2009.

Revista do Instituto do Ceará, tomo XII, ano XII, p.167-211. Fortaleza: Typ. Studart, 1898.

Revista Trimestral do Instituto do Ceará 1904, tomo XVIII, ano XVIII. Fortaleza: Typ. Minerva, 1904.

Revista Trimestral do Instituto do Ceará, tomo XIX, ano XIX. Fortaleza: Typ. Minerva, 1905.

Revista do Instituto do Ceará, tomo XXXVI, ano XXXVI. Fortaleza: Typ. Minerva, 1922.

Revista do Instituto do Ceará, tomo XLV, ano XLV. Fortaleza: Typ. Gadelha, 1931.

Revista do Instituto do Ceará, tomo XLVII, ano XLVII. Fortaleza: Meton Gadelha & Cia, 1933.

Revista do Instituto do Ceará, tomo LV, ano LV. Fortaleza: Tip. Minerva, 1941.

3. BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA SOBRE ALMANAQUES

ASSIS, Machado de. Como se Inventaram os Almanaques. In: MEYER, Marlyse (org.). *Do Almanak aos Almanaques.* São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

ANDRIES, Lise. Almanaques – revolucionando um gênero tradicional. In: DARNTON, Robert; ROCHE, Daniel (orgs). *A Revolução Impressa: A Imprensa na França, 1775-1800.* São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1996.

CASA NOVA, Vera. *Lições de Almanaque. Um Estudo Semiótico.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

CHAVES, Vânia Pinheiro. A homenagem do Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro a Machado de Assis por ocasião do seu falecimento. Navegações: Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa, Porto Alegre, v. 02, n. 01, p.57-67, jan-jun, 2009.

CORREIA, J.D.P e GUERREIRO, M.V. *Almanaques ou a sabedoria e as Tarefas do Tempo.* Revista ICALP, vol. 6, agosto/dezembro de 1986.

DUNCAN, David Ewing. *Calendário. A epopéia da humanidade para determinar um ano verdadeiro e exato*. São Paulo, Ediouro, s/a.

DUTRA, Eliana Regina de Freitas. Laços Fraternos. In: *Revista do Arquivo Público Mineiro***,** ano XLI, jul./dez. 2005, pp. 116-127.

_____. *Rebeldes Literários da República: história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914).* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

FERREIRA, Jerusa Pires. “Almanaque”. In: MEYER, Marlyse (Org.). *Do Almanak aos Almanaques*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

FERREIRA, Juliana Mesquita Hidalgo. Propaganda e crítica social nas cronologias dos almanaques astrológicos durante a Guerra Civil inglesa no século XVII. In Revista Brasileira de História – História de Gênero. São Paulo: Anpuh, vol.27, nº54, jul.-dez., 2007, pp.197-218.

FREITAS, Cláudia Fernanda de Barros. *Aspectos da História e da Literatura na Primeira Década do Almanaque Literário e estatístico do Rio Grande do Sul (1889-1900)*. Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em História da Literatura da Fundação Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, 2007.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. *O almanaque, a locomotiva da cidade moderna: Campinas, décadas de 1870 e 1880*. Tese de doutorado do Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 1998.

GASTAUD, Carla. Cartas de leitores do Novo Almanach de Lembranças LusoBrazileiras. *Actas do VII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação*, Porto, p.01-09, 20-23 jun. 2008.

GALVÃO, Rosa Maria (coordenadora). *Os Sucessores de Zacuto: o almanaque na Biblioteca Nacional do século XV ao XXI*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002.

GOMES, Ana Cláudia. *O Almanach das Senhoras (1871-1927) e um projeto político de acesso feminino à cultura letrada.* Dissertação do Programa de Pós-graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte, 2002.

GUIMARÃES, Ana Paula. *Almanaque: O livro? Eça, Platão, Mallamé e Borges.* Lisboa: Apenas Livros, 2003.

LAYTANO, Dante de. *Almanaque do Rio Pardo*. Porto Alegre: Oficinas gráficas da Tip. Do Centro, 1946.

LISBOA, João Luís. Almanaques. In GALVÃO, Rosa Maria (coordenadora). *Os Sucessores de Zacuto: o almanaque na Biblioteca Nacional do século XV ao XXI*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002.

MAGALHÃES, Maria das Graças Sandi; ROCHA, Heloisa Helena Pimenta. "Leituras úteis" sobre a infância. Almanaques de farmácia e guias maternos brasileiros – 1920 a 1950. *Anais do 16º Congresso de Leitura do Brasil (Cole)*. Campinas, 2007.

MAIOR, Mário Souto. *O Homem e o Tempo.* Recife: Comunicação e Editora, 1995.

_____ *A menina-avó e os seus almanaques.* Goiânia: Kelps, 2001.

MEYER, Marlyse (org.). *Do Almanak aos Almanaques.* São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MÔNICA, Maria Filomena. Prefácio. In *Almanaque de A Batalha para 1926.* Edição fac-similar. Lisboa: Coleções Rolim, s/a.

NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes. *Almanaque toda a oficina da vida.* Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2008.

OLIVEIRA, Maria Coleta. Os Almanaques de São Paulo como Fonte para Pesquisa. In MEYER, Marlyse (org.). *Do Almanak aos Almanaques.* São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

PARK, Margareth Brandini. *Histórias e leituras de almanaques no Brasil.* Tese de Doutorado da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 1998.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. "*A Máquina da Memória": história, evento e tempo presente no Almanaque Abril (1974-2006)*. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2006.

QUEIROZ, Eça. Almanaques. (Introdução ao 1º volume do Almanaque Enciclopédico, 1896) In _____ Notas Contemporâneas. Porto: Lello & Irmão Editores, 1951.

RADICH, Maria Carlos. *Almanaque, tempos e saberes.* Coimbra: Centelha, s/a.

RIOS, K. S. O tempo por escrito: almanaques e lunários no Ceará. In CARVALHO, Gilmar de (Org). *Bonito prá chover.* Fortaleza: Demócrito Rocha, 2004.

SILVA, Maria da Conceição B. da Costa. "O Almanaque: uma fonte para pesquisa". In *Almanaque Civil, Político e Comercial da Cidade da Bahia para o ano de 1845*. Edição fac-similar. Salvador: A Fundação, 1998.

SANTOS, Armando Alexandre dos. *O Brasil Império nas Páginas de um Velho Almanaque Alemão*. São Paulo: Artpress, 1992.

TRUZZI, Oswaldo. Uma breve nota sobre almanaques. In *Almanack de São Carlos 1915.* Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; São Carlos: EdUFSCar, 2007.

BIBLIOGRAFIA GERAL

ALGRANTI, Leila Mezan. *Livros de devoção, atos de censura. Ensaios de História do Livro e da leitura na América Portuguesa (1750-1821)*. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2004.

ALMEIDA, Luciana Andrade de. *Francisca Clotilde e a Palavra em Ação (1884-1921)*. Dissertação do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará (UFC). Fortaleza, 2008.

ALVES, Francisco das Neves. Alfredo Ferreira Rodrigues e uma notícia histórica e descritiva do Rio Grande do Sul. In *Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação da Universidade Federal do Rio Grande.* Vol 16, Rio Grande, 2004.

AZEVEDO, Sânzio de. *A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará.* Fortaleza: Casa de José de Alencar, 1996.

BARTHES, Roland; MARTY, Eric. Oral/escrito. In *Enciclopédia Einaudi.* Volume 11. Oral/escrito. Argumentação. Portugal: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1987.

BOSI, Alfredo. O Tempo e os Tempos. In: NOVAES, Adauto (org.). *Tempo e História.* São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural. In CHARTIER,

Roger (org.). *Práticas de leitura.* São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

BRITO, Jorge. *Diário do Governo do Ceará: origens da imprensa e da tipografia cearenses.* Edição ilustrada. Fortaleza: Secretaria da Cultura / Museu do Ceará, 2006.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900.* Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1975.

_____ *Horas de Leitura.* Primeira e segunda séries. São Paulo: Editora da Unicamp, 1992.

BURKE, Peter. PORTER, Roy (orgs.). *História Social da Linguagem.* São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1997

CAMARGO, Ana Maria de Almeida, MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia da Impressão Régia do Rio de Janeiro. S*ão Paulo: Edusp / Livraria Kosmos Editora, 1993, vol 2.

CARDOSO, Gleudson Passos. *Padaria Espiritual: biscoito fino e travoso.* Fortaleza: Museu do Ceará / Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2002.

CARVALHO, Gilmar de. *Lyra Popular: o cordel do Juazeiro.* Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado, 2006. Coleção Outras Histórias, nº 37.

_____. *Tramas da cultura: comunicação e tradição.* Fortaleza: Museu do Ceará / Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2005.

_____(Org). *Bonito prá chover.* Fortaleza: Demócrito Rocha, 2004.

CARVALHO, José Murilo. *A Formação das almas.* São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CATROGA, Fernando. *Nação, mito e rito – Religião civil e comemoracionismo.* Fortaleza: Edições Nudoc/Museu do Ceará, 2005.

COSTA, Ângela Marques da; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *No tempo das certezas.* São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em papel e Tinta: periodismo e vida urbana 1890-1915*. São Paulo: Educ/Fapesp: 2000.

CHARTIER, Roger (org.). *Práticas de leitura.* São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

_____ *Leituras e Leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

DAECTO, Marisa Midori. Anatole Louis Garraux e o comércio de livros franceses em São Paulo (1860-1890) In Revista Brasileira de História. São Paulo: Anpuh, vol. 28, nº 55, jan-jun-2008, p.85-106.

DANTAS, Audálio. O chão revisitado. In DANTAS, Audálio; SANTANA, Tiago. *O Chão de Graciliano*. Fortaleza: Tempo d´Imagem, 2006.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette.* São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____ *O grande massacre de gatos*. Tradução Sônia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

_____ *Os dentes falsos de George Washington*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____ *A questão dos livros: passado, presente e futuro.* São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____; ROCHE, Daniel (orgs). *A Revolução Impressa: A Imprensa na França, 1775-1800.* São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1996.

_____ A leitura rousseauista e um leitor "comum" no século XVIII. In CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da leitura.* São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

EL FAR, Alessandra. *O livro e a leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

_____ Páginas de sensação. Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro. (1870-1924). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do povo. Sociedade e cultura no início da França moderna.* São Paulo: Paz e Terra, 1990.

DUARTE, Eduardo de Assis (pósfácio). In REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004.

FABRE, Daniel. O livro e sua magia. In CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da leitura.* São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

FERNANDES, Ana Carla Sabino. *A Imprensa em Pauta: Entre as contendas e paixões partidárias dos jornais Cearense, Pedro II e Constituição na segunda metade do século XIX.* Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2004.

FERREIRA, Antonio Celso. *A epopéia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940).* São Paulo: Editora Unesp, 2002.

FONSECA, Vítor Manoel Marques da. *No gozo dos direitos civis. Associativismo no Rio de Janeiro, 1903-1916*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional; Niterói: Muiraquitã, 2008.

GONÇALVES, Adelaide. A *Imprensa dos Trabalhadores no Ceará, de 1862 aos anos 1920.* Tese de Doutorado do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2001.

_____ Trabalhador lê? In *Revista de Ciências Sociais – Trabalho, Trabalhadores e Dinâmicas Institucionais*. Vol. 34, nº1, 2003.

_____ FUNES, Eurípedes. "No tempo em que Rodolpho Theóphilo era caixeiro". In TEÓPHILO, Rodolfo. *O Caixeiro (Reminiscências).* Edição fac-similar.

Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil (sua história).*Tradução de Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1985.

_____ *O Livro no Brasil: sua história*. Tradução Maria da Penha Vilalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza). 2ª edição revista e ampliada. São Paulo: Editora da USP, 2005.

HARDMAN, Francisco Foot. Antigos modernistas. In NOVAES, Adauto (org.). *Tempo e História.* São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.p.289-305.

KOSELLECK, Reinhard. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos.* Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC-RJ, 2006.

LE GOFF, Jacques. Calendário. In *Enciclopédia Einaudi.* Volume 1. Memória-História. Portugal: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984, pp. 260-292.

LYONS, Martyn. Os novos leitores no século XX: mulheres, crianças e operários. In CAVALLO, Guglielmo e CHARTIER, Roger. *História da Leitura no Mundo Ocidental v.2.* São Paulo: Editora Ática, 1999, p.p.165-202.

LEAL, Elisabete da Costa. O Calendário Republicano e a Festa Cívica do Descobrimento do Brasil em 1890: versões de história e militância positivista. In *Revista História*. São Paulo: v. 25, n. 2, p. 64-93, 2006, p.p. 64-93.

LUCA, Tânia Regina de. *A Revista do Brasil: Um Diagnóstico para a (N)ação.* São Paulo: Fundação Editora Unesp, 1999.

_____; MARTINS, Ana Luiza (orgs); *História da Imprensa no Brasil.* São Paulo: Editora Contexto, 2008.

MACHADO, Ubiratan. *Pequeno Guia Histórico das Livrarias Brasileiras.* São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

MACHADO NETO, Antônio Luís. *Estrutura social da República das Letras: sociologia da vida intelectual brasileira, 1870-1930.* São Paulo: Grijalbo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.

SILVA, Marco Aurélio Ferreira da. *Humor, vergonha e decoro na cidade de Fortaleza (1850-1890)*. Fortaleza: Museu do Ceará/Secult, 2009.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira.* São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários.* 8ª. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

MOLLIER, Jean-Yves. A leitura e seu público no mundo contemporâneo: ensaios sobre a história cultural. Tradução Elisa Nazarian. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. *O trono e o altar: vicissitudes do tradicionalismo*

no Ceará, 1817-1978. Fortaleza, BNB, 1992.

MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza; *História da Imprensa no Brasil.* São Paulo: Editora Contexto, 2008.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997

MOTA, Kleiton Nazareno Santiago. *Mutualismo Ferroviário: prover e proteger na Sociedade Beneficente do Pessoal da Estrada de Ferro de Baturité de 1891 aos anos de 1930.* Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará (UFC). Fortaleza, 2009.

MUZART, Zahidé Lupanacci (org.) *Escritoras Brasileiras do Século XIX*. Antologia, Volume I. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2000.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. "Nota prévia sobre a palavra impressa no Brasil do século XIX: a biblioteca do povo e das escolas". *Horizontes*. Bragança Paulista, vol. 19, jan/dez. 2001.

NOBRE, Geraldo da Silva. *As sete vidas de Gilberto Câmara.* Fortaleza: ABC Fortaleza, 1999.

_____ *Introdução à História do Jornalismo Cearense* – edição fac-similar. Fortaleza: Nudoc/ Secretaria da Cultura do Estado do Ceará – Arquivo Público do Ceará, 2006.

NOVAES, Adauto (org.). *Tempo e História.* São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NUNES, Neila Ferraz Moreira. A experiência eleitoral em Campos dos Goytacazes (1870-1889): freqüência eleitoral e perfil da população votante. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 46, n.2, 2003.

OBELKEVICH, James. Provérbios e História Social. In BURKE, Peter. PORTER, Roy (orgs.). *História Social da Linguagem.* São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1997.

PINHEIRO FILHO, José Humberto Carneiro. *"Ordenar para ler: mudanças na Biblioteca Provincial do Ceará em 1878"*. Monografia do curso de História da Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2004.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. As Festas que a República manda guardar. *In Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: vol. 2, nº 4, 1989, p.p.172-189.

RAMA, Angel. *A cidade das letras.* Tradução Emir Sader. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RAMOS, Julio. *Desencontros da modernidade na América Latina: literatura e política no século 19*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

RAMOS, Ricardo. *Do reclame à comunicação. (Pequena história da propaganda no Brasil)*. São Paulo: Atual, 1985.

RIOS, K. S. *Engenhos da Memória: narrativas da seca no Ceará.* Tese de Doutorado do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC). São Paulo, 2003.

RIZZINI, Carlos. *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil 1500-1822*: com um breve estudo geral sobre a informação. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1988.

ROCHA, Demócrito. In GIRÃO, Raimundo e MARTINS FILHO, Antônio. *O Ceará.* Fortaleza: Editora Fortaleza, 1945.

SANTOS, Délio Freire. Primórdios da imprensa caricata paulistana: O Cabrião. In *CABRIÃO: Semanário humorístico editado por Ângelo Agostini, Américo de Campos e Antônio Manuel dos Reis: 1866-1867*. Ed. fac-similar. Introdução Délio Freire dos Santos. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado/Arquivo do Estado, 1982.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República.* São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Ozângela de Arruda. *"Livros & Cia.: as livrarias e o comércio livreiro em Fortaleza nos oitocentos"*. Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História, da Universidade Estadual do Ceará (Uece), Fortaleza, 2006.

SILVA FILHO, Antônio Luiz Macedo e. *Fortaleza: imagens da cidade.* Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2004.

_____ Volteios da letra nas memórias urbanas. In *Trajetos.* Revista do Programa de Pós-Graduação em História Social e do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará. v. 5, nº9/10. Fortaleza: Departamento de História da UFC, 2007.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

TINHORÃO, José Ramos. *A Província e o Naturalismo.* Edição fac-similar. Fortaleza: Nudoc, 2006.

VENÂNCIO, Giselle Martins. *Lisboa-Rio de Janeiro-Fortaleza: Os caminhos da coleção Biblioteca do Povo e das Escolas traçados por David Corazzi, Francisco Alves e Gualter Rodrigues*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2005.

VERDELHO, Telmo. *"Lexicografia"*, artigo nº.457 (Portugiesisch: Lexikographie) do Lexikon der Romanistischen Linguistik, Vol.VI,2, Tübingen, Max Niemeyer, 1994.